

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES



TIJAN

Arranjo Cruel



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES



TIJAN

Arranjo Cruel



TIJAN

Arranjo Cruel

Traduzido por Patrícia Tavares

1ª Edição



**The
GiftBox**
EDITORA

2024

Direção Editorial:

Anastacia Cabo

Tradução:

Patrícia Tavares

Preparação de texto:

Mara Santos

Arte de Capa:

glancellotti.art

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T45a

Tijan

Arranjo cruel [recurso eletrônico] / Tijan ; tradução Patrícia Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2024.
recurso digital (Reis de Nova Torque ; 2)

Tradução de: A cruel arrangement

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-85940-25-2

I. Romance americano. I. Tavares, Patrícia. II. Título. III. Série.

CDL: 813

CDU: 82-31(73)

Sumário

[Início](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Epílogo
Agradecimientos
Sobre a The Gift Box

CAPÍTULO 1

Molly

Tinha um problema.

Eu estava apontando uma arma para um cara com maquiagem verde no rosto e fiquei pensando como ele se parecia com aquele duende de um daqueles filmes de super-heróis. Uma onda de riso estava subindo pelo meu peito. Tentei pará-la, tentei, mas depois que passou pela minha garganta, foi inútil.

Eu me abaixei, minha arma ainda no ar, e a risada foi *absurda!* Totalmente saindo de mim.

Estremeci, ouvindo uma nota de histeria à beira disso.

— Molly! — Era meu funcionário que estava no chão, com os braços cruzados atrás da cabeça e deitado de bruços, e pude ouvir o quão horrorizado ele estava.

Levantei a cabeça, estabilizei o braço e limpei a garganta.

— Vamos revisar as mudanças que acabaram de acontecer aqui. Você — balancei minha arma, indicando o cara verde — veio aqui, na minha pista de boliche, para nos roubar. Correto?

Ele tinha um rifle apontado para mim e foi nesse momento que percebi o quão louca eu *realmente* era.

Tipo, seriamente louca.

Um rifle contra minha arma. E eu estava rindo.

Eu estava à beira da loucura. Uma lunática. Eu.

Mas ele estava usando tinta verde, então poderia haver uma discussão sobre quem era o mais irracional nessa situação.

— Você faz esse tipo de coisa com frequência?

— Molly, meu Deus. — Isso foi de um funcionário diferente. — O que você está fazendo?

Tínhamos uma boa situação aqui. Não o roubo, obviamente, mas o que eu construí neste negócio. Easter Lanes. Este era o meu lugar. Meu negócio. Eu estava orgulhosa do que tinha feito pela pista de boliche quando assumi o cargo do meu pai. Já tinha ido tudo por água abaixo, então aproveitei uma oportunidade quando ele estava particularmente vulnerável, e ele era um jogador de rua de baixa renda, então esses momentos eram bastante comuns. Estávamos conversando duas vezes por mês, mas dessa vez ele estava literalmente em um rio de merda e não tinha ninguém para vir salvá-lo. Então, eu, sendo filha dele, bem, peguei uma página do livro dele – eu o enganei. Ou seja, ele me ligou pedindo o dinheiro da fiança e parecia *ainda mais* frenético para sair de lá, o que provavelmente significava que havia alguém lá dentro que queria dar-lhe algum tipo de surra.

Eu disse a ele que não pagaria a fiança até que ele me desse a pista de boliche. Eu sabia que algumas dívidas acompanhavam o

negócio, mas naquele momento da minha vida não tinha nada a perder. Então comprei a pista de boliche, renovei o que pude e continuei renovando-a ao longo dos anos, à medida que os lucros aumentavam. Paguei as dívidas do boliche e foi isso. Qualquer coisa relacionada com o Easter Lanes era toda minha. Adicionei uma parte inteira de pub e uma seção de jogos para que as famílias pudessem vir aqui também.

Certifiquei-me de que agradasse a todas as idades para maximizar nossos clientes.

E funcionou.

Esse ladrão não tinha ideia do que estava ameaçando aqui. Esta era a minha vida. Minha única vida.

Este lugar estava no meu sangue e, por causa de tudo isso, sim, fiquei um pouco perturbada quando olhei para cima e vi um rifle apontado para mim.

— Do que você está brincando, mulher?! Eu disse para você me dar o dinheiro. Por que você está esperando? *Dê-me o dinheiro!*

Oh, cara.

Meninos, meninas, não tentem isso em casa.

A gaveta do registro estava fechada. A chave estava bem ao lado dela. Olhei para minha equipe, porque eles sabiam onde estavam as chaves extras, mas..... eu poderia agarrá-la, tão rápido. Eu poderia... eu faria alguma coisa. Eu iria me arrepender.

— Molly! — um funcionário gritou.

E então outro funcionário:

— O que você fez?!

Minha equipe gritava e ofegava, mas um grito alto abafou o resto. O ladrão de rosto verde gritava comigo, balançando a arma.

— *O que você fez?! Sua vadia louca e psicopata!*

Engoli a chave que abre a caixa registradora.

Isso foi o que eu fiz.

Eu ainda estava segurando minha arma, mas ela tremia, porque minha mão tremia, porque meu braço tremia, porque *eu* estava tremendo. Todo o meu corpo tremia e eu sentia o gosto das lágrimas.

Já chega!

Que se danasse isso. Eu não aguentei toda a minha trágica e triste história de vida para que tudo fosse tirado de mim por esse cara.

— Você entra aqui! Pensando que você vai *roubar meu negócio!* Isso é meu. E eu não vou aceitar isso. Você sabe quem é meu pai?

Eu havia atordoadado temporariamente o ladrão de rosto verde, porque ele começou a recuar, afastando-se lentamente de mim. Ele havia esquecido que estava com o rifle nas mãos, mas fez uma pausa na minha pergunta.

— Seu pai?

Eu pude ver a compreensão começando a chegar até ele.

Seus olhos estavam piscando, contornando, entrando em pânico, e ele estava começando a se lembrar de que algumas empresas em nossa vizinhança foram fisgadas. Estou falando de fisgadas ao estilo da Máfia, não vou ser presa por homicídio hoje.

— Quem é seu pai? — Sua voz aumentou, mais estridente, e pude ver a pintura verde do rosto começar a pingar.

— Shorty Easter. Você sabe quem ele é?

Seus olhos se voltaram para o nome da minha pista de boliche. Eu tinha isso em letras neon acima do bar. Easter Lanes. Qualquer um sabia que Marcus Easter, também conhecido como Shorty, era basicamente propriedade da família Walden. Ele jogava em seus estabelecimentos, mas também jogava *por* eles. Eu sabia que sua dívida para com eles era tão profunda que ele teria que viver nove vidas antes de pagar qualquer coisa, mas ele tinha outros usos, e eu sabia que eles o usavam para isso. O que eram, nunca perguntei e nunca quis saber, mas sabia que ele fazia trabalhos para eles.

O ladrão recuou até bater na porta. Seu rifle tombou e ele quase o deixou cair no chão.

— Ah, merda.

Não era o nome do meu pai que estava causando essa mudança de opinião. Era quem o possuía. Eu nunca quis usar o nome deles, mas esse era um tipo de situação de vida ou morte. Uma garota tinha que fazer o que uma garota tinha que fazer para não ser enganada.

— Os Waldens são donos do meu pai. Você vindo aqui, ameaçando a filha dele, o negócio dele. Isso terá algumas consequências para você.

Seus olhos estavam realmente esbugalhados agora.

— Ah, porra. Porra! — Ele estava encostado na porta, balançando a cabeça. O desespero estava tomando conta dele, porque eu também estava sentindo isso, só que de uma maneira diferente. Easter Lanes era o único lugar que eu *tinha*. De todas as minhas outras casas, nada ficou. Abrigos. Nada.

Ninguém permaneceu, mas este lugar sim. Eu não deixaria alguém tirar isso de mim e me ouviriam rugir, porque eu era uma mamãe leoa protegendo meu filhote. Eu estava desesperada e uma lunática agora, mas não me importava.

Ele ia embora. Era a única coisa que lhe restava. Sair. Correr. Afastar-se o mais longe e o mais rápido que pudesse. Eu estava esperando que ele aceitasse essa escolha, mas de repente ele se afastou da porta. Seu rifle subiu de volta.

— Se o que você diz é verdade, então estou fodido! Fodido, senhora. Então imagino que você me deve. Você quer que eu vá embora? Eu preciso de dinheiro. Se não, estou morto de qualquer

maneira, e nós dois sabemos disso. Você me dá todo o seu dinheiro e eu vou embora. Sim, sim. Eu vou, mas preciso de dinheiro. O que você tem?

Ele estendeu a mão, tentando me agarrar, e eu recuei, sentindo a mudança acontecendo.

Oh, não.



Eu apaguei.

Voltando, o som de gritos soava ao meu redor, e havia vermelho. Tudo estava vermelho escuro. Minha mão. Meu braço. Eu...

— Oh, meu Deus! Molly!

Senti um corpo correndo em minha direção e me virei. Ele parou, quase caindo para trás para deter o impulso. Suas mãos se levantaram e elas tremiam.

— Molly.

Era Pialto, meu barman.

— Molly. — Ele baixou a voz, baixa e calma. Suave. Suas mãos baixaram um pouco e ele deu um passo para mais perto de mim. — Volte, Molly. Volte. Um passo.

Comecei a dar um passo para o lado, mas meu pé prendeu em alguma coisa e meu olhar se desviou para baixo.

Um pé estava lá.

Uma perna.

Sangue.

Havia sangue por toda parte.

O terror me cortou.

Um corpo estava lá. Espalhado.

Minha outra funcionária, Sophie, estava do lado direito do corpo. Ela tinha um telefone na mão quando se abaixou e pegou o rifle. Todo o seu corpo tremia também.

Oh, não.

O que tinha acontecido? O que eu fiz?

— Ele... ele está respirando?

— Molly. — Pialto estava ao meu lado agora. Eu podia sentir e ouvir, e sabia que ele não iria me machucar. Ele tocou meu braço. O toque estava desligado. Sentia-me estranha. Olhei para ele, por algum motivo querendo dizer isso a ele, mas não o fiz.

Uma parte do meu cérebro ainda estava funcionando enquanto a outra parte estava desligada.

Eu estava entorpecida e ao mesmo tempo meio que sentindo. Isso também não fazia sentido. Era tudo muito estranho.

Eu atirei no ladrão de rosto verde.

Ele estendeu a mão para mim. Entrei em pânico e meu dedo puxou o gatilho.

Eu não sabia o que ele iria fazer e reagi.

Eu tinha feito a minha coisa de novo. Meu interruptor.

Não era o melhor nome, mas a melhor maneira de descrever que às vezes, quando me sentia encurralada, eu fazia *coisas*. Reagia ou agia de forma exagerada ou irracional e, na maioria das vezes, isso piorava as coisas. Era algo em que eu estava trabalhando, mas engoli a chave. Eu atirei em um cara. Ambos grandes momentos de *mudança* e, ah, cara.

Eu estava oficialmente pirando.

Eu. Atirei. Em. Alguém!

— Ela está pirando.

Pialto era um gênio. Ele estava sintonizado com minha mente.

— Oh, cara.

Sempre gostei de Sophie.

Eu sentiria falta dela. Eu também sentiria falta de Pialto. Ele teria que administrar o lugar para mim. Ou eu poderia perguntar a Jess. Sim. Eu perguntaria a outra amiga minha. Ela tinha, bem, ela tinha alguma flexibilidade com seu novo trabalho, ou ela conheceria alguém que poderia cuidar dele para mim. O homem dela poderia ajudar. Mas não meu pai. Ele tentaria assumir o controle da pista de boliche enquanto eu estivesse na prisão. Eu não poderia deixar isso acontecer. Não. Eu precisava ligar...

Peguei meu telefone.

— *Uau! Espere aí. Pare! Não se mova, Molly!*

Era Pialto gritando comigo, mas ouvi Sophie ofegar antes de se esconder.

Olhei para cima, ainda atordoada, e vi que ambos estavam olhando para o que estava em minha mão.

Eu ainda estava com a arma na mão.

Comecei a soltá-la.

— *Não faça isso!* — Pialto gritou.

Suas mãos estavam estendidas e ele estava meio agachado quando se aproximou de mim. Eu não sabia quando ele se afastou de mim, mas podia ter sido por uma espécie de instinto de preservação da vida. Quero dizer, neste ponto, as chances eram grandes de eu acidentalmente atirar em mim mesma.

— Molly. — Sua voz caiu novamente, baixa. — Eu preciso tirar a arma de você.

Eu estava balançando a cabeça antes mesmo de ele terminar. Sim. Sim, ele faria isso, antes que eu causasse mais danos.

Estendi-a e ele pegou, descarregando-a rapidamente antes de recuar novamente. Sophie havia retirado o rifle do cara, então ele

estava quase do outro lado do bar. Foi uma boa ideia de ambas as partes.

Desabei na banquetta atrás de mim, olhando para o homem inconsciente no chão. Deus, eu esperava que essa fosse a razão pela qual ele não estava se movendo.

Ouvi as sirenes um segundo depois.

Os policiais haviam chegado.

CAPÍTULO 2

Ashton

A gritaria recomeçou.

Três horas de interrogatório e ele não havia revelado um nome.

— Ele não sabe. — Trace saiu de onde estava encostado na parede e deixou cair os braços. Ele passou a mão pela cabeça, a frustração saindo dele, mas eu entendia. Eu sabia. Já se passaram três meses desde que os corpos foram retirados da água. Embora Justin Worthing fosse um bom funcionário, estávamos aqui por causa da mulher de Justin. Kelly. Ela tinha sido melhor amiga, colega de quarto, colega de trabalho e tudo mais para a mulher de Trace, Jess.

Elas eram irmãs.

— Como Jess está lidando com tudo?

Fui cauteloso em minha abordagem.

Jess e eu não éramos amigos. Não estávamos em nenhum acordo e por um motivo válido. Eu a submeti a uma sessão de tortura, mais psicológica do que física, mas isso criou uma cisão entre mim e Trace.

Ele e eu fomos melhores amigos durante toda a vida, frequentando a mesma escola particular e a mesma faculdade. Quando ele se mudou para o oeste para fazer pós-graduação em administração, fui com ele e comecei meu primeiro negócio. Depois disso, nós nos juntamos e construímos nosso próprio império separados de nossas famílias, mas por mais que quiséssemos nos distanciar dos negócios da família, nunca deu certo. Nós dois estávamos naquele armazém, observando um homem sendo torturado por causa dos mesmos negócios familiares dos quais tentávamos fugir: as famílias Walden e West da Máfia. Éramos eu e ele. Em uma noite, ele e eu deixamos de nos libertar e seguir o caminho legal da vida, para cada um de nós assumir nossos respectivos papéis de chefes de família.

Com um movimento do nosso inimigo, a família Worthing, meus tios e meu avô foram mortos. Eu tomei a decisão. Eu me aproximei e assumi. Apesar de ter sido colocado na mesma situação – seu tio foi morto na mesma noite – Trace ainda considerou não assumir o controle e sair.

Ele estava pensando em ir embora, por ela. Sua mulher.

Então, um telefonema mudou tudo.

Os corpos de Justin e Kelly foram encontrados, duas pessoas que pensávamos terem sido escondidas pela Rede 411. Essa rede era conhecida por contrabandear pessoas e escondê-las caso temessem por suas vidas. Geralmente ajudavam vítimas de abuso, mas nos últimos anos começaram a esconder vítimas em potencial do Cartel e da

Máfia.

Justin e Kelly não foram levados por eles e estávamos tentando descobrir quem os matou.

— O que você acha? — ele gritou para mim.

Eu preparei minhas entranhas, sabendo que ele estava com dor porque sua mulher estava com dor, embora isso fosse para dizer o mínimo.

Jess Montell era agente de liberdade condicional quando nos conhecemos e depois seguiu carreira como uma pintora requisitada. Mas aquela ligação a colocou em um caminho diferente, e ela agora estava ajudando a administrar o negócio da máfia da família West ao lado de seu homem, meu melhor amigo.

Ele suspirou, seus olhos brilhando, antes de ficar ao meu lado. Estávamos em um escritório no segundo andar, com um espelho unidirecional servindo de janela para que pudéssemos supervisionar a tortura que acontecia abaixo de nós. Trace esfregou a mão na testa, xingando baixinho.

— Ela não está comendo. Ela não está dormindo. Não me importo de assumir o negócio, mas Jess está agindo como uma vigilante em nosso nome. Ela vai se odiar quando parar, quando começar a pensar com clareza novamente.

Eu grunhi, entendendo. Foi a informação dela que nos deu esse cara para questionar. Sua informação estava errada. Ela estava começando a perder o controle. Ela estava pressionando por informações apenas para obter informações, fossem elas reais ou não. Isso era um negócio ruim para todos, um negócio *perigoso* para todos.

— Droga! — Trace recuou, pegando uma faca e jogando-a na parede oposta. Ela se incorporou com o golpe, e observei abaixo enquanto eles ouviam isso acontecer. Eles pararam, olhando para cima. Estendi a mão e acendi uma luz, sinalizando para que continuassem.

Esta não foi a primeira vez que um incidente como esse aconteceu.

Antes do meu próprio interrogatório de Jess, eu tinha sido muito menos calado sobre esse assunto, mas esse tempo já passou. Eu estava em uma posição precária e precisava restringir o que diria ao meu melhor amigo, que aos poucos estava se tornando meu melhor amigo novamente. Meu irmão.

Ainda assim, eu sabia que precisava dizer alguma coisa.

— Você precisa me deixar assumir.

— Eu deixei!

Eu me virei, lentamente, trancado.

Trace era tudo menos isso. Seus olhos eram selvagens. Ele estava prestes a perder a cabeça.

Olhei para ele e disse baixinho:

— Preciso assumir o controle, Trace.

— Deus... — Ele parou, voltando-se para mim, e seus olhos se estreitaram. — Que porra você tem feito se não está liderando isso?

— Tenho seguido as informações de Jess, mas esta não é a primeira vez que as informações dela estão erradas. Este é o *terceiro* cara esta semana. Você tem que controlá-la.

Ele soltou uma miríade de maldições.

— Você a controla. Ela...

— Ela está apaixonada por *você*.

— Eles mataram a melhor amiga dela por *minha causa*. — A agonia brilhou em sua expressão.

Eu não podia me permitir sentir nada, nem agora, nem quando precisava colocá-lo de lado. Ele e sua mulher. Eles estavam muito envolvidos emocionalmente. Isso os estava cegando.

— Rastrear.

— Pare com isso, Ashton. Eu sei o que você vai dizer.

Quase sorri.

— Provavelmente. Afinal, você é o analista. — Dei um passo em direção a ele, suavizando meu tom novamente. — Mas você sabe que estou certo. Já se passaram três meses. Jess não está mais ajudando.

Ele se virou, com os ombros tensos.

— Tenha cuidado onde você pisa em seguida, Ashton.

Eu estava, há três meses.

Dei mais um passo mais perto.

— Ela está sofrendo e está piorando as coisas. Você sabe disso. Puxe-a de volta. Ela está no limite.

— Como devo fazer isso? — Ele estremeceu ao dizer isso, movendo a cabeça para trás.

Eu perdi família, mas não foi minha família que ajudou a matar meu próprio povo. Foi isso que o pai dele fez. E Trace tinha que carregar isso, sabendo que seu pai era parte da razão pela qual todos estavam sofrendo agora. Mas embora pudéssemos rastrear os assassinatos da minha família e do tio dele até a família Worthing, não podíamos com Justin e Kelly.

A família Worthing nos culpou, dizendo que havíamos matado um deles, embora Justin fosse inocente. Ele não estava nos negócios da família e já trabalhava para nós há algum tempo antes de perceber como os dois lados pioraram. Ele saiu da equação, ele e Kelly, mas agora ninguém sabia o que estava acontecendo. O envolvimento de Jess chegou à família Worthing, então, embora eles pensassem que poderíamos estar por trás disso, eles também não tinham mais certeza. Eu sabia disso porque recebi um telefonema de Nicolai Worthing, o

novo chefe da família, e ele me disse isso.

Foi uma visita de pesca, tentando descobrir o que ele sabia, mas também foi oferecida uma trégua provisória até encontrarmos o assassino. Eu não aceitei, mas também não rejeitei totalmente a oferta. Por causa disso, houve um cessar-fogo de mortes nos últimos dois meses e meio.

Estávamos ambos à procura de quem os matou.

— Eu não sei, Trace. Ela é sua mulher. Ela está sofrendo. Você tem que ser o único a puxá-la de volta. — Esperei até que ele olhasse em minha direção. Desta vez, eu não poderia mais ser suave. — E você sabe disso.

Já havia passado bastante tempo, pelo menos entre mim e ele.

Ele estava lutando. Isso era óbvio, mas ele fechou os olhos antes de voltar para o cara amarrado a uma cadeira abaixo de nós.

— Eles viraram seu mentor contra ela. Eles tentaram matar a mãe dela. Foi meu pai quem fez isso, porque ele estava trabalhando com *aquela* família, mas quem matou Kelly, destruiu Jess. Kelly era a parte boa dela. É assim que Jess vê as coisas. Ela está escorregando e não tenho ideia de como puxá-la de volta.

Fui até ele e coloquei a mão em seu ombro. Apenas uma. Para o conforto.

— Você tem que fazer isso, porque se não puder, ela nunca mais voltará. Encontrarei o assassino de Kelly. Eu farei isso, por Jess. Por você.

— Ashton.

Eu ouvi isso. Ele estava cedendo, naquela única palavra, num nome.

Toc, toc!

Minha mão caiu do ombro de Trace quando meu principal segurança, Elijah, entrou. Seus olhos foram direto para mim.

— Houve um incidente... — Ele olhou para Trace e vacilou.

Eu fiz uma careta, mas fui até ele.

— O que é?

— No Easter Lanes.

— De Molly? — Trace deu um passo ao meu lado.

Molly Easter era uma boa amiga de Jess e elas se aproximaram mais depois da morte de Kelly. Eu não sabia o estado atual da amizade delas, mas vendo Elijah vacilar na presença de Trace, percebi que ele estava preocupado em compartilhar.

— Ela está bem?

Ele assentiu, seus olhos voltando para Trace novamente.

Certo. Ela estava viva, mas algo mais havia acontecido.

Virei-me para Trace.

— Eu cuido disso.

— Molly...

— Marcus Easter é propriedade da minha família. Eu cuidarei disso.

— Você me disse que cuidaria disso. — A mandíbula de Trace apertou quando ele apontou para o espelho/janela unidirecional.

— Molly está sob meu território.

— Ela é amiga de Jess.

— Elas não são *tão* próximas e você sabe disso. — Elas eram amigas, mas eu não estava mentindo totalmente. Elas não eram melhores amigas, não como Jess e Kelly, não como Trace e eu. — A dívida do pai dela para com a minha família vai além do túmulo neste momento. Eu vou cuidar disso.

— Ash...

— Fui tolerante com o assassino de Kelly, mas não com este. — Meu tom era firme e meu instinto se aguçou, porque era melhor ele não forçar isso. Não com Molly.

Lendo-me, Trace assentiu e se afastou.

— Tudo bem, mas quando Jess descobrir, vou dizer a ela para ligar diretamente para você. *Você* pode responder a ela sobre Molly.

Um novo incêndio começou em meu estômago.

Estava baixo e fervendo, mas sempre estava lá quando Molly Easter entrava em cena. Eu sorri, sabendo o quão mortal isso pareceria, porque era assim que eu me sentia por dentro. Mortal. Letal. E uma parte de mim queria sair para brincar.

Ao contrário de Trace, eu gostava de ser cruel. Eu gostava de matar. Eu gostava da crueldade deste mundo, mas estava me segurando por ele, por minha irmandade com ele, por sua mulher, por meu relacionamento muito delicado com Jess, mas Molly – ela era um fator totalmente diferente.

Vendo isso, ele praguejou baixinho e balançou a cabeça.

— Não estrague isso.

Outro grito soou do homem, e voltei para o espelho quando ouvi Trace sair.

O cara se arqueou para trás, suas costas quase se partindo ao meio enquanto meu homem segurava uma faca em sua barriga. Eu vi o sangue escorrendo e, finalmente, *finalmente*, uma parte de mim estava sendo libertada.

Inalei a liberdade, mas reconheci um beco sem saída quando ouvi isso.

Elijah ainda estava na sala, esperando meu pedido. Eu disse:

— Solte o homem.

— Matar ou...?

Nossos homens não poderiam ser identificados, mas isso não importaria. Este homem não diria nada. Ele não se atreveria, então

balancei a cabeça.

— Deixe-o no estacionamento da médica. Ela pode cuidar dele para nós.

— Vou fazer isso.

— Elijah.

— Sim?

— Certifique-se de ligar com antecedência para que as câmeras de segurança sejam desligadas.

— Entendi.

Mas isso não importaria, porque não haveria investigação sobre o homem que quase foi morto por tortura. Não haveria, porque todos já sabiam quem tinha feito isso.

Eu.

CAPÍTULO 3

Molly

— Ok. — A Dra. Sandquist estava esfregando o topo do nariz, onde ele ficava achatado entre as sobrancelhas, e ela estava com o outro braço em volta do corpo. Seu cotovelo estava apoiado em seu próprio braço. Ela parecia cansada, mas poderia ser porque eram quatro da manhã.

Conheci Nea Sandquist em uma aula de cerâmica. Conheci muitos amigos nas aulas de cerâmica. Era meio que minha saída. Eu gostava de pegar um petisco, colocar meus fones de ouvido e ficar toda espiritualizada com o barro. Senti uma conexão com o filme *Ghost* que não achei saudável.

— Você está em choque, Srta. Easter.

— Molly — eu interrompi, meio que esperando por algum petisco agora.

Ela suspirou.

— Molly. Você está em choque, mas não parece que foi ferida fisicamente. A chave que você engoliu deve sair de você dentro de um ou dois dias. — Ela trocou um olhar com a enfermeira Sloane, a chefe de todas as enfermeiras do hospital. — Gostaria de apresentar o nosso assistente social. Ele pode ajudá-la a superar as consequências emocionais do que aconteceu com você. Eu realmente *sugiro* conversar com Matt, nosso assistente social, ou ele pode encaminhá-la para outra pessoa, a menos que você já conheça alguém com quem possa conversar?

Os dois detetives estavam do lado de fora da porta e ela olhou para eles por cima do ombro antes de abaixar a cabeça. Ela se aproximou um pouco mais de mim, acalmando a voz.

— Preciso deixar a polícia entrar para interrogá-la, mas enquanto isso, há alguém para quem você quer que liguemos?

Sloane se aproximou do outro lado.

— Jess, talvez?

A Chefe. Sloane conhecia tudo e todos.

Eu balancei minha cabeça.

— Não, a menos que... não. — Eu mudei de ideia. — Eu mesma tenho tempo para ligar para ela. Onde estão meus funcionários?

— Eles foram liberados e mandados para casa depois de prestarem depoimentos.

Eu adorava Sloane. Eu tinha uma queda por ela como mentora. Às vezes, quando eu era pequena e era trazida para este hospital, gostava de fingir que Sloane era minha mãe enquanto crescia. Ela poderia colocar qualquer um em seu lugar, assumir o controle de

qualquer sala e fazer a polícia seguir suas instruções. Ela era uma grande parte da razão pela qual os dois detetives, Worthing e Monteyo, ainda estavam fora da sala e não haviam invadido.

Eles tentaram no começo, mas ela deu uma olhada neles e estalou os dedos.

— Fora. Agora. — O tom dela era nítido e eles fizeram o que ela disse.

Ninguém mexia com Sloane.

— Molly, você quer que chamemos um advogado para você?

A maioria das pessoas podia ficar confusa sobre porque ela estava oferecendo isso. Eu fui a vítima. Foi o meu negócio que foi assaltado.

— Não. Deixa para lá. — Acabei de lembrar que realmente havia atirado em alguém. Essa sugestão fazia todo o sentido, mas por um minuto pensei que talvez Sloane estivesse se referindo ao outro elefante na sala.

Todos na rua estavam cientes da guerra da Máfia que estava acontecendo.

Quando aquele ladrão chegou, pensei que Easter Lanes seria uma garantia na guerra por causa da minha fraca ligação com a família da Máfia Walden. Fiquei aliviada ao descobrir que ele era apenas um típico criminoso idiota comum.

— Aquele cara em quem eu atirei... ele está morto?

Sloane e Nea enrijeceram antes de trocar um olhar.

— Não. Ah, meu Deus. Não, Molly. Pelo que nos disseram, sua mão tremeu e a bala passou de raspão na lateral do rosto dele. — Nea apontou para sua bochecha. — Ele terá uma queimadura feia por um longo tempo, mas foi principalmente superficial. Ele está algemado e sob custódia policial no hospital.

Meus ombros cederam. Eu senti como se tivesse recuperado cinco anos da minha vida.

— Você está falando sério?

— Sim. Você pensou...

Balancei a cabeça antes que ela pudesse dizer isso.

— Eu não sabia. Eu estava... deixa para lá. Obrigada. — Compartilhei um sorriso bobo com as duas. — Eu não matei ninguém. Ufa. Quero dizer, eles provavelmente não vão pegar pesado na acusação por legítima defesa, certo? Foi legítima defesa. Não é como se eu fosse ser atacada com uma arma ou algo assim, certo?

Elas estavam trocando olhares novamente antes de Sloane falar, e sua voz era curta.

— Não. Eles não vão cobrar nada de você. Eu vou me certificar disso.

OK. Quem diria que uma enfermeira tinha tanta influência com

a polícia? Mas era ela, enfermeira Sloane. Mentora, força, paixão.

Dei-lhe outro sorriso enquanto começava a pensar que talvez tivesse *ingerido* algo comestível e não me lembrasse.

— Você é muito legal, enfermeira Sloane. — Eu estava começando a sentir arco-íris e unicórnios. Esse era um sentimento importante. Eu estaria pronta para encontrar um Yeti neste momento. — Eu sempre desejei que você fosse minha mãe. Eu já contei isso a você?

O teto estava se movendo. As nuvens estavam chegando.

Eu tinha certeza de que também estava vendo o Monte Everest.

— As drogas fizeram efeito.

Uma mão foi para o meu braço e outra atrás das minhas costas. Eu estava sendo abaixada para a cama.

— Você pode tirar uma soneca, Molly. Eu cuidarei dos detetives e os tirarei daqui. Quando você acordar, tudo ficará bem. Você não precisa se preocupar com nada.

Eu estava tentando dizer a Sloane que isso era incrível e agradecê-la por isso, mas um dos unicórnios começou a falar comigo. Eu ia calar a boca.

Eu não queria perder essa conversa.

CAPÍTULO 4

Ashton

Eu deveria estar exausto de hospitais agora.

Os meus tios. Meu avô. Todos foram mortos a tiros há três meses, naquela noite. E eu estava aqui, observando de um corredor semelhante enquanto cada um deles desaparecia. De novo e de novo.

E o sangue. Em todos os lugares.

Tive que dar o devido valor aos funcionários do hospital, porque eles tentaram salvar cada um deles, mas Jesus. Eles saíram um por um, todos cobertos de sangue, e aquela sensação ali, observando cada um deles e vendo como eles não queriam olhar na minha direção – eu nunca esqueceria esse sentimento. Isso me assombrava, todas as manhãs, noites e dias.

Eu não conseguia tirar isso de mim, por mais que tentasse, por mais que me concentrasse, por mais que estivesse obcecado, por mais que tivesse sede, mas agora. Agora, eu tinha uma nova missão, só para mim.

Molly Easter.

Ela estava dormindo, enrolada de lado e com o cobertor jogado sobre o ombro.

Eu tinha sentimentos confusos em relação à Srta. Easter, e eles decorriam de um dia que ninguém, incluindo Trace, sabia. Mas agora, eu estava deixando o pensamento atual passar. E foi assim que Molly Easter, entre outras coisas, foi um pé no saco durante quase toda a minha vida.

— O que você está fazendo aqui? — Um silvo veio da minha direita e me afastei da porta aberta onde estava, sorrindo para a Dra. Nea Sandquist, que segurava um tablet contra o peito. Seus olhos se arregalaram.

— Dra. Sandquist.

— Você não pode estar aqui, Ashton. — Ela se aproximou, abaixando a cabeça enquanto algumas enfermeiras passavam, todas as atenções voltadas para nós. — Saia. Estou falando sério.

Meu corpo estava agitado, uma mistura de emoções surgindo através de mim, mas ao seu comando, fiquei gelado.

— Cuidado com o tom, doutora.

Ela recuou, seus olhos faiscando. A dor brilhou antes que a médica fechasse sua expressão. Ela agarrou o tablet com ainda mais força, seus dedos ficando brancos.

— Eu fui estúpida quando conheci você, acreditando que você estava interessado em mim. Eu sei quem você é. Desde nossos dois encontros, fui *educada* — ela cuspiu a palavra. — Eu sei exatamente quem realmente dirige este hospital, mas não vou sair. Não me

importo se você me ameaçar. Eu não irei. — Ela acenou com a cabeça na direção do quarto de Molly. — Ela é uma boa pessoa. Deixe-a em paz. Ela é inocente em relação ao seu negócio.

Meu lábio se curvou.

— Molly é muitas coisas, mas inocente não é uma delas.

Ela se acalmou, franzindo a testa.

Fui invadindo o espaço dela e ela teve que dar dois passos para trás. Foi o suficiente para que eu pudesse virar as costas para a porta de Molly e me inclinar, certificando-me de que a médica visse minha intenção.

— Nesta situação, eu sugiro que você vá embora.

Ela estava irritada, preparando-se para outra discussão, quando a voz de Sloane a interrompeu. Ela disse isso baixo e calmo, mas todos aqui sabiam o motivo de sua interrupção.

Sloane sabia de tudo. Ela conhecia os detalhes.

— Estou lidando com algo...

— Nea. — Calmo. Baixo novamente, mas mais insistente. — Você precisa se afastar dela.

Os olhos de Nea brilharam selvagens e ela se virou, sibilando para a enfermeira-chefe:

— Você está brincando comigo? Você sabe...

Encontrei o olhar de Sloane, minha cabeça encontrando a dela sobre a cabeça de Nea. Ela estava isolada para mim. Bom para ela. Eu conhecia a enfermeira o suficiente, conhecia todos os seus lados desde quando era criança. Ela podia ser amorosa e maternal às vezes, mas ainda entendia o que precisava ser feito, mesmo agora sabendo o que minha família representava e me odiando por isso.

— O pai de Molly ligou. Ele está no arquivo dela como pessoa de contato e disse que o Sr. Walden viria em seu lugar. Precisamos honrar os desejos da paciente e do pai dela. O Sr. Walden precisa ser informado sobre a situação de Molly e depois deve entregá-la aos seus cuidados.

— Eu sou a médica dela. Eu digo quando ela será liberada.

Os olhos de Sloane piscaram brevemente. Ela não estava demonstrando nenhuma emoção, falando em um tom monótono.

— Estou ciente, mas você sabe o que a diretoria do hospital espera nesta situação.

Nea prendeu a respiração ao ouvir a ameaça subjacente. Sim. Minha família tinha um longo alcance, até mesmo na diretoria deste hospital.

— Sloane. — Ela abaixou a voz, caminhando até ela, mas eu ainda conseguia ouvir. — Você não pode estar falando sério. Você sabe quem ele é...

— *Sim.* — Sloane quebrou agora, essa palavra foi sibilada de

volta e seus olhos brilharam ferozmente. — *Eu sei.* Você sabe? Você está esquecendo... — Ela se interrompeu, lançando-me um olhar furtivo. — Não se esqueça, Nea.

Nea recuou alguns passos, piscando rapidamente. Ela parou por um segundo, respirou profundamente antes que o mesmo tom viesse em seguida.

— Você tem razão. — Ela se virou, com os olhos vidrados, mas se recusou a encontrar meu olhar.

— O único dano físico a Molly foi uma chave que ela ingeriu e sua arma disparou muito perto de seu rosto. Ela pode sentir queimação nos olhos e zumbido nos ouvidos, mas prescrevi colírios e remédios para ajudar a compensar esses efeitos. A chave deve sair dentro de um a dois dias. Eu sugeriria que ela mantivesse uma dieta líquida até que isso acontecesse, só por segurança, mas a maior preocupação para mim é o estresse emocional que ela pode sofrer devido à sua provação. Você está ciente do que aconteceu?

Assenti, abaixando um pouco a cabeça.

Chave. Queimação. Toque. Ela atirou em alguém.

Jesus Cristo.

— Ela se sentiu ameaçada, sob ataque, e temia ter matado um homem. Gostaria que ela encontrasse um assistente social deste hospital para ver se ela se sente segura para falar com ele.

Ele.

— Não.

— Ashton... — Ela parou, fechando os olhos novamente, respirando fundo. Ela tentou novamente. — Sr. Walden, já dei o cartão à Molly. Será escolha dela se ela se encontrará com ele ou não, mas ela deve conversar com alguém. Ninguém ficou gravemente ferido, mas ainda assim foi uma experiência traumática para uma pessoa *normal*.

Eu entendi a opinião dela – uma pessoa normal, diferente de mim –, mas não me importei. Observei Molly continuar dormindo.

— Ashton. — Ela abandonou todas as pretensões, aproximando-se novamente. — Por favor, deixe esta mulher em paz. Ela é boa. Ela não merece o que você está planejando fazer com ela.

Ao contrário do que fiz com Nea.

Houve outro paciente, um paciente que Nea se perguntou por que a polícia não foi chamada por causa de seu estado. Trace me despachou para *educar* a nova médica sobre como nossas famílias administravam os negócios no hospital. Eu tinha feito meu trabalho, mas levei-a para alguns encontros para realmente consolidar o fato de que ela não poderia nos tocar.

Nossos caminhos não se cruzaram desde aquele dia. Vi que deixei uma impressão.

Eu tinha feito meu trabalho.

— Prepare seus papéis de alta. Vamos levá-la para casa como ela está.

Ela respirou fundo.

— Você apresentou seu argumento, Nea. Eu não me importo. Dê alta a ela.

Ela amaldiçoou enquanto se afastava de mim.

— Eu cuidei de você e Trace quando vocês dois eram meninos. Eu ajudei muitas vezes. — Sloane assumiu o lugar de Nea. — Estou ciente das mudanças em suas famílias e do que está acontecendo. — Ela estava dizendo isso enquanto olhava para os quatro guardas parados atrás de mim no corredor. Houve um tempo em que eu não usava guardas. — Não consigo imaginar o estresse e a responsabilidade colocados sobre os seus ombros e de Trace, mas preciso ecoar os sentimentos de Nea. Molly é boa. Ela é gentil. Amorosa. Pura. Não é culpa dela quem é seu pai. Não a castigue pelo fracasso de Marcus como pai — acrescentou ela, em voz baixa.

Eu não respondi. Isso, por si só, foi uma gentileza para com Sloane, porque eu me lembrava da gentileza que ela me deu quando eu era criança.

— Ashton.

Ela ia forçar. Virei-me para ela, deixando-a ver um pouco da escuridão que eu sabia que assustava tantos outros. Ela parou quando viu.

— Não diga mais nada, enfermeira Sloane. Para o *seu* bem.

Seu peito se ergueu com uma respiração irregular.

— Você nunca me ameaçou.

Dei um passo em direção a ela, mas, ao contrário de Nea, ela se manteve firme.

— Eu deixei você dar a sua opinião.

Ela estava muito quieta, sua garganta se movendo enquanto ela engolia.

— Eu tenho sido cautelosa com você. Você e Trace. Fiquei nervosa perto de seus familiares, enervada com o pai de Trace, mas nunca tive medo. Até hoje. — Seus olhos brilharam intensamente e ela deu um passo dramático para trás. — Vamos preparar a Srta. Easter para receber alta. Você terá que trazer um carro para ela ser transferida para dentro.

Sim. Sim. Política hospitalar.

Virei-me quando Sloane foi fazer o que ela disse, e me mudei para ficar de pé ao lado da cama de Molly.

Ambas estavam certas. Molly Easter parecia um anjo dormindo. Pequena. Um metro e meio de altura. Um pouco mais de cinquenta quilos. Cabelo loiro avermelhado que estava emaranhado e

oleoso agora, emoldurando sob e ao redor de sua cabeça no travesseiro. Quando aqueles olhos se abrissem, eu sabia que eles seriam de uma cor azul-celeste profundo. Houve um tempo em que eu jurava que conseguia ver as nuvens nos olhos dela.

Sardas no rosto.

Ela era linda dormindo, mas ficava deslumbrante quando voltava aqueles olhos e aquele sorriso para você.

Elas estavam certas. Molly *era* gentil e pura, para elas.

Para mim, ela era uma cruz que fui forçado a carregar durante toda a minha vida.

Eu cansei de suportar isso.

CAPÍTULO 5

Molly

Não reconheci os lençóis onde estava deitada e era exigente. Gostava dos meus lençóis quentes. Eram frescos e macios, mas não de seda. Eram de algodão, mas pareciam a forma mais cara de algodão puro que existia. Outra coisa estranha sobre mim. Eu conhecia meus lençóis. Eu já havia trabalhado em uma loja de roupas de cama e conseguia vender mais que todo mundo, exceto Marjorie Jones. Maldita Marjorie Jones. Ela também tinha um negócio paralelo de venda de Tupperware que era um sucesso. Eu não gostava de Tupperware, então estava tudo bem com isso, mas a coroa da roupa de cama ainda era um ponto sensível.

Sentei-me e olhei para baixo.

Momento de déjà vu total, porque eu estava de pijama de seda, e o quarto era o mais bonito em que já estive. Onde eu estava?

Fui ao banheiro e engoli em seco ao ver como era bom.

Ou tentei, porque estava totalmente focada em onde estava e não em como estava me sentindo, porque se comesse a pensar em como estava me sentindo, não sairia daquela cama por mais uma semana inteira.

Todo o meu corpo estava rígido e dolorido, e me sentia como um hematoma escuro ambulante. Latejante, mas não. Eu estava me concentrando no positivo. Pensamentos funcionais. Esses eram os únicos que importavam em circunstâncias como esta. Do jeito que eu cresci, às vezes, quando acordava, não tinha ideia de onde estava e não tinha tempo para me afundar na miséria.

Aquela velha habilidade de sobrevivência estava entrando em ação agora, mas de maneira oposta, porque eu queria chafurdar. Este lugar estava fora dos trilhos.

A pia parecia uma fonte de água que você veria na natureza. Era gloriosa. E o chuveiro, meu Deus, o chuveiro. Uma divisória de vidro transparente separava o banheiro dele, e havia cinco chuveiros. Alguns cobriam toda a parede, do chão ao teto. Eu estava olhando para aquele colocado exatamente onde minha bunda estaria. Isso seria... sim.

Então, respirando fundo, olhei no espelho.

Eu estremeci comigo mesma. Meu rosto parecia inchado, vermelho e com manchas nos olhos, e fiz uma careta quando mais dor percorreu meu corpo, meio que me derrubando.

Agarrei-me à pia, firmando-me.

Inspirei fundo. Uma vez. Isso era tudo que eu estava me dando. Apenas uma respiração e empurrei de volta para a próxima.

Eu sabia que deveria estar pirando, porque alguém devia ter

trocado minhas roupas, mas não estava. Uma parte de mim estava simplesmente pasma. Dormi no hospital e acordei no Ritz-Carlton. Era assim que eu estava me sentindo e meus olhos encontraram um botão na parede que piscava.

Eu o pressionei. Precisei.

Uma voz feminina veio de um sistema de alto-falantes.

— Bom dia, Srta. Easter. Gostaria que o café da manhã e uma bebida fossem levados para o seu quarto? — Ela parecia calmante, como Alexa.

Eu me inclinei.

— Sim. Eu gostaria de um café...

— Pressione novamente para obter uma lista do menu completo.

Eu fiz uma careta, endireitando-me novamente. Ela continuou, dando-me todas as opções, mas só havia um botão para apertar.

— Eu gostaria de um café.

Ela continuou falando. Poderia fazer um burrito, panqueca, croissant ou omelete. Havia outras opções, mas eu não queria nenhuma delas. Apertei o botão novamente, mas ela continuou falando.

Eu realmente deveria... minha equipe! O ladrão. O resto da noite passada (foi ontem à noite?) estava voltando para mim, e agora um pouco de pânico estava se instalando.

Terminei no banheiro e procurei minhas roupas. Elas foram dobradas e empilhadas em um sofá no canto do quarto. Levantei uma e dei uma boa cheirada. Adorei o cheiro de roupa lavada, mas quem fez tudo isso?

Depois de trocar de roupa, deixei meu pijama em cima da cama, pensando em tentar levá-lo comigo, porque era o material mais macio que já tive em meu corpo. Saí do quarto e vi que estava em um corredor dos fundos e, enquanto descia, luzes se acenderam à minha frente em ambos os lados.

Uma música suave tocava à frente, então eu segui e me deparei com uma sala de jantar gigante com paredes de vidro do chão ao teto. Pelo menos eu sabia onde estava agora: em um arranha-céu em Manhattan, e estávamos bem no alto. O rio Hudson abaixo estava bem próximo de nós.

Havia uma ilha gigante na cozinha. Todos os armários pareciam elegantes, como algo que eu imaginaria estar em uma nave espacial. Havia uma sala do outro lado da cozinha e uma segunda área de estar, então fui até lá, chegando a uma porta aberta, e através do que parecia ser uma biblioteca havia outra porta.

Eu segui, finalmente vendo em que lugar eu estava. Fiquei chocada.

Absolutamente.
Verdadeiramente.
Estripada.

Sentado atrás de uma grande mesa de mogno estava Ashton Walden.

As borboletas começaram.

Isso é o que eu sentia quando estava perto dele. Meu corpo sempre dava uma volta completa, sentindo como se eu tivesse entrado em meu próprio vórtice, porque ele tinha a capacidade de me fazer querer me perder, de apertar o botão e me fazer querer jogá-lo na cama mais próxima. Além disso, ele sempre olhava para mim como se meio que quisesse me foder ou meio que quisesse me estrangular. Tinha sido assim desde que eu o conheci, e só se intensificou nos últimos seis meses, depois que ele voltou para minha vida.

Ele era o novo chefe da Máfia da família Walden. A cabeça. Não era uma cabeça. O chefe de tudo. Eu estava divagando, porque estava pirando por estar na casa de Ashton. Poder, controle, perigo. Essas três palavras aderiam a ele, caminhavam com ele aonde quer que ele fosse, e eu o vi caminhar.

Eu o vi fazer muitas coisas ao longo dos anos. Eu estava ciente dele enquanto crescia, toda vez que o via com Trace ou seus outros amigos ricos. Como todos sabiam que não deviam mexer com eles e, se o fizessem, nunca seria Trace quem lidaria com seus inimigos.

Era Ashton. Sempre.

Ele ganhou reputação por causa disso. Ninguém mexia com Ashton. Acho que a única pessoa que não sabia o quão mortal ele poderia ser era seu melhor amigo, Trace West. Porém, nada disso importava agora, já que ambos eram os chefes de suas famílias, e eu estava suando frio, por que como diabos eu tinha chegado aqui?

Sentindo-me, ele ergueu os olhos aquecidos em minha direção, mas eles mudaram para os olhos frios e mortos que sempre associei a ele.

Mortos. Cruéis. Impiedosos.

Suprimi um arrepio e tentei não absorver sua beleza fria, mas caramba. Eu não conseguia parar.

— O que estou fazendo aqui? — Minha voz estava rouca, saindo baixa.

Ashton não respondeu, em vez disso demorou enquanto me estudava. Outro lampejo frio de emoção passou por seu olhar antes que ele apagasse isso e se levantasse, contornando sua mesa em minha direção. Um predador perseguindo sua presa.

Sempre tive essa sensação quando ele estava perto de mim, mas desta vez foi o pior que já aconteceu. Eu estava na casa dele. Não a casa gigante onde sua família administrava seus negócios, mas seu

espaço pessoal.

Ashton e eu. Ele não achou que eu me lembrasse dele, mas eu me lembrava.

Lembrava-me do dia em que nos conhecemos quando éramos crianças, embora não me lembrasse totalmente daquele dia. Estava confuso, outra razão pela qual ficava confusa perto dele. Havia toda uma situação acontecendo. Eu tinha algumas lacunas na minha memória sobre isso, mas dele, eu lembrava. Mesmo naquela época, ele era fofo e marcante e gostei dele imediatamente.

Gostei – essa não era a palavra certa para o que senti naquele dia, mas eu era criança.

Ele parecia com raiva e frio agora, e achava que não tinha mudado muita coisa.

Ele foi ao Easter Lanes uma noite, procurando por Jess, e eu nunca esquecerei aquela noite. Como ele parecia querer matá-la e como eu estava pegando meu bastão embaixo do balcão antes de Jess ir com ele. Ela me garantiu que estava tudo bem, mas eu sabia que não estava.

Nunca estava tudo bem com Ashton Walden.

Ele entrou acompanhado de seus seguranças, como da outra vez na boate, quando gritou comigo antes de me levar embora. Eu não tinha muita certeza do que aconteceu naquela noite, mas me senti eletrocutada por ele. Ele me perfurou por dentro e esse sentimento nunca foi embora.

Eu senti isso de novo, tudo de novo.

— O que estou fazendo aqui? — perguntei novamente, xingando internamente enquanto minha voz diminuía. Um leve tremor escapou.

Ao ouvir isso, Ashton parou. Seus olhos brilharam ligeiramente.

— Você e eu temos algumas coisas para discutir.

Eu estava balançando a cabeça quando ele passou por mim, atravessando a biblioteca e indo para a cozinha. Um arrepio percorreu minha espinha ao mesmo tempo.

— Não, *eu* não. Eu quero ir para casa.

Eu o segui, abraçando-me na porta aberta.

Ele agiu como se não tivesse me ouvido, apertando um botão. Uma máquina de café de luxo apareceu e ele apertou outro botão. Começou a roncar e logo o cheiro de café sendo preparado encheu o espaço.

Deus.

Meu estômago roncou, porque eu realmente adorava café. Era uma fraqueza para mim. Não recebi aquele pedido do meu quarto.

— Temos coisas para discutir. — Ele levantou a cabeça,

aqueles olhos mortos permanecendo nas minhas roupas. — Negócios e seu pai.

Meus dedos dos pés se curvaram.

— Meu pai?

Houve outro lampejo de emoção em seu olhar, e eu estava imaginando isso? Pensei ter visto um amolecimento em seu rosto, mas depois desapareceu. Ele pegou uma xícara e apontou para a ilha.

— Sente-se, Molly.

Ele inclinou o corpo para que ficasse meio encostado no balcão e meio virado para mim.

Deus. Seu rosto sempre foi tão ilegível.

Olhos quase pretos. Cabelo escuro. Um rosto que poderia ter sido de um anjo, embora eu soubesse que ele era tudo menos isso. Perigoso. Poderoso. Elegante. Um corpo tonificado, mas era muito mais. Ele era lindo e tão moreno, tão mortal, que não pude conter um arrepio. Em todas as fases de sua vida, ele sempre foi bonito. Ele era bonito quando era jovem. Quando ele era adolescente, era *gostoso*. Mas agora, minha boca estava quase salivando e eu odiava isso, mas não podia negar. Agora ele era uma obra-prima de se olhar, e meu estômago embrulhou, porque eu sabia o quão implacável ele poderia ser ao mesmo tempo.

Ele era uma dicotomia. Isso é o que ele era.

Sentei-me na ilha, pegando uma das banquetas que se alinhavam do outro lado.

— Você a machucou naquela noite?

Eu não estava olhando, mas o senti ficar imóvel. Totalmente.

— Machuquei quem? — ele perguntou baixinho.

Eu olhei para cima.

— Aquela noite. Você entrou e levou Jess. Parecia que você ia machucá-la.

Ele não respondeu, mas sua mandíbula cerrou e seus olhos se estreitaram.

O café apitou dizendo que estava pronto. Ele colocou a xícara na minha frente, examinando-me em silêncio por mais um segundo.

— Achei que sua amiga fosse uma toupeira.

Peguei o café, puxando-o para mais perto de mim antes de olhar para ele.

— Então você estava sendo estúpido.

Eu ainda senti seu olhar no topo da minha cabeça quando ele murmurou:

— É bom ver que você tem coragem. Eu não tinha certeza.

Eu me afastei do balcão.

— Foda-se.

Os pensamentos funcionais de antes se foram, os pensamentos

agradáveis sobre em que lugar eu estava, e toda a raiva, a amargura, o ressentimento surgiram agora. Por causa dele. Por causa do que ele pensava sobre Jess. Ou meu pai. Provavelmente mais meu pai, mas Jess foi o ponto de inflexão.

— Você pensar que Jess era tudo menos leal apenas mostra a maneira estúpida de pensar que sua família funciona. Sua família — eu cuspi. — Poderiam ter tirado meu pai da miséria há muito tempo, mas você não o fez. Seu avô não tirou. Vocês continuaram aumentando a dívida dele até que ele fizesse qualquer coisa por vocês agora. Foi assim que cheguei aqui. Meu pai é minha pessoa de contato. Eu queria mudar isso, mas continuo esquecendo. Aposto que ligaram para ele e ele ligou para você. Estou certa?

Os olhos de Ashton se estreitaram ainda mais.

— Eu teria muito cuidado com a maneira como você insulta meus familiares que não foram enterrados há muito tempo. — Ashton ainda estava encostado no balcão, mas com a cabeça inclinada para frente. — E você está errada sobre seu pai. Eu liguei para ele.

Eu corei; todo o meu corpo sentiu isso.

— Por quê?

— Porque, Molly Everly Easter, você acabou de se tornar parte da guerra em que minha família está envolvida.

Eu fiz uma careta.

— Como? Foi um ladrão aleatório. Presumo que você tenha recebido um aviso de alguém. Aquele cara não tinha nada a ver com a sua guerra.

— O detetive Worthing sim. Disseram-me que ele tentou questioná-la sobre o roubo.

— Porque foi um assalto e ele é policial.

— Ele está na unidade de crime organizado. Ele não é um policial de ronda. Ele conhece nossas conexões familiares. É por isso que ele estava lá. Então ele aparecer traz você para o meu negócio.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

— O quê?

Ashton inclinou a cabeça para o lado.

— Disseram-me que o detetive Worthing tentou interrogá-la no Easter Lanes?

Meu corpo de repente ficou cansado.

— A ambulância chegou primeiro e me levou ao hospital.

— Eles não estavam no hospital quando cheguei.

Certo. O hospital, porque fazia sentido a forma como cheguei aqui agora.

— Eu acho? Lembro-me de conversar com Nea e Sloane antes de adormecer. Acordei aqui e... Engoli a chave da minha caixa registradora! — Eu me engasguei, agarrando meu estômago e olhando

para baixo. Oh, Deus. Isso estava ali. — Tenho um objeto estranho dentro de mim.

— Vai desaparecer de você dentro de um ou dois dias.

Levantei minha cabeça.

— O que isso significa? Eu...

Seus lábios se estreitaram novamente.

— Você vai cagar isso. Isso é o que significa.

Ah. Isso foi reconfortante, mas também desconfortável ao mesmo tempo. Eu olhei para ele com cautela novamente.

— Por que me liberaram para você?

— Seu pai me nomeou em seu lugar. É por isso que eles liberaram você para mim.

Eu lancei um olhar para ele enquanto aqueles nódulos no meu estômago começavam a esquentar. Ele e eu sabíamos que fui entregue aos seus cuidados por causa de seu sobrenome.

— O que estou fazendo aqui? Eu gostaria de ir para casa. Gostaria do meu telefone. Gostaria de ligar para minha equipe e ter certeza de que tudo e todos estão bem.

Ele estendeu a mão para trás e abriu uma gaveta. Ele tirou meu telefone e se inclinou, colocando-o na ilha e empurrando-o para mim. Ele deslizou até mim suavemente.

— Sua equipe está bem, e tenho um homem no Easter Lanes cuidando disso até que você e eu concluamos o que precisamos concluir.

Comecei a desbloquear meu telefone, mas parei.

— Você tem um homem? O Easter Lanes não faz parte dos negócios da sua família. Você não tem o direito de mandar um homem até lá, ou de me buscar, ou de ter qualquer coisa a ver comigo.

— Exceto que é aí que você está errada. Além de falar sobre o detetive Worthing, esse é outro assunto que você e eu temos que discutir.

— O quê?

— Easter Lanes. O boliche que seu pai *vendeu* para você.

— E daí?

— Não era dele para vender.

CAPÍTULO 6

Ashton

O sangue foi drenado de seu rosto e seu corpo estremeceu antes que ela se agarrasse ao balcão para se equilibrar.

— O que...

Zumbido! Zumbido!

Eu fiz uma careta, ouvindo a campainha da porta. Meus homens não ligaram e o concierge nunca permitiria ninguém se não fosse importante para mim. Lançando a ela outra carranca, fui até lá e apertei o botão do interfone.

— Sim?

— Sinto muito pela interrupção, mas a Srta. Montell e o Sr. West estão aqui para ver...

Amaldiçoei e apertei o botão do alto-falante.

— Deixe-os entrar. — Assim que terminei, fui até Molly e ignorei como ela pulou com a minha proximidade. — Você vai manter isso entre nós. Entendido?

Ela franziu a testa, irritada, e pude ver os pensamentos se formando antes que ela abrisse a boca. Ela iria brigar comigo por causa disso.

— Se você quiser pelo menos uma chance de conseguir que o Easter Lanes seja seu e somente seu, você seguirá meu exemplo quando Jess e Trace chegarem aqui. — Seus olhos se iluminaram com a minha oferta e ela assentiu antes de xingar e passar a mão pelo cabelo.

— Eu pareço uma bagunça.

Ela estava deslumbrante.

— Você está bem.

Trace sabia o código da minha porta, então não fiquei surpreso quando a ouvi abrir. Eu me preparei.

Eles estavam quietos, mas eu senti a intensidade deles, ou melhor, a dela, quando Jess Montell, o amor da vida de Trace, entrou.

Seus olhos estavam brilhando. Eu não esperava nada menos e dei um meio sorriso.

— Oficial Montell.

— Jess! — A alegria de Molly era evidente, mas Jess lançou-lhe um olhar superficial. Para cima e para baixo, antes que ela se aproximasse de mim.

Aproximei-me para encontrá-la e, quando ela estava prestes a colocar as mãos em mim, abri um sorriso.

— Todas as partes do corpo dela estão perfeitas.

Ela parou, segurando-se.

— Você a tirou do hospital quando ela estava inconsciente?

Você está brincando comigo? Então você está sendo espertinho comigo?

Molly estava franzindo a testa.

Trace estava me estudando por cima de sua cabeça.

Jess Montell estava de luto pela morte da amiga, mas eu estaria mentindo se não admitisse que havia outros motivos para sua frieza, especialmente comigo. Mas eu quis dizer o que disse a Trace. Eu estava dedicado a encontrar o assassino de Kelly e Justin.

Como se estivesse lendo minha mente, o que provavelmente fez porque era algo que fizemos com frequência ao longo dos anos, Trace me deu outro sorriso antes de encolher os ombros, mas deu um pequeno aceno na direção de Molly.

Jess havia se aproximado dela e ela estava se aproximando com cautela.

— Como você está se sentindo, Mols?

Os olhos de Molly se voltaram para os meus por cima da cabeça de Jess e se estreitaram antes que ela respondesse.

— Estou bem. — Ela contornou Jess, vindo para o meu lado, e ligou seu braço ao meu, aproximando-se. *Porra*. Eu senti aquele toque no meu pau. — Graças a Deus Ashton estava lá para me ajudar.

Jess ficou imóvel.

Eu enrijei.

Ouvi Trace sufocar uma risada antes de se virar. Ele foi até a biblioteca, com a cabeça e os ombros tremendo.

— O quê? — A voz de Jess era monótona.

— Oh, sim. — Molly colocou tudo em prática. Seu braço apertou o meu. — Ele tem sido ótimo. Trazendo-me aqui. Cuidando do Easter Lanes. Estávamos prestes a tomar café da manhã quando vocês apareceram. Está com fome? Estou morrendo de fome.

Jess deu um passo para trás.

— Café da manhã?

Sufoquei um gemido, mas reverti o domínio de Molly sobre mim. Passei meu braço em volta dela, segurando seu quadril, e a trouxe ainda mais para perto de mim. Sua frente estava ao meu lado. Outro cenário e eu ficaria tentado a apoiar minha bochecha na cabeça de Molly.

Mantive minha mão firmemente em seu quadril, ancorando-a em mim.

— Eu poderia preparar o café da manhã ou mandar entregar alguma coisa. Vocês gostariam de se juntar a nós?

Trace estava voltando para a cozinha.

— Não. — Ele foi para o lado de Jess, colocando o braço em volta dos ombros dela e puxando-a para o seu lado, semelhante a como Molly e eu estávamos de pé. — Jess estava preocupada, mas

Molly parece que está sendo cuidada.

Jess começou a discutir.

— Eu acho...

— Devíamos encontrar sua mãe.

Sua boca se fechou.

— Oh. Sim.

Trace ergueu o queixo para mim.

— Antes de irmos, podemos dar uma palavrinha? — Ele apontou em direção ao meu escritório. — Em particular? — Seus olhos passaram de Jess para Molly antes de voltarem para mim e brilharam brevemente com emoção extra.

Segurei Molly perto de novo, ignorando como o corpo dela estremecia contra o meu.

— Claro. — Mas antes de sair, eu me virei de costas para Jess e Trace. Olhei para Molly, que inclinou a cabeça para mim.

Agora, neste momento, éramos ela e eu. Eu estava ignorando os outros.

Olhei para ela, meus olhos um pouco estreitados.

O que ela estava fazendo? Ela iria continuar jogando junto? Como eu lidaria com isso se ela não o fizesse? Todas essas perguntas passaram de mim para ela, silenciosamente. Um aviso profundo meu.

Senti um segundo arrepio passar do corpo dela para o meu, e não sabia o motivo, mas mantivemos aquele olhar por três segundos inteiros antes de me afastar. Ela nunca revelou nada. Ela escondeu o que quer que tenha causado aquele chiado, e coloquei uma parede de volta.

Tudo bem. Para o meu melhor amigo.

Trace já estava entrando no meu escritório. Segui atrás, fechando a porta, e quando ele começou a falar, levantei um dedo. Depois de apertar o botão de selar, olhei de volta para ele.

— Estamos à prova de som agora.

— Que porra você está fazendo com Molly Easter?

Ele não estava perdendo tempo. Quase tive que sorrir com isso.

— Acredito que tivemos essa conversa não faz muito tempo.

— Jess recebeu uma ligação e ficou furiosa. Eu gostaria que meu melhor amigo e o amor da minha vida fossem um tanto civilizados um com o outro, e estou ciente de que isso levará tempo, mas *Jesus*, Ashton. Tirar Molly do hospital quando ela ainda estava inconsciente?

Meu instinto mudou.

— A médica ligou ou foi Sloane?

Ele sustentou meu olhar por um instante.

— A Dra. Nea Sandquist ficou um pouco amiga de Jess, mas não, a médica tem tanto medo de mim quanto de você.

Então a enfermeira. Bom saber.

— Entendo — respondi.

Ele bufou.

— Você não entende merda nenhuma. Sloane é próxima de Jess, era próxima de Kelly. Ela costumava ser voluntária no hospital. A morte dela também atingiu Sloane com força.

Eu olhei para ele.

Ele balançou sua cabeça.

— O que você está fazendo com Molly?

Eu meio que rosnei.

— Para ser franco, Trace, isso não é da sua conta.

— Não me venha com a merda de que sua família é dona de Marcus Easter. Você sabe que ele tem sido um pai horrível para Molly. Eu não deveria ter que lembrar a você que Jess *acabou* de perder sua melhor amiga. Ela não deixa muita gente entrar. Uma das que ela deixou — ele apontou para a porta — está naquele cômodo com ela, e mentindo totalmente para ela. O que Jess sabe. Ela tem um radar, lembra? Ela era uma oficial de condicional. Por que Molly está mentindo para ela? O que você está segurando sobre a cabeça dela?

Eu estava cerrando os dentes com mais força quanto mais ele falava.

— Eu amo você. Espero um dia estar em um bom relacionamento com sua mulher novamente, mas me escute com atenção agora. Preciso que você *saia* da minha casa. — Eu já tinha dito a ele que Molly Easter era problema meu, não dele. Ele sabia disso, já havia concordado com isso, então foi ele quem errou neste caso.

Sua cabeça recuou. Ele me deu um olhar avaliador antes de seus olhos semicerrados.

— Deixe-me lembrar a você do que está em jogo aqui. Se você destruí-la, Jess nunca irá *perdoar* você.

O sentimento tácito era onde isso me deixaria com ele.

Respirei fundo, minhas narinas dilatadas.

— Anotado. Agora saia.

CAPÍTULO 7

Molly

Meu corpo estava dolorido e rígido quando entrei em meu apartamento mais tarde naquela noite. Minha cabeça estava latejando. Deixei cair a sacola de roupas que tinha comigo sobre a mesa, indo direto pegar um pouco de vinho.

Deus.

O meu pai. Minha pista de boliche.

Minha equipe.

Até Jess.

Minha vida era um enigma total, mas uma coisa de cada vez, e agora, eu precisava dos meus analgésicos e, merda. Eu tive que rejeitar o vinho. Água teria que servir e depois fui para o banheiro.

Minhas roupas foram tiradas e eu entrei no chuveiro.

Deus. Calor. A casa de Ashton estava aquecida. Eu não estava fisicamente fria, mas emocionalmente? Oh, sim. Muito. E só de pensar nele, senti uma onda de pânico percorrer meu corpo. Mas não. Eu não poderia me permitir a isso. Eu precisava pensar com clareza, precisava passar pelas próximas semanas.

Lembrei do tempo que passei na casa de Ashton.

Assim que Jess e Trace saíram, eu me virei para ele.

— O que você fez com Jess? — Porque ela estava sofrendo, e Ashton tinha feito algo para fazê-la sofrer ainda mais. Eu podia sentir isso, perceber isso.

Ele franziu a testa para mim, estudando-me antes de inclinar a cabeça para o lado.

— O que *você* disse a ela? Presumo que você tenha dito que é para salvar o Easter Lanes?

Certo. Easter Lanes. Uma batalha de cada vez aqui. Levantei a cabeça e endireitei os ombros.

— Quero saber o que você quis dizer com o fato de meu pai não ter o direito de vender o Easter Lanes para mim.

Achei que estava preparada. Afinal, Easter Lanes era do Shorty.

Eu o suporrei toda a minha vida e ainda estava de pé, mas estava errada.

Nada poderia ter me preparado para o que Ashton Walden me contou.

— Seu pai vendeu o Easter Lanes para *minha* família. Meu avô. É algo que ele costumava negociar por sua vida em determinado momento. Não sei o que ele disse ou como convenceu você, mas ele não vendeu a pista de boliche para você. Está no nome de uma das empresas da minha família e não mudou desde que você tinha dezesseis anos.

Senti-me sendo atingida no rosto.

— Dezesseis?

— Você já estava em um orfanato há vários anos.

Deus. Uma dor profunda se enraizou dentro de mim, mas era a mesma que sempre existia quando meu pai se envolvia na minha vida. Eu chamava isso de Golpe de Shorty. Estava lá no lugar onde minha alma deveria estar. Ele tirou isso de mim.

— Eu dei a ele dinheiro pela pista de boliche.

— Ele deu a você a papelada?

As palavras doíam de falar, mas eu as disse.

— Nós nos encontramos em uma sala nos fundos de um escritório. Havia uma pessoa lá. Eu assinei. Ele assinou. Tudo parecia legítimo. Eu nunca questioneei isso.

— Quanto você pagou?

Eu não queria contar a ele. Ele não tinha ideia de que tinha sido tudo para mim. Eu não tinha nada.

— Paguei trinta mil a ele. — Engoli em seco por causa de um nó na garganta. Não contei a Ashton, mas quase me senti mal por meu pai naquele dia, como se tivesse sido eu quem o tivesse enganado.

Eu deveria saber. Ninguém enganava Shorty Easter.

— O que você precisa de mim?

— Eu preciso usar você para fazer uma coisa.

— Com a polícia?

Ele não respondeu. Ele apenas olhou para mim.

Ele não quis me contar mais nada, mas eu não tinha um bom pressentimento sobre nada disso.

Buzzzzzz!

Besteira. Ouvindo a campainha agora, saí do chuveiro e fui até a porta.

Eu já sabia quem era e, depois de liberar suas entradas, vesti um roupão quando Pialto e Sophie passaram pela porta.

Eles pararam e se viraram para mim, e ambos jogaram os braços em volta do meu corpo.

— Oh, meu Deus! — Pialto exclamou antes de fazer um discurso retórico em espanhol. Eu nem estava tentando entendê-lo. Eu simplesmente deixei ir quando reconheci algumas palavras: *madre, dios e por favor*.

Sophie estava tremendo enquanto afastava o cabelo crespo do rosto.

— Você está bem, querida?

Pialto recuou, mas Sophie avançou, emoldurou meu rosto com as mãos e examinou meus olhos como se pudesse me ler a partir daí.

E vê-los novamente, senti-los, foi aí que as lágrimas começaram.

Eu as senti rolando e tentei me recompor. Tentei, mas com tudo o que estava acontecendo – meu pai, o ladrão, Ashton – tudo isso estava me inundando agora, e vacilei.

Meus joelhos tremeram.

— *Madre*, ela está caindo. — Pialto agarrou meus braços enquanto Sophie se agarrava a uma cadeira.

Fui abaixada, mas continuei me movendo, deslizando da cadeira até me enrolar como uma bola. Deus. Estava tentando ser forte, mas esta noite eu estava acabada. Eu não tinha mais nada em mim.

— Oh, amor. — Pialto se moveu, puxando minha cabeça para descansar sobre seus joelhos dobrados.

— Quem está... — Comecei a levantar a cabeça porque... Easter Lanes. Uma vez que Ashton me disse que tinha alguém cuidando de tudo, eu não me preocupei com isso, e agora estava horrorizada, porque essa deveria ter sido a primeira coisa a considerar depois que deixei a casa dele. — Easter Lanes.

— Tudo bem. Tudo bem. — Pialto empurrou minha cabeça para trás, sua mão alisando meu cabelo. — Há homens grandes e assustadores cuidando.

— O qu...

— Ele está brincando. Seu primo disse que recebeu uma ligação e está cobrindo você. Ben e Taj estão ajudando a cuidar disso esta noite.

Eu relaxei um pouco. Essa era minha equipe habitual de sábado. Meu primo não era realmente meu primo. Ele era de um dos meus lares adotivos. Glen. Nunca me preocupei com meu pessoal de cozinha. Eles sempre apareciam. Fui abençoada de muitas maneiras.

Balancei a cabeça um pouco e me ajeitei para ficar sentada.

— Obrigada, pessoal.

Sophie pegou um cobertor do sofá atrás dela e entregou para mim.

Eu o abri nas pernas, mas estiquei para cobrir Pialto, que se virou para me espelhar, sentado com as pernas cruzadas. Sophie também, e o cobertor a cobrindo também. Nós três, ainda no chão, meio aconchegados.

— Então. — Pialto estava olhando para mim, seus grandes olhos escuros, sem piscar e arregalados.

Sophie se aproximou.

— O que aconteceu?

Eu fiz uma careta, enxugando uma lágrima.

— O que aconteceu com vocês?

Eles trocaram um olhar antes de Pialto encolher os ombros.

— Fomos examinados no hospital, obtivemos autorização para

voltar para casa, e foi o que fizemos.

— Os policiais falaram com vocês?

Eles compartilharam outro olhar.

— Alguns policiais estiveram lá antes de irmos para o hospital e demos nosso depoimento a eles, mas foi isso. Dois detetives chegaram assim que sua ambulância estava saindo e, quando descobriram que você estava lá, foram embora. Eles não ficaram e nem voltaram — disse Sophie.

— Vocês foram para casa depois do hospital?

— Voltamos para o Easter Lanes. Os policiais o liberaram, então começamos a limpar e depois voltamos para casa. Quando chegamos ao trabalho hoje, dois marmanjos estavam no balcão conversando com Glen. Foi seu primo quem nos disse que poderíamos ir para casa, mas não queríamos. Estávamos preocupados com você.

— Como vocês sabiam que eu estava de volta?

Sophie sorriu, abaixando um pouco a cabeça.

— Pedi à sua vizinha, a Sra. Tulip, que nos avisasse. Assim que você voltou, ela estava explodindo nossos telefones. Disse que você saiu de um grande SUV preto e parecia cansada. Ela também disse que se você quisesse, ela pode fazer macarrão vietnamita e trazer.

Oh. Isso me aqueceu. Minha vizinha era intrometida, mas eu gostava dela. Não me preocupava com minha casa sabendo que ela estava sempre atenta.

— Diga, garota. O que aconteceu com você?

Agora eu tinha que tomar uma decisão. Devia contar a eles sobre Ashton? Isso significaria envolvê-los nos negócios da Máfia, mas, novamente, eles eram meus funcionários e, na maioria das vezes, agíamos como se fôssemos uma família. Então...

— Ashton Walden me sequestrou.

Ambos prenderam a respiração, com os olhos esbugalhados, e se recostaram quase como uma só pessoa.

— Sem chance. — Pialto.

— Oh, meu Deus. — Sophie.

— Espere. Como? Tipo, de verdade? Como você está aqui então? — Pialto estava olhando em volta.

— Sim, de verdade. Ele me tirou do hospital e depois, bem, não posso entrar nisso, mas há coisas que ele quer de mim e... não posso contar para vocês. Ainda não, de qualquer maneira. Mas chegamos a um entendimento e agora estou aqui.

Os olhos de Sophie ficaram frios.

— Ele quer coisas de você? Tipo, que coisas? — Ela me deu uma olhada.

— Não! Isso não. — Ou pensei que não, mas quando ele me tocou, o formigamento literal que percorreu todo o meu corpo — argh.

Pare com isso. Ele era perigoso e um idiota. Ele era da Máfia, pelo amor de Deus. E cruel. E malvado. E meu corpo estava fraco. Fraco, isso sim. Fraco e patético. — Não isso, mas outras coisas. O meu pai. Coisas assim.

— Espere. Espere. Sabemos que seu pai está envolvido com aquela família, e você é amiga de Jess Montell, e todos nós sabemos com quem ela está envolvida, mas... — Pialto parou de falar, em vez disso começou a olhar para mim boquiaberto.

Eu sabia.

Era muito.

Talvez não devesse tê-los incluído, mas se eu estivesse trabalhando em algum lugar e tivesse ligações com a Máfia de uma forma totalmente nova do que eu pensava originalmente, gostaria de saber. Engoli um caroco.

— Então. — Aproximei-me, aconchegando-me mais abaixo. — Eu entenderia se vocês não quisessem...

— Oh, meu Deus!

— Você está falando sério?!

— Quem você pensa que somos?!

— Pelo amor da Sra. Tulip!

Os dois explodiram, falando ao mesmo tempo, mas comecei a piscar para conter mais lágrimas. Eu não pude conter meu sorriso. Minha família. Isso era quem eles eram.

Pialto pressionou a mão na minha perna, inclinando-se e certificando-se de que eu estava olhando diretamente nos olhos dele quando disse:

— Não vamos a *lugar nenhum*.

Fiquei toda emocionada.

— Obrigada, pessoal.

Pialto estava piscando para conter algumas lágrimas, dando tapinhas na minha perna novamente.

— Sem problemas, querida coelhinha Molly. Você sabe que estamos aqui para ajudar você.

Virei minha mão sob a dele, entrelaçando nossos dedos, e apertei sua mão.

Sophie estava fungando, mas colocou a mão em cima da nossa.

— Eu amo vocês, pessoal.

Ok. Éramos todos por um e um por todos. O pacto de solidariedade foi estabelecido, mas depois caímos no silêncio.

Sophie perguntou:

— Então. O que fazemos agora?

Eu balancei minha cabeça.

— Não tenho absolutamente nenhuma ideia.

Pialto suspirou.

— Este seria um ótimo momento para você descobrir que tem um poder de super-herói.

Concordo.

CAPÍTULO 8

Molly

Eu estava de volta ao Easter Lanes no domingo à tarde repassando o que havia perdido no dia anterior, mas uma coisa boa: a chave passou.

Sim. Eu era agora a proprietária estranhamente relutante de... você sabe.

Já tínhamos uma cópia da chave, então estávamos usando aquela, e Pialto chegaria em breve, então eu pediria para ele fazer uma cópia da cópia.

Talvez devesse ter mudado completamente as fechaduras da caixa registradora. Mas a essa altura, eu não confiava nem mesmo em um serralheiro para fazer esse trabalho.

A porta se abriu e, presumindo que fosse Pialto, gritei sem levantar a cabeça:

— Acho que deveríamos refazer todo o nosso sistema.

— Como estou considerando um papel de proprietário mais ativo no Easter Lanes, acho que seria uma ótima ideia.

O pavor percorreu minha espinha e olhei para cima, vendo Ashton andando em minha direção, tirando seu casaco de aparência muito cara e deixando-o sobre uma mesa enquanto se aproximava de mim. Cara. Ele tinha que parecer tão delicioso quanto antes? Eu o odiava, como se o desprezasse no nível celular, mas não podia negar o quão bonito ele era.

Eu ouvi rumores de que ele costumava ser modelo e não fiquei surpresa.

Seus seguranças estavam se espalhando pelo local. Observei um cara gigante caminhar em direção ao fundo das pistas de boliche e outro entrar nos banheiros. Outro foi para a sala dos funcionários. A cozinha. Um quarto estava verificando as cabines, passando por onde eu estava.

As sobranças de Ashton se ergueram e ele inclinou a cabeça para o lado.

— Normalmente você não deixa claro que está planejando o assassinato de alguém enquanto olha para essa pessoa.

Eu corei, minhas mãos agarrando a lateral da minha caixa registradora enquanto uma nova onda de humilhação passava por mim.

— Acostume-se se você tiver... — O que ele disse? — Um papel ativo? O que você quer dizer com isso?

Ele foi para trás do balcão, indo até a máquina de café. Ele levantou a tampa superior e viu que estava vazia.

— Você não faz café? Isto funciona?

— O que você está fazendo aqui? — Dei um passo em direção a ele.

Ele estendeu a mão para pegar a cafeteira e eu a peguei, colocando-a de volta.

— Não toque nisso. — Coloquei minhas mãos nos quadris, olhando para ele.

Ele me ignorou, estendendo a mão para pegar a cafeteira mais uma vez.

— Ei!

Eu o segui até a pia, ficando de lado enquanto ele enchia o copo e depois o levava de volta para a máquina de café. Ele me observou.

— Onde você guarda seus filtros e pó de café?

Abri a boca, totalmente pronta para lhe dizer onde colocar os filtros de café, quando percebi que precisava fazer um café. Tínhamos trinta minutos antes de precisarmos abrir as portas para o dia.

Rosnei, mas me virei e peguei o café e o filtro. Depois de colocá-los no lugar, apertei o botão de preparação e voltei para Ashton. Ele não se moveu – na verdade, ele estava mais perto.

Recuei, batendo no balcão, mas não senti.

Eu estava totalmente absorta em quão próximo Ashton estava de mim.

— O que você está fazendo aqui? — Meu estômago estava fazendo uma performance acrobática estranha.

Ele continuou a me estudar, parecendo quase cativado, antes de murmurar algo baixinho e se afastar.

Eu fiz uma careta.

— Por que você está aqui?

A porta se abriu, a campainha tocou e mais dois caras grandes entraram. Um começou a andar pelo salão enquanto o outro se aproximava de Ashton. Claro que esses caras eram de Ashton. Grande. No comando. O único cara que estava conversando com Ashton agora levantou a cabeça, e percebi um sorriso no canto de sua boca antes que ele assentisse e saísse novamente.

Como se tudo estivesse em sincronia, os outros quatro caras saíram do boliche.

Um ainda estava andando, olhando para cima e para baixo. Pausa. Ele estava estudando todas as portas e janelas.

— O que eles estão fazendo?

Ashton olhou para mim quando cheguei ao lado dele.

— Ele é da segurança. Esses quatro vão vigiar lá fora. Esses dois estarão aqui.

Eu lancei um olhar para ele.

— Eles vão aonde quer que você vá?

— Eles não são meus. — Ele indicou um dos homens.

— De quem então?

Ele me lançou um sorriso, embora seus olhos estivessem duros.

— Seus. Por hoje, pelo menos.

Ele andou rápido em direção ao meu escritório, e levei um minuto antes de correr atrás dele.

— Meus? — Entrei enquanto ele estava na minha mesa. — Ei!

Ele apontou para trás de mim.

— Você pode fechar a porta?

Fechei, então me amaldiçoei. Eu o estava seguindo, fazendo o que ele dizia, e para quê? Este era o meu espaço, meu negócio, que se danassem os detalhes técnicos. Mesmo assim, fechei a porta antes de passar para trás da mesa e para trás de onde ele estava.

Eu me aproximei e usei meu quadril para empurrá-lo para fora.

— O que você está fazendo?

Eu bufei, colocando um pouco de força extra em meu quadril.

— Movendo você.

— Por quê?

— Porque este é o meu escritório.

Ele estava olhando para mim, seu lábio superior ligeiramente curvado.

— Você está tendo uma reação tardia ao roubo? Devo levá-la ao hospital novamente para fazer um exame?

Eu fiz uma pausa.

— O quê?

— Você está agindo de forma estranha.

Meu peito inchou.

— Eu não me importo com o que você diz sobre o meu espaço. Este é o meu lugar. Meu. Eu coloquei meu trabalho nisso. Eu o renovei. Atualizei. Tenho uma ótima equipe...

— Duvido que você tenha atualizado tudo.

Corei, ignorando aquele insulto, se fosse um insulto.

Ele se mexeu e ficou de frente para mim.

— Você pagou trinta mil ao seu pai por esta pista de boliche. Desde então, você mudou tudo e está prosperando, mas ainda foi enganada em trinta mil. Vou examinar suas contas e ver onde mais você tomou decisões não inteligentes. — Ele começou a me contornar novamente, pegando o computador.

— Ah. Pare. — Idiota.

Peguei suas mãos e tentei me manobrar para ficar no caminho dele.

Ele amaldiçoou baixinho antes de passar os braços em volta de mim.

Eu gritei.

Então ele estava me pegando e oomph! Eu estava pressionada contra seu peito. Um arrepio passou por mim. Ele deu três passos para trás e girou, e eu fui colocada de pé novamente. Suas mãos foram para meus quadris e ele me colocou na frente dele.

— O café está quase pronto. Por que você não pega uma xícara para cada um de nós para que você possa se refrescar?

Calor ardeu dentro de mim.

— Você não me tratou apenas como se eu fosse a secretária. Quem você pensa que é... — E parei de falar, porque ele estava tentando conter uma risada, esperando pela minha reação.

E, oh Deus, todo o seu rosto se transformou.

Tive que parar e piscar por um instante antes que minha mente entendesse o que estava acontecendo.

— Você está tentando me irritar.

— Bem, não, mas o último comentário, sim. — Ele se sentou na minha cadeira e não percebi quando ele ligou meu computador, mas a tela estava pedindo minha senha. Ele apontou para isso. — Quero ver seus livros. Deixe-me entrar.

Eu recuei.

— Sem chance. Não sei o que você vai fazer aí.

— Molly. — Sua voz era baixa, quase calmante.

Eu odiei isso. Ou odiei como deveria ter odiado.

Ele era o inimigo.

— O quê?

— Minha primeira empresa é de segurança cibernética. Você sabia disso?

Ah. Uau. Não. Mas também não é surpreendente.

— Eu não sabia disso.

— Eu pedir sua senha foi um sinal de cortesia. Posso entrar com ou sem você. Deixe-me ver seus livros. No momento, está em nome da minha família, então se a polícia entrar, preciso ver o que eles vão ver. Isso poderia acontecer. O Departamento do Crime Organizado sabe que este lugar está ligado à minha família. Quando aquele criminoso entrou aqui, isso lhes deu a oportunidade de realmente entrarem aqui. Você está me acompanhando?

— Como posso saber se você não vai plantar evidências ou algo assim? Ou roubar de mim de novo?

— Não fui eu quem roubou de você. — Seus olhos se voltaram para cima. — Basta abrir seu computador.

Abri, mesmo que minha cabeça estivesse gritando para não fazer isso, mas o que eu iria fazer aqui? Ele era a Máfia, pelo amor de Deus. Você não diz não à Máfia.

Digitei “EUODEIOASHTONWALDEN23” e recuei.

— Sério? — Ele me lançou um olhar seco.

— Eu poderia ter mudado esta manhã.

Ele revirou os olhos, aproximando-se e começando a clicar no meu computador, e estava indo rápido. Eu olhava para essas coisas como se elas estivessem tentando falar comigo em uma língua estranha, mas não com ele. Ele era um alienígena.

Eu estava me lembrando do que ele acabara de dizer.

— Você acha que a polícia virá examinar meus livros?

Ele nunca parou de estudar a tela do computador.

— Eles poderiam, sim. — Ele fez uma pausa, olhando para mim. — Você não recebeu nenhuma ligação ontem à noite e seus únicos visitantes foram seus dois funcionários. O detetive Worthing não tentou falar com você?

Como ele... não importava.

— Você tem meu telefone grampeado?

— Eu tenho um homem atrás de você, e ele é capaz de rastrear quem está ligando ou mandando mensagens para você, sim. Colocamos seu primo no comando ontem, mas nem ele tentou entrar em contato com você. Por que não? Disseram-lhe que você foi assaltada sob a mira de uma arma. Ele não ficou preocupado?

— Glen e eu não somos realmente primos. Ficamos na mesma casa adotiva por um tempo.

— Estou ciente disso, mas se você o chama de primo, isso implica que existe alguma forma de parentesco aí. Por que ele não ligou para saber como você estava?

Dei de ombros.

— Ele virá hoje ou amanhã para me verificar. Ele sabia que se precisasse dele, eu teria ligado. Não é a primeira vez que lidamos com a polícia ou somos detidos sob a mira de uma arma. Foi apenas a primeira vez que isso aconteceu aqui.

Ao ouvir vozes do outro lado da porta, reconheci o tom elevado de Pialto.

— Eu vou garantir que P não mate seu homem.

Ashton voltou para o computador.

— Claro. Porque *esse* é o cenário provável. E por enquanto, Elijah não é meu homem. Ele é seu.

Aham, claro. Eu não tinha ideia do que isso significava.

Pialto estava logo na porta, com a mão levantada quando me viu.

— Quem é? O que está acontecendo?

Fiz um gesto para Elijah.

— Ele é uma família para mim.

Elijah estava me observando, mas não reagiu e apenas se afastou.

Pialto alisou a camisa e o cabelo antes de esticar o pescoço

enquanto contornava Elijah. Apontei para a extremidade mais distante do bar e nos amontoamos lá.

— O que está acontecendo? — ele sibilou.

Odiei dizer isso:

— Ashton Walden está aqui.

Sua cabeça recuou enquanto ele me lançava o mesmo olhar que acabara de lançar para Elijah.

— Você perdeu a cabeça?

— Mantenha a voz baixa, e não. — Coloquei o dedo na boca antes de dizer baixinho: — Não tenho exatamente uma palavra a dizer sobre o assunto. Ele está aqui, quer eu queira ou não.

— Onde? — Ele estava olhando em volta.

— Meu escritório.

— Seu escritório?! — outro silvo dele.

— Sshh. — Porém, o cara Elijah não parecia preocupado. Ele estava focado na porta que dava para a saída dos fundos. — Escute, sei que você deveria trabalhar, mas não quero você aqui...

— Cale a boca. Você me ouve? — Tantos assobios. — Desculpe. Calma. Não estou feliz com este novo desenvolvimento, mas somos uma família. Nós protegemos um ao outro. Se você está aqui, estou aqui, mas, novamente, por que o cara da Máfia está aqui? Ele tem uma paixão repentina por você ou algo assim? — Ele ergueu a mão, recuando, e sua voz aumentou um pouco. — E, para que conste, não estou de acordo com esse desenvolvimento se acontecer. Você me ouviu, Srta. Molly Everly Easter?

— Ok. — Levantei um dedo de volta. — Um, não é bem assim. E dois, também não o quero aqui.

— Bom. Então vamos conspirar para tirá-lo daqui. Como faremos isso?

Todos os pontos positivos.

— Eu não faço ideia.

— O que ele quer?

Outra questão sólida.

— Eu também não tenho certeza sobre isso.

Seus olhos se arregalaram e ele soltou um som frustrado.

— O que você sabe que pode ajudar de alguma forma?

— Ele está fazendo perguntas sobre o detetive Worthing. Acho que ele está aqui porque acha que Worthing vai voltar.

— Bem, *isso* é alguma coisa.

Eu balancei a cabeça.

— Vamos ligar para o detetive. Fazer com que ele venha aqui mais cedo, em vez de esperar. — Ele começou a pegar seu próprio telefone.

Eu o parei.

— O quê? — Ele fez uma pausa em seu telefone.

— Não sei. Não gosto de policiais. — Eu não contaria como Ashton já havia dito que precisava que eu fizesse algo por ele. Estava presumindo que tinha algo a ver com o detetive Worthing, porque a verdade é que eu estava apenas brincando até descobrir uma maneira de colocar o Easter Lanes totalmente em meu próprio nome. Eu não tinha ideia de como fazer isso, porque sabia que seguir o caminho legal não funcionaria nesta situação.

— Você é amiga de uma.

— Ela não era policial e não é mais uma policial.

— Mesmo assim. Ela vinha muito aqui.

— Eu sei, eu sei, mas algo parece estranho. Talvez seja bom deixar tudo acontecer como deve?

— Hum, não. Não, não, não. Aprendi muitas coisas em meus 33 anos nesta terra, e deixar as coisas acontecerem quando você sabe que uma catástrofe está chegando não é uma atitude inteligente. Você não deixa isso acontecer organicamente. Você assume o controle e contém essa merda. — Ele ergueu o telefone e deu um passo para trás. — Agora, você quer negação? — Ele apontou para trás de mim. — Dê um passo para trás e mantenha-se ocupada.

Eu gemi.

— P.

— Agora, querida coelhinha. — Seu tom ficou suave. — Deixe-me fazer isso. É melhor tirar os dois lobos do nosso galinheiro, se é que você me entende.

Eu não tinha um bom pressentimento sobre isso. Não tinha, não tinha, não tinha, e não consegui tirar essa frase da cabeça enquanto voltava para trás do balcão com pernas de madeira. Meu corpo inteiro travou, mas então a campainha tocou acima da porta novamente e vi os primeiros clientes do dia chegando.

Não importava o que acontecesse, eu ainda tinha um negócio para administrar.

CAPÍTULO 9

Ashton

Todo o seu sistema era decrépito. Ela ainda estava operando com um livro-razão manuscrito. O mínimo era informatizado. Eu estava ficando com dor de cabeça só de olhar para a tela do computador. Parecia tão antigo quanto o primeiro computador já criado.

Meu telefone estava vibrando.

Empurrei para trás a cadeira da escrivaninha, que dava uma boa visão do Easter Lanes quando estendi a mão para pegá-lo.

— Sim?

Silêncio, depois um rosnado.

— Você está no Easter Lanes?

Este era o detetive Worthing.

Levantei-me, com o telefone pressionado no rosto enquanto olhava para a janela onde podia ver Molly atrás do balcão. Ela estava ajudando alguns clientes, mas lá. Eu vi. Sua cabeça estava dobrada. Seus ombros curvaram-se para a frente. Ela estava olhando em volta. Os clientes foram embora e ela permaneceu no mesmo lugar, a mão pegando um pano e limpando o mesmo círculo repetidamente enquanto seus olhos percorriam o local.

O que ela fez?

— Devemos esperar uma visita surpresa sua em breve?

Uma risada seca novamente, cáustica no final.

— Não posso dizer que seria uma surpresa, considerando que recebi uma ligação em meu celular pessoal dizendo que se eu quisesse questionar a Srta. Easter, hoje e dentro de uma hora seria um bom momento.

Meu corpo ficou frio.

— Ela mesma ligou para você?

— Ela não. Penso que foi um de seus funcionários. Ambos pareciam muito protetores com a Srta. Easter quando os questionamos outra noite.

Eu não estava gostando do jeito que ele disse o nome dela.

— Ela não faz parte desta guerra.

— Permita-me discordar. A propósito, o que você está fazendo no local de trabalho dela?

Eu grunhi.

— Estou transando com ela. Que tal isso como resposta?

Ele ficou em silêncio por um segundo.

— Você está brincando comigo?

Agora meu corpo entrou em alerta.

— Por que eu iria brincar sobre quem levo para minha cama?

— Jess Montell era uma boa oficial. Deixe outra como ela em paz.

— A menos que meu instinto esteja mentindo para mim, tenho quase certeza de que Molly Easter não tem absolutamente nenhuma afinidade com a aplicação da lei.

— Você sabe o que eu estou dizendo. Ela é inocente.

— Então por que a ligação, detetive Worthing? Por que o interesse repentino por ela? Você faz parte do Crime Organizado. Por que você seria designado para um simples roubo se pensava que ela era tão inocente?

Ele mordeu uma maldição.

— Você sabe por quê. Todo mundo sabe por quê. Agora ouça, recebi a ligação e tenho que reportá-la, então isso significa que meu parceiro e eu iremos ao Easter Lanes para interrogar Molly Easter. Esta ligação é uma cortesia, porque você costumava me pagar.

Voltei a sentir frio.

— Sim, pagava, até que sua família matou a minha. Lembre-se disso. Vejo você quando chegar aqui.

— Ashton, eu não fiz esta ligação para fins de guerra. Estou ciente de que há um cessar-fogo...

— Mas você ainda quer interrogar Molly Easter por causa da ligação dela com minha família.

— *Interrogar* é uma palavra forte. Questionar, sim. Faz sentido. O pai dela tem ligações com o seu. Você sabe para onde fui transferido.

— Nós dois sabemos que teria sido um interrogatório. Disseram-me que você estava no hospital para vê-la, mas não estava lá quando cheguei. Por que você saiu?

— Quando a enfermeira Sloane diz para sair e voltar mais tarde, você sai e volta mais tarde.

Enfermeira Sloane novamente.

— Você conseguiu alguma pista sobre o assassinato do meu irmão? Eu sei que há um entendimento entre você e meu primo.

E foi isso para mim.

Encerrei a ligação, ainda observando Molly enquanto ela fingia lavar o mesmo local mais uma vez.

Todo o seu corpo estava tenso. Seus olhos estavam correndo ao redor. Ela estava nervosa.

Por que eu estava aqui? Como se eu não tivesse outras coisas para lidar hoje. Outros negócios. Outros familiares querendo respostas para acontecimentos que eu ainda não sabia. Mas eu estava aqui.

O que eu estava fazendo?

Naquele dia, naquela manhã, há muito tempo. Éramos crianças e ela não tinha ideia do que tinha acontecido, mas eu tinha. Eu sabia

quem ela era. Eu sabia por que ela estava lá. Eu não sabia os detalhes, mas não precisava saber. Cresci vendo vigaristas entrando e saindo da casa do meu avô. Poderia cronometrá-los no segundo em que seus carros parassem em nosso quarteirão. Sabia a posição que ocupavam entre os trabalhadores da minha família, quão pouco se pensava neles ou quanto respeito tinham. Seu pai não tinha nenhum. Ele era o fundo do poço, e sempre soube disso, mas então ele a trouxe, e eu soube o que ela havia perdido naquele dia.

Ela olhou para cima, assustada, sozinha numa casa de mafiosos. Ela não deveria estar lá.

Então ela me viu e eu reconheci o olhar. Ela achava que eu era um garoto fofo, só que mais. Como se eu fosse um cavaleiro de armadura brilhante. Por um breve momento, tão breve, mas que ficou gravado para sempre na minha cabeça, ela olhou para mim como se eu estivesse ali para salvá-la.

Isso foi o que mais me irritou.

O trabalho do pai dela era protegê-la, e ele a estava traindo no escritório que acabei de deixar.

Ela não tinha ideia sobre nada disso, ainda não tinha.

Era isso que eu estava fazendo aqui e precisava reconhecer isso. Eu precisava me livrar disso, porque estava sentindo desde aquele dia. Carregando essa merda. Já era tempo. Finalmente. Porra, contar tudo a ela para que eu e ela pudéssemos seguir em frente sem carregar o fardo de outra pessoa, quer soubéssemos que estávamos carregando ou não, e isso não tinha nada a ver com o pai dela.

Tinha a ver com a mãe dela. E a minha.

Mas isso era algo para desembaraçar outro dia.

Eu estava aqui. Já tinha contado a ela o suficiente para iniciar esse processo.

Molly nem precisava saber sobre a verdadeira propriedade de seu negócio. Seu sistema era antigo, mas o negócio estava indo bem. Ela continuaria a fazer tudo certo. Era lucrativo, e eu poderia ter divulgado nossa reivindicação posteriormente, exigido o pagamento pelos lucros que não nos foram pagos, ou poderia ter transferido tudo legalmente para o nome dela, e ela nunca saberia.

Eu ainda poderia fazer isso.

Então, novamente, isso não seria muito máfia da minha parte.

CAPÍTULO 10

Molly

— Você fecha cedo nas noites de domingo?

Quase gritei quando pulei para trás.

Agarrei-me ao balcão, olhando para ele atrás de mim.

— Por que você ainda está aqui? O que você realmente quer de mim?

Eu estava carrancuda enquanto ele se acalmava, estreitando os olhos, e tive a imagem de uma cobra levantando a cabeça, olhando para quem estava prestes a atacar.

Um arrepio percorreu minha espinha e balancei a cabeça, tentando limpar a imagem perturbadora da minha mente. Então me lembrei do que ele havia perguntado originalmente.

— Nós fechamos. Às dez. — Olhei para o relógio. Eu fiz Pialto sair há uma hora, junto com o resto da equipe. Eu poderia cuidar dos últimos três clientes, mas eles também tinham saído. Eu estava ignorando o aperto no estômago, porque não achava que Ashton se lembrasse do que geralmente acontecia nas noites de domingo aqui.

— Por quê?

A campainha acima da porta tocou novamente e olhei, meio que esperando que um de nossos clientes voltasse. Muita gente esquecia os casacos, mas não era um cliente. Dois homens estavam entrando, seus distintivos brilhando sob as jaquetas enquanto se moviam. Olhos mortos.

Policiais. Eu saberia sem os distintivos ou as armas nas laterais.

Além disso, eu conhecia um. O detetive Worthing finalmente apareceu.

A polícia sempre me fez sentir da mesma forma, como se minha vida estivesse prestes a ser fodida. De novo. Foi um padrão que se repetiu.

— Molly Easter? — O primeiro policial se aproximou, mostrando-me seu distintivo. Esse era o que eu ainda não conhecia. Ele tinha cabelo castanho-claro, parecendo que poderia se encaixar em um clube de campo ou no meio de um tiroteio. Lindos olhos azuis. Branco. Seu nariz foi quebrado em algum momento de sua vida. Havia um mergulho na ponte do nariz. O outro policial que veio com ele era o oposto em vários aspectos. Características sombrias. Cabelo. Olhos. Havia um ar perigoso que o rodeava, um pouco mais que o de seu parceiro.

Ele também estava olhando para Ashton. Duramente.

— Eu sou o detetive Monteyo. É um prazer conhecê-la oficialmente. — O primeiro se apresentou antes de guardar o distintivo. — Importa-se se lhe fizermos algumas perguntas...

— O que você está fazendo aqui? — Worthing interrompeu, com a voz áspera. A pergunta foi dirigida a Ashton.

Uma nova série de arrepios percorreu meu corpo e tive a nítida impressão de que nada era o que parecia agora.

Eu ouvi a resposta fria de Ashton, mas também pude ouvir alguma diversão sombria dele.

— O que você quer dizer? Conversamos horas atrás sobre você estar chegando. Você disse em breve, mas está quase na hora de fechar. Por que demorou tanto?

Prendi a respiração.

Senti um arrepio se instalar quando os olhos de Worthing assumiram um efeito de raiva.

— Desculpe?

Monteyo congelou no lugar, mas tossiu, olhando para Worthing antes de falar.

— Fomos informados de que a Srta. Easter havia retornado ao seu local de trabalho e, como estávamos comprando comida na área, decidimos que poderíamos passar por aqui. — Ele se concentrou em mim; seu sorriso foi forçado. — Fazer alguns trabalhos preliminares antes que a semana comece amanhã, sabe?

Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

— Eu sou dona deste negócio. Não é apenas meu local de trabalho. — Enviei a Ashton um olhar fulminante, porque isso *seria* problema meu novamente. Nesse ponto, eu faria tudo e qualquer coisa para afastar isso da família dele e do meu pai, e até mesmo da família da Máfia West também.

Eu estava tão cansada deste mundo.

Ashton era ilegível. Seu rosto era feito de granito, mas seus olhos encontraram os meus antes de deslizarem sobre minha cabeça e pousarem nos detetives.

— Vocês têm perguntas para a Srta. Easter?

Nenhum dos dois se moveu, mas Monteyo tossiu novamente, pigarreou e deu um passo à frente. Ele puxou um bloco de papel e me questionou sobre o roubo. Respondi com honestidade, exceto pelo trecho em que usei o nome da família Walden para assustar o ladrão.

Monteyo franziu a testa.

— Então você acha que ele mudou de ideia por causa do seu pai?

Eu bufei.

— Você conheceu Marcus Easter? Ele é a cria de Satanás. Se você ainda não o conheceu, sugiro ficar longe. Ele é uma maldição da qual você nunca se livrará, não importa o quanto tente abalá-lo. Ele é como um fiapo imune a um rolo de fiapos. — Estremeci com a magnitude da verdade ali.

Eu nunca terminaria com a merda do meu pai na vida.

— Uh. Sim. — O detetive Monteyo rabiscou uma última coisa antes de guardar seu bloco. — Quer explicar por que um empresário com ligações proeminentes e conhecidas com a Máfia está atrás de você agora?

Abri a boca, mas sim. Eu não tinha nada.

Uma mão tocou meu lado. Ashton estava se movendo.

Os dois detetives viram o movimento, seus olhos pousaram na mão dele, mas naquele momento a campainha acima da porta tocou novamente e a voz do meu pai soou:

— Filha! Filha! Você está aqui ou... — Ele parou derrapando, sua jaqueta cargo enorme caindo na frente dele.

Marcus Easter sempre parecia meio sem-teto, principalmente porque acabava dormindo muitas noites nas ruas, mas esta noite ele parecia pior que o normal. Cabelo bagunçado e oleoso, meio amassado no lado esquerdo da cabeça. Ele usava jeans e um moletom por baixo da jaqueta, mas as pontas estavam furadas. O jeans parecia usá-lo, e não o contrário. As pontas se arrastavam pelo chão e parecia que ele estava usando mocassins nos pés.

— Oh, ei, ei, ei. — Ele ficou boquiaberto para todos antes de seus olhos se arregalarem e ele se virar, já voltando de onde tinha acabado de vir.

Senti um movimento ao meu lado, e então Elijah veio por trás dele, suas mãos apertando os lados dos braços do meu pai. Suas mãos eram enormes e estavam meio apoiadas nos ombros do meu pai.

— Ei! O que você está fazendo?! Deixe-o ir. Deixe-o ir — eu disse. Meu pai estava magro e estava tentando se desvencilhar do aperto de Elijah, mas ele tinha 1,90m e uma constituição sólida, onde eu não achava que ele tivesse qualquer gordura. Meu pai não tinha chance.

Então meu pai deu uma boa olhada em Elijah e sua voz sumiu.

— Espere um minuto... — Ele ficou tenso novamente. Sua cabeça se levantou, como a de um pássaro, e ele se virou, olhando, observando, olhando para mim e observando, depois olhando atrás de mim, e parecia que os globos oculares do meu pai queriam realmente saltar para fora de seu crânio. Eu vi a parte branca na parte de trás de seus olhos antes de ele começar a balançar a cabeça, recuando para trás, mas Elijah estava lá, e ele apenas grunhiu antes de pegar meu pai e trazê-lo para mais perto do grupo.

— Olá, Marcus. — Isso veio de Worthing.

O olhar do meu pai estava fixo em Ashton antes de ele se virar para quem havia falado, e seus olhos se fecharam, sua cabeça caiu para trás e ele soltou um gemido dramático.

— Você está brincando comigo?

— Shorty. Como está indo?

Monteyo foi para o outro lado.

— Tenho certeza de que temos três mandados de prisão contra você. — Ele estendeu a mão para as costas e tirou um par de algemas.

— Ah, vamos lá, pessoal! Assim não. — Ele acenou com a mão para mim. — Na frente da minha filha. E no domingo? Eu esperava entrar para uma refeição quente. Com a minha filha.

Uma refeição quente? Comigo?

Eu.

Estava.

Vendo.

Vermelho.

VERMELHO!

Noite de domingo?

Comigo?

Uma maldita refeição *quente*?

Depois do que *ele fez comigo*?!

Rosnei e fui em direção a ele, ou teria feito isso se Ashton não tivesse me segurado no lugar.

— Relaxe — ele disse baixinho. Ele tinha um braço em volta da minha cintura, apertando-me contra ele. Seu peito estava firmemente atrás de mim.

Eu não conseguia.

Eu simplesmente não conseguia. O que meu pai fez? Ele não era um pai para mim. Quando ele foi um pai para mim?

Eu queria matá-lo. Eu queria pegar sua cabeça, torcê-la e arrancá-la de seu corpo.

Eu queria me banhar em seu sangue.

Eu estava desequilibrada. Totalmente consciente disso, mas este era ele. Isso era o que meu pai fazia comigo. Ele tinha a habilidade de apertar o botão, e meu interruptor ser totalmente virado.

— Marcus Easter, você está preso. — Monteyo fez sinal para que ele se virasse e, ao fazê-lo, Monteyo colocou-lhe as algemas.

Worthing estava observando Ashton, que estava tão frio quanto a porra de um gelo.

Eu queria cometer um assassinato na frente desses policiais, mas não. O chefe da Máfia era totalmente não reativo e era o Sr. Matador. Então, novamente, provavelmente foi por isso que ele fazia o que fazia.

Enquanto Monteyo lia seus direitos para meu pai, ele virou a cabeça em minha direção.

— Docinho. Querida. Ouvi o que aconteceu com você e fiquei preocupado...

Avancei, mas Ashton ainda me segurava. Gritei:

— Dois dias atrás, pai! Pai. Pai, minha bunda. Você... — Uma mão tapou minha boca.

Eu não estava aceitando; eu não era burra, no entanto. Ele estava sufocando minhas palavras por um motivo, a aplicação da lei por um lado, mas eu estava além da razão. Eu odiava Marcus Easter. Odiava-o. Odiava-o. Eu estava planejando seu funeral na alegre ocasião em que ele fosse morto. Por mim.

Por mim e minha pá.

Sim. Eu. Minha pá. O meu pai.

Monteyo terminou de ler seus direitos para meu pai e olhou por cima, com as sobrelanceiras baixando.

— Você a tem sob controle?

Os olhos do meu pai se arregalaram.

— Sob controle?

Eu ainda estava gritando com ele, a mão de Ashton cobrindo minha boca, mas agora comecei a alcançá-lo. Ashton era como uma parede de cimento. Eu não conseguia me mover nem um centímetro, então tentei chutá-lo, embora isso fosse apenas uma experiência cômica, porque Monteyo começou a levar meu pai até a porta.

Worthing ficou para trás, recuando até que seu parceiro e meu pai passassem pela porta. Ele parou.

A mão de Ashton caiu da minha boca e eu quase caí para frente, mas me segurei.

Eu me acalmei, porque uma consciência totalmente nova tomou conta da sala, com apenas aqueles dois se encarando.

— Realmente? — Worthing perguntou, embora soasse mais como uma afirmação.

As palavras de Ashton saíram como gelo.

— Realmente.

Worthing aproximou-se da porta.

— Não precisamos ser inimigos.

— Seu sobrenome diz o contrário.

Seu telefone fez um zumbido. Ele agarrou-o, mas deu uma última olhada demorada em Ashton antes de sair.

Virei-me para Ashton.

— O que foi isso?

Nenhuma reação. Nada. Ele apenas se virou para mim.

— Ele acha que estamos transando, e agora seu pai também pensa. Isso é lamentável para ele.

Porra?! O quê?

Por que...

— Saindo, chefe? — Elijah perguntou.

Ashton acenou com a cabeça e Elijah também saiu.

Meu sangue ainda estava bombeando, mas consegui pensar com um pouco mais de clareza. Segui Ashton enquanto ele se dirigia ao meu escritório.

— Você disse a ele o quê? Por quê? Você me disse que queria me usar para fazer algo por você. Pensei que fosse sobre a polícia. Foi para isso? Sexo? Você e eu? O que foi tudo isso?

Meu coração estava acelerado.

Ashton se aproximou e começou a desligar meu computador, que agora eu estava percebendo que tinha uma aparência totalmente nova na tela antes de ficar preto. Apontei para ele.

— O que você fez com meu computador?

Ashton me ignorou, voltando e dobrando o casaco no braço. Ele gesticulou para que eu fosse na frente dele e trancou meu escritório atrás de nós.

— Você está assumindo tudo.

Ele mal piscou, suas mãos encontrando meus quadris e gentilmente me empurrando para frente dele.

— Onde está seu casaco? Suas coisas?

Eu ainda estava franzindo a testa para ele, olhando para o meu escritório, então ele se afastou e foi para trás do balcão. Eu já tinha fechado a caixa registradora, mas ele se abaixou e se endireitou, com meu casaco e bolsa na mão.

— Suas chaves?

Apontei para a bolsa.

— Aí.

Ele a estendeu para mim, voltando para mim.

— Eu preciso que você tranque atrás de nós.

— O quê? — Peguei minha bolsa e tirei as chaves. Fui até a porta dos fundos e testei a maçaneta. Já estava tudo trancado. Eu tinha que agradecer a Pialto ou Elijah por isso. A última porta era a porta principal, não aquela por onde eu normalmente saía, mas hoje parecia que todo o tema estava fora da rotina normal. Saímos e eu bati nas fechaduras.

Um Escalade preto parou na nossa frente. Ashton abriu a porta de trás.

— Vamos.

— Você está me dando uma carona para casa? Porque isso seria legal. Quer dizer, eu pego o trem.

Ele esperou até eu entrar, entrou atrás de mim e fechou a porta.

— Não. Vamos jantar.

— Eu não quero jantar com você. — Talvez conversar com ele sobre meu pai fosse uma boa ideia. Gostaria de saber, se eu o matasse, haveria repercussões contra mim? — Quero dizer, claro. Eu adoraria

jantar.

— É hora de conversarmos sobre o dia em que você esteve na casa do meu avô.

Pisquei para ele. Então piscou novamente.

— Hum?

Sua boca se apertou enquanto ele olhava pela janela.

— Exatamente.

Nós nos afastamos e olhei para trás, sentindo algo afundando em mim.

Esta noite teria sido a noite em que Kelly e Justin viriam jogar boliche com seus amigos.

CAPÍTULO 11

Molly

Ele me levou ao Pedro's, um pequeno restaurante muito exclusivo do qual a maioria das pessoas só ouvia falar. Quando paramos, passando por um beco e seguindo pelo que parecia ser a porta dos fundos, pude atestar o quanto já me sentia especial. Uma entrada nos fundos. Dois garçons apareceram, vestidos com calças e camisas pretas e aventais creme de boa qualidade, para nos cumprimentar. O chef saiu quando chegamos à porta e abraçou Ashton, falando em espanhol.

Estávamos recebendo esse tratamento especial por causa de Ashton, por causa de quem ele era. Ashton era a Máfia. Captei os olhares dos funcionários através das janelas. Essas pessoas sabiam disso.

Eles estavam todos assistindo.

Não consegui entender o que estava sendo dito, mas foi lindo de ouvir, um momento comovente de testemunhar, e então o chef veio até mim e segurou minha mão entre as suas. Ele estava falando de novo, piscando para conter as lágrimas.

Achei que Ashton iria traduzir, mas ele não o fez. Seus olhos estavam em mim, e eles voltaram à sua dureza normal. Um arrepio começou a percorrer minha espinha, mas parou no meio, porque Pedro ainda estava falando comigo. Ele era mais baixo que Ashton, mas mais alto que eu. Talvez uns cinco ou sete centímetros, e ele se manteve em forma. Suas mãos eram fortes. Quando ele terminou, ele estendeu a mão e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, dizendo uma última frase antes de se voltar para Ashton. Ele agarrou-o pelos lados dos braços, deu-lhe um sorriso brilhante e radiante de boca fechada e gesticulou para que o seguissemos para dentro.

Ashton deu um passo para trás, deixando-me ir na frente dele, e colocou a mão na parte inferior das minhas costas.

Um tipo totalmente diferente de arrepio percorreu minha espinha desta vez, e eu estava me xingando internamente, porque olha quem é. Eu não precisava continuar achando esse homem atraente ou deixar que seus toques me afetassem de uma certa maneira. Mas quando a mão dele pressionou com um pouco mais de firmeza ali embaixo, não pude deixar de imaginar se ele continuaria se movendo para o sul e como eu também teria gostado desse toque.

O interior do Pedro's estava escuro, iluminado por velas por toda parte. Eu esperava que fossem velas de LED, mas pareciam reais. Eu podia ouvir outros clientes enquanto passávamos, mas apenas por meio de um murmúrio muito baixo de conversa e do tilintar de talheres em pratos. Não vi ninguém, e então fomos levados para uma

área nos fundos que quase magicamente se abria para um pátio. Acima havia um mirante, mas mais alto que isso, estrelas. Trepadeiras percorriam toda a extensão das paredes ao nosso redor e entrelaçavam-se nos postes de madeira acima. Uma pequena fonte estava instalada em uma das paredes, e a água corria quando saímos. O chão era de pedras, parecendo a Europa com paralelepípedos.

Uma pequena mesa no meio do pátio.

A mesa já estava posta com velas. Uma garrafa de vinho pronta. Pão. Azeite para mergulhar.

Meu coração parou por um breve momento, porque imaginei como seria em um encontro. Romântico. A garota seria como a Cinderela. Ashton estava agindo como um príncipe, ajudando-me a sentar no meu lugar antes de ir para o seu. Digno de desmaio. O vinho foi servido. A água estava sendo servida ao mesmo tempo, e um dos garçons disse algo a Ashton.

Mas isso não era um encontro.

Ele assentiu, seus olhos nunca encontrando os meus até o segundo em que ele saiu e fechou as portas de vidro atrás dele. Estávamos sozinhos.

Seus olhos se levantaram e me encontraram.

Eu fui eletrocutada no lugar.

— O quê?

— Pedro é um amigo da família. Você manterá suas reações para mim e o que estou prestes a lhe dizer para si mesma.

Ele não estava perguntando. Ele estava comandando. Eu corei, porque *caramba*.

— Eu teria feito isso de qualquer maneira. Você não precisava reiterar isso. É óbvio que Pedro é como um ser celestial neste plano. Senti isso logo que você se aproximou deste restaurante.

Ele franziu a testa, mas não comentou nada sobre isso.

Olhei por cima do ombro.

— Eles estão voltando para o nosso pedido?

Ele balançou a cabeça, recostando-se na cadeira e pela primeira vez respirando fundo.

— Pedro nunca deixaria isso acontecer. Ele está fazendo um banquete para nós. Se você perder o apetite durante a nossa conversa, posso pedir para embalar e levar para sua casa.

Ele já estava planejando que eu perdesse o apetite.

Seus olhos começaram a abaixar, mas se ergueram novamente. Eu estava presa no lugar mais uma vez.

— O que você sabe sobre sua mãe?

Fiquei tensa, mas levantei um ombro rígido. Isso veio do lado esquerdo.

— Ela foi viciada em drogas durante toda a vida. Por quê?

— O que você sabe sobre como ela morreu?

Agora era eu quem estava ficando como chumbo.

— Ela morreu usando drogas. Foi um negócio de drogas que deu errado. Tentou enganar o revendedor. Em vez disso, ele a matou.

Ele estava me estudando. Eu não conseguia me livrar de como ele parecia estar vendo dentro de mim.

— Você sabia que nossas mães eram amigas? — Sua voz era quase rouca, mas inflexível.

— O quê?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Sua mãe. Minha mãe. Elas eram amigas. Você sabia disso?

Eu estava repassando minhas memórias.

Rindo com minha mãe.

Abraçando-a.

Ela lia para mim, colocava-me na cama à noite, mas depois ela morreu, e meu pai preencheu os espaços em branco.

Ela era viciada em drogas.

Ele me disse que eu não deveria acreditar no que lembrava.

Minhas memórias estavam erradas.

Minha mãe era fria. Severa. Ela apenas me usou. Meu pai me contou a verdade sobre ela.

Tinha onze anos quando minha mãe morreu. Morei com meu pai alguns anos depois, mas ele ficava me contando como ela era e eu... parei de pensar nela. Depois fui para um orfanato e parei de pensar nos dois.

Ou tentei...

Minha mãe, no entanto.

Eu me senti tão pequena agora.

— Eu não sabia que ela era amiga da sua mãe.

— Na manhã em que ela morreu, seu pai levou você para a casa do meu avô. Você se lembra daquele dia?

Eu fiz uma careta, engolindo um carço. Minha garganta estava queimando. Meu peito parecia que ia implodir sobre si mesmo.

— Lembro-me daquela manhã. Lembro de ter visto você, mas..... foi naquele dia? Não me lembro dessa parte.

Seu olhar estava se enterrando em mim. Eu podia sentir isso.

— Você estava sentada no banco do nosso corredor, aquele que fica ao lado da escada. Seu pai entrou na biblioteca do meu avô quando eu estava saindo e vi você. Você me viu.

A memória começou a tremer, com mais clareza.

Um cômodo. Uma parede.

Homens. Muitos homens estavam lá, todos parados como se estivessem esperando por alguma coisa. Eles estavam nervosos.

Eu estava com medo. Eu não queria estar lá.

Eu fiz uma careta.

— A parede atrás do meu banco tinha um padrão. Escadas de madeira.

Sua voz ficou monótona.

— Sim.

— Essa foi a manhã em que minha mãe morreu? — Eu estava começando a me lembrar. — Meu pai me contou mais tarde. Ela nos deixou, eu e papai, e foi comprar drogas...

— Não. — Isso saiu plano. Duro.

Levantei meus olhos para os dele, acalmando-me.

Um brilho cruel apareceu em seus olhos. O resto dele voltou a ser envolto em pedra.

— Ela morreu na noite anterior. Foi na noite anterior ao seu aniversário. — Ele estava quase implacável agora. — As duas morreram naquela noite. Seu pai apareceu na manhã seguinte. Ele ofereceu um acordo ao meu avô.

Eu me sentia doente.

Meus membros estavam ficando dormentes.

— O acordo fechado foi que seu pai teria permissão para continuar jogando em nossos cassinos e por meio de nossos corretores de apostas, e ele sempre teria tempo para pagar suas dívidas. Ele sabia que seu tempo estava se esgotando conosco. Ele fez um acordo com sua mãe para manter minha família longe dele.

Não, não. Eu não... eu não gostava disso, do que quer que ele estivesse prestes a dizer. Eu senti isso nas minhas entranhas.

— Eu não entendo. O que você está dizendo?

— Estou dizendo que minha mãe queria comprar drogas e insistiu que *sua* mãe fosse com ela. Sua mãe não quis ir durante o dia, porque era seu aniversário. Era quando elas normalmente iam ao revendedor habitual da minha mãe, mas por causa do seu aniversário, elas foram a um novo revendedor na noite anterior. O negócio deu errado. Ambas foram mortas.

Eu estava congelada.

Não...

— A outra verdade? Sua mãe nunca usou drogas. Minha mãe usava. Sua mãe foi simplesmente estúpida ao tentar ser uma amiga gentil, mas seu pai se ofereceu para mudar a narrativa. Dizer que sua mãe foi buscar a própria droga, porque era viciada em drogas. Minha mãe morreu no fogo cruzado tentando salvar a sua. Foi isso que seu pai ofereceu pela própria pele. Ele ofereceu a reputação da sua mãe ao meu avô.

Meus olhos estavam ardendo.

Minha mãe?

As lembranças dela? Elas eram reais?

Eu balancei minha cabeça.

— Por que ele iria... — Eu sabia por que ele faria isso.

— Sua mãe não tinha onde morar quando seu pai a conheceu.

Assenti, atordoada. Eu queria dizer que ela tinha pessoas que se importavam com ela, que a conheciam, mas não era verdade. O que ele disse era verdade. Ela me tinha, só eu.

— Sem avós. Seu pai era filho único. Foi fácil inventar outra mentira. A criança já tinha sido enganada durante toda a vida. Fácil como uma torta. Foi o que seu pai disse ao meu avô. — Ele riu disso.

Eu estava naquele banco, sentada. Abraçando-me. Meu pai entrou e todos aqueles homens gigantes se moveram para abrir espaço para ele. Eles não gostavam dele.

Eu estava quase lá de novo, *sentindo* o gosto do meu medo.

Eles odiavam meu pai, mas isso não era novidade. Eu mal registrava isso, mas o fiz naquela manhã, porque parecia errado, não querendo que meu pai entrasse quando normalmente eu sabia que era melhor quando ele estava fora.

Então Ashton saiu. Eles se ignoraram e o olhar que Ashton deu ao meu pai.

Ele o odiava. Ele queria matá-lo. O escárnio. O desdém e uma onda surgiram em mim.

Ele era fofo. Tão fofo.

Não me lembrava do que ele estava vestindo naquele dia, apenas de sua aparência e de como eu sabia, não importava quantos anos ele tivesse, que ele tinha escuridão dentro dele.

Ele poderia fazer o que eu não podia e, mesmo naquela época, eu não queria admitir o que queria fazer.

Essa escuridão dentro de mim.

Eu queria ficar longe do meu pai.

Ashton, aquele garoto passando por ele, poderia fazer isso por mim.

Eu sabia disso então, e é por isso que nunca o esqueci. Eu não consegui.

Ele era o garoto mais lindo e fofo que eu já tinha visto. Lindo cabelo preto pelo qual ele estava passando a mão. Olhos tão escuros que eu tinha certeza de que eram pretos. Os cílios que os emolduravam, longos e enrolados perfeitamente. E mesmo naquela época, aos onze anos, eu sabia que ele cresceria e seria fascinante.

O que ele tinha sido.

O que ele era, e aquele queixo esculpido se contraiu enquanto ele me observava.

— Você foi meu desejo de aniversário — eu sussurrei.

— O quê?

Tão burra.

— Era meu aniversário. Eu vi um menino fofo. — Olhei para ele. — Depois, meu pai me comprou um cupcake de aniversário e, quando apaguei a vela, desejei você.

Seus olhos ficaram abatidos e então ele piscou, e eles voltaram a ser cruéis. Fácil como uma torta.

— Por que você está me contando isso? — perguntei.

Suas narinas dilataram-se.

— Porque odeio minha mãe e odeio que todos pensem que ela é uma boa pessoa quando eu sei a verdade.

Por que ele... que filho queria que a verdadeira reputação de sua mãe fosse revelada? Eu estava balançando a cabeça.

— Isso não faz sentido.

— Tenho meus motivos.

— Mas por que agora? Por que... — Eu não conseguia entender tudo isso. Meu pai. Minha mãe. A mãe dele. As mentiras.

A lavagem cerebral.

Meu pai fez lavagem cerebral em mim por quanto tempo?

— Estou lhe contando isso porque preciso da sua ajuda com uma coisa.

— Com o quê? — Eu não queria ouvir mais nada. Não queria ser puxada ainda mais para isso do que estava, fosse lá o que fosse.

Comecei a empurrar minha cadeira para trás. Minhas mãos estavam começando a tremer.

— Preciso que seu pai faça algo por mim.

— O quê?

— Preciso de um rato na rua, e esse acordo foi feito entre seu pai e meu avô. Sempre odiei seu pai. Nunca escondi isso, então agora, quando preciso de algo dele, não acredito que ele vá entregar. Se ele fizer isso, eu não posso acreditar ser a informação verdadeira. Isto é muito importante. Ele poderia facilmente me enganar, o que ele faz de melhor. Existem outros caminhos que eu poderia seguir, mas..... estou tentando um jeito diferente, um jeito menos torturante. Você.

— Pare. — Eu não queria nada com isso. Com ele. Não com o que ele tinha acabado de me dizer.

Empurrei minha cadeira para trás e segui para a porta. Estendi a mão para pegá-la, minha mão tocou-a, e então fui puxada para trás.

— Não!

— Estou contando a verdade. Verdade por verdade. Eu odiava minha mãe. Eu odiei o que foi dito sobre ela. Fui forçado a engolir essas mentiras, enquanto *sua* mãe foi tirada de você. Eu a estou devolvendo para você. Todas as cartas estão na mesa agora e preciso da sua ajuda. — Ele me transformou, no meu espaço. Suas mãos eram surpreendentemente gentis quando tocaram meus braços. Ele me moveu e eu fiquei encostada na parede ao lado da porta. Sua cabeça

estava inclinada para baixo, olhando para mim.

Olhei além dele, para o mirante, para as vinhas. Para as estrelas.

— Ela lia livros sobre as estrelas para mim. O céu noturno.

Eu mal registrei essas palavras, parecendo quebrada. Elas vieram de mim.

Os olhos de Ashton brilharam brevemente, de dor, mas ele os ajustou novamente.

— Há apenas uma pessoa com quem seu pai se preocupa além dele mesmo. Apenas uma outra pessoa que *poderia* convencê-lo a fazer alguma coisa.

Concentrei-me nas estrelas acima. Fingindo que eu estava entre elas. Flutuando livremente. Voando.

Ele se moveu ainda mais, mas não me importei. Eu gostava do calor. Isso me fazia sentir mais perto das estrelas por algum motivo.

— Você é filha dele. Se há alguém por quem ele poderia fazer algo, é você.

Meu pai. Ele tirou minha mãe de mim. Ele tirou o Easter Lanes de mim.

Meu pai era a razão pela qual eu estava viva, mas ele também era a razão pela qual este mundo era tão difícil.

— O que você precisa que eu peça a ele para fazer?

Eu queria continuar olhando para as estrelas.

Pela primeira vez, não havia crueldade brilhando para mim. Ele estava olhando para mim como se eu fosse uma pessoa real. Engraçado como essa não era a configuração padrão.

— Preciso que você peça a ele para descobrir quem matou Justin Worthing e Kelly. Muitas portas estão fechadas para mim, então preciso de um rato na rua. Seu pai é o melhor tipo de rato que existe, e se *você* pedir, ele fará isso. Por você. Você é a única.

Kelly. Justin. Outro nó estava de volta na minha garganta.

— Eu também era amiga dela — murmurei.

— Eu sei. É por isso que seu pai não questionaria o porquê se você pedir para ele descobrir.

— Então o quê? Se ele descobrir? Este era o seu jeito menos torturante?

— Eu vou dar a você o Easter Lanes. Você não deverá mais nada à minha família depois disso.

— E se Shorty não descobrir?

Suas narinas dilataram-se e ele me lançou um olhar duro.

— Certifique-se de que ele faça isso.

Assenti, fechando-me por dentro, isolando-me de tudo e de todos, porque era muito doloroso, mas eu precisava de mais uma coisa.

— Como posso saber se você realmente me dará o Easter Lanes?

— Eu vou. Eu não quebro minha palavra.

Eu olhei para ele, sustentando seu olhar, por causa de toda a sua reputação, nunca ouvi nada sobre ele voltando atrás em sua palavra.

Além disso, eu não tinha outra opção.

Eu dei um pequeno aceno de cabeça.

— Vou fazer com que ele descubra, mas não quero apenas o Easter Lanes.

Suas sobrancelhas franziram-se, apenas ligeiramente.

— O que mais?

Minha escuridão. Estava em mim. Às vezes, isso me deixava desconfortável. Esta noite, eu estava bem com isso. Deixei sair um pouco.

— Quero que meu pai vá embora, o mais longe possível de mim, e não me importa como você fará isso.

Ele nunca piscou.

— Feito.

Bom. Nós tínhamos um acordo. De certa forma, era um acordo cruel.

Eles trouxeram a comida assim que nos sentamos, e ele estava certo. Eu não comi.

Eu queria continuar olhando para as estrelas.

CAPÍTULO 12

Ashton

Era um festival de rua do bairro, mas já era tarde, quase meia-noite. Muitos se recolheram durante a noite, mas minha família não. Meu primo Marco pediu para eu passar por aqui.

Estacionamos na frente do festival e entramos.

Meus homens saíram primeiro, com Elijah abrindo minha porta.

Eu fui o próximo e senti a atenção. Não fiquei surpreso. Eu estava acostumado, tendo sido observado a vida toda, mas dessa vez foi diferente. Havia mais peso, mais responsabilidade.

Algumas crianças ainda brincavam, chutando uma bola de futebol. Um casal lutando com balões. Eles estavam gritando, rindo.

Era bom ver isso. Um momento de leveza em meio a essa noite pesada.

— Ashton. — Marco estava vindo em minha direção, passando a mão pela camisa. Ele estava bem-vestido, como eu. Sua mão estava estendida e nós apertamos as mãos, mas nos aproximamos e demos o típico beijo na bochecha. Por causa da nossa avó, era uma tradição familiar. Ele deu um passo para trás, observando-me e assentiu.

— Você parece bem.

Eu balancei a cabeça, encontrando seu olhar brevemente antes de olhar para o resto.

Nossas tias estavam lá atrás, todas sentadas na mesma mesa.

Nossa avó morreu há muito tempo, mas a perda de Benito e de nossos tios foi sentida por todos. Seria por muito tempo. Ao ver alguns dos outros homens da vizinhança, sabia sobre seus julgamentos. Deveria ter sido Marco a assumir a liderança. Eu não. Eu era o excluído entre eles comparado a ele. Marco, cuja mãe ainda estava aqui, cujo pai havia sido executado naquela noite. Meu próprio pai partiu anos atrás, e minha mãe morreu, como ela morreu...

A raiva explodiu dentro de mim quando me lembrei de como dei a notícia a Molly no início da noite.

A vergonha da minha mãe era pesada, tão pesada que penetrou dentro de mim, mas eu me abri e voltei a falar dela.

Era contra a nossa família sentir tanto desrespeito pelos mais velhos, mas que se danasse quem não sabia, porque eles não entendiam. E o fariam se soubessem a verdade.

O mundo entenderia.

— Vamos. A menos que você queira ficar conversando sobre política ou futebol, vamos comer alguma coisa. Ainda restam algumas empanadas. Ou choripán e salada. — Ele foi na frente, acenando para as pessoas enquanto íamos até a mesa, pegando seu *fernet*, seu

pequeno drink, no caminho.

Meus homens se espalharam, meio caminhando ao meu lado, mas quando Marco começou a me levar para a comida, parei na mesa dos homens. Eu precisava. Por respeito. Eu estava mostrando a eles, e eles estavam mostrando a mim, um por um, cada um se levantando. Eles apertaram as mãos nas minhas, expressando suas condolências. Cada um. Agradei, retribuindo meu respeito.

Marco deu um passo para trás, esperando até que eu terminasse.

Dei a volta completa na mesa até chegar ao último homem, que me ofereceu um gole de seu Malbec. Recusei e recuei.

Marco entrou.

— Tenho um prato pronto para você.

Ele estava me afastando e eu sabia o motivo. Tínhamos parceiros de negócios que estavam esperando em um dos cafés locais. Eles vieram especificamente para passar um tempo com a família Walden, e foi por isso que eu vim, porque eles queriam saber os planos para o futuro. Eu estava aqui para dizer a eles que nosso futuro estava seguro. Eu me certificaria de que fosse cumprido, mas dando um pequeno aceno para Marco, fui primeiro para a mesa das mulheres.

Minhas tias também precisavam me ver.

Neste momento, os negócios podiam esperar. A família vinha em primeiro lugar.

CAPÍTULO 13

Ashton

Dois dias depois, eu estava voltando ao Easter Lanes.

O funcionário, Pialto, gritou quando me viu e levantou as mãos. Os papéis que ele segurava foram espalhados por toda parte.

A funcionária saiu correndo da cozinha dos fundos, a porta balançando atrás dela, e ela também gritou. O som dela foi mais um grasnado quando pulou para trás, passando pelas portas. Mais gritos se seguiram. Barulhos estridentes e agudos logo se seguiram também.

Maldições.

Maldições em espanhol.

Franzi a testa, com a certeza de ter ouvido um palavrão em alemão também, mas então eu a senti chegando. O que foi perturbador, mas aconteceu, e ela saiu do escritório, as mãos já encontrando os quadris.

— O que diabos... — Ela me viu. Suas mãos caíram; o mesmo aconteceu com seu tom. — Oh.

Eu levantei uma sobancelha.

— Olá para você também.

Ela se virou, mas percebi o rápido lampejo de medo em seus olhos. Ela estava voltando para seu escritório e sua porta estava se fechando quando cheguei lá. Eu a segurei, empurrando para dentro, e fui eu quem a fechou. Tranquei.

— Saia. Você me disse o que fazer. Agora deixe-me fazer isso.

Mudei-me para o espaço dela.

Seus olhos se arregalaram, mas nos empurrei de volta contra a parede. Coloquei um braço ao lado dela, próximo à sua cabeça, e me inclinei.

— Seu pai ainda está na prisão.

Ela franziu os lábios, sua garganta subindo e descendo.

— Estou ciente. — Ela estava se concentrando em meu peito e sua mão começou a se estender, para me tocar.

Sim. Eu queria isso. Não estava questionando. E se eu estava aqui, eu a tocaria. Decidi nesse momento. Inclinei-me ainda mais, mas ela puxou a mão de volta.

Eu fiz uma careta com isso.

— Por que você não o resgatou?

Ela encolheu os ombros, mordendo o lábio.

— Quer dizer, a prisão parece ser a melhor opção para ele, não acha? Ele pode ficar sentado lá e apodrecer para sempre.

— Nós temos um acordo.

Sua mandíbula apertou e ela inclinou a cabeça para cima agora.

Agora. Aqui. Eu gostava de ter os olhos dela em mim.

— Você está sendo teimosa.

Seu queixo se levantou.

Mãe de Deus. Tentei novamente, movendo minha cabeça um pouco mais perto.

— Seu pai não pode descobrir quem matou Justin e Kelly se ele ainda estiver na prisão. Pague sua fiança.

Seus olhos brilharam para mim, desafiadores.

— Ele merece ficar sentado lá, suas entranhas apodrecendo e mofando na sua cela e... — Sua mão foi para meu peito. Ela a segurou ali. Eu não sabia se ela estava ciente de que estava me tocando.

Pressionei com mais força contra a mão dela.

— Tire-o ou o Easter Lanes nunca será seu. Não entendo o que você está fazendo ou não. Estou tentando descobrir quem matou seus amigos. Estou tentando fazer isso pelo meu melhor amigo, por Jess, e então tenho uma guerra inteira para enfrentar. Tire seu pai da prisão. Por que você está esperando? — Meu telefone estava vibrando e eu sabia que era Trace ou meu primo precisando de alguma coisa. Eu não queria atender. Fiquei irritado por precisar voltar, descobrir o que se passava na cabeça dela, mas não conseguia mentir para mim mesmo. Eu poderia ter ligado. Eu poderia ter feito uma ameaça ou um lembrete, mas vê-la pessoalmente era o que eu precisava.

Eu queria vê-la. Eu queria... gostava dessas interações com ela.

Meu telefone não parava de tocar. O mundo estava avançando. Eu tinha que ir. Eu tinha que cumprir meus deveres.

Sentindo quase frio, estendi a mão para a porta e comecei a abri-la.

— Não posso.

Eu me virei.

— O que você quer dizer?

Ela havia se mudado para sua mesa. Ela não estava olhando para mim, mas seus ombros estavam abaixados e ela estava mexendo na caneta que usava para cutucar seus papéis.

— Não posso. Eu só... se eu o vir agora, vou matá-lo. Você... ele tirou as boas lembranças que eu tinha dela, e isso é apenas a última coisa que ele fez comigo, que eu saiba. Você não pode – não conheço seu avô nem seu pai. Eu sei que você tinha tios, mas não tenho estômago para conversar com ele. Ainda não. É muito cedo.

Bem. Porra.

Fechei a porta atrás de mim.

— O que você precisa de mim?

Seus olhos piscaram ao me ver, e as pontas de sua boca se curvaram para baixo.

— O que você quer dizer?

— Eu preciso que você peça ao seu pai para fazer algo. Isso significa que preciso que você o resgate, primeiro passo. Você está impedida de fazer isso. O que posso fazer para ajudar a remover esse bloqueio e você aguentar a ideia de ver seu pai?

Ela levantou um ombro.

— Bater nele? Não sei... — Ela desviou o olhar.

Eu fiz uma careta, aproximando-me.

— Isso faria você se sentir melhor? Se eu batesse nele?

Sua cabeça se abaixou e ela estava batendo a caneta na mesa.

Eu olhei para ela, vendo a rigidez. A tensão, então parei um momento, um breve momento, e me coloquei no lugar dela. Eu considerei o que eu disse a ela, o que ela disse. A mãe dela. A verdade. O pai dela. Sua participação em como ele ajudou a tirar a mãe dela.

Meu intestino tremeu.

— Eu poderia fazer isso. Facilmente.

Ela olhou para cima, seus olhos nublados. A tensão ainda visível em seu rosto, apertando sua boca.

Ela não concordou, mas também não discordou.

Demorei mais um momento, apenas um, antes de dizer:

— Eu não julgaria você se quisesse violência física contra seu pai. Ele machucou você. Ele continuou a machucar você. Não há nada de errado em querer alguma vingança.

Seus olhos se fecharam e ela estremeceu.

— Eu acho que haveria algo mais errado se você não fizesse isso, se nada acontecesse com alguém que tirou a gentileza de sua mãe. O amor dela. Porque ele manchou isso, junto com minha família.

Seus olhos se abriram e havia uma agonia ali, brevemente, antes que ela a apagasse.

Minha voz ficou monótona. Não gostei de ver aquele olhar ali.

— Pode até insistir nisso, pode ser uma espécie de pagamento da minha família para você. Se é isso que você estava perguntando?

Ela continuou a me estudar. Eu a deixei ver que não havia julgamento da minha parte. Nunca haveria julgamento de minha parte.

Ela mordeu o lábio e levantou um ombro.

— Ou *alguém* bater nele. Talvez não você, pessoalmente, porque sim..., mas outra pessoa.

Dei um pequeno aceno de cabeça, mas ainda senti que precisava agir com cuidado aqui.

— Depois que você pagar a fiança ou antes?

— O que você quer dizer?

— Quando você gostaria que isso fosse feito, se fizesse?

Seus olhos ficaram grandes e ela parou de mexer na caneta.

— Você quer dizer...

Sufoquei um suspiro.

— Isto é o que eu faço. Estou na Máfia.

Seus olhos se estreitaram e ela balançou a cabeça em um aceno de cabeça.

— Certo. Certo. Essa é a base do que você faz. — Ela desviou o olhar novamente, mordendo o lábio mais uma vez. — Eu aguentaria vê-lo quando pagasse a fiança, se ele fosse espancado. Sim. Isso me ajudaria. Antes de pagar a fiança.

Uma bola de tensão se desenrolou dentro de mim.

— Feito. — Comecei a alcançar a porta *novamente*.

— Mas como...

Parei e voltei. Seus olhos ainda estavam nublados.

— Tipo, de quão espancado estamos falando? Ainda andando? Rosto todo inchado? Mandíbula quebrada? Pelo menos os dois olhos fechados e inchados, então ele não conseguiria ver?

Ela não estava se escondendo agora. Eu *gostei* desse lado dela. Inclinei minha cabeça para o lado.

— Precisamos que ele seja fisicamente capaz de fazer o que precisamos que ele faça.

Ela acenou com a mão, um som de desgosto saindo de sua boca.

— Coloque-o inconsciente no hospital e ele ainda poderá ser um rato na rua. Confie em mim. Suas habilidades de rato não têm limites.

— Habilidades de rato?

— Você sabe o que eu quero dizer. Lodo da terra. Uma toupeira. — Ela estava ficando exaltada, jogou a caneta na mesa.

Ela saltou de volta, atingindo-a no queixo.

— Ah! — Uma de suas mãos tentou alcançá-la, mas a caneta havia sumido. Ela escapou de seu alcance, rolando até a beirada da mesa e caindo no tapete. Terminou perto do pé dela, e se eu estava começando a conhecer Molly Easter, ela iria de alguma forma chutá-la para frente. Ela sairia de sua mesa e acabaria atingindo sua perna.

Fui em frente e me abaixei para pegá-la.

— Vou mandar alguém cuidar dele. Quando você pode resgatá-lo?

Ela suspirou, enfiando as mãos nos bolsos.

— Amanhã.

— Obrigado. — Coloquei a caneta dela de volta no copo com as outras. Fui sair de novo e cheguei a meio caminho da porta, quando...

— Você... você acha que preciso me preocupar com a volta da polícia? Você mencionou que eles poderiam tentar ver meus livros ou algo assim.

Inclinei meu queixo para baixo.

— Eu não acho. O confronto que ia acontecer já aconteceu. Worthing me avisou que você ligou para eles virem questioná-la no domingo.

— Você sabia disso? — Ela ficou imóvel.

— Sabia, mas não porque ele fez isso. Eu sei por que ele disse que sim, mas não acredito. No final das contas, ainda estou em guerra contra a família dele, então preciso usar todos os meus recursos agora para descobrir quem matou Justin e Kelly. Esse é o trabalho número um.

— Por que você está sendo honesto agora?

— Porque tomei a decisão no Pedro's, para ser sincero, pensando que isso motivaria você a me ajudar melhor. Eu estava errado?

Ela balançou a cabeça, apenas ligeiramente.

— Você estava certo. Eu não teria confiado em você e não teria feito nada que você quisesse.

A minha mãe. A mãe dela. Era um show de merda complicado sobre o qual eu sabia durante toda a minha vida, mas ela não. Ela ainda estava processando.

Estendi a mão para a porta.

— Vou cuidar do seu pai esta noite, então pague a fiança dele amanhã, mais cedo ou mais tarde. E pelo que vale a pena, não pense no que seu pai fez com você quando o vir. Pense em Kelly. Justin. Estou ciente de que domingo era a noite em que eles costumavam vir aqui. — Ela respirou fundo. Essa era a emoção que eu precisava que ela utilizasse. — Use isso. O que você está sentindo aí, lembre-se desse sentimento quando falar com ele, e você fará com que ele faça o que quiser. Engane-o desta vez.

Meu telefone estava tocando mais uma vez. Eu *realmente* precisava ir, mas não podia negar que havia um sentimento dentro de mim. Uma vontade de ficar. Uma coceira – ela era a coceira. Ela se tornou minha coceira.

Saí, atendendo meu telefone enquanto ia.

— Sim?

Eu não precisava coçar essa coceira, pelo menos não ainda.

Trace estava do outro lado.

— Eu preciso de você no Katya.

CAPÍTULO 14

Molly

Eu não estava bêbada, mas não estava totalmente sóbria quando fui pagar a fiança do meu pai na manhã seguinte. Entendi o que Ashton disse, usando Kelly e Justin, pensando apenas em Justin e Kelly, mas foi difícil. Então, como eu tinha tomado algumas bebidas, pedi a Pialto que me levasse.

Então meu pai apareceu e Ashton tinha feito seu trabalho. Metade do seu rosto estava coberto de hematomas e inchado, de modo que mal consegui reconhecer meu pai. Eu amei. Obrigada, Ashton. E pontos extras, porque Shorty Easter estava mancando quando se aproximou de mim.

— Ei, pequena Molly Bean. — Ele ergueu os braços para me abraçar, mas virei as costas e fui para o estacionamento.

Fiz sinal para ele me seguir.

— Estamos aqui.

— Nós?

Eu o ignorei, caminhando até o carro.

Meu pai me seguiu e diminuiu a velocidade, observando o carro.

— De quem é esse carro?

Era um Buick velho e surrado. Tínhamos encontrado na garagem da avó de Pialto. Era de seu avô, que estivesse em paz, mas ele não o usava desde que foi enterrado em Nova Jersey e já fazia seis anos. A avó dele manteve as placas e o seguro, e quando Pialto chegou ao Easter Lanes com ele, não perguntei. Às vezes, era melhor não saber, embora eu não achasse que a avó dele soubesse que não estava na garagem dela.

— É a sua carona. — Entrei no banco do passageiro na frente. — Entre, Shorty.

Eu estava ignorando como a atenção do meu pai saltou para mim. Ele entrou no banco de trás, movendo-se em um ritmo calmo.

— Peter, certo?

Pialto me lançou um olhar. Meu pai foi apresentado a ele onze vezes nos últimos dois anos. Ele nunca usou o mesmo nome iniciado pela letra P. A essa altura, Pialto respondeu, inexpressivo:

— Olá, senhor.

Meu pai grunhiu e então partimos.

Só agora estava percebendo que poderia ter pegado o trem, pagado a fiança e conversado na rua. Poderíamos ter nos separado a partir daí. Isso, toda a coisa do carro, foi um exagero. Eu estava agindo com base no fato de que ele estava na prisão e precisávamos dirigir até lá para buscá-lo.

Sim.

Totalmente sem planejar com antecedência.

O assento rangeu quando meu pai se inclinou para frente, sua mão pousando na barreira entre nós.

— Você pode me deixar...

— Nós estamos indo para o Easter Lanes. Você pode sair de lá.

— Mas...

Eu levantei minha voz sobre a do meu pai.

— Easter Lanes, Peter.

Pialto reprimiu uma risada ao ligar a seta e entrar na outra faixa. Três táxis passaram zunindo por nós. Um deles estava tocando a buzina, com o punho no ar. Nenhum de nós reagiu.

Ficou silencioso em nosso carro durante todo o caminho. Silencioso e tenso, ou talvez fosse só eu, porque estava sonhando acordada comigo e minha pá favorita.

Quando chegamos ao Easter Lanes, meu pai saiu primeiro.

Pialto tocou minha mão.

— Preciso levar o carro de volta, mas, você sabe. — Ele acenou para meu pai, que agora estava tentando entrar no Easter Lanes, mesmo que fosse antes de abrir, e a porta estivesse trancada.

Nós dois o observamos.

Ele tentou a porta. Estava trancada. Ele tentou novamente. Ainda estava trancada. Pela terceira vez, mas desta vez ele praguejou e passou a mão pela cabeça, gritando por cima do ombro:

— Algo está errado com sua porta!

Eu ia matá-lo. Simples. Explosão total. Era só pegar aquela pá, segurar com as duas mãos, segurar como o taco que nunca aprendi a usar no softball, porque não jogava softball, mas ia jogar, e aí, pancada! Um bom golpe e sua cabeça seria a bola. Eu o mataria, limparia seu corpo e entraria no campo interno. *Home run* por assassinato em primeiro grau.

Eu conhecia pessoas. Eu ficaria bem.

— Garota. — A mão de Pialto apertou a minha. — Entre lá. Prepare uma bebida. Peça aos espíritos de Justin e Kelly para ajudá-la. Você faz o que precisa fazer, o que quer que Ashton lhe pediu para fazer, mesmo sabendo que você não quer fazer isso. Você consegue fazer.

Certo. Apertei a mão de Pialto de volta.

— Obrigada, Peter.

Ele bufou, piscando para mim.

— Claro, querida. Eu e Sophie, nós protegemos você. Sempre.

Isso mesmo. Ele era minha família, não aquele idiota que agora batia na minha porta e gritava lá dentro.

Eu conseguiria. Eu poderia fazer isso. Totalmente.

Saí e Pialto seguiu em disparada.

Meu pai se virou para mim, apontando para dentro.

— Você deveria colocar um scanner para que eu pudesse usar apenas o polegar e voilà, sua porta se abriria para mim. Seria muito mais fácil entrar então.

Assassinato. Sim. Eu começaria a formular meu plano sobre como sair impune assim que destrancasse a porta.

Abri a porta e meu pai passou por mim, indo até o bar e largando a bolsa em um dos bancos.

— Você não faz ideia de como é bom estar dentro de paredes amigáveis. — Ele estava indo para o banheiro, balançando o dedo no ar enquanto caminhava. — Não faz ideia, querida. Então, novamente, você nunca precisará se preocupar em ir para a cadeia. Não é como se você fizesse alguma coisa para ser jogada lá. Espere. Eu quero me lavar.

Meu telefone tocou.

Ashton: Minhas fontes me disseram que Shorty Easter foi resgatado por sua filha. Além disso, você estava bebendo.

Ah, boa ideia. Fui para trás do balcão e me servi de outra bebida.

Eu podia ouvir a água correndo no banheiro.

Eu: Você conhece pessoas na prisão. Eu estaria protegida se ficasse temporariamente louca nos próximos cinco minutos, certo?

Ashton ligando.

Eu respondi, apoiando meu quadril contra o balcão para poder ver quando meu pai voltasse.

— Eu vou fazer o que você quer. Não se preocupe.

Ele ficou quieto por um segundo.

— Quanto você bebeu?

— Alguns shots. Esqueci de pegar um chiclete, mas não se preocupe, alguém nos levou.

— Achei que você pegaria o trem.

Eu precisava de outro gole depois do lembrete.

— Também estou ciente disso. Agora.

Ele sufocou uma risada.

— Mande uma mensagem quando terminar.

A porta se abriu. Meu pai saiu, puxando a calça e ajustando a fivela. Sua cabeça estava baixa.

— Você tem alguma comida neste lugar? Estou morrendo de

fome depois da minha provação. Não acredito que me mantiveram lá por quatro dias inteiros. Você devia estar enlouquecendo de preocupação por eles não estarem me processando ou algo assim.

— Sim. Claro — eu falei secamente. Encerrei a ligação com Ashton. — Comida?

A cabeça de Shorty levantou e ele franziu a testa para mim enquanto estava guardando meu telefone.

— Quem era?

Levantei uma sobancelha enquanto tomava outro gole.

— Você quer comida?

Ele se concentrou na minha bebida.

— É cedo para você estar bebendo. — Uma consciência totalmente nova estava entrando no olhar do meu pai agora. Cautela.

— Você está bem, Molly Holly?

Deus, eu não queria estar aqui.

Eu não queria fazer isso com ele.

Ser falsa. Ser uma vigarista.

Eu não queria me tornar ele.

Minha frequência cardíaca estava aumentando.

Meu sangue estava fervendo.

— Por que Ashton Walden estava aqui outro dia? — Seu tom estava calmo agora.

Ele podia se foder! Apenas se foder.

Eu ia apertar o interruptor.

Justin. Kelly. Justin. Kelly.

Precisava lembrar.

— Esqueça Ashton. Você sabe quem deveria estar aqui naquela noite? *Eles* estariam aqui naquela noite. Eu podia senti-*los*.

Kelly, sua risada. E Justin sempre foi tão legal.

Meu pai ficou quieto, mas eu continuei falando, sabendo que ele não tinha ideia de quem eu estava falando, sabendo que em sua mente tudo era sobre ele e suas perguntas e suas necessidades e seus desejos e ele, ele, ele, mas não agora. Agora era sobre mim e o que estava queimando dentro de mim, e isso era ódio, saudade e assassinato. E dor.

— Você sabia disso?

— Vocês estão se tratando pelo primeiro nome?

— Não é disso que estou falando.

Ele coçou o queixo.

— Hum?

— Justin Worthing e Kelly.

— Você os conhecia? — Claro que ele sabia sobre eles, mas não deveria. Ele nunca os conheceu, mas sabia sobre eles, sobre sua morte. Ashton estava certo. Meu pai poderia descobrir qualquer coisa.

Ele era *um rato*.

— Kelly e Jess Montell vinham aqui todos os domingos à noite. Era coisa delas. Elas vieram com amigos que não eram amigos normais. Jess me disse que era a noite dela fora do trabalho. Ela precisava disso como uma igreja. Meu lugar — minha voz falhou — aqui. Era um santuário para elas, e então Justin veio no lugar de Jess depois, então eu o conheci também. — Uma lágrima escorregou. Não ousei olhar para meu pai. — Ele era um cara legal. Ele não estava nessa vida, como sua família estava. Ela também. Deus. Ambos eram tão bons. Eles não mereciam o que aconteceu com eles. Quem quer que tenha feito isso.

— Por que você está falando sobre isso? Por que Ashton Walden estava aqui naquela noite?

Eu perdi o controle — virando-me, joguei minha bebida nele.

Seus olhos se arregalaram e ele se abaixou. O copo passou por cima de sua cabeça, batendo e se espatifando contra uma cadeira. Eu deixei passar, olhando para meu pai de uma forma que nunca fiz antes. Ele viu e prendeu a respiração.

— Querida...

— Não me venha com querida! *Você me enganou por trinta mil dólares!* Eu quero matar você. — Eu estava cerrando os dentes no final. Foda-se esse homem.

Abaixei-me, peguei o que estava mais próximo de mim e voltei com uma vassoura na mão.

— Molly. — Suas mãos estavam levantadas. Ele estava recuando. — Querida. Docinho. Vamos conversar sobre isso...

— Você quer saber o que Ashton Walden estava fazendo aqui outra noite? Ele me contou a verdade. O Easter Lanes pertence à sua família, a ele. Você me fez pagar por isso! Eu odeio você. Eu detesto você. Atualmente estou planejando como matar você. Seu idiota e narcisista que nunca foi pai. Você foi pior que um pai. Você... — Deus! Parei, horrorizada comigo mesma. Eu estava prestes a contar a ele o quanto eu sabia sobre mamãe.

— Molly! Vamos! Eu... ajudarei você a recuperá-lo. Que tal isso?

— Saia! — *Não saia, ainda não. Fique.*

Eu precisava que ele fizesse o que eu precisava que ele fizesse.

— Molly. — Sua voz estava falhando. — Eu odeio ver você assim. Eu... o que posso fazer? Diga-me o que posso fazer. Eu irei até Walden. Vou fazer com que ele o devolva. Vou...

— Quem matou Justin e Kelly? — As palavras foram arrancadas de mim e eu estava dizendo coisas antes mesmo de saber que estava saindo. Nada disso foi planejado.

— O quê? — Ele começou a abaixar os braços, endireitando-se

novamente.

— Quem os matou? Você descobrirá e posso usar isso para recuperar o Easter Lanes.

— Querida, eu...

— *Quem os matou?*

— *Não sei!* — Ele jogou as mãos para o alto. — Não sei.

— Mas você pode descobrir.

— O quê? — Ele se virou, balançando a cabeça. — Não me peça para fazer isso. Isso é um assunto sério. Isso... isso colocará você em perigo.

Joguei a vassoura nele.

— Vamos! — Ele se abaixou, mas olhou para mim. — Por que você tem que fazer isso? Eu sou seu pai.

— Eu cresci em um orfanato.

— Eu... — Ele estremeceu. — Bem, talvez você tenha se saído melhor lá do que comigo. Talvez eu estivesse fazendo um favor a você? Já pensou dessa forma? Eu estava lhe fazendo um favor... — Ele se abaixou novamente, porque joguei um copo nele. Quando sua cabeça apareceu de volta, eu já tinha outro no ar. Ele jogou todo o corpo para o lado para evitá-lo. — Vamos, Molly! Pare com isso! *Você vai ter que pagar por isso!*

— Eu não ligo. — Pulei para cima do bar. Eu estava prestes a lançar todo o meu corpo contra ele quando ele viu e praguejou, rolando para trás.

— *Molly! Pare com isso!*

Eu ia usar meu cotovelo. Eu pularia, meu corpo cairia ao lado dele e bateria meu cotovelo em seu rosto. Era isso que eu ia fazer e dobrei os joelhos, preparando-me.

— OK! Eu vou fazer isso.

Eu congelei.

— Fazer o quê?

Ele atirou as mãos no ar.

— Vou descobrir quem os matou, mas quando o fizer, você só poderá contar a Walden. Você me ouviu sobre isso? Você não pode dizer uma palavra a mais ninguém. Você vai acabar morta.

— OK.

— Estou falando sério!

— Sim! Eu sei — rosnei, pegando outro copo.

Ele viu, saltando e ficando de pé. Ele apontou para ele.

— Ei, agora. Chega disso. — Suas mãos estavam levantadas, as palmas voltadas para mim, e ele começou a se aproximar da porta. — Você quer que eu descubra quem matou seus amigos? Farei isso por você, mas ninguém pode saber. Estou falando sério, Molly. Ninguém.

Eu balancei a cabeça.

— Sim.
— É sério!

Rosnei e soltei o copo.

Meu pai se abaixou, abrindo a porta e pulando para fora do caminho. Ele bateu no batente da porta.

— Vou começar a procurar hoje — ele gritou através da porta.
— Vejo que você ainda está chateada comigo, então vou deixar você se acalmar e descobrirei o que você quer. Estou fazendo isso por você, querida. Eu amo você! Sou um bom pai, à minha maneira. Eu sei que você sabe disso... — *Estilhaço!*

Outro copo se espatifou contra a porta.

Ele ficou quieto antes de dizer:

— Eu amo você, querida. Entrarei em contato.

Eu ainda estava furiosa por dentro. Querendo chorar, querendo cometer assassinato. Eu estava completamente confusa e, de repente, completamente exausta também, mas não saí de cima do bar. Eu não consegui.

Sentei-me aqui, movendo-me para me sentar de pernas cruzadas, e peguei meu telefone.

Eu: Está feito. Ele disse que descobriria.

Eu: Eu deveria ter jogado softball enquanto crescia.

Ashton: Mantenha a cabeça baixa daqui em diante.

Ele não respondeu sobre o softball, mas tudo bem. Eu sabia que estava certa. Eu teria sido incrível.

Eu imediatamente comecei a chorar.

CAPÍTULO 15

Ashton

— Um de nossos juízes foi preso pelos federais.

Marco estava no viva-voz enquanto eu estava no Katya, um clube que Trace e eu possuíamos. A mesma boate que já foi o segundo emprego de Jess também. Eu estava em nossa área privada, as janelas com vista para o clube abaixo. Tínhamos um camarote ao lado com um pátio que se estendia por um banco na parede dos fundos. Eu estava parado em uma das paredes que dava para a seção que Jess Montell costumava cobrir. Estava sendo cuidada por outro barman, mas não tão bom quanto Jess. Nunca me importei muito com os funcionários do Katya, uma das empresas legítimas que Trace e eu possuíamos. Parecia inútil. Eles se saíam bem. O negócio estava bem. Não havia preocupação com isso. Minha atenção se voltava para nossos outros empreendimentos ou para os negócios da família, porque sempre fui mais ativo do que Trace nos primeiros dias. E por dias anteriores, eu quis dizer antes de a família Worthing atacar nossas famílias.

Aqueles dias. Na época em que ainda pensávamos que tínhamos escolha.

Sentia falta daqueles dias e odiava admitir isso, mas sentia falta de ver o rosto de desaprovação de Jess atrás de uma de nossas grades. O cara que trabalhava lá agora estava bem. Estável. Mas ele não tinha a atitude de ameaçar com danos corporais como Jess Montell tinha.

Aqueles também eram os bons e velhos tempos.

— Ashton?

— Estou aqui.

— O que você quer que seja feito em relação ao juiz?

Suspirei, tomando um gole do meu bourbon.

— Ele foi comprometido. Faça o que sempre fazemos.

— Ok.

— Marco.

— Sim?

— Quem nos enviou esta informação?

— Um dos nossos policiais.

Eu fiz uma careta. A família West e a família Walden trabalhavam como duas unidades na cidade. Eles cuidavam da distribuição e do transporte. Cuidávamos do sistema jurídico e de tudo o mais que estivesse no meio. Por causa disso, nossas mãos estavam em muitos bolsos, mas como a família Worthing tinha seu próprio detetive, comecei a me perguntar quem mais Nicolai Worthing estava usando.

— Você está questionando a informação?

— Talvez.

— Isso seria um grande golpe para nós, se eles estivessem usando um de nossos juízes e um de nossos policiais contra nós. Acho que a informação é legítima. Deveríamos agir antes que o juiz se volte contra nós.

— A menos que esse seja o ponto? Para nos fazer atacar um de nossos juízes.

— Você acha que Worthing desistiu do juiz?

— Vamos dar uma olhada melhor em Nicolai Worthing, melhor do que já tentamos.

— Já temos uma equipe vigiando-o.

— Talvez um especialista nele, então. Alguém que vai chegar perto e focar apenas em Nicolai. Quero saber tudo o que ele faz e com quem ele conversa. Quero saber até que ponto o alcance deles chegou em nossa cidade. Quero saber a porra do perfil psicológico dele.

— Eu farei a ligação, mas o que você quer que seja feito em relação ao juiz?

— Agarre-o, leve-o para a Caixa. Use Manny para a coleta.

Marco ficou quieto do seu lado.

— Ele pode estar na América do Sul.

— Ele não está. Ele está em Nova Iorque, esperando por esta ligação nossa. Eu o fiz voltar.

— Há outro assunto que preciso abordar. Pessoal.

Eu fiz uma careta, bebendo o resto do meu bourbon, porque normalmente quando Marco usava essa terminologia, ele mencionava Trace ou Jess. O resto da nossa família amava Trace, entendia os benefícios da nossa amizade, de uma forma que Jess se recusava. Ela tinha sido um obstáculo mais difícil de superar. Esse foi um dos únicos aspectos positivos de ter metade da minha família exterminada em uma noite. A maioria desses pessimistas se foi.

A dor me cortou, mas ignorei isso.

— O que é?

— Abuela. Tias. Minha própria mãe. Elas querem que você venha para um jantar em família. Disseram que sua visita não foi longa o suficiente naquela noite. Precisam de mais garantias.

— Quando?

— Amanhã à noite?

— Isso lhes dará tempo suficiente para preparar a comida?

Ele soltou uma risada curta.

— Você está brincando comigo? Ontem fizeram um festival inteiro de pizza.

Comecei a sorrir, porque teria sido divertido participar, mas então me lembrei: eles estavam de luto. Estávamos todos de luto. Não.

Não teria sido divertido.

— Organize isso. Deixe-me saber quando e onde.

— Pode deixar. Como você está, primo?

Meu instinto mudou, porque não gostei de ouvir essa pergunta. Trace parou logo no início. Ele estava focado nas perdas de sua própria família, e então foi arrebatado por Jess e, eventualmente, Marco parou de tentar também.

— Estou bem.

Houve movimento no antigo bar de Jess e me inclinei, sem acreditar no que estava vendo. Molly Easter estava de barriga para cima, seus dois funcionários/amigos ao lado dela, observando-a. Ela pulou em um banquinho e quase escorregou.

— Eu tenho que ir, Marco. Deixe-me saber sobre o jantar em família.

— Entendi. Esteja a salvo.

— Você também. — Apertei o botão para encerrar a ligação e fui para o elevador. A cabeça de Elijah apareceu quando saí da sala e seus olhos se contraíram, observando-me.

Ele apertou o botão do elevador e me seguiu depois que as portas se abriram.

— Há algum problema?

— Molly Easter entrou no clube. Faça uma busca, vamos ter certeza de que ninguém a seguiu.

— Estou procurando alguém em particular?

— Basta fazer uma busca por alguém questionável.

O elevador chegou e quatro guardas nos esperavam. Dois me seguiram enquanto eu ia para o andar principal do clube. Os outros dois foram com Elijah. Anthony estava saindo de seu escritório quando passamos por ele e estremeceu ao me ver.

— Eu preciso contar uma coisa a você.

— Eu já sei.

— Você sabe?

Parei, franzindo a testa para ele. Ele não tinha ideia sobre Molly Easter. Ele não estaria falando sobre ela.

— O que você está falando?

— O que você está falando?

Eu rosnei, baixo e rápido. Era um lembrete de quem era o chefe.

Sua cabeça se endireitou.

— Certo. Desculpe. Eu estava falando sobre Montell. A segurança acabou de ligar. Ela está entrando.

Jesus. Molly provavelmente ligou para ela.

Comecei a avançar novamente, dizendo ao gerente do Katya:

— Ligue para Trace.

Anthony assentiu, voltando para seu escritório, e eu continuei. Este seria um show de merda, não importava o que estivesse prestes a acontecer.

Eu estava quase ansioso por isso.

CAPÍTULO 16

Ashton

Ela estava bêbada.

Pude ver isso enquanto atravessava a sala em direção ao bar onde eles estavam sentados, que era o antigo bar de Jess. A mão de Molly ergueu-se no ar e bateu no balcão. Ela estava imitando Thor.

— Barman!

Foi quando os amigos dela me viram e ambos convergiram para ela.

Era como ver galinhas gritando, mas em vez de fugirem, elas grudaram nela como cola.

— Srta. Easter.

Ela levantou a cabeça, os olhos vidrados, e olhou para mim por um momento. Ela estava cambaleando em seu assento e eu comecei a me mover, querendo equilibrá-la, mas ela mesma se agarrou ao balcão. Então ela me deu uma olhada, descendo até meu pau e subindo.

Pelo amor de Deus.

Eu já estava duro só com aquele olhar.

Esta mulher. Uma dor séria nas minhas bolas, em mais de um aspecto. Boa dor. Dor ruim. Dor irritante. Dor sexual. Tudo isso, e cada vez mais, quanto mais interações eu tinha com ela.

Estreitei meus olhos.

— Molly.

— Você. — Sua cabeça inclinou para trás e ela sorriu.

Eu sufoquei um gemido.

Seu sorriso ficou sexy, embora eu tivesse certeza de que ela não pretendia que fosse assim.

— Ei.

Ei. Foi o que ela me disse.

— Você não parou de beber hoje, não é?

Ela balançou a cabeça, seus olhos voltando para o meu pau.

— Sua coisa.

— Minha coisa? — Eu não queria indagar a linha de pensamento dela.

Seus amigos alternavam entre nos observar e trocar olhares um com o outro. Eu os estava ignorando.

Aproximei-me.

— Quantas bebidas você tomou?

Ela levantou a mão, todos os cinco dedos, e então fechou e abriu mais uma vez.

— Dez?

Ela apertou a mão dela.

— *Más o menos.* — Mais ou menos.

Certo. Jesus. Ela estava alterada.

Eu me concentrei nos funcionários dela, no cara. Pialto.

— Você a trouxe aqui neste estado?

Ele ficou de pé, com sangue sumindo de seu rosto.

— Eu...

A menina entrou correndo:

— Ela está chateada com o pai. — Sophie. Essas pessoas eram importantes para Molly. Eu estava anotando para que meu detetive os investigasse. Qualquer informação sempre era uma boa informação no meu mundo.

Molly não tinha ideia de que eu estava conversando com seus funcionários. Ela voltou a estudar meu pau. Se ela continuasse me olhando daquele jeito, eu faria algo a respeito. Comecei a pegar seu braço e dizer a Sophie:

— Tenho certeza de que ela costuma tomar dez drinques por dia.

— Não. Hoje foi estranho. Ela... ah. Eu entendi o que você quer dizer.

Pialto inclinou-se para a frente.

— Deixe-a. Foi um dia estressante.

Eu me movi, uma parte de mim só precisava tocá-la. Meu peito roçou suas costas e ela se inclinou contra mim. Ela olhou para mim.

— Pialto estava lá. Pegamos o carro dele.

O pai. Ela estava chateada. Ela me mandou uma mensagem sobre ele, e eu sabia que haveria repercussões se ela o mandasse embora, para fazer o que eu queria, mas não tinha percebido que resultaria nisso. Se eu soubesse, bem, teria lidado com ela pessoalmente, talvez. Mas isso ainda teria acontecido.

Ela bêbada. E eu estando aqui.

Toquei seu braço, começando a puxá-la do banco, quando outra voz me interrompeu por trás.

— Olá, pessoal.

Eu sabia que ela estava chegando, mas ter Jess Montell interrompendo não era bem-vindo.

Eu lancei um olhar para ela.

— Vá embora, Montell.

Seus olhos ficaram vazios e sua boca ficou firme.

— Cuidado com o que você me diz, Walden. Você e eu ainda estamos em terreno instável.

Puxei Molly o resto do caminho, só precisando tocá-la mais. Precisando ter certeza de que ela não cairia desse banquinho. Seus funcionários não protestaram. Seus olhos estavam arregalados e suas cabeças balançavam entre mim e Montell.

— Jess! — Molly percebeu quem estava aqui. Ela tentou levantar os braços, mas a bolsa atrapalhou. — O que você está fazendo aqui? Eu vim para ver você.

As sobranceiras de Jess se abaixaram, observando como eu estava tocando Molly e observando o estado de Molly. Ela disse, lentamente:

— Você me enviou uma mensagem dizendo que estava vindo me ver, porque seu dia foi uma droga. Como você não sabe onde fica a casa do Trace, verifiquei sua localização e vi você vindo para cá. Não estou gostando do que estou vendo aqui. Eu amo meus amigos. — Ela olhou para mim. — Eu *protejo* meus amigos.

O barman se aproximou então, gesticulando para Jess.

— Bebida?

Ela lançou-lhe um olhar distraído e depois balançou a cabeça.

— O quê? Não. — Seu olhar permaneceu atrás dele. — Você está com poucas garrafas. Você deveria manter o bar melhor abastecido. — Seu olhar voltou para Molly antes de se voltar para mim. — Ela não.

— Sim. — Toda uma necessidade possessiva estava latejando dentro de mim. Molly era minha. Ela era meu alvo, minha marca, minha mulher ou minha cruz para carregar. De qualquer maneira que eu a catalogasse, ela era minha.

— Não. — Seus olhos se estreitaram em fendas.

— Sim. — Puxei a banqueta de Molly para trás e fiquei atrás dela. Sophie desceu do banquinho e deu a volta, ficando atrás de Pialto. Ambos eram um público cativo, observando cada movimento e emitindo sons a cada troca. Ambos estavam bebendo suas bebidas ao mesmo tempo.

Movi minha mão para o quadril de Molly e a descii, cimentando-a contra meu peito. Ela estava totalmente recostada, encostada em mim.

Jess balançou a cabeça, seus lábios se estreitando.

— Não, Ashton. Vamos.

— Jess, Jess. Estou bem. — Molly estava tentando tranquilizá-la. — Sério. Você tem que saber disso. Eu sou uma Easter. Somos indestrutíveis. Eu tenho os genes de Shorty Easter em mim. Somos como baratas. Sobrevivemos a qualquer coisa. Se uma explosão ocorresse e todos caíssem em uma pilha por causa da explosão, eu seria a única rastejando para fora e provavelmente ainda segurando uma vela para o meu cupcake de aniversário.

Jess estava balançando a cabeça, uma sombra cruzando seu olhar enquanto ela continuava olhando para onde eu estava tocando Molly. E como Molly estava encostada em mim.

Ela olhou para mim, engolindo em seco.

— Já perdi uma amiga por causa de um cara.

Isso foi um golpe no meu peito. Eu rosnei.

— Muito baixo, Montell.

— Foi? Realmente?

— Jess.

Nós dois olhamos para cima. Trace havia chegado.

Ela olhou para ele, balançando a cabeça.

— Você sabia, não é? Sobre eles? — Ela gesticulou para Molly e para mim.

Suas sobrancelhas caíram.

— Você também sabia. Na casa dele.

— Não. Molly estava mentindo para mim. Eu sabia que ela estava mentindo, mas não sabia por quê. Isso... — Ela apontou para onde eu estava tocando Molly, na altura de seu quadril. — Isso não estava acontecendo naquela época. Meu radar de merda estaria explodindo. Mas agora? Se você a machucar, Ashton... — Ela deixou o aviso pairar entre nós.

Molly voltou a tentar pedir uma bebida.

O barman não estava prestando atenção nela. Ele ficou paralisado por Trace e por mim, e os amigos de Molly estavam jogando pingue-pongue entre a conversa.

O olhar de Trace escureceu.

— Acho que é hora de resolvermos isso. Lá em cima?

Jess já estava andando em direção à porta e eu reprimi uma maldição.

O rastro permaneceu.

— Jess é um monte de coisas, mas ela vai deixar você dar a sua opinião. Ela vai ouvir. Ela pode não gostar do que você diz, mas ainda assim ouvirá.

Fixei meu olhar nele.

— Você sabe muito bem que nada disso é sobre Molly.

— Mesmo assim. — Trace lançou-lhe um olhar. — Parte disso é sobre Molly. A maior parte é sobre o que você fez com minha mulher.

Ele foi embora depois disso e eu tive que fazer uma escolha. Ir ou ficar.

Rosnei, mas disse a Elijah:

— Cuide dela.

Ele acenou a cabeça em concordância.

CAPÍTULO 17

Ashton

— Maldição, Walden.

Jess estava fervendo quando subi. Essa foi a saudação dela quando entrei pela porta.

Trace estava no bar, servindo-se de uma bebida, e deslizou uma sobre o balcão para mim. Peguei, tomando um gole antes de me concentrar no amor de sua vida.

— Trace explicou a você que Molly Easter é problema meu. Ele contou a situação. Disseram-me que você concordou em recuar por causa disso. Qual é o seu problema?

— Meu problema? — Suas mãos foram para os quadris e seus olhos se estreitaram, e ela parecia estar sonhando acordada em apontar sua arma para mim. — Meu problema é que parece que você está transando com ela. Você está?

— Você estava na minha casa. Você viu que nos damos bem. — Eu estava mentindo naquela época e estou mentindo agora, ou..... de alguma forma. — Por que você está chateada com isso agora?

— Porque apesar do que você queria que eu pensasse em sua casa, sabia que você não tinha transado com ela. Ela tinha acabado de sair do hospital.

— Ela é problema meu.

— Um negócio cruel. — Suas mãos levantaram-se no ar e ela se virou, com as costas rígidas. — Eu estou ciente disso. Deus, estou ciente dessa besteira de negócio da Máfia.

Trace veio ficar ao meu lado, tomando um gole de sua própria bebida. Nós dois estávamos observando sua mulher. Levantei uma sobancelha para ele.

— Você quer entrar aqui? Ajudar?

Ele balançou sua cabeça.

— Nem um pouco. Vocês dois conhecem a situação e estão chateados. Você está chateado por ela estar entrando porque se preocupa com alguém. Ela está chateada porque se preocupa com alguém com quem ela pensa que você vai foder. E ela está chateada com o que você fez com ela, e eu ainda estou chateado. Você não está tão arrependido quanto deveria. — Ele se virou, de costas para sua mulher, e me encarou diretamente, seus olhos brilhando. — Ainda. — Então ele sorriu antes de dar um segundo gole em sua bebida. — Mas, ao contrário de Jess, estou descobrindo a situação real e você vai se arrepender do que fez com Jess. Você vai se arrepender muito disso.

Fiz uma careta para ele.

— Eu já estou arrependido.

— Não. Não exatamente, não até você imaginar alguém

fazendo com alguém que você ama, o que você fez com a mulher que eu amo. *Então* você vai conseguir. — Seus olhos brilharam. Ele estava achando isso divertido, mas também havia uma dureza nele. — Estou ansioso por esse dia.

Eu me acalmei, mas caramba. Virei-me totalmente para ela.

— Sinto muito, Jess. Eu realmente sinto muito pelo que fiz você passar. Achei que estava fazendo a coisa certa pelo meu melhor amigo e pela nossa família...

— Isso não é bom o suficiente. — Jess deu um passo à frente, com as mãos nos quadris e o queixo erguido. Ela estava olhando para mim, quase me desafiando. — Isso não é bom o suficiente. Estou ciente do motivo pelo qual você fez isso, mas peça desculpas e deixe a última parte de lado.

Maldita!

Eu estava sendo forçado a engolir a porra do meu orgulho. Tinha gosto de ácido de bateria.

— Sinto muito por torturar você. — Dei um passo em direção a ela, estreitando os olhos. Minha voz ficou suave.

Trace rosou ao meu lado.

Eu o ignorei.

— Sinto muito por fazer isso por horas.

Eu a estava desafiando de volta, mas já havia me desculpado. Eu já tinha levado uma surra e sido internado no hospital por causa disso, pelo meu melhor amigo, e quantas vezes eu precisava me desculpar?

— Você é um idiota. — Jess estava balançando a cabeça, mas um pouco de sangue sumiu de seu rosto, deixando-a pálida.

A culpa tomou conta do meu peito.

Abaixei minha cabeça.

— Sinto muito. — Eu olhei para cima, porque sentia. Eu realmente sentia, mas era difícil recuperar o dano que você infligia.

Jess balançou a cabeça novamente e uma risada vazia veio dela.

— A questão é que você não está arrependido de ter *me* machucado. Você sente muito por ter machucado alguém que Trace ama e por eu não ser a traidora. É por isso que você está arrependido. Há uma diferença, e isso, você e eu: nunca nos daremos bem até que você realmente se arrependa de ter *me* machucado.

Ela começou a sair, mas eu a bloqueei. Ou comecei a fazê-lo, até que Trace rosou.

— Pense nisso, irmão.

Lancei um olhar para ele, mas não me mexi. Não quando ele acabou de me chamar de irmão novamente.

Ela começou a sair novamente.

— Jess — eu chamei atrás dela.

Ela estendeu a mão para a maçaneta, mas não abriu a porta. Com a mão sobre ela, olhou para mim. Parte da luta a deixou.

— Não machuque minha amiga. Se você fizer isso, eu vou atirar em você. — Ela soltou um suspiro suave. — E você sabe que Trace vai deixar.

Eu lancei-lhe um olhar de soslaio. Ele apenas sorriu para mim antes de terminar sua bebida.

Ela saiu e ouvimos o elevador chegando pouco depois.

Observei Trace enquanto ele ia até a parede da janela e olhava para baixo. Nós dois sabíamos quem ele estava observando.

— Você não vai dizer nada? — perguntei, movendo-me para ficar ao lado dele.

— Sobre o quê?

Olhei para baixo, vendo o que ele estava vendo.

Molly estava rindo com seus amigos. O barman parecia apaixonado por ela.

Eu não estava gostando do barman e fiz uma anotação mental para ver se ele *realmente* precisava de seu emprego ou não.

Trace balançou a cabeça.

— Já falei o suficiente sobre você e Jess. Vai dar certo. Estou vendo isso agora. É só uma questão de tempo.

Franzi a testa enquanto ele voltava para o bar, servindo-se de outra bebida.

Jess foi uma das nossas últimas bartenders aqui e, desde então, nem ele nem eu deixamos ninguém ocupar seu lugar atrás do bar. Ele, porque não queria mais ninguém aqui. Eu, não por motivos sentimentais como ele. Eu simplesmente gostava da privacidade extra. Comecei a gostar de fazer minhas próprias bebidas quando chegava aqui.

— Você está vendo o que agora?

Trace apenas sorriu, segurando uma garrafa de vodca.

— Você vai ver. Quer outra?

Olhei para minha bebida. Eu tinha metade aqui, mas bebi tudo.

A vida estava uma loucura agora, mas se meu irmão estivesse se oferecendo para me preparar uma bebida, eu aceitaria. Jess não era a única com quem eu ainda estava tentando acertar as coisas.

Entreguei-lhe meu copo vazio.

— Sinto muito pelo que fiz.

Ele aceitou, sombrio, antes de assentir.

— Eu sei.

Então, ele preparou bebidas para nós dois.

CAPÍTULO 18

Molly

Meu primo mandou uma mensagem quando eu estava entrando em meu apartamento.

Glen: Tudo bem. Tive uma boa noite. Você precisa de mim amanhã?

Parei na porta aberta, colocando minha bolsa no chão.

Eu: Não. Estarei bem amanhã. Muito obrigada.

Glen: Descanse. Espero que você se sinta melhor.

Entrei totalmente, deixando a porta se fechar atrás de mim, e estava estendendo a mão para trancá-la quando meu cérebro deu um clique. Entrei no espaço onde minha bolsa estava. Ou seja, não estava mais lá. O pânico puro explodiu dentro de mim ao mesmo tempo – um corpo estava no meu espaço. Fui derrubada, pendurada no ombro de alguém no segundo seguinte, e foi então que o grito me deixou.

O cara grunhiu enquanto fechava a porta completamente e trancava.

— Sou eu.

Eu congelei. Eu?! Tipo, tentei me virar para vê-lo.

— Ashton?

Ele já estava dentro do meu apartamento. Como? O quê?

Ele andou mais alguns metros para a sala antes de me jogar no sofá. Ele me seguiu, quase caindo em cima de mim, mas quando eu estava esparramada, ele se manteve logo acima de mim. Uma mão no braço do sofá atrás da minha cabeça e a outra no encosto do sofá. Era uma prancha impressionante e ele não parecia sem fôlego.

Então percebi o quão zangados seus olhos estavam. Sua mandíbula estava cerrada. Seus olhos queimando os meus.

— Eu disse para você ficar parada. Por que então me disseram que você tinha ido embora?

Abri a boca, a indignação rapidamente substituindo o terror que ele acabara de me causar, e então meu corpo esquentou. Enfiei um dedo em seu peito.

— Você é quem saiu. E não me disse nada. Vocês estavam sendo todos práticos e invadindo o meu espaço. Eu estava me sentindo meio assim, e então *bam*, você se foi. O que há com você e Jess?

O álcool ainda estava aqui, ainda me afetando, mas paramos para comer uma pizza no caminho de casa. Isso estava ajudando.

Seus olhos se estreitaram em fendas.

— Montell e eu não somos da sua conta. E não queria que você fosse embora. Eu estava voltando.

— Então você deveria ter dito isso. — Eu dei a ele um olhar pouco envergonhado. — Fomos ao banheiro e depois continuamos. — Empurrei-o para trás para poder sentar e tentei cruzar os braços sobre o peito. Tentei. Ele estava muito perto de mim, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor de seu corpo. — Eu quero saber sobre você e Jess.

— Ela está preocupada com você.

— É mais do que isso.

— Isso não é da sua conta. É entre mim e ela.

Eu fiz uma careta.

— Nem mesmo Trace?

Ashton pressionou a boca em uma linha muito firme e desaprovadora e me lançou um olhar significativo. Está bem, então. Eu não tinha muita certeza do que isso significava, mas era entre ele e Jess.

— Por que você foi para o Katya esta noite? Aconteceu alguma coisa nova com seu pai?

Eu fiz uma careta. *Sempre acontecia* alguma coisa com meu pai.

— Não. Nada de novo, exceto que ele é uma escória que não merece andar nas ruas. Ele deveria estar na prisão, ou ser forçado a ordenhar uma cabra, numa montanha, numa yurt, sozinho. Você pode fazer isso acontecer? — Ele ainda estava tão perto, e meu corpo estava reagindo a ele. Eu tinha borboletas na minha barriga e elas estavam nervosas. — Podemos conversar sobre a questão da reivindicação do corpo? Por que você está sempre tão perto de mim? Não que eu esteja reclamando...

Ele estava olhando para mim, mas então ficou em alerta.

Sua cabeça virou em direção à porta e ele ficou imóvel por um segundo; então, com uma maldição, ele me agarrou e rolou. Seu corpo caiu no chão, mas com o impulso, eu estava de pé antes de saber o que estava acontecendo. Ele me soltou, levantou-se e segurou minha mão.

— O que...

Ele se virou, cobrindo minha boca com a mão, e me puxou contra seu peito.

— Fique quieta. Alguém está na sua porta.

Minha porta?

Provavelmente era meu pai. Eu esperava que não fosse ele. Shorty não deveria saber onde eu morava.

Afastei-me de Ashton, dando um passo em direção à porta.

— É provável...

A porta se abriu e um cara estava lá. Ele congelou, olhando diretamente para nós. Ele estava de joelhos, com as mãos para cima, trabalhando na maçaneta da minha porta, mas então um *bip, bip, biiiiiip...*

A porta explodiu em nossa direção.

Ashton se jogou na minha frente, protegendo-me. Então ele se levantou e correu de volta para onde deveria estar a porta. Em vez disso, havia um enorme buraco ali. Um cara estava deitado no corredor, mas ergueu os olhos. Suas ferramentas explodiram ao seu redor, e uma delas estava na parede atrás dele. Ele empalideceu, seus olhos se arregalaram ao ver Ashton, e se levantou, correndo para encontrá-lo.

Os dois entraram em confronto. Ele deu um soco. Ashton se esquivou e aplicou outro de sua autoria, e então aquele cara estava apontando uma arma...

Pop! Pop! Pop!

O cara caiu para trás, seu corpo estremeando com cada bala – que vinha de Ashton! Eu nem o tinha visto sacar uma arma, e onde ele tinha isso com ele? O cara caiu no chão e Ashton chutou a arma do homem para longe, em minha direção.

— Deixe isso.

Ajoelhando-se, ele verificou seu pulso antes de passar para revistá-lo. Sua carteira foi levada e embolsada. Seu telefone. Algumas chaves. Ashton fez um trabalho minucioso antes de parecer satisfeito.

Caminhando de volta para mim, ele guardou sua própria arma, colocando-a onde quer que a tivesse tirado. Ele se ajoelhou, pegou a arma do homem e a esvaziou antes de guardá-la no bolso. Seu telefone estava tocando e ele atendeu, indo para o meu quarto. Estava em choque – eu sabia disso. Minha mente estava funcionando, mas eu não estava sentindo.

Isso era estranho.

Eu estava observando Ashton andando pelo meu quarto. Ele vasculhou meu armário, pegando uma bolsa. Algumas roupas foram jogadas na minha bolsa. Sapatos. Ele estava conversando com alguém ao telefone quando entrou no meu banheiro e voltou com outra bolsa fechada. Eu nem sabia de quem era aquela bolsa – não. Era minha. Era minha bolsa Happy Earth. Fiquei tão orgulhosa disso, porque comprei roupas suficientes para que a empresa investisse na limpeza do oceano.

— Não... corpo... sim.

A voz de Ashton estava sendo registrada em mim, lentamente. Em pedaços.

Ele estava apontando para mim, apontando para meu livro na mesa de cabeceira.

- O quê?
- Você precisa disso?
- Preciso do quê?

Ele ergueu algo. Eu não sabia o que era. Nada disso fazia sentido.

Um corpo... um corpo estava no meu corredor! Eu engasguei, virando-me para olhar. Eu tinha imaginado tudo isso?

— Não. — Uma mão firme segurou meu braço e eu estava sendo contida.

— Não. Preciso...

— Não, Molly. — Ele parou na minha frente, com as mãos segurando meus ombros no lugar, e gentilmente me fez recuar um passo até que eu estivesse encostada na parede da minha própria porta. — Aquele homem estava tentando arrombar a fechadura, mas não foi ele quem explodiu sua porta. Acho que foi outra pessoa.

— Quem?

Sua boca estava em uma linha firme.

— Não sei. Perdi isso. Eu também não vi, então deve ter sido pequeno.

Seu telefone estava tocando novamente.

Ah, era o meu.

— Como você sabe que aquele cara não abriu a porta?

Ashton recuou, mas pegou minha mão. Ele entrelaçou nossos dedos, puxando-me para fora da sala. Minha bolsa Happy Earth pendurada no ombro.

— Porque ele ficou tão chocado quanto nós. Você precisa de alguma coisa de lá?

Ele apontou para a cozinha.

Precisar? Como se eu estivesse indo para algum lugar. Balancei a cabeça, começando a dizer a ele que isso era bobagem, mas ele interpretou isso como a resposta à sua pergunta e me levou de volta à sala de estar e à entrada.

Outro cara estava lá, curvando-se sobre o homem.

Engoli em seco, parando, mas o cara levantou a cabeça, falando com Ashton.

Ah, que bom. Era Elijah.

— ... morto... ela?

Ashton deu um passo na minha frente, respondendo ao seu homem antes de levantar a mão, movendo-se de modo que ele estivesse me abraçando em seu peito novamente. Sua mão cobriu meus olhos e ele falou, surpreendentemente gentil.

— Vamos contornar o corpo. Não olhe. Você não vai tirar essa imagem da cabeça.

Eu me preparei enquanto passávamos. Eu não pude evitar. Eu

olhei, embora Elijah estivesse lá. Ele estava se movendo como nós, uma barreira extra entre nós e o corpo.

Corpo. Como morto.

Jesus.

Ashton matou um homem no meu apartamento. E eu tinha visto tudo. Eu era uma testemunha da Máfia.

Mas... isso foi na minha casa.

Minha casa.

Aquele cara estava tentando arrombar minha fechadura. Se Ashton não tivesse... comecei a tremer. Meus joelhos batiam um no outro e minhas pernas estavam bambas.

Eu estava caindo. Já desmaiei vezes suficientes para reconhecer os sinais.

De repente, Ashton parou de correr na minha frente. Ele murmurou uma maldição antes de se curvar e me pegar em seus braços.

Eu engasguei, minhas mãos voando, agarrando suas costas. Ele continuou se movendo, atingindo a saída da porta de emergência, e descemos as escadas correndo.

A porta abaixo se abriu e Ashton parou até que uma voz masculina chamou:

— Chefe?

Nós continuamos. Ou, quero dizer, Ashton continuou. Eu era bagagem de mão.

Outros dois homens nos encontraram enquanto descíamos correndo o último lance de escadas. Eles não disseram nada. Ashton também não. Chegamos ao andar principal e Ashton me carregou para um beco lateral.

Dois veículos nos esperavam. A porta dos fundos se abriu. Ashton me deixou lá dentro antes de fechar a porta e correr para o lado do motorista. Ele sentou-se ao volante. Quando ele estava colocando o carro em movimento, a porta do passageiro dianteiro se abriu. Elijah se jogou e fechou a porta enquanto Ashton estava saindo de lá.

Houve uma pequena pausa quando chegamos à rua, mas por pouco. Havia uma pequena brecha no trânsito e ele a aproveitou, pisando no acelerador novamente.

Elijah olhou para mim.

— Como ela está?

Eu pude ouvi-lo dessa vez!

— Em choque.

Elijah me deu um pequeno sorriso antes de se virar para a frente.

— Ela viu muito esta noite.

— Não comece.

Ele olhou para Ashton.

— Eu não estou. Apenas dizendo... — Ele encolheu os ombros.

— Você sabe.

A mandíbula de Ashton apertou.

— Estou ciente.

Eu não tinha ideia do que eles estavam falando e não me importava.

Tudo ficou escuro.

CAPÍTULO 19

Ashton

Molly desmaiou no carro e acabou dormindo. Eu a deixei em paz.

O plano era levá-la para minha casa e escondê-la lá. Ninguém, ou muito poucos, sabiam realmente onde eu morava. Eu poderia nomeá-los em uma mão, mas quando ela desmaiou, decidi seguir um caminho diferente. Eu a estava levando para um complexo que muito, muito poucos conheciam. Ela estaria segura.

Nós nos encontramos com dois dos meus homens.

Enquanto ela estava lá atrás, toda agasalhada, repassei o plano com Elijah.

O telefone de Elijah tocou.

— O corpo foi tratado e verifiquei com nossos homens. Não houve ligações para o 911 de seus vizinhos. A polícia não foi notificada.

Melhor ainda.

— Quero que a casa dela seja limpa dentro de uma hora.

Ele estava digitando em seu telefone.

— Estou nisso.

— Reposicione as coisas dela para armazenamento.

— E a pista de boliche?

— Notifique o primo dela. Diga a ele que dobraremos seu salário se ele ficar de boca fechada.

— Entendi. — Ele continuou digitando, mas seu olhar encontrou o meu pelo telefone. — Você tem certeza disso?

Não.

— Isso tem que ser feito.

— E Trace e Jess?

Jess já não estava feliz comigo, mas estava se contendo. De má vontade. Ainda. Eu não queria abusar da sorte. Se ela descobrisse sobre o apartamento de Molly, ela entraria novamente. A *conversa* entre nós não tinha corrido bem.

— Vamos manter isso em segredo por enquanto.

— Você acha que isso é por causa do pai de Molly? Você acha que ele já descobriu alguma coisa?

— Acho que ele chutou um ninho de vespas, sim.

Era a única coisa que fazia sentido.

— Bem, parece que se ele mesmo não obtiver a informação, você sempre poderá usá-la como isca... — Ele parou quando eu lhe dei um olhar penetrante. — Oh.

Oh. Como se eu já não estivesse considerando isso.

Estávamos em guerra. Não havia inocentes na guerra.

Meu instinto apertou, porque eu estava começando a questionar minhas decisões. Eu estava ficando irritado com a velocidade e a frequência com que me questionava quando se tratava de Molly Easter.

Virei-me para onde podia ver apenas a parte de trás de sua cabeça, enquanto ela estava encolhida como uma bola no banco de trás.

Dormindo. Em repouso. Ela parecia um anjo novamente.

Ela seria perfeita como isca...

Eu teria que controlá-la, contê-la.

Eu poderia.

— Espere até chegarmos e então deixe vazar a informação de que estou com ela — falei. — Divulgue que eu a tenho em um de nossos armazéns perto da água. Configure um sistema de segurança. Vamos ver quem vai procurá-la.

O rosto de Elijah se fechou quando ele assentiu.

— Vou fazê-lo, chefe.

Fui e me sentei no banco de trás ao lado de Molly. Os caras a enrolaram em um cobertor e havia um travesseiro sob seu rosto, mas quando começamos a avançar, ela se mexeu durante o sono. Encontrando meu ombro, ela se aninhou.

Eu a deixei ficar.

Essa atração por ela só continuava se intensificando.

CAPÍTULO 20

Molly

Oh. Não, não, não. Acordei, mas ao contrário da última vez, tudo voltou à tona.

O meu pai.

Eu bebendo. Muita bebida.

Katya.

Ashton.

Jess.

Jess foi embora.

Ashton saiu e *bam!* Portas explodindo. Estranho arrombamento e *pop, pop, pop*. Ashton matando um homem no meu apartamento.

Eu estava na cama, mas joguei as cobertas para trás. Eu queria respostas e não pararia até consegui-las. Desci as escadas, seguindo os sons de cortes e cortes, até que a sala se abriu completamente. Um cara estava na cozinha e apontou uma faca para mim.

— Ei. — Este homem era além de bonito. Cabelo loiro. Olhos verdes. Maçãs do rosto altas e arqueadas. Ele estava vestindo uma camisa polo merino, e eu não ficaria surpresa se ele usasse mocassins italianos.

— Você trabalha para Ashton?

Seu sorriso desapareceu e ele assentiu.

— Eu trabalho. Meu nome é Avery.

Um Avery masculino? Gostei.

— Eu sou Molly.

— Eu sei. — Ele apontou pela cozinha com sua faca. — Quer algo para comer ou beber?

Eu balancei minha cabeça, mordendo meu lábio, porque caramba. Ele estava cortando legumes. Eu adorava vegetais e meu estômago roncava, lembrando-me disso.

— Tem certeza? — Seu sorriso era conhecedor.

— Onde está Ashton?

Ele perdeu o sorriso novamente.

— Não posso dizer isso a você. — Ignorando minha carranca instantânea, ele ergueu uma tigela ao lado dele e me mostrou o que havia dentro. Cupcakes cobertos com as cores do arco-íris.

Meu estômago estava roncando novamente.

— Então ligue para ele.

Ele baixou os cupcakes, estudando-me um pouco.

— Ok.

Avery estava tocando um botão quando ouvimos passos vindos de um corredor. Ashton apareceu, guardando o telefone. Ele me examinou antes de entrar na cozinha, passando atrás de Avery.

— Você parece bem.

Avery fez uma pausa em seu corte, observando minha reação.

Eu mudei de posição.

— Eu quero respostas, Ashton. O que aconteceu ontem à noite?

Ele apontou para a máquina de café.

— Posso fazer um café expresso para você. Você quer um?

Minha boca estava salivando instantaneamente, mas maldição, balancei a cabeça. Eu cedi. Por que eu estava sentindo que essa era uma situação do tipo olho por olho? Não era assim que eu vivia. Você estava totalmente dentro ou totalmente fora. Você dava ou não dava. Acompanhar o que ganhei versus o que ele deu era exaustivo e piorava minha dor de cabeça.

Além disso, estava com dor de cabeça. Eu nem sabia até agora.

Eu estava culpando os cupcakes com cobertura de arco-íris por me distraírem.

— Você matou um cara na minha casa. E onde estou? Apenas... — Deus. Minha cabeça agora estava me matando. — Estou desenvolvendo um sexto sentido com você. Sinto que você está planejando algo. O que você está planejando e, o mais importante, como isso me envolve?

Ele olhou para mim um pouco antes, lenta e calmamente, o que estava me irritando pra caralho, programando um expresso em sua máquina sofisticada que parecia que eu precisava de um doutorado em linguagem alienígena para descobrir como fazê-lo sozinho.

— Por que você não se senta? Avery é meu cozinheiro quando estou aqui. Ele pode fazer uma omelete para você.

Ah. Eu não conseguia me distrair com aquela omelete, embora quisesse.

— Eu quero saber o que está acontecendo. — Minha garganta inchou. — Isso é por causa do meu pai? Por causa do que eu pedi para ele descobrir?

Ashton e Avery trocaram um olhar assim que a máquina de café expresso começou a funcionar.

Ele acenou com a cabeça para a máquina.

— Você pode fazer dois? Levá-los para o escritório? E maté para mim.

— Maté?

— É como um chá, da terra da minha avó. É uma bebida comum lá.

Avery assentiu.

— Posso levar a comida também?

Ashton estava me olhando quando disse:

— Sim. Eu não me importo com o que ela diz. Ela precisa

comer.

Eu não ia protestar, porque, olá, eu não era de recusar comida. Nunca.

Ashton estava voltando pelo corredor que acabara de deixar.

— Vamos, Molly. A menos que você realmente não queira obter essas respostas, afinal?

Não. Sem chance. Eu o segui até seu escritório e fui eu quem fechou a porta enquanto ele se posicionava atrás de sua mesa.

— Quem era o cara do arrombamento?

Ele franziu a testa para mim.

Eu levantei a mão.

— Não minta para mim. Seus homens estavam lá. Eu não sou idiota. Entre você e Trace, você é quem faz a merda. Você entra e suja as mãos. Trace era um cara de Wall Street antes de assumir os negócios de sua família, mas você sempre esteve mais *envolvido* do que ele. Eu sei que você sabe quem era aquele cara. Seus homens provavelmente o identificaram e já fizeram uma investigação completa sobre ele. Tudo isso começou porque mandei meu pai lá para descobrir quem matou Justin e Kelly, não foi?

Eu era a culpada.

Minha garganta estava queimando.

Ashton parou de franzir a testa, mas me lançou um olhar mais contemplativo antes de concordar.

— Acho que seu pai chutou um ninho de vespas, mas... — Agora foi ele quem levantou a mão quando eu estava prestes a interromper. Ele continuou falando, suavizando o tom. — Fui eu quem fez isso, não você, não ele. Se você quer culpar alguém, coloque isso em mim. Fui eu quem decidiu usar você para convencer seu pai a fazer esse trabalho. Já conversamos sobre tudo isso.

Minha cabeça começou a latejar e eu precisava me sentar.

— Há uma sensação diferente quando você tem alguém tentando invadir seu apartamento, e o que era aquilo na minha porta? Uma bomba? Deve ter sido uma pequena. Isso significa que outra pessoa estava lá, porque você disse que não foi o cara arrombador quem fez isso. Isso significa que dois caras foram enviados, por duas pessoas diferentes. No que eu me meti? No que coloquei meu pai?

Os olhos de Ashton ficaram vazios.

— Se alguém vai sobreviver a isso, você sabe que será seu pai.

Isso era verdade. Éramos baratas.

— Quem era o cara, Ashton?

Ele deu a volta na mesa e me entregou um arquivo antes de se sentar ao meu lado.

— O nome dele é Wallace Birchum. Ele atende por Walleye.

Peguei o arquivo, abrindo-o. Ele parecia diferente de quando

estava ajoelhado diante da minha porta explodindo. Sua foto era mais áspera, seu cabelo uma bagunça. Ele estava com a barba por fazer. Seus olhos pareciam vidrados. Cabelo escuro. Olhos escuros.

— Então quem é Wallace Birchum?

Ashton não respondeu a princípio, até que retirou o arquivo.

— Ele é um assassino.

Um assassino?!

Oh, Deus.

Afundi na cadeira.

— Ele também é IC da polícia.

Um IC. Informante confidencial e assassino de aluguel.

— Ele diversificou seu currículo de rua.

O canto da boca de Ashton se contraiu.

— Entramos no telefone dele e ele recebeu uma ligação quatro horas antes do detetive Worthing.

Cada músculo do meu corpo ficou em posição de sentido.

— O quê?

— Mandei meus homens buscarem o detetive para que possamos conversar sobre esse homem.

Sirenes de alarme soavam por todo o meu corpo, mas também soava um tipo totalmente diferente de alarme.

— Ele é um policial.

— Sim.

— Você vai pegar um policial para conversar?

— Sim.

Eu estava me lembrando de quando eles estavam no Easter Lanes.

— Espere. Easter Lanes? Alguém ainda está me ajudando lá?

— Estamos pagando ao seu primo para administrar o Easter Lanes enquanto você está comigo.

— Ele pode cobrir um turno, mas não mais do que isso. Ele vai bagunçar tudo.

Mas espere novamente, detetive Worthing.

— Worthing ligou para você naquele dia e você disse que sim. Eu vi o olhar que ele lançou para você e como o parceiro dele reagiu.

— Eu estava um pouco lenta, mas pelo menos estava ligando os pontos. — Você queria que o parceiro dele soubesse.

— Sim.

— Por quê? Vocês conversaram no final e disseram que era sobre ele pensar que estávamos dormindo juntos. Isso não era verdade, era?

— Eu não queria que ele adivinhasse o que eu ia fazer com seu pai.

— Mas o parceiro dele? O que foi isso?

Ele me estudou por um momento antes de se levantar e voltar para sua mesa. Suas mãos foram para os bolsos e seus ombros curvaram-se para a frente e para baixo. Isso deu a ele uma vibração totalmente diferente, mais relaxado, mais confiante, mas eu sabia que não deveria acreditar. Não importava a minha atração confusa, não importava quantas vezes eu gostei da sensação do corpo dele contra o meu, Ashton Walden ainda era a Máfia.

— Minha família trabalha com a família West e nós dois administramos esta cidade. Eu cuido de muita coisa, mas uma dessas funções são as autoridades. Você sabe a que estou me referindo?

Minha boca secou. Balancei a cabeça.

— Você tem policiais em sua folha de pagamento.

— Policiais. Detetives. Federais. Juízes. Advogados. Paralegais. Qualquer pessoa em posição de autoridade, e se eu não os tiver no bolso, tenho alguém ao lado deles no bolso. Antes de sua família declarar guerra contra a minha, o detetive Worthing era um desses homens.

— Você disse isso para denunciá-lo ao parceiro.

— Eu disse isso para deixar uma semente na mente do parceiro dele. Worthing é bom em seu trabalho. Ele costumava seguir os limites muito bem, mas sim, agora ele terá que se preocupar com o que seu parceiro está pensando e observando. E se Worthing foi o homem que ordenou que Walleye invadissem sua casa, quero saber por que e não tenho tempo a perder.

— E a bomba?

— Foi enviada para análise. Disseram-nos que estava com defeito. Era para disparar quando você abrisse a porta. Houve um atraso na troca, então quem comprou, montou ou instalou, estragou tudo. Espero chegar até quem errou antes que *seu* chefe chegue até ele.

Certo. Sim. Ok. Uma bomba que deveria me matar.

Uma bomba...

A pressão estava me atacando de todos os lados.

Mãos me tocaram no ombro.

— Respire, Molly.

Eu não conseguia. Esse era o problema.

Eu estava totalmente hiperventilando.

Ouvi alguém xingando ao meu lado e fui pega.

Tentei lutar, torcer. Tentando alcançar qualquer coisa, mas eu estava sendo levada para fora da sala. Passamos por uma porta, estendi a mão, minhas unhas cravadas no painel de madeira, mas ele não parou. Nós não paramos. Minha unha quebrou. Eu vi, registrei, mas não senti.

Meu corpo estava queimando.

Eu não conseguia – a água estava aberta.

Água?

Levantei a cabeça, mas estávamos entrando no chuveiro e a água nos atingiu com força.

Eu me livrei de seus braços. Era Ashton me segurando.

Tentei me afastar dele, daquela água, mas ele me segurou contra a parede, inclinando-se, e eu me engasguei novamente; desta vez eu podia colocar ar em meus pulmões. Respirei fundo, tentando encher meus pulmões o máximo que pude.

Eu nunca queria sentir isso de novo, nunca mais.

Senti uma queimação nos olhos, mas ignorei. A água estava caindo em cascata pelo meu rosto. As lágrimas estavam camufladas. Um dedo firme levantou meu queixo, levantando minha cabeça. Aquela água derramou, levando tudo embora, e recuei o suficiente para poder abrir os olhos do lado de fora do riacho.

Ele estava me observando, seus próprios olhos escuros e sombrios. Seu polegar se moveu sobre meu queixo.

— Sinto muito que tudo isso esteja acontecendo com você.

Sua mão segurou o lado do meu rosto, seu polegar roçando minha bochecha antes de segurar a parte de trás da minha cabeça. Sua palma era firme, seus dedos abertos, e eu me senti totalmente ancorada em sua mão.

Deus.

Minha respiração ficou presa novamente, mas meu corpo estava esquentando.

Ele se aproximou, bloqueando a água.

O ar eletrizou.

Estávamos no nosso próprio mundo, como debaixo de uma cachoeira. Eu poderia ir até lá, deixar o mundo desabar. Deixar a razão e o bom senso desaparecerem, lavarem-se com a água, e eu queria isso.

Eu queria isso desesperadamente.

Comecei a alcançá-lo enquanto sua outra mão foi para meu quadril, puxando-me contra ele.

Seus olhos eram tão intensos, derretidos. Eles estavam firmemente fixados em meus lábios.

Eu queria que ele me beijasse. Queria sentir a pressão dos lábios dele em mim, a textura. Qual seria o gosto dele. Como ele provaria, e eu estava na ponta dos pés enquanto meus pensamentos cessavam.

Eu estava apenas sentindo. Precisando.

— Chefe – oh, merda! Desculpe. — A voz de Avery veio da porta, mas senti Ashton se afastando antes de recuar.

O mundo só nosso desapareceu. Estávamos de volta a este

mundo, onde havia assassinatos, bombas, pais decepcionantes e a Máfia. Certo. Esse era o mundo em que eu estava agora, plena e completamente.

Ashton respirou fundo e ficou me observando enquanto a razão caía sobre mim, como um cobertor molhado. Sua mão escorregou da parte de trás da minha cabeça, mas ele a puxou ao redor da minha garganta, seu polegar roçando minha mandíbula, a lateral, até que ele terminou no meu queixo antes de deixá-la cair completamente e dar mais um passo para trás.

— Você deveria comer. — Ele se virou e saiu.

Fiquei e deixei a água cair sobre mim por mais um minuto antes de desligá-la.

CAPÍTULO 21

Ashton

Avery ainda estava no escritório quando voltei, terminando de abotoar uma camisa nova. Ele olhou para o banheiro, onde Molly permanecia no chuveiro. Levantei meu queixo para Avery.

— Você tem notícias?

Seus olhos estavam cuidadosamente mascarados.

— Eles o pegaram. Eles chegarão em trinta minutos e querem saber onde colocá-lo?

Ouvi a água desligar atrás de mim.

— Armazém um, coloque-o no escritório dos fundos e mantenha o bloqueador de celular ligado.

— Você acha que ele pediria ajuda?

Eu balancei minha cabeça.

— Acho que não sei mais nada.

Molly estava vindo atrás de mim. Eu estava tão sintonizado com cada movimento e emoção dela, que quase conseguia adivinhar o que ela estava pensando. Isso até agora. Ela tinha uma expressão encoberta no rosto e estava tremendo.

Avery indicou as duas bandejas atrás dele.

— Trouxe as doses de café expresso e suas omeletes. Maté também. — Ele franziu a testa ao ver Molly atrás de mim. — Você gostaria de uma muda de roupa? Cobertor?

— Ah, sim. Claro. — Ela disse isso tão distraída. — Obrigada.

Avery baixou a cabeça, saindo. Eu sabia que ele se certificaria de que as roupas que trouxesse também estivessem bem aquecidas.

Molly passou por mim, caminhando até a bandeja, mas não tocou em nada. Ela olhou para ela.

— Onde estamos? Você nunca me respondeu. — Ela continuou observando a tampa da bandeja. — Não estamos na cidade, estamos?

— Norte. Minha família tem um complexo aqui. Estamos seguros, se é com isso que você está preocupada.

Ela bufou uma risada antes de cobrir a boca.

— Deus, não. Quer dizer, eu deveria. Eu estava pirando até o banho improvisado e totalmente vestido, e quase a sessão de amassos. — Ela suspirou, levantando o olhar para mim. — Mas não estou mais.

— Sobre o que quase aconteceu...

Ela baixou o olhar e acenou com a mão.

— Não. Eu não ligo. Eu só quero o Easter Lanes de volta em meu nome e não quero ter nada a ver com nada disso. Nada mais de bombas. Nada mais de pessoas tentando invadir minha casa... — Ela parou. — Como você entrou na minha casa? Você disse que deveria disparar quando eu abrisse a porta, mas você não fez isso? — Ela

parou, confusa.

— Eu não entrei pela sua porta.

— Como?

— Você mora no terceiro andar. A janela do seu quarto estava destrancada. Achei estranho, mas agora estou pensando que foi por onde ele entrou e saiu. A bomba foi colocada na parte interna da sua porta, então você não a teria visto.

Ela fechou os olhos e pude ver como ela estava se preparando.

Eu não gostava de imaginar os pensamentos que passavam pela cabeça dela.

— Tome seu café expresso. Coma sua omelete.

Ela não se mexeu.

— Quem é Avery para você?

— O que você quer dizer?

— Eu o ouvi antes de entrar. Vocês estavam falando sobre Worthing. Ele não parece apenas um cozinheiro para você.

— Ele é meu chef, mas também supervisiona tudo neste complexo. Elijah é meu braço direito na cidade. Avery é meu braço direito aqui, entre outras coisas. Tenho outros, como você sabe, por causa das novas mudanças familiares, mas esses são os meus dois principais.

Ela resmungou, agora levantando a tampa da omelete.

— Então não mexa com ele, hein?

Uma batida suave soou na porta e Avery a abriu, trazendo uma pilha de roupas em uma mão e um cobertor na outra. Seu rosto estava tranquilo, mas eu sabia que ele a tinha ouvido.

— Roupas quentes para você, Molly, e um cobertor também. Que cadeira você está pensando em usar?

Ela pegou as roupas e gemeu.

— Ah, meu Deus. Isso é maravilhoso. — Ela foi até o banheiro.

Avery olhou em minha direção.

Apontei para a cadeira onde ela estava e ele assentiu antes de estender o cobertor para que ela pudesse se sentar e puxar as pontas para cobri-la. Quando terminou, ele passou por mim e disse baixinho:

— Eles estarão aqui em vinte minutos.

Fiz um breve aceno de cabeça quando ele saiu, e Molly voltou, com um brilho fresco colorindo suas bochechas.

Qualquer que fosse o choque que ela sentiu antes, desapareceu. Ela se sentou, com um pequeno sorriso no rosto, olhando para o cobertor, e comeu sua omelete. Ela experimentou o expresso e outro gemido saiu de sua boca.

— Isso é pura felicidade. Ah, meu Deus. Que café você usa para isso? Preciso disso para o Easter Lanes. Esqueça o álcool. As pessoas virão para isso. Esqueça o boliche! Só as doses de café

expresso. Eu posso ver isso acontecendo.

Eu tive que sorrir, só um pouco. Ela não demorou. Não importava a merda que aconteceu, ela enlouqueceu e agora estava aproveitando sua dose de café expresso.

— Espere até experimentar a omelete. A culinária de Avery é a melhor que conheço.

Ela me lançou um pequeno sorriso quando fui me sentar ao lado dela.

— Você quer dizer depois do Pedro, certo?

Eu ri, só um pouco.

— Sim. Claro, depois do Pedro.

Seus olhos brilhavam, mas ela também estava esperando que eu comesse.

Franzi a testa, mas usei o garfo para dar uma mordida na minha própria omelete. Quando ela viu que eu fiz isso, seus olhos brilharam e ela deu uma mordida na comida.

— Oh! — Ela caiu para trás na cadeira, as mãos em volta da boca e os olhos fechados. — Isso é delicioso. Você estava certo. Desculpe, Pedro, mas a omelete de Avery está em outro nível. Porém, talvez Pedro também possa fazer uma boa omelete.

Ela estava se lembrando de Pedro pela impressão que ele havia deixado nela. Ela nunca comeu a comida, e esqueci de dar a ela as sobras.

Eu estava descobrindo muita coisa sobre Molly Easter, detalhes que nunca havia considerado antes.

— Você não está comendo. — Ela apontou para o meu prato enquanto um terço do dela havia desaparecido. Ela me deu um sorriso fechado e de boca aberta, balançando o garfo no ar. — São as pequenas coisas, Ashton. O mundo pode estar implodindo ao seu redor, mas quando você tem uma omelete excelente para comer, você tem que comer a omelete excelente. Talvez você nunca consiga outra igual.

Ela estava certa, mas não foi isso que me surpreendeu. Foi ela. A cada curva e reviravolta, eu encontrava um novo lado de Molly.

Omeletes excelentes?

— Foi isso que você aprendeu crescendo no sistema de adoção?

Ela fez uma pausa no meio da mastigação, mas piscou uma vez e voltou a comer. Depois de engolir, ela pegou o resto de sua dose de café expresso, mas apenas segurou.

— Sim. Quer dizer, eu acho. Alguns pareciam bons, alguns eram decentes, mas sim. Havia alguns onde você simplesmente sobrevivia. Dia após dia, você sabe. — Ela estava balançando a cabeça da esquerda para a direita. — A única coisa boa quando você está

lutando para sobreviver é que os sentimentos não tomam conta de você. Você não tem tempo para senti-los. É depois, quando você está estável e seguro, que os sentimentos atingem você. Mas sim, em ambos os mundos, você aprende a viver. Pequenas coisas. Pequenas bênçãos. Às vezes, essas são as únicas coisas que tem para fazer você sorrir, e você tem que sorrir. Você sempre tem que sorrir. Você não quer deixar passar o dia, sabe?

Eu sabia, mas também não.

— Coma sua omelete, Ashton — ela disse isso com um sorriso.

— Então você pode ir e ser o vilão depois.

Fiz o que ela disse. E ela estava certa, embora eu já soubesse. As omeletes de Avery eram surpreendentes.

Quando terminamos, meu telefone tocou. Eles chegaram.

Molly estava me olhando.

— Você tem que ir trabalhar?

Eu balancei a cabeça.

— Ok.

Olhei para ela e levantei uma sobrancelha em questão.

Ela estava terminando a comida e colocou o guardanapo na bandeja antes de se levantar.

— Você tem que ir, então você tem que ir. Leve-me de volta para minha torre.

— Você não quer saber o que ele vai dizer?

Ela estava mordendo o lábio inferior antes de balançar a cabeça lentamente.

— Não. Acho que, neste caso, vou tirar uma soneca e deixar você fazer o que quiser. Mas *vou* importuná-lo depois, para que você me conte tudo o que ele disser. Considere este o seu aviso.

— Você vai tirar uma soneca?

Ela assentiu.

— Sim. — Foi ela quem me levou até a porta do meu escritório. — Mostre-me o caminho, Jeeves. Se aquela omelete e café expresso servirem de indicação, tenho a sensação de que minha cama é uma outra forma de paraíso. Eu não apreciei isso antes, mas desta vez apreciarei.

Sim, de fato. Molly Easter estava me surpreendendo em cada passo.

Eu estava descobrindo que gostava. Bastante.

Molly foi tirar uma soneca e eu fui ser o vilão.

CAPÍTULO 22

Ashton

— Você está *brincando* comigo?! — o detetive Worthing rosnou assim que entrei na sala.

Eu o observei antes de responder. Havia alguns hematomas em seu rosto. Sua jaqueta estava rasgada em alguns lugares. Marcas de desgaste em sua calça jeans. Seus olhos estavam selvagens e ele estava carrancudo. Ele também foi amarrado a uma cadeira em quatro lugares diferentes.

Ele não tinha nenhuma chance de escapar.

— Vejo que meus homens foram minuciosos.

Ele rosnou novamente, sacudindo a cadeira enquanto se virava.

— Eu vou matar você, Walden. No segundo em que estiver livre...

Fui até uma mesa colocada no canto. Tínhamos todos os meus brinquedos aqui, mas enquanto eu os examinava, uma pontada de decepção passou por mim. Eu não estava ansioso para torturá-lo. Molly estava certa, no que ela disse antes. Era *eu* quem gostava de sujar as mãos. Torturar era minha praia, mas... não hoje.

Por que não hoje?

Dei um passo para o lado e balancei a cabeça em sua direção.

Foi então que Worthing percebeu sua situação e quem eu era. Ele se acalmou, a selvageria em seu olhar diminuindo.

— Eu sou um policial.

Eu zombei.

— Como se isso fosse importante para mim.

— Eu sou um Worthing. Você sabe o que meu primo fará se você me matar?

Estreitei meus olhos em fendas.

— Você quer dizer que seria pior do que ele matar meus tios e meu avô?

Ele estava realmente percebendo sua situação agora, porque não havíamos recebido a vingança. Ainda.

Ele tossiu, limpando a garganta.

— Estamos em um cessar-fogo, lembra?

Eu estava começando a sentir fome de tortura.

Já fazia muito tempo, só isso. Eu tinha esquecido o sabor e voltei a estudar qual arma queria. Passei o dedo por toda a extensão da mesa, parando em uma faca letal, mas compacta. Tinha cabo de selenita, o que sempre me fazia sorrir com a ironia daquele tipo de cristal em uma lâmina usada para matar.

Peguei-a e comecei a girá-la em minhas mãos.

— Quais são as chances de que o dia em que mandei um rato correndo para chutar um ninho de vespas seja o mesmo dia em que um homem tentou invadir o apartamento de Molly Easter horas depois? — Eu estava observando-o através de um espelho no canto, um que ele não tinha visto, e ele estava se movendo, tentando se libertar, até que peguei a faca. Ele começou a me observar com mais inquietação, mas assim que eu disse o nome de Molly, ele congelou completamente.

Virei-me agora, segurando a faca frouxamente em uma das mãos.

— Ou as chances da coincidência de que esse mesmo homem tenha recebido uma ligação mais cedo do seu telefone.

Suas sobranceiras caíram.

— O quê? Eu nunca liguei... — Ele fez uma careta, todo o seu rosto se contorcendo antes que um novo nível de cautela pairasse sobre ele enquanto me observava. — Ouvi um boato de que Shorty estava farejando, fazendo perguntas que não deveria fazer, e fiquei preocupado com Molly. Pedi a um cara que conhecia para cuidar dela, só isso. Juro.

— Seu homem está morto.

Ele ficou rígido novamente.

— O quê?

— Eu o matei.

— *O quê?*

Levantei a faca e a joguei no ar em sua direção. Cortou a lateral da orelha de Worthing. Ele se abaixou, sibilando, antes de olhar para ver onde a faca havia caído. Três centímetros atrás dele. — Vejo que os rumores são verdadeiros. Você faz seus próprios interrogatórios. Você é um doente, Walden.

Estendi a mão para trás de mim e peguei uma de tamanho maior. O mesmo cabo de selenita. A mesma lâmina letal, mas esta era mais irregular. Eu a segurei.

— Esta causa mais bagunça.

Ele praguejou baixinho, começando a empalidecer um pouco.

— Por que você matou meu IC?

— Porque ele estava tentando invadir o apartamento de Molly. Ele franziu a testa, balançando a cabeça.

— Jesus. Você realmente está transando com ela. Eu esperava que você estivesse mentindo.

— Por que eu mentiria sobre isso?

Ele bufou.

— É você. Você adora jogos mentais. Eu nunca sei que porra você vai fazer.

Isso me fez sorrir.

Mas eu ainda queria machucá-lo. Isso estava voltando e crescendo. Eu gostei. O velho eu ainda estava aqui.

— Você costumava ser um dos meus homens. Agora você é o inimigo, mandando homens atrás da mulher com quem estou transando.

— Eu não sou seu inimigo.

— Seu sobrenome diz diferente.

— Meu sobrenome, Nicolai; o que ele faz, não tenho escolha.

— Besteira.

— Eu não! É diferente para mim. Ele quer me usar para abrir caminho. Justin... — Ele engoliu em seco, a dor brilhando em seus olhos enquanto todo o seu rosto se contraía. — Meu irmão estava sempre fora. Eu era o policial, mas ele era a consciência de todos nós. Nicolai está tão arrasado quanto todos nós. Ele quer saber quem matou meu irmão. Digo isso porque o cessar-fogo é real para nós. Não mandei Walleye fazer nada, exceto colocar os olhos em Molly. Eu estava preocupado, *estou* preocupado com ela. Se o pai dela está fazendo perguntas, essa merda vai chegar até ela imediatamente. Ela é sua única fraqueza. Ela tem que ser protegida.

Ele estava soando como se realmente se importasse. Isso me fez querer empalar minha mais nova lâmina em seu estômago.

— Eu gostava dos meus tios. Eu gostava do meu avô.

Ele amaldiçoou novamente, estremeando antes de desviar o olhar.

— Eu digo *gostava*, porque na minha família, o que fazemos, se você *ama*, então você é considerado fraco. Minha família não era fraca. Posso admitir que *eu me importava* com eles, mas amor... eu nunca direi essa palavra. Depois de *amar* alguém, você o perderá. Você estava destinado a perder seu irmão, *porque* o amava.

— Isso é tão fodido, e você está mentindo. Você amava sua família. Você ama Trace. Vocês são como irmãos. Como você o ama, isso foi Justin para mim. Alguém o levou embora, e quando penso em como ele morreu... — Sua voz falhou. Ele engasgou. — Quero estar aqui um dia, com o assassino dele. Quero-o nesta cadeira e quero aquela faquinha que você jogou em mim, porque vou cortá-lo em pedaços. Centímetro por centímetro, porra.

Ele quase me fez acreditar nele. Quase.

— Quem contou sobre os rumores?

Ele ficou imóvel novamente.

— Por quê? — Mais cautela.

— Quem contou? — Eu estava mais firme.

Ele não respondeu, sua boca se estreitando.

Eu estava perdendo a paciência com ele e não queria isso. O jogo deixaria de ser divertido. Por causa disso, eu me afastei e apertei

um botão.

— Traga-me o telefone dele.

— O quê?

Eu esperei.

— O que você está fazendo? Você não pode entrar no meu telefone.

A porta se abriu e Elijah me entregou primeiro seu telefone e depois meu equipamento de programação.

— O que você está fazendo?! O que é isso? — Worthing estava começando a lutar, tentando se libertar. A cadeira arranhou o chão.

Eu o ignorei, dando a Elijah um aceno de que ele poderia voltar. Falei enquanto conectava meu equipamento ao telefone:

— Você sabe sobre o primeiro negócio que comecei?

Eu gostava de fazer essa pergunta às pessoas.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? Pare de brincar com meu telefone! Esse é o meu telefone...

Bip, bip, biiiiiip!

Sorri, mostrando a ele sua própria tela enquanto meu programa encontrava a senha.

— Segurança cibernética. Eu sei alguma coisa sobre códigos de acesso, senhas e firewalls.

— Não! Ashton, por favor. Vamos...

Eu o desliguei enquanto examinava seu registro telefônico primeiro.

Houve uma ligação para Walleye e, depois disso, seis ligações para seu parceiro. Isso era esperado. Uma Laila apareceu três vezes. Mas logo antes de ligar para Walleye, eu conhecia esse número. Ele não o salvou, mas isso não importava. Eu levantei a tela.

— Eu sei quem é.

Nicolai Worthing.

Ele amaldiçoou, recostando-se na cadeira.

— Eu sei para onde você está indo, mas não foi Nicolai. Ele nunca machucaria Justin. Nunca. Estou falando sério, Ashton.

Eu não me importava com o que ele tinha a dizer. Eu descobriria de uma forma ou de outra, e mudei para as mensagens dele. Algumas mensagens de sexo com Laila, mas nada mais incriminatório.

— Você não tem esposa e filhos?

— Como diabos você sabe sobre eles?

Eu olhei para ele, levantando uma sobrancelha.

Ele amaldiçoou baixinho.

— Somos divorciados. Ela está na Califórnia. E economize seu fôlego, eu sei que você não vai atrás de crianças. Esse foi o fator decisivo pelo qual entrei na sua folha de pagamento. Eu nunca teria

feito isso se soubesse que você usava crianças como o Cartel.

Sim. Essa era a nossa única qualidade redentora no negócio da Máfia.

Apertei um botão e Elijah voltou. Entreguei tudo para ele.

— Clone o telefone dele. O que mais ele tinha com ele?

— Você quer que eu traga aqui?

Eu considere isso.

— Não, mas entre em contato com Shorty Easter. Diga a ele que quero vê-lo.

— Você? Não... — Ele apontou na direção da casa. — Você sabe.

— Quero ver o que ele me diz.

— O que você quer fazer com o detetive Dick aí atrás?

Ele? Eu estreitei meus olhos.

— Não pensei que jogaria hoje, mas decidi jogar uma mão. Você conhece minhas pequenas surpresas, minha mais nova invenção?

— A fita?

Eu dei um aceno de cabeça.

— Coloque um pedacinho na arma do detetive, onde não será encontrado.

Elijah me lançou um olhar, balançando a cabeça.

A porta se fechou e a cabeça de Worthing recuou, esperando. Ele engoliu em seco, mas uma parede bateu em seu rosto.

— Eu conheço seus jogos, Walden. Não vou dar a você a satisfação de implorar. Você quer me matar, desencadeie esta guerra novamente, vá em frente.

Peguei minha faca e me ajoelhei, cortando a corda de uma só vez.

Ele se acalmou.

Seu olhar se voltou para mim, observando atentamente com a outra corda.

Fui atrás dele e desfiz as duas últimas.

Ele se levantou da cadeira e ia pegar a arma quando praguejou, lembrando que já a havíamos pegado.

— Quero minha arma de volta.

Tirei a faca da parede.

— Quero que você volte para o seu primo e pergunte quem contou a ele sobre Shorty.

— Você está falando sério? Seus caras me atacaram e me trouxeram para onde quer que estejamos, e acredite em mim, *vou descobrir*, e agora você está me dando ordens?

— Eu não estou matando você.

— Você está brincando?! Se eu não soubesse que seus homens iriam invadir aqui em dois segundos, eu esmurraria seu rosto neste

piso agora mesmo. — Ele amaldiçoou novamente, olhando para a porta. — Ainda estou pensando em trancar aquela porta e usar a força.

Eu sorri.

— Agora você está sendo tolo, pensando que poderia esmurrar meu rosto neste piso. — Dei uma piscadela para ele. — Quer tentar? Estou no jogo. Direi aos meus homens para só entrarem se você estiver ganhando.

Ele jurou, revirando os olhos.

— Tão distorcido da cabeça. Eu nunca entendi você.

— Alegre-se. Você provavelmente sobreviverá. — Eu sorri.

Ele voltou a fazer cara feia para mim.

— Por que você quer que eu pergunte a Nicolai sobre Shorty Easter?

— Porque antes de seu homem chegar ao apartamento dela, uma bomba foi colocada em sua porta.

Sua carranca desapareceu.

— O quê?

Alguns podem dizer que foi uma atitude estúpida sequestrar um policial, mas eu não. Não nesta vida, e assim como Worthing pensava que me conhecia, eu também o conhecia. Por uma razão que eu queria investigar mais tarde, ele estava preocupado com Molly.

Eu estava disposto a deixá-lo ir porque, assim como já havia plantado uma semente com seu parceiro antes, estava plantando outra. Para ele, sobre seu próprio primo.

— Se eu não tivesse atirado no seu homem, a bomba o teria matado de qualquer maneira. De qualquer forma, foi o seu homem quem detonou a bomba, não Molly. Parece que ela teve a sorte que nós dois não temos.

— Eu não sabia sobre a bomba.

— Eu sei. Quero que você me ajude a descobrir quem a colocou lá, e como não posso questionar seu primo... — Deixei-o pendurado enquanto abria a porta. Elijah e Avery estavam ali, junto com dois dos meus outros homens. Eles entraram, formando uma jaula em volta do detetive.

Avery começou a amarrar as mãos atrás dele.

— Meus homens irão escoltá-lo de volta à cidade.

Eles o levaram para fora, mas fiz sinal para Elijah.

— Saco na cabeça dele, como eu sei que você fez no caminho para cá, mas leve-o pelo caminho mais longo de volta. Quero que ele fique completamente confuso quando verificar seu GPS mais tarde.

— Colocamos o telefone dele no modo avião quando o agarramos. Ainda devemos estar bem.

— Eu sei, mas ainda o quero confuso. Ninguém sabe sobre este lugar. Eu gostaria de continuar assim enquanto puder.

— Chefe. — Ele demorou.

— O quê?

— E o vazamento que você queria que eu fizesse? Espalhamos a notícia de que ela está em um dos armazéns da cidade, mas você mencionou usá-la como isca.

— Já houve algum movimento?

— Ainda não, mas se você está pensando em usá-la como isca, você a quer lá?

Eu não respondi a ele. Sabia o que deveria fazer, o que beneficiaria o negócio, mas havia a questão do que eu queria fazer.

Afastei-me, porque eu mesmo não sabia a resposta.

CAPÍTULO 23

Molly

Se Ashton Walden realmente pensou que eu iria tirar uma soneca, ele estava... bem, eu estava sendo positiva aqui. A exceção era meu pai. Eu sempre me permitiria ser negativa com ele, mas voltando ao que estava fazendo atualmente.

Ele estava fazendo coisas da Máfia. Eu estava bisbilhotando.

Ashton ou um de seus rapazes deve ter pegado minha bolsa depois da explosão, porque a encontrei ao lado da minha cama. Eu estava exultante, pegando meu telefone, apenas para não encontrar sinal.

Então, carregando minha bolsa e meu telefone na mão, andei na ponta dos pés pelo local.

A certa altura, eu estava na ala leste. Sim. Eles literalmente tinham uma torre norte, uma torre sul, oeste, leste, e parecia que havia toda uma seção intermediária onde ficava a cozinha. O lugar parecia mais uma nave espacial do que uma casa. Ashton disse que era um complexo, então parabéns a quem pagou por tudo isso. Era um pouco exagerado na minha opinião, mas, novamente, eu não era chefe de um império da Máfia. E de qualquer forma, eu estava na ala leste quando ouvi vozes e, olhando para fora, vi Avery saindo do prédio principal e indo para longe. Havia uma estrada que levava na mesma direção, então imaginei que Ashton estava lá atrás, sendo Ashton.

A primeira coisa, ou segunda, já que a primeira era ligar para Pialto ou Sophie e fazer uma verificação. Eu não pude fazer isso, então o segundo item foi aumentado, e era ser a pessoa intrometida normal que alguém seria em um lugar como este: conhecer a configuração do terreno. Eu estava fazendo isso, e também fazendo *ooh* e *aah* com algumas peças de mobília, arte, esculturas sérias e ridiculamente incríveis, até mesmo as canecas em uma das áreas da cozinha dos hóspedes. Elas eram de cerâmica e adoráveis. Provavelmente custaram uma fortuna, mas agora eu estava na última ala.

Hum... ah. Eu não sabia o que fazer. Se continuasse bisbilhotando, me meteria em problemas. Foi minha mudança. Foi um problema. Eu precisava de uma distração. Eu poderia ligar para Pialto ou Sophie do telefone que estava na mesa.

Tentei Pialto primeiro.

— Este é quem você está tentando contatar. Deixe uma mensagem e eu responderei – bipe!

Merda. Eu não tinha certeza se deveria deixar uma mensagem ou não. Esse seria um benefício, saber em que situação eu estava atualmente. Eu estaria mais comprometida com um plano de fuga, se isso fosse necessário.

Suspirei e tentei Sophie.

— Olá?

— Soph!

— O que... Molly... *Ai, meu Deus, onde você está?*
O que aconteceu com seu apartamento? E se eu primo não quer nos contornar!
Fale alguma coisa!

Ah, uau. Eu tinha que descompactar isso um pouco.

Oh, meu Deus! Ela sabia sobre o apartamento!

— Você estava no meu apartamento?

— *Sim! Onde você está?!*

— *Estou bem!* — Por que eu estava gritando? — Estou bem.

Estou segura, eu acho.

— O que você quer dizer com isso? Onde você está?

— Como você sabe sobre meu apartamento? A polícia foi até o Easter Lanes à minha procura? Quero dizer, é claro que sim. Isso seria bom senso.

— Glen está trabalhando de novo, e não quero ser negativa em relação ao seu primo, mas ele não é muito bom em cuidar do lugar. Ele disse a Pialto e a mim que poderíamos tirar uma semana de folga, mas não quis nos dizer por que, então fomos à sua casa, e o que você quer dizer com a polícia?

— A polícia? Por causa da minha porta.

— Sua porta? Bem, desapareceu, mas *todas as suas coisas desapareceram!* Onde você está?

Franzi a testa e me afastei para olhar o telefone. Eu estava falando com a pessoa certa, não estava?

— O que você está falando?

— O que você está falando? Seu apartamento...

— ... tinha uma bomba na porta.

— ... tudo se foi! Estava limpo – *tinha uma bomba na sua porta?!*

Eu estava tão confusa.

— Espere. Todas as minhas coisas sumiram? — Eu engasguei. Devo ter ouvido errado.

— Sim! É por isso que tenho ligado e ligado. Pialto estava farto e foi procurar sua amiga policial. Jess. Ele tem pavor dela, mas disse que precisava de respostas. Onde você está?

— Não sei.

— O que quer dizer com você não sabe? Quem está aí com você? E onde estão suas coisas?

Minha cabeça estava zumbindo novamente. Eu estava tendo uma forte vertigem de déjà vu.

— Estou com... — Merda, merda, merda. Eu não sabia se poderia contar a ela ou não. Espere. Ela sabia de todo o resto. — Estou

com Ashton Walden.

— Oh, *Madre de Dios*. O que você está fazendo com ele? E *de novo*? Porém, ele é tão lindo.

Agarrei o telefone com mais força.

— Eu sei, e ele me protegeu da bomba.

— Ele protegeu?

— Sim.

Estávamos suspirando juntos.

— Não acredito que tinha uma bomba.

— Nem eu — brinquei.

— Você não sabe onde está?

— Eu não posso dizer. Não acho que ele queira... — A linha ficou muda. Olhei para o telefone novamente, verifiquei o cabo, certifiquei-me de que estava conectado à parede e estava. Mas a linha simplesmente ficou muda.

Uma mão se estendeu ao meu redor, tirando o telefone de mim, e eu me virei, já engolindo em seco, porque toda a sala esfriou. Ashton estava olhando para mim, seus olhos fervendo e sua mandíbula cerrada onde imaginei que ele poderia estar perto de ranger os dentes.

Eu estremeci, pensando nisso.

— Você está brincando comigo?

Sim. Ele estava furioso.

— O quê?

— O quê? — Seus olhos se arregalaram um pouco e ele se aproximou de mim, abaixando a cabeça. — Você está brincando com o quê?

— Uh...

Ele jogou o telefone no chão, quebrando-o em pedaços.

Eu estava engolindo em seco novamente.

— Você precisa me dizer o que fiz de errado se quiser que responda a sua pergunta.

— Você ligou para sua amiga? — Mais um passo em minha direção. Seus olhos brilhavam de raiva. — Você disse a ela que estava comigo? Você quer morrer? Você realmente compreendeu alguma coisa que aconteceu no seu apartamento?

Levantei um dedo, mas ainda usando a abordagem tímida, mantive minha voz leve.

— Sobre o apartamento. Soph disse que todas as minhas coisas sumiram...

— *Foda-se o apartamento! Havia uma bomba que poderia ter matado você. Por que você não está compreendendo isso?*

— Eu... eu não tinha certeza.

— Sobre o quê? — ainda rosnando.

— Sobre toda a proteção que temos aqui? — Fiz dois

movimentos circulares com as mãos.

— Que porra você achou que estávamos fazendo aqui?

— Uh. Eu não tinha certeza. Pense em toda a loucura que aconteceu comigo ultimamente. Estou um pouco confusa. Isso é tudo. Liguei para meus amigos. Eu não ia contar a eles onde estou. Eu nem sei onde estou.

Seus olhos voltaram a ser fendas, mas ele não fez comentários.

— Por que você está tão chateado? Eu não entendo isso. — Ok. Eu estava indo para o ataque. Isso foi bom. Um plano melhor aqui. — Nada disso teria acontecido se você tivesse me contado o que estamos fazendo aqui. — Eu cutuquei seu peito e sim, isso foi bom. Foi ótimo. Eu fiz de novo. — Isso se chama comunicação. — Outra cutucada.

Eu estava tentando intimidar aqui, então me aproximei enquanto cutucava, mas ele não estava se movendo.

Eu tentei de novo.

— Acordei desmaiada e você disse: Aqui está meu chef. Quer uma omelete? Não houve nada sobre o fato de estarmos aqui para minha proteção ou...

— Você surtou por quase ter sido morta, e então *bam*, você está falando sobre apreciar as coisas simples da vida.

— Quero dizer, sim. Não faz sentido deixar o negativo pesar sobre você. É evolução. Ir em frente.

O pescoço e os ombros de Ashton estavam ficando cada vez mais tensos, e ele começou a olhar meu pescoço como se estivesse pensando em envolvê-lo com as mãos. Talvez eu não devesse o estar cutucando.

Recuei um passo e imediatamente soube que não tinha sido o movimento certo. Um ar totalmente diferente passou pela sala, circulando-nos, e fiquei tensa. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Eu estava sentindo toda a sensação de que estava na sala com um predador, um predador muito bonito e de aparência elegante, mesmo assim um assassino.

O que eu estava fazendo? Cutucando-o. Respondendo-o. Esquecendo que ele era perigoso, porque eu não estava nesse momento. Ashton estava olhando para mim como se pudesse quebrar meu pescoço agora e depois passar por cima do meu cadáver a caminho do banheiro.

Um calafrio percorreu meus dedos dos pés.

— Ashton.

Ele abaixou a cabeça, os olhos ainda em mim, e sua voz saiu baixa e suave.

— Você tem alguma ideia do que acabou de fazer? Que trouxe você para um lugar que ninguém conhecia para sua segurança? Que você não pensou que a pessoa que tentou matá-la também poderia

estar vigiando *seus melhores amigos*, na eventualidade de você entrar em contato com um deles? Para que você pudesse contar a eles onde estava? Se os telefones deles estivessem grampeados, e se você ficasse na chamada o tempo suficiente para rastrear a localização?

Certo. Merda. Eu fiz tudo isso. Eu estava ciente de que tinha um problema. Eu não tinha pensado nessas coisas.

— Sou nova nesse assunto da Máfia. Sinto muito, mas da próxima vez me dê algumas lições.

Suas narinas dilataram-se.

— Lições?

Seu tom estava enviando um novo conjunto de arrepios na minha espinha.

Eu torci minhas mãos.

— Eu disse o que disse. Sinto muito...

— *Não*. — Ele se inclinou, movendo a cabeça para que ele ficasse a um passo de distância, e colocou a mão atrás de mim, contra a parede. — Não é a minha vida que vai acabar se eles encontrarem você. É a sua. — Ele olhou para baixo, vendo meu celular em uma mão e minha bolsa na outra. — Você disse que ia tirar uma soneca. Você estava planejando fugir em vez disso?

Isso pareceu realmente tolo quando ele falou.

— Eu estava dormindo...

Sua mão se moveu rapidamente para o lado da minha garganta.

Eu engasguei, endireitando-me, mas ele não apertou.

Sua mão se estendeu, alisando minha pele até que ele me segurou com firmeza. Estava aqui, encostada na minha pele. Um de seus dedos podia sentir meu pulso acelerado, que estava batendo como uma debandada agora, mas seu polegar começou a acariciar para cima e para baixo, apenas levemente. Um toque suave. Eu me perguntei se ele sabia que estava fazendo isso.

— Ashton — eu murmurei.

Ele olhou para minha garganta e se aproximou, seu peito quase tocando o meu. — Você sabe quantas vezes eu considereei terminar com você ao longo dos anos? Saber o que você representava, o que sua mãe representava. Você sabe o quanto isso me assombrou enquanto crescia?

Eu fiz uma careta.

— O quê?

Ele se moveu todo agora, seus quadris tocando os meus, e eu choraminguei, achatando-me contra a parede. Suas costas estavam arqueadas sobre mim enquanto sua cabeça estava inclinada, sua testa quase apoiada na minha. Seu polegar continuou acariciando, ficando mais ousado e firme a cada golpe.

Meu pulso estava quase disparando para fora do meu peito. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo aqui, mas uma parte de mim gostava disso, e essa parte ficou ainda mais confusa com isso.

— Eu *odiava* minha mãe. Detestava-a, e desprezei que o meu avô tivesse aceitado a oferta do seu pai. Não é normal um filho querer que todos saibam que sua mãe é um monstro, mas eu queria. Eu ansiava que isso acontecesse, e não aconteceu. Ela se tornou uma maldita santa pelo resto da vida, e você... tão inocente. Eu também observei você, odiando você. Odiando-a porque você teve a mãe que eu gostaria de ter e foi tudo tão inacreditavelmente fodido, e aqui estou eu, segurando seu pescoço na palma da minha mão, tão exasperado com você, porque se colocou em perigo quando eu... — Ele se cortou, uma escuridão emanando de seu olhar.

Eu estava fascinada, prendendo a respiração, precisando saber o que mais ele estava prestes a dizer. Eu *tinha* que saber.

— Quando você o quê? O que você ia dizer?

Por que ele odiava tanto sua mãe?

— Por que você não está brava com sua mãe? Eu contei a verdade e você não disse nada sobre isso. Você deveria estar furiosa e *nada*. Você não sente nada sobre o que contei? — Seu polegar voltou a se mover sobre minha garganta.

O calor estava me inundando. A necessidade por ele estava começando a crescer dentro de mim.

— Eu cresci sem querer conhecer minha mãe, e o que você disse meio que... só não tive tempo de digerir. Uma crise de cada vez agora.

Ele franziu a testa para mim, suas sobranceiras caindo.

— O que você precisa processar? Ela era sua mãe.

— Eu cresci odiando meu pai principalmente, exceto nas ocasiões em que percebi que poderia realmente amá-lo, apesar de ele ser o pior de todos. Todo o fator mãe parecia tão distante. Eu estava sobrevivendo. Foi só nisso que me concentrei naquela época. Sobreviver. Nada mais importava.

Meu coração começou a bater mais rápido.

A necessidade. A dor. Só cresceu.

A mão dele. Estava bem ali. Ele estava me acariciando, olhando para mim, mas não estava me vendo totalmente. Ele estava olhando – estendi a mão, colocando minhas mãos em seu peito, e ele congelou ao toque, olhando para elas.

— Ashton.

Seus olhos focaram novamente, vendo-me novamente.

A dor inundou ali. Era crua, real e visceral, e eu engasguei. Uma onda de necessidade de tirá-la me dominou.

Qualquer coisa. Eu tinha que ajudar.

— Ashton. Sua mãe...

— Ela me odiava — ele cortou.

— O quê? — Congelei. — O que você disse? — Estendi a mão, pegando-o com as duas mãos, mas ele piscou e desapareceu. Aquela pequena janela, tão fugaz. Fechou-se, embora ele tivesse permanecido onde estava. Ele ficou de pé, segurando-me, tocando-me, enquanto eu enquadrava seu rosto — ele poderia estar do outro lado da sala.

Deslizei a mão até seu peito, reprimindo a pulsação que preenchia todo o interior da minha cavidade torácica por ele.

— Não que eu esteja realmente reclamando, mas toda a mão no meu pescoço, e seu polegar fazendo essas coisas mágicas comigo, e você sabe, sentindo seus quadris aqui embaixo e estando encostada em uma parede... quero dizer, uma garota pode ter tantas fantasias antes que uma delas se torne realidade. Então você poderia, hum, você poderia *fazer* alguma coisa ou recuar?

— *Fazer* alguma coisa? — Seus olhos voltaram para os meus, segurando-me no lugar.

Minha garganta inchou.

— Certo. Ou dar um passo para trás. — Mas me pressionei contra ele, ignorando a distância emocional, porque ele estava trancado. Ele estava me vendo, não ela. Ele estava me sentindo, não ela.

— Dar um passo para trás? — Ele franziu a testa, seu polegar movendo-se sobre minha boca novamente. Suas sobrancelhas se uniram e ele começou a se abaixar, dobrando-se ainda mais sobre mim.

Oh, cara. Eu o estava sentindo entre minhas pernas e disse, num leve apelo, embora não o sentisse de maneira fraca:

— Por favor.

Seus olhos brilharam e eu fiquei tensa, porque não tinha ideia do que ele iria fazer, mas então uma intensidade totalmente nova explodiu dele, e ele estava se aproximando de mim.

— Ashton!

A voz de uma mulher gritou de dentro da casa.

Ele ficou rígido em cima de mim.

Uma porta se abriu atrás de nós e a mesma voz gritou novamente:

— Ashton!

Eu... foda-se.

Estendi a mão e me ergui, e fundi *minha* boca com a *dele*.

CAPÍTULO 24

Ashton

Eu me afastei de Molly, todo o meu corpo tremendo porque, puta merda, a necessidade de rasgar sua leggings, jogá-la contra a parede e afundar meu pau profundamente dentro dela estava me rasgando em uma velocidade vertiginosa.

Ela destruiu algo dentro de mim. Algo que eu precisava, o último pedaço de controle com ela.

Ela não apenas destruiu. Ela deu um golpe de aríete e eu fiquei abalado, absorvendo-a. *Só* ela. Eu estava ignorando as emoções que me atormentavam.

Apenas Molly. Eu só conseguia sentir Molly.

Eu também ia assassinar Remmi West, porque sabia quem tinha acabado de invadir.

— O que você está fazendo aqui? — Eu tive que me controlar, mas meio que rosnei para a irmã de Trace.

Ela estava entrando com brincos de argola. Jaqueta de couro. Seu cabelo escuro estava preso em um coque alto e ela usava sua calça preta habitual. A irmã de Trace gostava de vestir o estereótipo de princesa da máfia, mas hoje não havia jaqueta de pele sintética.

Remmi me ignorou, esticando o pescoço para poder ver Molly.

— Quem é essa? — Ela apontou para ela.

Empurrei a mão dela para baixo.

— Ninguém da sua conta. O que você está fazendo aqui e como chegou aqui?

— Ela veio comigo. — Marco a contornou, entrando na sala, e estava olhando para Molly também.

Amaldiçoei, passando a mão sobre minha cabeça enquanto enfrentava meu primo. Ele era da família. É claro que ele saberia sobre o complexo, mas Remmi?

— O que você está fazendo aqui?

Os olhos de Marco se estreitaram antes de ele se virar para mim.

— Trace ligou. Disse que não conseguia falar com você e que era imperativo. Achei que este era o único lugar para onde você iria e não atenderia a ligação dele, e como Remmi tinha acabado de desembarcar no aeroporto, eu a peguei e a trouxe aqui para ver se você estava *aqui*, e você está. — Ele fez um gesto para mim.

Eu olhei para ele. Duro.

Ele sorriu de volta.

— Relaxe. Eu sei que você bloqueou o celular neste lugar, e eu compartilhei com Remmi que este lugar é segredo até mesmo para a família dela.

Remmi sorriu para mim.

— Oh, sim. Eu usei uma venda, fones de ouvido e uma bolsa na cabeça. Eu me senti muito parecida com *Ozark*. Foi incrível, mas realmente... — Ela se aproximou de Molly. — Quem é você?

Amaldiçoei, seguindo em frente.

Molly estava prestes a responder, mas me coloquei entre ela e Remmi.

— Ela não é ninguém.

A cabeça de Remmi se moveu para trás, seus olhos se arregalando um pouquinho.

Ela era irmã de Trace, mas em muitos aspectos também era minha. Quando ele não conseguia lidar com ela ou cuidar dela, eu intervinha. Inferno. Eu intervi muitas vezes antes mesmo de ele ter a chance de ser irmão dela. Esse era eu, cuidando dos incêndios antes que se transformassem em infernos, e a presença dela aqui era o início de outro que ficaria fora de controle.

Peguei a mão de Molly, entrelaçando nossos dedos, ainda parado na frente dela.

O olhar de Remmi abaixou, concentrando-se na ação.

Marco pareceu ligeiramente interessado, mas primeiro foi ao bar e serviu-se de uma bebida.

— Foi algum negócio de família que vi sendo tratado quando chegamos?

Eu não sabia o que ele pensava ter visto, mas Worthing já devia ter sido tirado daqui antes deles chegarem. Ignorei sua pergunta por enquanto e olhei para Remmi, que parecia cativada por Molly.

Marco viu o olhar.

— Eu só tirei as vendas dela quando entramos na garagem. O segredo ainda está seguro, primo.

— Primo? — Molly guinchou.

Apertei ainda mais a mão dela.

E ao ouvir o som, a cabeça de Remmi levantou-se e os olhos de Marco estreitaram-se. Uma expressão brilhou em seu olhar, mas ele piscou antes de assumir uma expressão fria e casual mais uma vez. Ele tomou um gole de sua bebida antes de encontrar meu olhar novamente.

— Pensando que deveríamos ter uma discussão antes de você sair.

Remmi olhou em sua direção.

— Acabamos de chegar.

Marco continuou me observando e sorriu, quase presunçosamente.

— Meu primo gosta de vir aqui quando está começando a preparar alguma coisa, mas se ele trouxe sua última conquista, não vai

nos querer por perto. Não tenho dúvidas de que Avery já está arrumando o veículo para a partida. Assim como eu, Avery conhece nosso chefe.

Olhei para meu primo.

— Agora não é hora de você testar meus limites.

Seus olhos piscaram novamente – algo brilhou ali, mas diminuiu tão rápido quanto apareceu. Sua mão apertou o copo e ele não conseguiu esconder isso.

— Você terá que me perdoar. Antes de receber a ligação de Remmi, eu estava ao telefone com minha mãe e recebi uma bela bronca em nome de nossas tias.

Ele estava certo. Não tínhamos feito o segundo jantar em família.

Como se sentisse minha agitação interna, Molly tocou a parte de trás do meu pulso, deslizando a mão para baixo para substituir a outra. A palma da mão dela tocou a minha e ela entrelaçou nossos dedos enquanto se movia ao meu lado, levantando a cabeça e me lançando um olhar solene.

Eu não conseguia entender o que ela estava tentando expressar, mas ela continuou se movendo e eu entrei em transe. Cativado por ela.

Eu não era o único. O resto da sala ficou em silêncio.

Ela os ignorou, tocando meu peito com a mão livre, ficando na minha frente por um momento antes de começar a andar para trás. Em direção à porta. Ela me puxou, então eu a segui. Assim que o fiz, ela abaixou a cabeça, passando por Remmi e Marco e sem fazer contato visual com eles.

Nossas mãos ainda estavam ligadas.

Fui com ela, silenciosamente.

Ela vacilou no corredor, então assumi o controle, levando-a para meu quarto na torre norte.

Depois de passar pela porta, eu a virei, minha mão indo para seu quadril. Ela engasgou, mas a guiei contra a porta e a estava prendendo. Gostei de fazer isso, senti-la ali mesmo, na minha frente. Essa necessidade ainda estava aqui. Queimando. Tinha se estabelecido, mas não saiu, e agora. *Agora*, cansei de me conter.

Minha outra mão soltou a mão dela e se colocou na porta acima de sua cabeça.

Ela tinha um pouco de cor em suas bochechas e sua boca se abriu.

Eu podia sentir seu pulso. Tão forte, tão alto, que senti a batida do tambor apenas tocando seu quadril.

— Por que você fez isso? — Minha voz estava rouca. Eu não queria que isso acontecesse daquele jeito.

Ela não respondeu imediatamente, mordendo o lábio inferior enquanto examinava meu rosto. Então, com um suspiro, ela pareceu derreter na minha frente, recostando-se totalmente na porta.

— Porque não importa o que você faça, você ainda perdeu seu avô e tios há não muito tempo, e eu esqueci. Acho que muita gente esquece.

Eu fiz uma careta.

— Esquece o quê?

Ela tocou meu peito, levemente.

— Que você também está de luto.

Fechei os olhos e engoli em seco. Suas palavras foram como um soco no meu sistema, mas então eu os abri novamente e a encontrei estudando meu rosto. Seus olhos me examinaram, traçando-me até que ela viu que eu estava olhando para ela, e os dela se arregalaram um pouco. A parte superior de seu lábio se curvou ligeiramente. Ela não estava com medo de mim. Por que ela não estava com medo de mim?

Seus olhos até brilharam um pouco agora.

— Acho que não gosto do seu primo.

Esta mulher. Eu não a entendia.

Comecei a me afastar e, como se sentisse isso, a mão dela agarrou um punhado da minha camisa e me segurou no lugar.

— Vou ser um pouco honesta aqui.

Eu estava escutando.

Ela voltou a procurar meus olhos.

— Não conheço a dinâmica dos dois lá dentro, ou de você, ou deste lugar, ou de seus homens. Não entendo o que está acontecendo com você ou Jess e seu namorado, mas posso lhe dizer que *realmente* não quero saber de nada disso. Eu *sei* quando me esconder, quando desistir, quando correr e quando lutar, mas agora sei que há algo mais acontecendo entre nós e, por motivos egoístas, só quero me concentrar nisso. — Ela estava me puxando para ela, lentamente, com cada palavra. E ela mudou de posição, abrindo as pernas enquanto eu me colocava entre elas.

O desespero de estar dentro dela era primitivo, correndo através de mim.

Minha mão desceu por sua perna desde seu quadril, pegando a parte de trás de sua coxa, e eu a levantei, entrando completamente nela.

Ela engasgou novamente, um som suave e ofegante vindo dela.

— Isso — ela passou o dedo pelo meu peito até minha barriga e permaneceu lá, brincando com o botão de cima da minha calça — é uma coisa que me distrai, e só vou reiterar mais uma vez que não. *Não me importo* com as outras besteiras que estão acontecendo.

Levantei sua perna mais alto e avancei.

Ela engasgou novamente, a cabeça caindo para trás contra a porta, o queixo subindo e a língua umedecendo o lábio inferior.

Deus.

O meu pau disparou com aquela visão, e sentindo-me, os seus olhos abriram-se completamente, *olhando* para mim.

Sua mão se estendeu sobre meu peito, empurrando para trás, mas usando esse impulso para levantar ambas as pernas.

Eu rosnei, movendo-me com ela. Minhas mãos deslizaram sob sua bunda enquanto ela colocava as pernas atrás de mim, cruzando os tornozelos.

Jesus.

Esfreguei-me contra ela, lentamente.

Olhando para baixo, observei onde estávamos nos esfregando.

Ela começou a ofegar levemente, suavemente, no meu ouvido.

— Isso está distraindo você?

— Sim — ela respirou, seus quadris e bunda se movendo comigo. Ela estava empurrando meu peito para que pudesse começar a se mover com mais força, começando a voltar contra mim.

Bem, isso também estava me distraindo, mas me forcei a parar.

Marco estava aqui. Isso não era bom. Remmi estava aqui. Isso realmente não era bom. Eu estava prestes a perder a cabeça e isso realmente não era bom. E se lesse as ações passadas, eu poderia prever que para onde Remmi ia, Trace e Jess estavam prestes a aparecer, mesmo que não soubessem como chegar aqui. Eles ainda apareceriam.

Eu queria que Molly sáísse daqui antes que acontecessem mais explosões.

Eu gemi, afastando-a e deixando-a cair novamente.

A dor apareceu em seus olhos, mas eu ainda me afastei dela.

— Isso não pode acontecer — falei de forma mais áspera do que pretendia, mas isso estava acontecendo cada vez mais com ela. Tudo estava saindo ao contrário.

Ela se encolheu, mordendo o lábio.

— Estamos indo embora. — Acenei com a cabeça em direção ao banheiro. — Use isso antes de irmos.

Ela estava piscando rapidamente, alguma umidade brilhando antes de ela abaixar a cabeça, correndo para dentro do quarto. Ela fechou a porta, o ventilador ligou e eu xinguei. As coisas estavam tão fodidas agora.

Apertei o botão do interfone.

— Avery.

Sua voz soou do outro lado da porta.

— Estou aqui.

Abri e o vi recuando, mas seu rosto estava cauteloso.

— Os itens de sua companhia estão no carro, assim como os seus. Recebi a notícia de que seu outro convidado também sairá. Eles devem voltar para encontrá-lo quando isso terminar?

— Quero que Marco e Remmi saiam daqui.

Ele assentiu.

— Sim. Posso providenciar para que ocorra uma *emergência*. Os alarmes de CO² podem ser complicados às vezes.

Escondi um sorriso. Avery era muito bom em seu trabalho.

— Obrigado.

Nós dois ouvimos a descarga do banheiro.

Molly voltou, secando as mãos. Sua cabeça ainda estava abaixada, os ombros também curvados, mas ela olhou para cima e freou abruptamente ao ver nós dois olhando para ela.

— Pronta?

Senti a atenção de Avery, mas não desviei o olhar de Molly. Eu não consegui, por algum motivo.

— Sim. Pronta.

Ela piscou novamente algumas vezes antes de assentir, a cabeça dobrada para baixo e contornou-me. Eu ainda sentia o olhar de Avery.

— Você gostaria de um café expresso para a viagem de volta? Acho que teríamos tempo para eu fazer um.

— Oh, não. Obrigada mesmo assim.

Eles seguiram pelo corredor, mas enviei uma mensagem para Avery em seu telefone.

Eu: Faça o expresso de qualquer maneira.
Obrigado.

Eu o vi verificar seu telefone e olhar para trás, dando um aceno de cabeça.

Depois disso, fui conversar em particular com meu primo.



Marco estava pronto, encostado no bar da biblioteca do andar principal. Ele tinha uma bebida na mão e outra foi servida e colocada perto.

— Fiz uma bebida para você para a viagem de volta.

Peguei e joguei contra a parede. Ela passou zunindo por ele, mas Marco me conhecia. Ele não se encolheu, nem sequer piscou. Ele apenas ergueu seu copo, o gelo tilintando enquanto ele tomava um gole longo e deliberado.

— Sente-se melhor agora que isso saiu do seu sistema?

Foda-se ele. Avancei, tirando a bebida de suas mãos e, desta vez, bati-a na mesa, bem atrás dele.

Ele praguejou, pulando para longe, sacudindo qualquer líquido das mãos.

— Jesus Cristo! Você é louco, Ashton.

— Você trouxe Remmi West aqui. Aqui! Você está transando com ela?

Ele estava me reavaliando, com as sobrancelhas franzidas.

— Sim. Por que isso é um problema tão grande?

Eu o agarrei agora, arrancando-o da mesa pela camisa, e puxei-o para perto, rosnando na cara dele:

— Porque ela é um tsunami ambulante e o pai dela *acabou* de morrer, seu idiota! — Eu o joguei contra a parede mais próxima e, quando ele bateu nela, eu estava lá novamente. Pegando-o. — Ela está *aqui* no complexo dos Walden. Nem Trace sabe onde fica esse lugar e você a trouxe aqui? Aqui?!

Ele estava congelado e o sangue começava a esvair de seu rosto.

— Não...

— Sim! — Eu o agarrei. — Ela colocará um rastreador na casa. Ela terá um segundo celular. Não sei, mas ela vai descobrir e, novamente, o pai dela acabou de ser assassinado. Ela não sabe o que ele fez e Remmi está incontrolável. Ela é imprevisível. Você sabe o que ela fez com Jess Montell.

— Achei que o pai dela estava desaparecido.

— Você sabe melhor. — Eu olhei para ele. — Você sabe *quem* o fez desaparecer.

— Isso é...

— Ela é um canhão solto.

Ele me empurrou de volta.

— Você trouxe alguém aqui também. E quem era, aliás? Ela não é o seu aperitivo do mês. Você não fica assim com aquelas mulheres e não fica tão preocupado só com o fato de o complexo estar em risco. Você nem gosta deste lugar. Você só vem aqui se for preciso. Eu conheço você, Ashton. — Seu rosto estava se movendo para o meu espaço agora. Ele estava vindo para o ataque, mas eu me mantive firme. — Você também está esquecendo o quanto eu conheço você, e essa puta não é...

Minha mão se moveu num piscar de olhos, sufocando-o enquanto a envolvia em sua garganta e o segurava contra a parede. Eu apertei.

— Nunca *a* chame assim. — Outro aperto. — Você me escutou?

Ele não conseguia falar, mas me empurrou o suficiente para

que minha mão escorregasse.

— Meu Deus, Ashton! — Ele se inclinou, tossindo. — Sim. — Ele olhou para cima, esfregando a garganta. — Eu diria que acertei. Quem quer que ela seja, ela não vale essa merda. — Ainda curvado, ele apontou entre nós dois. — Somos uma família, e você está esquecendo quanta família perdemos? Você vai se virar contra mim?

Dei um passo, perto.

— Você realmente deveria parar de subestimar minha inteligência.

Ele fez uma pausa, levantando-se bruscamente, mas não fez comentários. Ele apenas me olhou, mostrando um lampejo de cautela.

— Quero que você e Remmi saiam daqui dentro de uma hora.

— Mas...

Comecei a caminhar em direção à porta.

— Isso não é um pedido. Solte-a assim que a levar de volta para a cidade.

— Você não pode me dizer com quem foder...

Parei na porta.

— Sim. Eu *posso*.

Ele olhou para mim, avaliando-me.

— Ambas são ordens. — Inclinei minha cabeça para o lado. — Seria muito *estúpido* da sua parte me desafiar. — Era isso. Isso era tudo. Se o fizesse, ele aprenderia. Do contrário, eu não tinha dúvidas de que ele ainda aprenderia mais tarde. Marco estava oficialmente na minha lista de observação.

Avery tinha um copo pequeno esperando por mim quando passei por ele e entrei na garagem.

Eu o peguei, fazendo uma pausa.

— Ela estava quieta, mas tomou o café expresso.

Eu dei a ele um leve aceno de cabeça.

— Obrigado. — Nós dois nos viramos quando Marco estava saindo da biblioteca. Ele fez uma pausa, observando-nos antes de seguir pelo corredor, desaparecendo de vista.

— Sua mão está sangrando. — Ele me entregou uma toalha enquanto dizia isso.

Eu peguei, fazendo uma careta, porque nem tinha notado.

Avery estava observando enquanto eu enrolava a toalha firmemente na palma da mão.

— Vou colocar um kit de primeiros socorros no banco de trás antes de você sair e limparei o escritório imediatamente. Preciso planejar minha *emergência* hoje à noite?

— Avise-me se eles não saírem dentro de uma hora.

— E se não o fizerem?

— Então execute o plano.

Ele assentiu, começando a sair.

— Avery.

Ele parou. Eu estava observando para onde Marco tinha ido.

— Observe-o nos monitores até ele sair.

— Considere isso feito.

CAPÍTULO 25

Molly

Eu era *tão* idiota.

Jogando-me nele. Fazendo toda a coisa da mão no peito. Sendo sedutora. E falhou! Bati e queimei. Ele me rejeitou, mas cara, cara. Eu o senti. Ele me queria. Ele gostou disso, mas argh. Fiquei tão humilhada.

Era eu?

O que eu estava pensando? Claro que era eu.

Eu. Quem mais teria sido? Algo estava errado comigo. Eu não era bonita o suficiente, ou alta o suficiente, ou não sei. Era só eu. Quem eu estava enganando? O universo não gostava de mim, mas caramba. Não. Recusei-me a seguir esse caminho. Eu fiz muito, suportei muito, criei uma vida muito boa, apesar de minhas sementes parentais. Foda-se ele.

Quer dizer, era isso que eu estava tentando fazer, mas ahhh!

Sua perda. Certo. Totalmente sua perda. Ele estaria se arrependendo, exceto que, e isso era difícil admitir, eu não achava que ele estivesse se arrependendo. Ele estava quieto quando entrou no carro e, apesar de ter feito um curativo na mão, não fez nada durante todo o trajeto de volta à cidade. Silêncio total. O que era desconfortável, e eu não conhecia o motorista. Ele era um cara novo.

Eu conhecia Elijah e agora Avery. Eu não conhecia esse cara.

Quando passamos pela esquina da minha casa, foi então que me lembrei do que mais Sophie havia dito.

— Minha casa! — Eu me empurrei para frente. — Soph disse que todas as minhas coisas sumiram. Você fez isso? Onde estão as minhas coisas?

Ele mal reagiu, mal olhando em minha direção.

— Suas coisas foram guardadas em segurança.

— E quanto a mim? Não posso entrar no armazenamento. As minhas roupas. Minhas coisas. Meu... — Ok. Eu não gostava muito de me relacionar com coisas materiais. Havia alguns itens pelos quais eu mataria, mas eram principalmente o Easter Lanes e meus amigos. Eu cortaria uma garganta por eles.

E sim, escuridão total. Eu tinha alguma coisa dentro de mim, mas essa era uma área que eu gostava de fingir que não existia. Estava indo bem por tanto tempo. Eu não estava contando *a troca* como parte disso, mas a quem eu estava enganando? Eu sabia que estava conectado.

Ainda. Eu poderia ser bem sombria e voltar a fingir que não estava lá. Uma crise de identidade de cada vez.

— Coloquei seus pertences em um quarto de hóspedes em

minha casa.

— O quê? — Achei que minha humilhação tinha limite de tempo. Agora estava em movimento circular perpétuo, como quando a internet não conectava. — Por quê? Não. Quero ir para *outro lugar*. Eu não...

— É para sua segurança. — Sua cabeça virou em minha direção.

Eu estava ignorando toda aquela coisa de apertar a mandíbula ou como seus olhos brilharam para não pressioná-lo nisso. Eu estava tão pressionada.

— Não quero estar perto de você mais do que o necessário, e isso é o suficiente. Ficarei com Pial...

— Não vai, foda-se!

Fechei minha boca, meu pulso disparando. Eu estava ficando com raiva.

— Então Jess...

— É para sua segurança! — ele retrucou, com os dentes cerrados. — O assunto está encerrado.

— Não...

— *Eu não quero você morta!* Como você não está compreendendo isso?

— Como você não entende que eu não dou mais a mínima para o que você quer! — atirei de volta. — Eu ficarei com Jess.

— E colocá-la em perigo? Ela e a mãe – porque ficam na casa da mãe metade do tempo. Dar a Jess mais uma coisa com que se preocupar depois que ela perdeu sua melhor amiga?

Deus. Ele estava certo.

Uma última coisa para Jess se preocupar.

Eu me acomodei. Precisei. Ele estava certo.

Ele respirou fundo para se acalmar.

— Estou tentando mantê-la fora do radar do meu melhor amigo e da Srta. Montell por esse mesmo fato. Quanto mais cedo descobriremos quem matou Justin e Kelly, mais cedo tudo isso poderá acabar.

Isso era verdade. Jess. Justin. Kelly.

Isso era tudo por eles.

Mas eu *ainda* estava envergonhada. A rejeição foi rápida e, sim, doeu. Além disso, eu precisava fazer xixi e a sensação só piorou depois que cruzei os braços sobre o peito. Eu não tinha ideia de como isso funcionava, exceto que a gravidade devia operar de maneiras surpreendentes e complexas.

Eu me contorci um pouco no meu lugar.

— O que está errado?

— Aquele café expresso estava muito bom, mas...

— Você tem que ir ao banheiro?

— Quero dizer, se você sentisse necessidade de uma raspadinha Slurpee, eu usaria o banheiro.

Ashton olhou para mim por um longo tempo.

Eu estava tentando não me contorcer, especialmente sob essa nova rodada de atenção, mas não consegui me conter. Eu até fiz o que você não deveria fazer. Pressionei minhas pernas juntas, mas cara, cara. Saara. Pensando no deserto. Seco. Camelos. O calor. O sol. Delirando e vendo água ao longe.

Não estava funcionando.

— Eu tenho que ir.

Ele assentiu, tocando um botão.

— Se você pudesse passar pelo posto de gasolina mais próximo, por favor?

Seu motorista baixou a divisória de privacidade.

— Não temos a quantidade habitual de guardas.

Ashton estava me estudando novamente.

Eu estava tentando me sentar em minhas mãos. Talvez se inclinasse minha bexiga dessa maneira, ajudaria?

Não ajudou. Olhei para Ashton e ele interpretou isso como minha resposta, dizendo por mim:

— Teremos que nos virar. — Ele olhou para mim sem piscar. — Você às vezes parece uma criança.

— Estou ciente. — Bufei, afundando no assento. — Eu estou trabalhando nisso. Há uma lista completa.

Ele piscou agora, mas seu olhar ainda estava seco antes de desviar o olhar.

— Não deveria haver.

Olhei para ele, franzindo a testa. O que isso significava?

O motorista acionou a seta e começou a entrar na próxima faixa em direção à saída.

— Há um posto a um quarteirão daqui.

Ashton me observou enquanto descíamos a pista e íamos para o posto de gasolina. O lugar em si não era muito povoado. Estava destruído, com grades em volta dos funcionários e nas janelas e portas. Ashton pegou meu braço, segurando-me no lugar enquanto o motorista entrava.

— Ele vai verificar primeiro.

Eu balancei a cabeça, ainda pensando no Saara em minha cabeça até que a realidade se encaixou quando vi Ashton tirar uma arma do casaco.

— O que você está fazendo?

Ele franziu a testa.

— Você está brincando?

Eu corei, *lembrando*.

— Desculpe. Eu esqueço, às vezes. Quer dizer, eu não, mas esqueço. Você é você, e eu não sei. É como se eu tivesse meu próprio divisor de privacidade para você e o que você faz na minha cabeça. Estamos constantemente brigando por trás, enquanto o que você faz é na frente, sabe, com as armas e os guardas.

O motorista estava voltando, então ignorei uma sensação muito diferente que tomou conta dessa parte do carro. Apontei para ele.

— Ele voltou.

Ele abriu a porta. Ashton saiu primeiro e deu um passo para o lado para me deixar sair.

Eu fiz isso, ignorando o funcionário e alguns outros clientes lá dentro. O banheiro estava vazio, graças a Deus, mas a fechadura era uma pena. Segurando minha bexiga, como se isso funcionasse, puxei a lata de lixo gigante para bloquear a porta. A coisa era muito pesada, então serviria. Depois disso, céu e alívio, sim.

Foi quando meu telefone tocou no meu bolso.

Retirei-o, notando que o sinal havia voltado em algum momento, e vi trinta mensagens de texto, dezesseis mensagens de voz e uma série de outros alertas. Puta merda...

Pialto: QUE MERDA, MULHER?! ONDE VOCÊ ESTÁ?

Pialto: Desculpe. O quê? O quê?

Pialto: Seu primo não vai nos contar nada!

Sophie: Onde você está? Você está viva? Você teve um caso de uma noite e foi incrível e você está tirando um dia? Por favor, por favor, diga-me que é isso que está acontecendo e não outra coisa.

Sophie: Seu primo! Idiota!

Sophie: P está aqui e nós dois estamos preocupados. Seu primo nos disse que poderíamos tirar uma semana de folga. O que está acontecendo? Estou realmente preocupada com você.

Pialto: FOMOS AO SEU APARTAMENTO E NÃO TINHA NADA DENTRO?

Sophie: Você pretendia se mudar e conseguir uma nova porta?

Pialto: A Sra. Tulip acabou de voltar de uma visita à irmã. Ela está fora de si porque você se foi e ela não sabia. Ela está se culpando.

Sophie: Ah, querida. Você sabe o número de telefone da Sra. Tulip? Você poderia deixar ela e eu sabermos que você está bem?

Sophie: Muito preocupada.

Sophie: Amo muito você.

Pialto: Isso é por causa do seu pai? Eu juro, JURO, vou quebrar a cabeça dele na calçada na próxima vez que o vir.

Pialto: Onde você está?

Sophie: Onde você está????

Pialto: É isso! Estou rastreando aquela sua amiga policial. Ela vai conseguir. Eu sei que ela vai.

Pialto: Você tem o telefone dela?

Sophie: P vai falar com Jess. Não estou dizendo que este seja o melhor plano, mas estamos realmente preocupados com você. Seu primo poderia nos dizer que você está bem, mas ele se recusa. Ele está segurando isso sobre nossas cabeças. Acho que ele está gostando de estarmos tão preocupados.

Pialto: Glen é um idiota. Além disso, tenho o número da Jess.

Correio de voz Pialto (8)

Correio de voz Sophie (7)

Correio de voz de Jess (2)

Correio de voz com número desconhecido

Eu não conseguiria ouvir todos eles, mas faria o que pudesse.

Mensagem em grupo para Pialto e Sophie: Estou bem. Ainda estou com Ashton Walden. Algumas coisas estão acontecendo, mas não posso contar ou vocês estarão em perigo. Eu ficarei bem, no entanto. Ashton deixou bem óbvio que não me quer morta.

Pialto ligando.

Sophie ligando.

Recusei ambos.

Eu: Não posso falar agora, mas ligo assim que puder. Prometo!!!

Eu: Vocês podem conseguir o número da Sra. Tulip para mim?

Eu: Jess, estou bem. Estou bem. Meu pai está em alguma coisa. Vou ligar e contar o que está acontecendo assim que puder.

Aff. Eu não queria mentir para ela. Ela era uma amiga e uma boa amiga, mas eu não conseguia tirar as palavras de Ashton da cabeça. *Estou tentando mantê-la fora do radar do meu melhor amigo e da Srta. Montell... quanto mais cedo descobrirmos quem matou... mais cedo tudo isso poderá acabar.*

Meu telefone estava enlouquecendo, então silencieiei-o e enfiei-o no bolso enquanto terminava de usar o banheiro. Ele continuou zumbindo, mas ignorei. Eu teria que desligá-lo e estava puxando-o para fazer isso quando movi a lata de lixo para o lado e saí do banheiro.

Dois passos para fora, os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Estava um silêncio. Sem vozes. Nenhum som de tênis no linóleo. Nenhum registro para os clientes. Nenhuma campanha na porta, quando as pessoas entravam e saíam. Silêncio total e completo.

Eu olhei para cima e congelei.

Três clientes estavam amontoados na seção de freezers enquanto Ashton e seu motorista apontavam as armas para outros dois

homens que estavam logo após a porta de entrada. Aqueles caras usavam jeans e jaquetas bomber e pareciam homens de meia-idade. Aparências sombrias. Cabelos oleosos. Eles não eram magros, mas pareciam com músculos quase sólidos, exceto por uma pequena pochete na barriga. Ambos eram brancos, a pele quase inchada e manchada. Um parecia corado. O outro estava bronzado demais.

Eles estavam com as armas em punho, mas estavam mais relaxados em sua postura, ou pareciam estar.

Um deles estava dizendo:

— ... você quer entrar em nosso território, você tem que ligar com antecedência. Pagar o pedágio. Você acha que pode usar nossos banheiros sem nossa permissão? Eu não acho. Os tempos mudaram.

Cada fio de cabelo do meu corpo estava em pé – não por causa das armas ou do que aquele cara acabou de dizer, mas por causa de Ashton.

Um olhar totalmente diferente tomou conta de Ashton, como se em vez de uma cobra trocando de pele, eu o estivesse vendo puxar sua pele pela primeira vez. Seus olhos se voltaram para aquele olhar brilhante que era sombrio e sinistro, e eu sabia, sem dúvida, que aqueles homens iriam morrer. Ashton seria quem os mataria, e isso provavelmente aconteceria em dois segundos. Mas aqueles caras não sabiam disso. Todo o seu comportamento era estranho, muito confiante e burlador.

— Você trabalha para Worthing? — O tom de Ashton era baixo e frio. Mortal.

Outro arrepio percorreu todo o meu corpo. Da cabeça aos pés. Lutei contra deixá-lo deslizar para cima e para baixo na minha espinha, como uma cobra.

De repente, fui puxada contra o peito de alguém. Algo metálico e frio sendo pressionado contra minha cabeça.

— Abaixem suas armas...

Quem falou, não terminou.

Assim que ele começou, Ashton virou na minha direção. Aconteceu em câmera lenta.

Meu coração parou.

Nossos olhares se encontraram e eu sabia, sabia o que precisava fazer.

Decisão tomada, e ele *sabia*, de alguma forma, ele sabia o que eu estava planejando, e então fiz isso. Deixei meu corpo cair no chão.

Bang!

E então.

Bang! Bang! Bang!

Pop, pop, pop!

A fumaça encheu a sala, junto com outros cheiros que nunca

esquecerei, de corpos suando, defecando, sangue, lágrimas, mijó.

Baque.

Baque.

Baque.

As pessoas estavam gritando.

Alguém estava gritando, e então mãos tocaram meus ombros e eu levantei o braço, com a intenção de lutar contra quem tentasse me pegar.

Era Ashton. Seus olhos pareciam selvagens.

Eu me engasguei com um soluço, mas não consegui me mover. Ashton me ergueu, um braço sob minhas pernas e outro atrás de minhas costas, e se virou. Ele estava olhando em volta, dizendo algo acima da minha cabeça, mas não consegui entender. Meus ouvidos estavam zumbindo.

Meus olhos também estavam ardendo e eu estava piscando para conter as lágrimas, porque, meu Deus, eles estavam doendo.

Seu braço se mexeu, puxando-me com mais força contra ele. Uma mão foi para o lado do meu rosto e a dor me cortou. Eu resisti em seus braços, mas ele segurou firme, e então estávamos nos movendo.

Havia um carro, uma porta se abriu e entramos.

Ashton foi comigo, então eu estava sentada no colo dele, mas não conseguia soltá-lo. Eu passei meus braços em volta dele. Estava agarrada a ele e ele me manteve firmemente em seus braços. A porta foi fechada atrás de nós; então estávamos acelerando.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo.

Terror.

Meu corpo estava frio.

Tudo estava girando ao meu redor tão rápido. Eu sufoquei um soluço. Uma mão começou a alisar o lado da minha cabeça, puxando-me para descansar contra o pescoço de Ashton.

Eu me enterrei nele com tanta força que, se eu o cortasse, não me importaria. Eu teria ido até o fim enquanto ele estivesse me segurando.

Um telefone estava tocando. Eu podia ouvir o toque distante. O murmúrio de vozes.

Eu vi a luz. Ashton estava falando ao telefone, seu outro braço me ancorando nele.

Tentei ver quem estava dirigindo, se era o mesmo motorista ou não, se ele conseguiu escapar, mas não era. Um cara diferente. Ashton tinha tantos caras.

Então senti o peito atrás de mim. A arma perto da minha cabeça – as palavras sendo ditas e Ashton. Ele olhou. Eu olhei. Eu sabia o que fazer.

Comecei a tremer novamente.

Ashton me mudou de posição, então fiquei completamente em seu colo. Meu lado contra a frente dele. Meus pés estavam dobrados sobre ele, apoiados no assento ao seu lado, e ele tinha um braço atrás das minhas costas, segurando-me firme. Ele voltou a alisar meu cabelo, mas ainda estava falando ao telefone.

O telefone – não sei por que fiz o que fiz. Não fazia sentido e não faria sentido para mim mais tarde, mas estendi a mão. Peguei o telefone dele e apertei o botão para desligar. O telefone ficou mudo. Acendeu-se novamente, mas olhei para cima, encontrando o olhar de Ashton, e ele o pegou de mim.

Ele falou por cima de mim, puxando minha cabeça de volta para seu peito, e guardou o telefone.

Seu outro braço me envolveu e eu o senti apoiar o rosto no topo da minha cabeça.

Isso. Essa era a única maneira de sair ou ir embora ou o que quer que estivéssemos fazendo, mas o que quer que estivéssemos fazendo, era a única maneira de fazer depois de um tiroteio.

Apenas. Isso.

Decidi que era o melhor momento para me desconectar.

CAPÍTULO 26

Molly

Ele estava limpando meu rosto.

Estávamos em um banheiro. Eu estava no balcão e Ashton estava entre minhas pernas. Um kit de primeiros socorros estava ao nosso lado. Ele estava passando uma bola de algodão na minha testa.

Senti a picada e assobieei.

Ele se afastou.

— Você pode me ouvir?

Sua voz zumbiu através de uma barreira invisível, mas balancei a cabeça. Eu podia.

— Você pode falar?

Fechei os olhos e comecei a abaixar a cabeça, mas ele tocou meu queixo.

— Eu preciso limpar alguns arranhões que você tem. Eles não devem ficar infectados.

Outro aceno de cabeça. Tudo bem. Mas mantive meus olhos fechados.

Parecia melhor assim, de alguma forma. E procurei o que estava segurando, meus dedos tocando a pele nua.

Olhei, vendo que estava segurando ao lado de Ashton.

Eu peguei tudo dele.

Ele estava com a calça preta que usou antes, mas a camisa estava desabotoada. Estava aberta. As pontas dobradas sobre minhas mãos enquanto eu o agarrava, como se não pudesse soltá-lo, mas parecia certo colocar minha mão ali novamente, então o fiz.

Ashton se aproximou ainda mais, com a cabeça inclinada para que pudesse me ver melhor, e depois de um tempo, eu me senti bem.

Ele continuou me limpando, um cotonete suave aqui e ali. Ele nunca pressionou muito. Ele nunca esfregou. Ele estava fazendo uma limpeza metódica e delicada em todos os cortes que eu tinha no rosto.

Não saí do meu corpo novamente, porque de certa forma me sentia mais segura assim.



Ele me limpou, por inteira. Os cortes foram lavados, foi colocado creme antibiótico. Bandagens foram colocadas sobre eles. Depois disso, ele pegou outra toalha limpa e quente e passou em mim. Meu pescoço. O resto do meu rosto. Minha garganta. Ele afastou minha camisa até que finalmente a levantei.

Ele recuou, seus olhos encontrando os meus por um segundo, e então ele pegou e me levou para o banheiro. Eu estava de sutiã. Ele

começou a limpar meu ombro. Meus braços. Minhas costas. Meu pescoço. Meu peito.

Meu estômago.

Ele limpou tudo em mim até que eu estava tremendo de frio, onde quer que estivéssemos.

Foi quando ele estendeu a mão para o outro cômodo e trouxe um cobertor. Ou ele tinha a magia das bancadas do outro lado, ou alguém estava lá entregando coisas para ele. A fada da roupa e do cobertor. Eu gostei mais dessa ideia.

O cobertor foi colocado sobre minhas costas e puxado sobre meus ombros para ficar na minha frente.

Quando ele começou a recuar, minhas mãos se moveram por vontade própria, deslizando de volta para sua cintura. Nem ali. Elas desceram em seus quadris. Senti que tinha um controle melhor ali, e ele parou antes de assentir.

— Ok — foi um murmúrio tão suave que não sabia se ele disse isso ou eu.

Ele se aproximou, ajudando a alinhar minhas pernas para envolver sua cintura, e movi minhas mãos para seus ombros. Eu me envolvi nele, toda. Braços. Pernas. Ele me puxou contra ele, suas mãos me levantando, e me carregou do banheiro para um quarto.

A fada do cobertor era Jess.

Ela ficou dentro do quarto, minha camisa na mão, e sorriu para mim. Seus olhos estavam brilhando, lágrimas não derramadas.

— Jess. — Eu não conseguia ouvir totalmente minha voz, mas a senti vibrar em meu peito. Estendi a mão para ela e ela interveio. Eu não largaria Ashton, no entanto. Eu não sabia por que, simplesmente não conseguia, então ela passou um braço em volta das minhas costas e sua cabeça pousou no meu ombro.

— Olá, docinho. — Eu podia ouvir sua voz como um sussurro e senti-la roçar meu rosto. Ela olhou para cima, ainda piscando para conter as lágrimas. Sua garganta também estava balançando. — Como você está se sentindo?

Eu não respondi. Eu nem queria.

Ela assentiu, como se entendesse, e passou a mão pela lateral do meu rosto, enquadrando-me antes que um arrepio percorresse seu corpo.

— Eu sei. É... é assustador ter uma arma apontada para a cabeça. Sinto muito que você tenha passado por isso. — Ela engasgou, recuando.

Alguém mais estava lá, com eles – ele se aproximou, tocando seus ombros, puxando-a contra ele. Trace.

Tentei sorrir e acenar para ele, mas tudo em mim parecia instável e cansado. Eu não conseguia levantar a mão, então apenas

sorri, ou estava tentando, e descansei a cabeça no ombro de Ashton.

— Olá, Molly. Estamos felizes que você esteja segura. — Ele me devolveu um sorriso, mas o dele era triste.

Eu tinha certeza de que o meu estava maluco.

Ashton estava se movendo novamente, indo para o lado da cama.

— Vou descer em um minuto...

— Não — Jess disse isso assim que eu o segurei com mais força. — Fique com ela. Ela não deveria estar sozinha.

Ashton se afastou para me ver. Eu sabia que era isso que ele estava fazendo, mas não levantei a cabeça para olhar para ele. Parecia certo e agradável contra seu ombro.

— Aqui. — Jess se afastou de Trace e foi para o outro lado da cama de Ashton, depois puxou os cobertores.

— Obrigada.

Ela voltou e pegou minha mão.

— Estou aqui. Ok? Eu estou bem aqui. — Ela estava piscando para conter as lágrimas mais uma vez, e eu sabia que ela estava pensando em Kelly, então apertei sua mão. Ela sufocou um soluço, mas apertou a minha de volta, com a mesma força.

— Estaremos no outro quarto. — Trace tocou seu ombro, puxando-a com ele. — Não tenha pressa, Ash.

Não houve resposta.

Ashton estava me colocando na cama quando eles saíram, fechando a porta atrás deles.

— Eu mesmo preciso trocar de roupa.

Tentei protestar, mas parei, porque isso era ridículo. Eles estavam agindo como se eu fosse uma criança frágil. Eu poderia ter estado em choque ou não em meu corpo antes, mas não estava agora. Eu poderia pensar. Raciocinar. Eu sabia que ele precisava trocar de roupa, mas eu não voltaria para aquele posto de gasolina e não voltaria aos nossos antigos papéis de como Ashton não me suportava. Pelo menos agora não, mas eu ainda era racional.

Voltei para a cama, subindo.

Ele pareceu surpreso, parado, esperando até que eu me acomodasse.

Eu fiz sinal de positivo para ele, mas ainda assim não falei.

Tudo estava doendo tanto. Doendo. Senti como se tivesse sido atingida por um míssil e, em algum momento, talvez tenha cochilado, porque a próxima coisa de que me lembrei foi o som do chuveiro.

A porta estava aberta. A luz se espalhava pelo quarto. Algumas outras lâmpadas estavam acesas neste quarto, mas eu estava começando a sentir calor. Um pouco.

Finalmente.

Eu só estava tremendo um pouquinho.

Então a água foi desligada. Ashton saiu do banheiro um momento depois, com uma toalha na cintura enquanto passava a mão pelo cabelo. Ele fez uma pausa, examinando-me, mas não conversamos. Ele foi até o armário e voltou de moletom. Nada mais, mas a tatuagem em sua mão se destacou. Uma pomba, asas abertas, raios de sol brilhando por trás dela.

Ele se aproximou, desligou uma luminária e foi para o seu lado da cama.

Ele me observou.

— Você quer que Jess entre em vez disso?

Ele quis dizer se eu queria que ela dormisse comigo. Balancei minha cabeça.

Eu não estava questionando nenhuma das minhas decisões agora. Eu não tinha forças.

Ele assentiu, estendendo a mão e desligou a segunda luminária. A cama afundou quando ele se arrastou para dentro, e então eu o senti contra mim. Senti seu calor e fiz um som. Senti isso no meu peito enquanto seu calor me engolfava. Foi tão abrupto, mas necessário.

— Você está bem? — Sua mão tocou meu braço. Aquela com a tatuagem.

Eu a agarrei, segurando-a para poder senti-la. Eu não conseguia mais vê-la no escuro, mas sabia que estava ali. Passei meus dedos sobre ela sentindo sua pele.

— Por que você tem uma tatuagem que geralmente significa paz?

Ele ficou tenso.

— O quê?

— A pomba. Os raios de sol. Sua vida não é sobre paz.

Ele não respondeu imediatamente.

— Porque houve um momento na minha vida em que eu precisava de um pouco. Então eu a fiz.

— Funcionou?

Outra pausa.

— Não.

— Depois que nossas mães morreram?

Ele suspirou.

— Sim.

Rastejei até ele, envolvi minhas pernas em volta dele e me enterrei em seu peito.

Deus.

Cordialidade.

Eu não tremeria tanto agora.

Ele ainda estava tenso e então, lentamente, músculo por

músculo, relaxou até ficar deitado de lado, com os braços em volta de mim também. Ele se moveu novamente, rolando de costas, e eu me movi com ele, acomodando-me ao seu lado. Minha cabeça em seu peito.

Ele levantou um braço e, suavemente, gentilmente, começou a alisá-lo na lateral do meu rosto, no meu ombro, no meu braço, e repetindo o movimento.

Uma e outra vez. Uma. Duas.

Dez.

Vinte.

Trinta e nove.

Quarenta e oito.

Desejei uma pomba voadora logo antes de adormecer.

Então parei de contar.

CAPÍTULO 27

Ashton

Fiquei aqui até muito depois de Molly adormecer e, mesmo assim, não consegui deixá-la.

Isso – eu não sabia que porra era essa, mas precisava cuidar dela, o terror que passou por mim quando aquela arma tocou sua cabeça. Não foi nada comparado ao que ela sentiu quando olhou para mim.

Senti-me ser atingido por um raio.

Ela estava assustada. Ela sabia que morreria e olhou para mim em busca de ajuda. Foi num instante. Uma olhada. Nem mesmo um segundo e nós dois sabíamos o que íamos fazer.

Eu a odiei enquanto crescia e agora isso? Isso? O que diabos estava acontecendo comigo? Eu me desembaracei dela. Era minha quarta tentativa. As duas primeiras ela lutou, acordando. Na terceira, eu mesmo não tive coragem, mas nesta quarta vez, eu precisava me afastar. Pelo menos por um tempo. Eu precisava pensar com clareza novamente, até mesmo lembrar como era isso.

Vestindo uma camisa, saí em direção ao porão de Trace. Ele tinha uma sala de TV completa e, no último mês desde que comprou esse lugar para ele e Jess, era onde eles passavam a maior parte do tempo. Ele estava no bar preparando uma bebida quando desci as escadas.

— Ouvi você se levantar. — Ele a trouxe, com a sua em mãos.

Eu a peguei.

— Obrigado. — Olhei em volta, mas nada de Jess. — Ela está dormindo?

Ele bufou.

— Você está brincando? Ela já estava irritada quando recebeu a ligação de Pialto, então você ligou, aparecendo com Molly coberta de sangue? Ela está na academia, tentando extravasar lá para não arrasar com você aqui.

Quase sorri.

— Eu poderia gostar disso.

Ele riu, balançando a cabeça.

— Você e o amor da minha vida. Não sei o que devo fazer com vocês dois. Você a faz querer arrancar sua garganta e juro que você gosta disso.

Eu sorri agora.

— Eu gosto.

— Bem, prepare-se, porque qualquer descongelamento que ela tenha feito com você, essa merda virou fumaça. Ela quer colocar uma bala em você.

Porra. Mas quase ri disso também.

Ele apontou para cima.

— Como ela está?

Molly.

Toda a minha diversão desapareceu. Uma imagem dela olhando para mim quando senti a arma contra sua cabeça passou pela minha mente novamente.

— Ela passou por muita coisa.

— O que está acontecendo com vocês dois?

Trace vinha me fazendo a mesma pergunta desde que Molly Easter entrou em nossas vidas. Eu nunca respondi antes, não realmente, porque não queria entrar em nada sobre nossas mães, mas agora..... era diferente. Eu estava diferente. Ela me afetava, eu balancei a cabeça.

— Eu estava planejando usá-la. Iria levá-la embora, escondê-la em alguma casa e revelar sua localização. Então eu me sentaria e esperaria para ver quem apareceria para matá-la. Claro, eu o mataria primeiro, e voilà, seguiríamos a pista de quem matou Justin e Kelly. Jess *estaria* melhor. Você se sentiria melhor se ela estivesse melhor, e você e eu poderíamos lidar com as coisas e *acabar* com esta guerra em que estamos. — Aquela mesma imagem. Uma arma contra a cabeça da Molly. Como ela olhou para mim. Como eu senti isso. Como eu sabia o que ela iria fazer. — Tudo isso se foi. Tudo é diferente agora.

Usá-la como isca dessa forma era algo que eu teria feito antes, sem piscar ou pensar duas vezes. Outra pessoa, outra situação, já estaria feito. Eu sabia quem eu era. Eu conhecia a escuridão em mim e a aceitava. Eu me envolvia nela, saboreando, mas ela. Ela a havia rompido, dando-me pensamentos diferentes. Sentimentos diferentes.

Uma perspectiva diferente.

Se aquela arma tivesse disparado contra a cabeça dela...

Eu queria muito e intensamente arrancar a cabeça de alguém dos ombros. Eu desejei não ter matado o homem. Eu desejei tê-lo mantido vivo, ele amarrado a uma cadeira em um dos meus armazéns, e eu poderia estar sentindo seu sangue em mim.

Eu desejei isso com cada fibra do meu ser agora.

Trace estava me observando. Ele sempre fazia isso. É como éramos. Ele e eu. Nós nos observávamos, mas cuidávamos um do outro. Então, por causa disso, ele murmurou:

— Você está envolvido demais.

— Sim. — Porra. — Sim.

Trace soltou um suspiro e se aproximou, tilintando seu copo no meu.

— A merda é diferente quando você se preocupa com alguém. Maldita. Preocupação.

Eu odiava isso, mas sim. Eu me importava. Eu me importava com Molly.

A merda estava *muito* diferente agora.

— Foram os homens de Worthing.

— Tem certeza disso?

Balancei a cabeça.

— Eu os reconheci. Molly teve que ir ao banheiro. Eles estavam nos seguindo. Acho que eles viram uma chance e aproveitaram.

— Eles estavam lá por você ou por Molly?

— Eu. Eles não sabiam que ela estava lá. Ela entrou primeiro, então acho que eles nem a viram até ela sair do banheiro. Eles tinham um cara posicionado na porta dos fundos. Ele apareceu atrás dela. Minha fonte disse que na câmera ele a viu no telefone. Foi quando ele se aproximou dela.

Minha boca estava muito seca, só de falar sobre isso.

A coisa toda se repetiu na minha cabeça. Câmera lenta. Estava em um loop contínuo.

Eu atirei nele primeiro, bem na testa. Ele estava morto antes de seu corpo atingir o chão. Meu cara, Cal, estava atirando ao meu lado, e eu me virei, derrubando o último cara que estava de pé. Ele hesitou entre atirar em mim ou em Cal. Esse foi o seu erro.

— Jess conversou com algumas pessoas que ela conhece. Ela disse que o tiroteio foi limpo. Vocês derrubaram todos os três. Boom, Boom, Boom. Foi assim que ela fez soar.

— Eles dispararam alguns tiros. Cal foi atingido na perna e no braço.

— Ela disse que ainda estava bem limpo.

— Não acho que eles pensaram que iríamos atirar, ou talvez não achassem que eu atiraria. Eles foram surpreendidos. Lembro que, no final, o último cara ficou surpreso porque estávamos atirando de volta. — Meu intestino estava torcendo e revirando. Valeu a pena. Ele enviou aqueles homens. Os mesmos homens que colocaram Molly em perigo... e eu estava prestes a fazer a mesma coisa.

— Isso não faz sentido. Se fossem homens de Worthing, saberiam que atiraríamos. Ou você atiraria. Você os reconheceu como homens de Worthing?

Eu balancei a cabeça.

— Tenho um arquivo de cada homem que trabalha para ele. Esses caras estão em posição inferior na hierarquia. São os caras que abrem as portas dos carros, as portas dos restaurantes. Eles são os vigias. Por que ele os enviaria para me seguir? Se eles não iam matar, então por que se aproximaram?

— O que você está pensando?

Balancei a cabeça, dando um gole na minha bebida. Uma longa tragada. Eu precisava disso. Mal senti a queimadura.

— Achei que fosse Worthing quem tivesse matado Justin. Ele descobriu algo, e foi por isso que ele e Kelly estavam fugindo e pedindo ao 411 para escondê-los, mas Nicolai Worthing não teria enviado esses caras para agir como eles fizeram. Não foi pensado. Foi um trabalho preguiçoso. Descuidado.

— Você está pensando que temos outro jogador?

Dei de ombros.

— Não tenho ideia e isso me irrita. Não gosto de jogar xadrez contra alguém que nem sei que está jogando.

Uma porta se abriu acima, depois uma debandada enquanto alguém descia as escadas. Jess chegou, segurando o telefone.

— Acabei de falar ao telefone com um amigo. Todos aqueles três homens receberam ordens através de mensagem do telefone de Jake.

— Qual foi a ordem?

Meu próprio telefone tocou e eu estava recebendo a mesma informação que ela acabou de receber.

Eu li meu texto em voz alta.

— Encontre e siga Ashton Walden. Assuste-o pra caralho. É hora de intensificarmos essa luta.

Outro bipe.

Continuei:

— Worthing estava no hospital quando enviou as mensagens.

Trace franziu a testa, dando um passo para ficar ao lado de Jess. A mão dele foi até o ombro dela e ele começou a esfregar suas costas.

— Com licença, porque não tenho nenhum inimigo ou relação de trabalho com ele, mas isso não parece uma ordem que o detetive Worthing enviaria.

Ele estava certo.

— A ordem teria passado por Nicolai, não por Jake. — Ela estava me observando atentamente. — Por que ele estava no hospital?

— Hmm? — Balancei minha cabeça. — Nenhuma ideia.

Trace bufou, virando-se para encher sua bebida.

— Você pediu para assumir a busca pelo assassino de Kelly. Desde então, nada aconteceu, exceto que o apartamento de Molly foi explodido.

— A porta dela explodiu e foi uma pequena explosão. Contida.

Jess continuou como se eu não tivesse falado.

— Os colegas de trabalho dela me ligaram, preocupados porque ela se foi e eles não têm ideia de onde ela está, e o primo dela, um cara que descobri que você também paga, está cuidando do

boliche. Então, segundos depois de receber uma mensagem dela dizendo que ela está bem, mas ela explicará tudo mais tarde, Trace vem correndo pela sala dizendo que você levou um tiro. E *então* você aparece aqui com Molly nos braços. Ela está apavorada e coberta de sangue, e a única pessoa que pode ajudá-la é você, porque ela pirou toda vez que você tentou me deixar ficar com ela. Por que isso?

Ela estava falando com os dentes cerrados, seu tom cortante.

Tomei um gole da minha bebida. Ah, dane-se. Joguei tudo de volta, olhando para ela.

— Isso o quê?

Seus olhos brilharam.

— O quê?

— Você fez muitas declarações aí, mas está me fazendo uma pergunta esclarecedora. Preciso saber qual delas abordar primeiro.

Veneno puro brilhou antes que ela pegasse a arma.

Trace se aproximou, cobrindo a mão dela antes que ela pudesse retirá-la do coldre.

— Ok. Como sei o quão perto Jess está de realmente atirar em você, e porque ele é meu melhor amigo e também parceiro de negócios, espero que não cheguemos a esse ponto. — A última parte foi dirigida a ela.

Ela fez uma careta em resposta.

Ele suspirou, movendo-se em minha direção.

— Você pediu para encontrar o assassino de Kelly e Justin. Nós recuamos, dando a você essa liberdade. Mas Molly está envolvida e Jess não quer perder uma segunda amiga. Já é hora de você nos contar o que está acontecendo.

Fiquei quase desapontado com a forma como ele estava falando comigo, de forma razoável e sensata.

— Teria sido mais divertido se sua mulher trouxesse a arma.

Agora ela rosnou.

Trace estava lutando contra um sorriso.

— Você já tomou a decisão de nos envolver nisso quando trouxe Molly aqui.

Eu estava ciente, mas indo até um dos sofás de couro, ainda lancei um sorriso malicioso para Jess.

— Talvez eu só quisesse entregá-la? Talvez eu quisesse que Jess fosse babá de mais uma pessoa?

— Você não fez isso! Isso é uma piada sobre minha mãe. Você...

— Ok. — Trace entrou novamente, de costas para mim, e usou o quadril para mantê-la no lugar. — Ele gosta de brincar com você. Você está ciente disso. Vocês dois estão cientes disso. Talvez não seja indulgente com ele, e ele chegará ao ponto.

Ela estava meio rosnando.

— Ele é um *idiota*. Por que você tem que ser o melhor amigo dele?

Eu estava sorrindo, porque isso estava ajudando. Um pouco da minha tensão em relação a Molly estava diminuindo.

Trace disse, quase gentilmente:

— Porque ele é como meu irmão.

— Ah! — Jess esticou a cabeça em volta dele, latindo para mim: — Fale.

Trace suspirou.

Eu sorri ainda mais. Essa era a pior coisa a me dizer.

— Agora ele vai por toda uma tangente que não tem nada a ver com nada, e vai fazer isso porque você *acabou* de ordenar que ele fizesse algo que ele já ia fazer. — Trace se aproximou, pegou meu copo e foi reabastecê-lo. Ele o trouxe de volta e sentou-se em um dos sofás à minha frente. — Venha e sente-se, Jess. Ashton, pare de importunar minha mulher, ou vou levar isso para o lado pessoal em breve. Vocês dois parecem ter esquecido que temos um tempo limitado antes que uma certa mulher acorde, e então nossas discussões chegarão a um fim abrupto. Lembram?

Se ele pretendia nos repreender como se fôssemos crianças, funcionou.

— Você tem razão. — Lancei um olhar para Jess.

As bochechas dela estavam ficando vermelhas, mas ela fechou a boca, andando e se sentando ao lado de Trace.

Quase sorri, mas suspirei, porque a diversão acabou.

— As formas usuais de obter respostas não estavam funcionando, então tentei um método diferente. — Ambos estavam observando, esperando. — Eu mandei Marcus Easter para a rua.

— Você enviou Shorty? Ele não é leal a você. Ele era leal ao seu avô.

Levantei a mão, parando Trace.

— Ele estava devidamente motivado. Ele não tem ideia de que foi para mim. Eu usei alguém como minha frente...

— Ele me usou.

As palavras vieram das escadas e eles ficaram quietos. Quase fracas.

Meu estômago deu um salto, mas me levantei e atravessei a sala antes que Jess e Trace pudessem compreender que Molly não estava na cama. Molly estava aqui. Ela estava sentada na escada, quase fora de vista. Ela estava com um cobertor enrolado em volta dela e olhou para mim. Seus olhos eram grandes e arregalados, mas doloridos. Bolsas escuras estavam manchadas embaixo deles. Sua pele tinha uma palidez doentia.

Jesus.

Ela parecia uma adolescente assustada, tão jovem e como se tivesse entrado em um mundo para o qual não estava preparada.

Eu odiava isso.

Eu odiava porque isso era culpa minha, culpa do pai dela, culpa da mãe dela, culpa da minha mãe. Era tudo nosso, mas engolindo uma maldição, fui e me agachei na frente dela. Dei um tapinha nas minhas coxas.

— Vamos.

Ela se moveu num piscar de olhos, como um macaco-aranha. Ela entrou, passou as pernas em volta da minha cintura, os braços em volta do meu pescoço, e eu fiquei de pé, com a mão em sua bunda para mantê-la no lugar. Ela ficou ainda mais apertada em mim, enterrando a cabeça em meu pescoço.

Nós dois suspiramos com o contato.

Que merda.

Isso era ruim, muito *ruim*. Um toque e me senti bem com ela em meus braços.

Isso não estava nos planos.

Mas eu não conseguia parar de abraçá-la.

Trace estava me observando com mais atenção do que *nunca*, e eu o estava ignorando, mais do que *nunca*, voltando para o sofá e me sentando. Molly sentou-se de lado no meu colo, com a cabeça ainda apoiada no meu peito, para poder ver Trace e Jess.

— Molly. — Jess deu-lhe um sorriso. Toda a hostilidade de antes desapareceu. — Como você está se sentindo?

Molly esticou a perna só um pouquinho, mudando de posição e ficando mais confortável.

— Estou bem. E... já tive armas apontadas para mim antes, mas esta foi a primeira vez assim. Nunca tive isso contra minha cabeça. — Ela deu-lhe um sorriso tímido. — Estou um pouco envergonhada, mas estou bem. Realmente.

Jess revezava o foco entre mim e Molly.

— Você quer algo para comer? Beber? Podemos subir e eu posso fazer um caldo para você?

— Não. — O tom de Molly era firme. Ela sentou-se um pouco mais reta também. — Eu quero ouvir isso. — Ela olhou para mim, seus olhos determinados. — Meu pai mexeu com isso. Eu *vou* ouvir isso.

Engoli em seco, lendo-a direito. Ela não iria a lugar nenhum.

Eu cedi, um pequeno aceno de cabeça, e ela relaxou.

A cabeça de Jess estava inclinada para frente, sua boca entreaberta.

— O que... tudo bem então. — Ela recuou em seu assento.

Trace estava tentando conter uma risada e falhando. Ele olhou

para baixo, seus ombros tremendo silenciosamente.

— Fico feliz em trazer algum entretenimento esta noite.

Trace olhou para mim, seu rosto limpo, mas a diversão ainda estava em seu olhar.

— Você pode me culpar? — Ele indicou Jess.

Não. Eu não poderia. Achei hilário quando ele se apaixonou por uma oficial. De condicional, não importava. Eles eram todos iguais aos meus olhos. Aplicação da lei.

— Ashton.

— Hum? — Olhei para Molly.

Ela inclinou a cabeça para mim.

— Diga-nos o que diabos está acontecendo.

Jess começou a rir, mas eu fiz o que Molly ordenou.

Contei-lhes tudo, ou quase tudo.

CAPÍTULO 28

Molly

Eu estava observando da cama enquanto Ashton se movia pelo quarto, de moletom e uma camiseta que não escondia o quão tonificado ele era. Choque e trauma além de levar um tiro e tudo mais, *cara*, o homem tinha músculos. Ele era a definição de perfeição muscular. E aquele moletom estava caindo tão bem em seus quadris.

Eu não estava tentando me animar, mas estava simplesmente acontecendo.

Ashton deu a mim, Jess e Trace a informação sobre o que ele achava que estava acontecendo porque meu pai estava correndo por aí. E também que ele enviou uma ordem para Marcus entrar em contato, mas ainda não o fez. Isso podia ser bom ou ruim. Verifiquei meu telefone, mas ele também não havia me enviado mensagens ou me ligado.

— Você acha que ele ficará alarmado quando for ao seu apartamento, Molly? — Jess havia perguntado antes.

Eu bufei antes de lembrar que ela realmente não conhecia a dinâmica entre nós. Balancei minha cabeça.

— Regra número um: sobreviver sendo filha de Shorty Easter? Nunca o deixe saber onde você mora. Ele só consegue me encontrar no Easter Lanes.

— E se ele aparecer, Glen nos avisará. Também tenho outros homens no local.

Ashton. O homem da Máfia. Ele tinha homens por toda parte, tinha ouvidos por toda parte, olhos por toda a cidade. Eu o observei agora quando ele veio até a cama e estendeu a mão para a bainha da camisa para puxá-la pela cabeça, mas ele parou ao me ver estudando-o.

Ele perguntou:

— O quê?

— A família Worthing enviou homens atrás de você.

Seus olhos ficaram cautelosos até que ele os mascarou.

Ele estava fazendo isso cada vez menos, ou eu estava começando a ser capaz de lê-lo cada vez melhor. Eu acreditava que podia. Poder da mulher. Eu era incrível.

— Sim.

Peguei o cobertor, meu dedo passando pela ponta, brincando com ele.

— Então, de acordo com as regras da Máfia, isso significa que vocês vão revidar?

Seus ombros subiram enquanto ele respirava fundo.

— Não é normal eu falar sobre quem vou assassinar antes de

fazê-lo.

Se ele queria que isso fosse cortante, deixei isso rolar pelas minhas costas.

— Eles atingiram você antes? Com seus tios. Seu avô. O tio de Trace também.

A boca de Ashton mergulhou.

— Aonde você quer chegar?

— Estou chegando, por que você ainda não respondeu? — Meu pulso começou a acelerar. — Ashton, você não é o cara conhecido pela moderação. O que está acontecendo?

Ele olhou para mim antes de um leve sorriso se curvar no canto de sua boca. Alcançando o lençol, ele o moveu para trás e se enfiou embaixo dele. Ele descansou na cabeceira da cama, olhando para mim, então eu avancei, de frente para ele e me ajoelhando na cama. Ele colocou a mão entre nós, com a palma para cima, mas fora isso, ele não se moveu para me tocar.

— A maioria das mulheres não defende o assassinato.

Eu bufei com isso.

— A maioria das mulheres não possui um negócio ou viveu numa comunidade onde a Máfia o dirige. Elas vivem em contos de fadas e castelos. Eu não. Acerte-os de volta.

Ele franziu a testa um pouco.

— Estamos planejando isso, mas não, não estou contando os detalhes.

— Eu não me importo com os detalhes. Eu só quero saber que você vai fazer isso.

Ele descansou a cabeça para trás, ainda olhando para mim. Isso deu a ele uma aparência quase mais suave.

— Você e Jess são amigas.

Eu olhei para ele com uma careta.

— Sim?

— Então por que sou eu que estou aqui com você?

Dei de ombros com isso, virando-me e ficando sentada com as costas contra a cabeceira da cama com ele. Eu ainda estava brincando com o lençol na mão.

— Porque Jess acha que sou frágil e fala comigo como se eu fosse um ovo prestes a se abrir. Sim. Não sou durona no corpo a corpo como ela e não tive que lidar com pessoas em liberdade condicional como ela costumava fazer, mas de certa forma, sou mais da rua do que ela jamais foi.

— O irmão dela está na prisão. O pai dela foi assassinado.

— Ela nunca foi sem-teto e viveu em uma comunidade decente. — Eu tinha parado de olhar para ele quando ele perguntou sobre Jess, mas agora arrisquei. — Você não me trata assim. Você não

fala assim comigo.

Uma compreensão sombria estava olhando para mim.

— Eu não faço? Nem quando eu estava carregando você?

Sorri.

— Era eu explorando a situação. Não importa quantos anos tenhamos, sempre há uma garotinha dentro de nós que quer ser pega pelo seu cavaleiro.

Ele ergueu a mão, o polegar pousando no meu queixo, bem no fundo. Seu olhar caiu em meus lábios.

— Eu não sou seu cavaleiro.

Engoli um caroço.

— Não, você não é. Você é o cara mau.

Seus olhos escureceram e seu polegar desceu até minha garganta, mais longe, deslizando entre meus seios.

— Sim. Eu sou.

— Você é o assassino.

Isso deveria me assustar. Não aconteceu. Realmente não aconteceu, e não foi porque eu estava atraída por ele ou qualquer outra coisa que pudesse estar acontecendo entre nós. Tinha a ver com algo mais, algo subjacente a tudo. Algo nele que reconheceu algo em mim. Algo que eu sentia, sabia, estava lá, mas ainda não estava totalmente pronta para resolver.

E até então, eu estava disposta a abordar todo um outro *algo* que estava sentindo por ele, neste momento, algo de uma forma muito física.

Seu peito subiu, mas ele passou o dedo, puxando a lateral da minha regata para baixo, expondo um dos meus seios. Seu dedo subiu, circulando meu mamilo.

— Eu sempre serei o assassino.

— Sei o que você estava planejando fazer, você sabe.

Eu o estava observando enquanto dizia isso, e ele fez uma pausa, com os olhos fixos nos meus. Minha pulsação disparava e uma dor profunda começava a latejar entre minhas pernas. Mesmo assim, eu me mantive firme.

— Você ia me usar como isca para o assassino de Kelly.

Sua voz era rouca.

— Você sabia?

Balancei a cabeça, em silêncio, antes de murmurar:

— Adivinhei.

A ideia do que ele poderia ter feito, talvez devesse ter feito — meu estômago mudou, revirando, porque uma parte de mim entendeu. A parte como ele, a parte que me ajudou a sobreviver nas ruas, a parte que contribuiu para quando *a mudança* aconteceu, mas a outra parte, de realmente pensar como teria sido isso? Sentada. Sendo isca?

— Eu entendo, mas não estou feliz com isso. — Estendi a mão, puxando minha regata para baixo do outro lado, deixando esse seio livre também.

Compartilhamos um longo olhar. Ele, eu não sei, mas eu, eu estava deixando ele saber que não era estúpida. Eu não estava com os olhos arregalados. E não tinha certeza se ficaria chateada com o que ele poderia ter feito.

— E sua resposta ao que eu estava pensando em fazer?

Balancei a cabeça, respondendo de uma forma totalmente diferente. Subi, levantando minha perna e descendo para montá-lo. Nós dois paramos no contato, porque ele estava bem ali.

Ele parecia bem. *Tão* bem.

Mordi meu lábio e comecei a me mover sobre ele.

Ele gemeu, sua mão se movendo para a parte de trás da minha bunda, apertando. Eu estava aprendendo que era um de seus lugares favoritos para me segurar, mas ele estava me guiando, então estávamos ambos nos esfregando.

Inclinei-me para trás, meus quadris ainda montando nele, e engasguei contra o ataque de prazer.

— Eu não sou a garota que pensa que sexo é amor. Eu sei que não é. Nunca foi assim na minha vida.

— Molly. Sobre o que eu...

— Cale-se. — Levantei-me e parei, então me apoiei nele, indo devagar, saboreando.

Ele franziu a testa um pouco, mas me moveu com mais força, mais insistente sobre ele, distraído ao mesmo tempo. Ele estendeu a mão, uma das mãos apoiada no meu pescoço, o resto dos dedos, a palma da mão, espalhados ao longo do meu rosto. Ele meio que me segurava no lugar, meio que me embalava com um toque que poderia ter sido gentil, mas também um pouco agressivo. Nós dois sabíamos disso.

Seus olhos brilharam, duros, enquanto eu rolava meus quadris para frente.

— Que tipo de garota você é, Molly?

A necessidade e o desejo carnal pulsavam pelo meu corpo, espalhando-se, e eu sabia que ele não diria não desta vez. Ou se ele fizesse isso, seria interessante também, mas por causa disso, por causa do que estávamos fazendo, porque ele estava duro como uma rocha debaixo de mim, abaixei-me e puxei sua calça para baixo. Subi, empurrando minha própria calça para baixo, e então fiz uma pausa.

Seu pau era longo e duro.

Eu estava apaixonada por essa parte dele, mas lançando um leve sorriso, não compartilhei.

Eu apenas ofeguei.

— Preservativo?

— Molly. — Ele estava cerrando os dentes.

Eu balancei minha cabeça.

— Você estragou tudo. Isso é o que eu acho.

— Como? — ele disse asperamente, a outra mão massageando minha bunda.

Tirei sua mão do meu rosto e pescoço, antes de agarrar seu pau. Ele sibilou ao toque, mas seus olhos fecharam apenas por um momento. Eu disse então, quando ele não estava olhando para mim:

— Você deveria ter me usado quando teve a chance.

Seus olhos se abriram e estavam derretidos. Ele estendeu a mão até a mesa de cabeceira e pegou um preservativo da gaveta. Ele me entregou, contente em ver enquanto eu passava a mão sobre ele antes de colocá-lo, e então me levantei. Posicionei-me sobre ele e afundei, nós dois gemendo ao senti-lo dentro de mim.

Foi quando eu disse, ofegante:

— Porque nunca mais vou dar essa chance a você.

Ele amaldiçoou, mas empurrou ainda mais para dentro de mim.

Deus. Ele era incrível.

Acrescentei, respondendo à sua outra pergunta:

— Sou a garota que não sabe como ser tratada bem, então me trate bem esta noite.

Ele congelou com minhas palavras, mas isso não importava.

Abaixei minha cabeça, descansando em seu peito, e montei nele por conta própria.



Na segunda rodada, ele nos virou.

Eu estava de costas, ele estava acima de mim, e ele empurrou para dentro, com força. Ele montou em mim, às vezes forte, às vezes lento, mas sempre tão gostoso que eu estava gritando na minha segunda liberação, e ele começou a meter rápido para sua própria liberação.



A terceira rodada foi no chuveiro.

Fui esmagada contra a parede, a água batendo em nós dois.

Minhas mãos estavam levantadas, as dele estavam ligadas às minhas, e ele estava se aproximando de mim por trás.

Acho que essa foi a minha favorita.



A quarta rodada foi quando o sol estava nascendo.

Eu perdi a noção do tempo e estava começando a perder a energia, mas Ashton ainda continuava.

Desta vez foi lenta e exploratória. Se outros tivessem feito sexo, esta seria a rodada de sexo lento.

Ele adorou cada centímetro do meu corpo, beijando, provando, acariciando, e eu estava ofegante, agarrando os lençóis enquanto sua boca me levava ao clímax antes de ele se levantar sobre mim.

Seu olhar encontrou o meu e nós dois paramos. Eu estava ofegante, tentando recuperar o fôlego, e seus olhos estavam escuros, muito escuros. Nossas últimas palavras foram as minhas, dizendo a ele para me tratar bem, e ele o fez.

A noite foi uma festa de foda.

Algo brilhou em seus olhos, algo duro e primitivo e algo que causou um arrepio na minha espinha. Fosse o que fosse, ele pegou minhas pernas e as levantou, empurrando-as para que ficassem acima da minha cabeça. Tive que me abaixar, mas, levantando-me, ele segurou minhas pernas no lugar. Suas mãos deixavam marcas na parte de trás das minhas coxas, mas ele empurrou para dentro e percebi estar errada.

Esta não era a rodada de sexo lento.

Era difícil.

— Vou montar em você com tanta força que você não perceberá mais nada, e vou gostar de foder você até a morte. — Era esta rodada.

Ele me observou o tempo todo, seus golpes quase punitivos. Eu segurei seu olhar. Estávamos em algum tipo de briga, mesmo agora. Eu apenas ofeguei, sem me importar com o que estava acontecendo na cabeça dele, porque eu estava adorando isso. Quanto mais forte, melhor, e sorri enquanto ele rosnava, inclinando-se sobre mim, com a testa próxima à minha. Sua cabeça estava virada e ainda nos observávamos. Nossos lábios estavam roçando um no outro, mas não nos movemos para selar um beijo.

Não tínhamos nos beijado a noite toda.

De repente, ele soltou minhas pernas. Elas caíram em volta de sua cintura, mas ele segurou a mão na cabeceira da cama e foi capaz de se afastar, quase saindo de mim, apenas para voltar para dentro.

Eu engasguei, gemendo. Ele estava fazendo todo o meu corpo tremer, e de alguma forma eu sabia que nessa rodada ele estava descontando alguma forma de frustração em mim. Mas, quase sorrindo ao ver como eu estava prestes a mexer com isso, alcancei sua bunda e me levantei, colando-me contra ele para que não pudesse me

dar os golpes punitivos.

Ele fez um som gutural, quase como um rosnado, e eu estava me movendo para encontrá-lo, então nós dois estávamos nos punindo. Eu estava fazendo isso para irritá-lo, e ele sabia disso, rosnando antes de assumir o comando. Uma mão veio ao meu redor e ele me virou. Fui jogada de bruços. Estendi a mão, tentando agarrar um lugar para segurar na cama, mas ele pegou meus tornozelos e me deslizou para baixo com um puxão.

— Ah! — eu gritei.

Suas mãos estavam na parte interna das minhas coxas, espalhando-as. Ele estava de volta à minha entrada.

Ele deslizou, empurrando um pouco mais devagar, mas voltou a me foder e, caramba, eu cedi, minha cabeça caindo na cama.

Fiquei ali deitada e aproveitei cada segundo enquanto ele avançava em mim.

Nós gozamos juntos.

Senti sua liberação ao mesmo tempo que a minha rasgou meu corpo. Não achei que isso tivesse sido planejado e meio que ri disso, mas ele ficou deitado sobre meu corpo por um minuto. Ele estava ofegante. Eu estava também.

Meu pulso estava desacelerando, normalizando.

Ele começou a puxar, a mão deslizando sob minhas pernas, mas deixei de ter consciência de qualquer coisa...

Eu estava dormindo. Grata.

CAPÍTULO 29

Ashton

Dormimos o resto da manhã.

Eu estava sentado na beira da cama. Molly ainda estava desmaiada atrás de mim. Ela adormeceu depois da nossa última vez, então eu a movi, posicionando-a de volta sob os lençóis, mas não consegui dormir. Meu corpo era uma mistura de satisfação, exaustão e também prontidão para o que estava por vir.

Gostava dessa próxima etapa. Não numa guerra da Máfia, mas nos nossos negócios. Gostava de quando o próximo passo deveria ser dado, quando nosso adversário estava cauteloso, quando éramos os predadores. Mas as apostas eram diferentes aqui.

Eles nos atingiram ontem à noite e, antes mesmo de nos retirarmos para nossos quartos separados, Trace e eu já havíamos coordenado nosso ataque. Cada um de nós ainda lidava com o que nossas famílias faziam antes, com a família de Trace cobrindo transporte e distribuição e a minha cuidando dos policiais e superiores, mas era diferente agora que ele e eu éramos os chefes. Poderíamos coordenar melhor. Não havia mais tempo para convocar uma reunião ou para decifrar se isso era necessário. Trace e eu simplesmente fazíamos isso. Juntos. Tomávamos as decisões onde acertar, como acertar, quais homens iriam atacar. Não tínhamos mais *diretorias ou tios* de quem obter permissão para fazer um pedido. Nossos homens foram despachados com suas missões, e uma parte de mim estava de pé, aguardando a notícia de que foram bem-sucedidos.

Meu telefone tocou e eu estava esperando a mensagem.

Em vez disso, consegui outra coisa.

Avery: Mantendo você atualizado. Seu primo e a convidada dele partiram uma hora depois de você. Coloquei um rastreador no carro dele. Aqui está o link para suas coordenadas.

Eu verifiquei e Marco estava no Katya. Que diabos?

Eu estava de pé, pegando minhas roupas, quando meu telefone tocou novamente.

Trace: Você está acordado? Nós precisamos conversar.

Eu: Dê-me dois minutos.

Trace: Vista-se para sair. Estarei na garagem

esperando.

Corri para me vestir. Quando terminei, Molly estava acordada, observando-me. O lençol estava dobrado sobre o peito, debaixo dos braços.

— Oi.

Ela parecia descansada. Havia sombras sob seus olhos, mas no geral ela parecia melhor do que na noite anterior.

— Eu tenho que ir.

Ela assentiu, solene.

— Imaginei.

— Acho que Jess ainda está aqui.

Ela assentiu novamente. As olheiras pareciam mais pronunciadas.

— Quero falar com Pialto e Sophie.

Eu fiz uma careta.

Ela estava lendo minha expressão e sentou-se, mantendo o lençol debaixo dos braços.

— Eu não vou embora. Não farei mais nada, mas eles são minha família. Isso é inegociável. Se você não me deixar falar com eles, eu mesma fugirei e não pense que não conseguirei. Tenho habilidades malucas como ladrão, mas fugindo, não entrando.

Meu intestino apertou.

— Espere eu voltar ou organizar isso. Por favor.

— E se Jess me levar?

— Eu preferiria que você esperasse por mim. Montell tende a correr em direção às balas quando as ouve. Eu gostaria que você fugisse do tiroteio.

— Ok. Eu vou esperar por você.

Eu acenei com a cabeça, ainda estudando-a porque... eu não sabia por quê.

Porque eu não queria deixá-la. Porque pensava que ela encontraria uma maneira de se meter em encrencas assim que eu fosse embora. Porque... eu gostava de estar perto dela.

Maldição. Meu estômago estava apertando de novo, mas saí sem me despedir.

Elijah estava na porta da cozinha quando entrei. Ele tinha uma arma totalmente limpa pronta para mim. Peguei enquanto passava, indo para a garagem. Nossos outros homens estavam lá e todos ocuparam seus lugares.

Os homens de Trace estavam em seu carro. Elijah entraria em um SUV seguindo desta vez.

Eu iria com Trace. Tudo isso já estava acertado.

Grunhi em saudação a Pajn e Demetri, os homens de Trace, e

entrei no banco de trás. Demetri fechou minha porta e entrou na frente ao lado de Pajn.

— O que está acontecendo?

Trace soltou um longo suspiro, mostrando-me seu telefone.

Eu li a mensagem.

Número desconhecido: Aqui é Nicolai Worthing. Fomos informados esta manhã que membros da Família Walden atiraram e mataram três dos meus homens. Após inspeção, vimos que os agressores eram meus homens. Estou entrando em contato para um encontro. Este é um ato de boa fé. Não enviei os meus homens para matar Ashton e sua convidada. Não quebrei o cessar-fogo. Você aceitará meu convite?

O próximo texto foi a localização e detalhes.

— Ele vai se tornar vulnerável a nós.

Trace pegou seu telefone de volta, guardando-o.

— Acredito que esse seja o ponto.

— Também é um belo texto incriminatório para qualquer autoridade que esteja lendo suas mensagens.

— Sim, ele está deixando as autoridades que nos observam saberem que ele não estava por trás de seus homens vindo atrás de você.

— Marco está transando com sua irmã.

— O quê? — A cabeça de Trace virou para mim.

— Depois de tudo o que aconteceu, esqueci de contar. Ele a levou para o nosso complexo.

Ele se mexeu e ficou mais virado para mim.

— O complexo que nem eu sei onde fica? Aquele sobre o qual você tem emoções confusas. Você odeia, mas o usa mesmo assim. Aquele lugar?

Atirei-lhe um sorriso, ignorando a última parte.

— Ele me garantiu que ela também não, mas nós dois conhecemos sua irmã. Ela provavelmente colocou fogo em um prédio atrás dela.

Ele recuou, sentando-se ao meu lado. Seu tom era resignado.

— A destruição tende a segui-la aonde quer que ela vá. — Quase pude ouvi-lo ranger os dentes. — Eles estão realmente dormindo juntos?

— Perguntei se ele estava transando com ela — ignorei sua rápida inspiração de ar — e ele disse que sim.

— Merda.

- E eles estão no Katya agora.
- Como você sabe?
- Avery colocou um rastreador em Marco.

Trace rosnou.

— Não sei com o que estou mais frustrado, se com seu primo ou com minha irmã em nossa boate depois de dizermos a ela para ficar longe.

Eu grunhi.

— Eu acho que o último. É mais provável que Remmi destrua Marco, então não estou muito preocupado com os dois. Porém, estou me perguntando se devo perguntar os detalhes de como isso começou ou se realmente não preciso saber. Sei que não quero saber. Eu disse a ele para parar de dormir com ela.

— Ele é do seu sangue, então não estou esperando que isso aconteça.

Sorri. Era verdade.

Trace esfregou a testa.

— Ela está uma bagunça desde a morte do nosso pai. Ela nunca foi próxima do tio Steph, mas se apegava à esperança de que algum dia nosso pai fosse realmente pai. Para seu crédito, ele era um tanto amoroso com ela.

Nenhum de nós estava comentando os detalhes da morte de seu pai. Remmi não sabia de nada disso, e não saberia se dependesse de Trace.

— Ela está de luto, buscando contato com quem foi receptivo.

— Isso que me preocupa, que Marco tenha sido receptivo.

— Eu não. Ele sempre teve uma queda por ela.

Ignorei Trace quando ele se virou para me observar novamente.

— Desde quando?

— Desde sempre. Ele a levou ao baile.

— Foi um encontro lamentável.

Eu lancei um olhar para ele.

— Não foi um encontro lamentável.

— Você está falando sério? Você sabia durante todos esses anos que ele tinha uma queda por ela e nunca me contou?

— Ela sempre teve uma queda por mim, então não. Por que eu deveria?

— O quê? Você e ela?

Eu fiz uma careta.

— Eu nunca fiz nada. Não iria. Sua irmã é, hum, *sua* irmã, e dois, como uma *irmã* para mim. Uma irmã malcriada, jovem, um tanto mimada no sentido material, porque ela não é mimada no sentido de amor e atenção. Eu limpei mais bagunça dela do que você.

Ele relaxou um pouco.

— Isso é verdade. Você fez.

— De nada, a propósito.

— Não vamos nos precipitar.

— Ela é *sua* irmã.

Ele gemeu.

— Isso é verdade. — Uma pausa. — Obrigado.

— Qual é o plano para esta reunião?

Ele me deu uma olhada dessa vez.

— Pensei em deixar você cuidar disso enquanto eu fico sentado e observo.

Sorri, gostando *muito* disso.

— Excelente. — Era hora de fazer algumas pessoas sangrarem. Estávamos nos apoiando em nossos pontos fortes. Eu gostava de machucar e Trace gostava de analisar.

Éramos as famílias West e Walden da Máfia. Se eu fosse Nicolai Worthing, ficaria com medo.

Eu mal podia esperar.

CAPÍTULO 30

Ashton

Nicolai Worthing era um idiota presunçoso. Essa foi a minha opinião quando nos conhecemos e permanecia até hoje. Entramos. Ele já estava fora do carro. Seus homens estavam espalhados. Ele escolheu um lugar onde ficaria vulnerável se decidíssemos matá-lo ali mesmo. Mas eu não acreditei nisso. Ele nunca se permitiu ser tão aberto como estava. Eu não tinha dúvidas de que ele tinha um atirador armado em algum lugar.

Por causa disso, enviei uma mensagem para Avery vir.

Ele estava uma hora atrasado, então paramos o máximo que pudemos. Não podíamos mais protelar.

Quando saímos do nosso veículo, nossos homens se espalhando, recebi uma mensagem.

Avery: Dez minutos atrasado.

Quase assobieei. Ele devia estar acelerando muito para conseguir esse tempo, mas era Avery.

Coloquei meu telefone de volta no bolso e caminhei até Nicolai.

Ele cresceu com privilégios e se vestia assim. Terno de três peças. Ele provavelmente recebeu seus sapatos diretamente da Itália e tinha uma aparência bajuladora com o cabelo penteado para o lado. Tenho certeza de que as mulheres achavam que ele era atraente com seu rosto quadrado, mas vi um punk quando ele olhou para mim.

Ele ainda estava sorrindo quando me aproximei. Houve um único lampejo de emoção quando ele percebeu que Trace estava ficando para trás. Eu seria o líder desta reunião.

— Ashton.

— Punk — eu grunhi.

A irritação tomou conta de seu rosto, endurecendo suas feições, mas ele a disfarçou quase imediatamente. Não tão rápido quanto eu teria imaginado. Isso me disse que ele estava escapando um pouco do controle que pensava ter.

— Você entra em uma reunião e me insulta?

— Salve isso. — Comecei a andar ao redor dele. Ele e Trace não se conheciam, mas nós sim. Eu conhecia a prima dele, não Justin. Eu já tinha tirado cocaína da barriga dela em determinado momento, e Vivianna contou muitos segredos sobre seus vários primos. Nicolai nunca foi mencionado, não porque ela não o conhecesse, mas porque ele era uma reflexão tardia. Como ele surgiu com tanto poder e quão rápido isso aconteceu, eu tinha dúvidas se ele era o verdadeiro líder

ou se havia alguém por trás dele.

— Eu conheço você. Você se esquece disso — acrescentei.

Sua boca formou uma linha reta. Sim. Ele não tinha esquecido.

— Presumi que esta reunião seria feita com você e Trace West.

— Não. Ele me deu as rédeas aqui. — Aproximei-me dele, entrando em seu espaço. — Você sabe, já que fui eu quem seus homens tentaram matar. Já que fui eu quem matou seus homens.

— Eu nunca dei a eles uma ordem para fazer isso.

Recuei, estudando-o.

— Então quem deu?

Sua boca se apertou novamente. Houve um pequeno tique logo atrás de seu olho. Pulsou antes que ele piscasse e desapareceu.

— Estarei investigando quem enviou essa ordem, mas entrei em contato. Coloquei-me em desvantagem para lhe mostrar que não fui eu que enviei aqueles homens.

Meu telefone tocou novamente.

Avery: Só dois minutos.

— Tenho uma teoria de que você não está tão vulnerável quanto nos faz pensar, mas aparecemos porque, embora você aparentemente não tenha a mínima ideia, sabemos quem enviou a ordem aos seus homens.

Ele ficou imóvel.

Ele realmente não sabia, e aquele tique estava de volta. Ele estava chateado.

— As ordens vieram de alguém da sua família.

Seus olhos se estreitaram.

— Você sequestrou um dos meus homens e o deteve para interrogatório.

Eu quase ri. Maldito Jake Worthing.

— Isso mesmo. Ele provavelmente foi para o hospital para cuidados, por esse tratamentozinho rude que foi dado a ele?

— Ele foi examinado, sim. — Nicolai não achou graça. Ele não estava demonstrando nenhuma emoção, mas eu o conhecia. Podia lê-lo.

Ele estava tão chateado.

Ele pensou que poderia controlar Trace. Ele sabia que não poderia comigo.

— Você está dizendo que porque eu questionei um dos seus, está tudo bem que você tenha enviado três homens para me matar? — Dei um passo direto em seu rosto, inclinando-me, deixando-o desconfortável de propósito. — Depois que você matou três dos meus tios, meu avô e o tio de Trace? Olho por olho, certo? Isso significa que

precisamos de muito mais do que apenas três de seus homens.

Eu queria dar um tapa na testa dele. Eu queria tanto. Teria sido um insulto humilhante, mas não consegui. Fosse como fosse, ele chegou onde estava, Nicolai detinha muito poder.

Ele estava se segurando firme, olhando de volta para mim, fervendo, mas se mantendo firme.

Estreitei os olhos, inclinando a cabeça para o lado. Que diabos? Vamos com minha teoria aqui.

— Como você chegou onde está hoje?

— O que você quer dizer?

— Você. Quero dizer, você — zombei dele. — Sei que você não era nada nos negócios da sua família, e agora olhe para você. Chefe da família ou é outra pessoa?

Ele ficou tenso, seu rosto se tornando concreto.

— Pise com cuidado, Ashton. Eu também conheço você.

Ele não sabia de nada que eu tivesse medo de que ele soubesse sobre mim. Eu gostava de foder as pessoas. Eu gostava de ser cruel. Eu também era mais inteligente do que as pessoas pensavam e adorava que as pessoas não soubessem como me ler.

Exceto Molly. Ela podia me ler.

— Você tem outra pessoa atrás de você? Puxando as cordas? Ou é realmente você? Você é essa cabeça durão da Máfia? Você realmente ordenou aqueles ataques contra nós? Ou foi outra pessoa?

Uma nova mudança veio. Eu senti isso, senti sua verdadeira doninha aparecendo, mas ele riu de mim. Seu tom era duro, seus olhos furiosos.

— Eu ordenei os ataques contra sua família e adorei.

Reagi rapidamente, levantando minha arma e colocando-a contra sua têmpora.

Ele congelou.

Eu não. Cheguei *ainda mais* perto, olhando para ele.

Houve uma explosão de atividade atrás de nós. Gritos. Ameaças.

— Diga isso de novo — falei suavemente. Provocação. Tirei a trava de segurança. — Diga de novo, o quanto você gostou de emitir a ordem para matar minha família.

Ele desviou o olhar, olhando além de mim.

Maldito covarde.

Pressionei minha arma com mais força, cerrando os dentes.

— Diga de novo, idiota. Diga. Isso. De novo.

Uma presença surgiu atrás de nós. Eu sabia que era Trace antes de ele falar.

— Não estou aqui por Ashton — disse ele.

Nicolai respirou fundo, só um pouco, mas ouvi. Eu senti.

Eu comecei a rir.

— Ele está aqui para dobrar a aposta.

— Você convocou esta reunião com que propósito?

Nicolai engoliu em seco.

— Eu disse...

— Ele não deu a *última* ordem, Trace. Aquela que enviou aqueles três homens atrás de mim. Isso é o que ele vai dizer. Grande idiota. — Inclinei minha cabeça sobre a dele para poder olhá-lo nos olhos, movendo a arma para o lado, mas ainda bem contra sua cabeça. — Nós já sabíamos disso. É por isso que viemos aqui.

Os olhos de Nicolai estavam gelados.

Eu sorri.

— Você gostaria de poder refazer esse pedido, não é? Mas enviou uma equipe especial atrás de mim. Certo?

Ele não respondeu, olhando para Trace.

— Você pode tirar seu animal de estimação psicopata de cima de mim? Um homem só consegue ficar um certo tempo com uma arma apontada para a cabeça antes de dar uma ordem que envolva um banho de sangue.

Trace ficou quieto.

Eu também.

Então, um tiro soou não muito longe de nós.

Nicolai amaldiçoou, estremecendo antes de olhar para mim.

Fiquei imóvel. Meu telefone tocou.

— Algo me diz que não foi meu homem que caiu.

Nicolai explodiu em xingamentos, mas não conseguiu se livrar de mim. Eu estava sobre ele, minha arma contra sua cabeça. Ele tentou mover-se para a esquerda; eu estava lá, bloqueando-o.

— Saia de cima de mim! — Ele me empurrou de volta.

Eu fui, mas minha arma permaneceu apontada para ele. Assumi uma postura de tiro.

— Diga-me o quanto você gostou de dar ordens contra minha família novamente. Faça isso. Esqueça os últimos três homens. Quero saber sobre as primeiras ordens que você deu.

Os olhos de Nicolai estavam selvagens. Ele havia mudado. Ele não conseguia mais se esconder e era isso que eu queria. Eu queria estar ali. Eu queria estar tão longe em sua cabeça que assombraria todos os seus pensamentos.

Trace também estava aproveitando essa oportunidade. Ele era melhor nas questões psicológicas.

Eu acabei de ver uma doninha assassina e queria extingui-la.

— Quero que o cessar-fogo continue. — Nicolai estava fazendo um esforço concentrado para manter o controle, mas suave. A restrição estava lhe custando caro. — Até sabermos quem matou meu

primo.

— E Kelly — Trace disse.

Nicolai enrijeceu.

Eu estreitei meus olhos. Ele havia se esquecido da garota.

A voz de Trace ficou baixa.

— E Kelly também. Ela era amada por alguém do nosso meio.

— Claro. Justin a amava. Ela teria sido da família um dia.

Eu bufei com isso.

Nicolai me lançou um olhar sombrio.

— De alguma forma, duvido disso. — Coloquei a segurança, vendo que nosso trabalho estava feito aqui.

Nós o vimos. Ele queria manter o cessar-fogo em vigor, e eu o havia abalado o suficiente. Aos meus olhos, ele era um covarde. Eu tinha certeza de que Trace teria uma opinião totalmente diferente sobre ele, mais convincente e mais intelectual, mas não me importava. Eu iria matar Nicolai Worthing um dia.

Eu mal podia esperar por esse dia.

— O cessar-fogo continuará, mas se houver mais uma agressão, pararemos de esperar.

Nicolai olhou para Trace antes de abaixar a cabeça em um breve aceno de cabeça.

— Obrigado. — Ele olhou para mim antes de ir para seu veículo. Seus homens se moveram imediatamente, cercando-o.

Todos estavam em seus carros e acelerando em segundos.

— Diga-me que o tiro foi nosso? — Trace olhou para mim.

Eu verifiquei meu telefone.

Avery: O homem dele está caído. Ordens?

Eu o chamei.

— Ele está vivo?

— Ele está. Eu tenho a arma dele embalada.

Deslizei meus olhos para Trace, vendo-o xingando e balançando a cabeça.

— Traga-o. Leve-o para o armazém no centro da cidade.

— Pode deixar.

— Está falando sério? — Trace perguntou enquanto eu guardava meu telefone. — Para quem você ligou?

— Avery.

Ele praguejou novamente, mas respirou fundo. Ele estava ciente de quão bom Avery era.

— Ele tinha um homem lá fora?

— Sniper, ou estou supondo à distância. Avery não disse especificamente que ele era um atirador.

Os olhos de Trace se fecharam para uma pausa antes de balançar a cabeça.

— Acabamos de concordar com o cessar-fogo e um dos nossos homens matou um dos seus logo depois?

— Não.

— O quê? Sim!

— Não. Estava no meio das negociações. O tiro aconteceu antes de vocês dois concordarem com a continuação do cessar-fogo.

Trace revirou os olhos, mas eu estava certo, e ele sabia disso.

Eu estava sorrindo, aproveitando esse momento. Ganhei uma vantagem sobre ele, meu melhor amigo analista genial. Ele olhou para cima novamente, mas me deu um meio sorriso de volta.

— Você é um merda tão arrogante.

— Eu sou um merda arrogante, isso mesmo.

Trace assentiu e todo o seu comportamento mudou. Eu conhecia esse visual. Ele estava entrando na fase de reflexão, onde extraía todas as informações que havia obtido de nossa interação e as examinava. Ele era um computador, trazendo tudo para a tela para que pudesse ser estudado e agrupado na categoria certa.

— Este cessar-fogo não faz sentido.

Eu grunhi. Agora ele estava entendendo.

— Ele não estava preocupado com Kelly. Ele se esqueceu de Kelly. Ele só estava preocupado com quem matou Justin... estava? Eu não consegui lê-lo quando ele mencionou Justin. Mas é como se ele estivesse mais preocupado com o cessar-fogo do que com qualquer outra coisa.

Eu também estava pensando nisso.

Trace continuou.

— Você sequestrou um de seus primos. Você matou três de seus homens. Você acabou de eliminar o atirador e ele *ainda* insiste no cessar-fogo. Por quê? Isso não faz sentido em nosso mundo.

A resposta veio até mim e era extremamente óbvia.

— Sim, faz.

Trace olhou em minha direção.

— Ele está planejando outra coisa e precisa de tempo. *Estamos dando* a ele esse tempo.

— Não há cessar-fogo então.

— Exatamente.

Compartilhamos um olhar.

— Isso significa que podemos revidar.

Eu sorri.

— Finalmente.

Ele sorriu de volta.

— Isso também significa que ele não tem ideia de que já

levamos seus primos.

Crispin e Penn. Idiotas, mas sim. Nicolai saiu sem dizer uma palavra, então não tinha ideia.

— Seu atirador não está morto. Também pegamos aquele homem e sua arma.

Foi um bom golpe para nós.

Trace assentiu.

— Precisamos de uma grande vitória.

— Precisamos descobrir por que ele deseja tanto um cessar-fogo. — Lembrei-me de outra coisa. — Ainda precisamos cuidar de Marco e Remmi.

Seu sorriso desapareceu.

— Vamos lidar com o atirador primeiro.

CAPÍTULO 31

Molly

Ouvi a mensagem de voz do meu pai novamente.

— Pai, você precisa me ligar. Na verdade, estou preocupada. Sério. — Desliguei antes que pudesse dizer mais alguma coisa, como eu queria matá-lo, porque se ele ouvisse isso, nunca encontraria o assassino de Kelly.

— Sem sorte?

Endireitei-me, ouvindo Jess entrar na cozinha.

Eu saí do quarto por volta das seis, porque meu estômago estava fazendo a melhor interpretação de um grasnado de pterodátilo, ou como presumia que eles teriam grasnado. Teria sido mais como um rugido.

Eu percebi que esta não era a casa de Ashton ou outra casa de Ashton quando desci as escadas e vi uma foto de Trace e Jess juntos. A próxima foto era da mãe dela. O irmão dela. Havia mais pessoas, mas eu não as conhecia, e então entrei no escritório e fiquei cativada durante a hora seguinte, porque havia uma parede inteira com fotos de Trace durante seus anos de ensino médio e faculdade. Muitas dessas fotos mostravam ele e Ashton, e sim, meu estômago estava revirando ao ver Ashton sorrindo e parecendo jovem e ousado dizer... bonitinho?! Ele era gostoso, mas também era fofo.

Eu estava ansiosa para provocá-lo sobre a dicotomia.

— Não, mas isso é típico de Shorty Easter. Ele encontra você, e não o contrário.

Jess apontou para a máquina de café.

— Quer um pouco?

— Seria ótimo. — E, claro, lutei contra um bocejo nesse momento. — Esta é a sua nova casa com Trace?

Ela estava pegando o café e um sorriso suave surgiu em seu rosto.

— Não fica longe da casa da minha mãe, então ela estará perto se acontecer alguma coisa.

— É legal. Isso é... adulto.

Jess olhou para trás, uma risada curta escapando dela.

— O quê?

— É adulto. Você e Trace. Você está fazendo isso, apesar de tudo, você sabe.

Parte de seu sorriso desapareceu.

— Sim.

— Hum. Ei. — Merda. Eu era uma amiga idiota. — Eu sei que entrei em contato quando aconteceu pela primeira vez, mas...

— Isso não é com você.

— O quê?

Ela arrumou a máquina de café e apertou o botão, depois se virou para descansar as costas no balcão ao lado.

— Isso não é culpa sua. Eu sei o que você ia dizer, mas você entrou em contato quando aconteceu. Você estava lá quando Trace e eu estávamos passando por nosso caso, e tentou estar lá para mim depois que o corpo de Kelly foi encontrado. Eu... eu não deixei ninguém vir até mim, exceto minha mãe e Trace. Foi isso. Eu meio que enlouqueci depois que descobri. — Sua voz tremeu. — Eu... foi minha culpa e...

— Ei. — Saí do banco e fechei o espaço entre nós.

Todos pensavam que Jess era uma oficial de condicional dura e, para ser sincera, ela era. Ninguém queria mexer com ela, mas ela era... bem, ela não era muito mole por dentro, mas o que ela *era*, era uma amiga incrível e tinha um coração incrível. Fui até ela, ignorando como ela começou a levantar os braços. Envolvi o meu em torno dela em um abraço.

— Não foi sua culpa. Eu não me importo com o que você vai dizer. Não me importa o que você faz da vida, por quem você se apaixonou, qualquer outra coisa que você possa dizer. O responsável pela morte de Kelly é quem a matou. Ponto. Você não se culpa. Escutou?

Ela estava rígida no início, depois soltou um suspiro estremecedor e se inclinou para mim. Ela não colocou os braços em volta de mim. Jess não era esse tipo de amiga, não mesmo, mas dizia muito que ela se levantou e me deixou abraçá-la. Então eu tive que abraçá-la com tudo que tinha em mim. Eu estava fingindo que Pialto e Sophie estavam aqui me ajudando a abraçá-la.

Eles davam os melhores abraços. Sempre fizemos isso de três maneiras também.

Eu a ouvi fungar, então continuei apertando até muito depois de o café terminar.

— Obrigada, Molly. — Jess deu um passo para trás, enxugando os olhos com a mão antes de me mostrar onde estavam as canecas de café.

Eu a empurrei de lado, assumindo a partir daí. Selecionando uma caneca, perguntei a ela:

— Você quer um pouco?

Ela assentiu, piscando um pouco e enxugando o rosto enquanto se sentava no banquinho que eu havia deixado.

— Obrigada.

Servi nossas canecas e fui procurar um pouco de creme na geladeira incrível.

— Eu ia dizer mais cedo que sentia muito por não ter

procurado você ultimamente. Imaginei que você gostaria de um pouco de espaço, mas eu pretendia estender a mão, mas então...

O sorriso de Jess era cúmplice quando trouxe seu café e deslizei para o banco ao lado dela.

— Então um cara tentou roubar seu negócio e você ficou um pouco louca?

— Quem usa maquiagem verde para roubar uma pista de boliche?

— Gostaria de pensar que se você está planejando roubar uma pista de boliche, a única maquiagem que gostaria de usar é verde.

Atirei-lhe um sorriso.

— Talvez eu quase tenha atirado nele rápido demais. Eu deveria ter perguntado o que ele pensa sobre que maquiagem usar ao roubar uma loja de fantasias?

— Isso seria pesado. Eu gostaria que você tivesse perguntado a ele. Não sei se conseguirei dormir esta noite sem saber que cor ele teria usado.

Era bom estar brincando com Jess novamente.

Engoli um nó na garganta.

— Maria, Dex e Jimmy ainda vão todos os domingos à noite.

A caneca de café desceu tão rápido e quase com força que hesitei, pensando que a tinha irritado, mas sua cabeça se dobrou e ouvi o soluço.

Ela deixou cair a caneca. Ela não a largou.

— Oh. — Entrei, colocando meu braço sob o dela, e me levantei do banco, puxando Jess para mim novamente. Desta vez, ela apoiou todo o seu peso em mim. Sua mão estava cobrindo a boca e ela pareceu desmaiar. Ela estava chorando muito.

Uma de suas mãos se ergueu, agarrando minha camisa.

Todo o seu corpo estremeceu.

Eu estava meio embalando a cabeça dela, meus braços levantados em um aperto estranho, mas era eu. Parecia a maneira mais natural de confortar uma amiga. Demorou um pouco para ela se acalmar.

Ela respirou fundo, inclinando-se um pouco para trás.

Ela estava piscando rapidamente. Estendi a mão para uma caixa de lenços de papel e peguei um monte para ela.

Voltei para o meu banquinho, observando Jess o tempo todo.

Desmoronando na frente de alguém? Eu não tinha ideia de que ela tinha isso dentro dela. Fiquei honrada por ter estado comigo. Estendi a mão, tocando seu braço.

— Desculpe por isso.

Ela riu, deixando escapar mais algumas lágrimas.

— Não. Eu sou... sou eu. Você disse isso sobre domingo à noite

e você sabe. As noites de domingo eram a nossa noite. Eles ainda vão?

Eu balancei a cabeça.

— Todo domingo à noite. Jimmy entra, vence o primeiro jogo e simplesmente sai. A mãe dele traz os sapatos dele e paga agora.

Ela riu, enxugando os cantos dos olhos.

— Não há mais menções a festas pop e pizza?

— Não. Ele agora menciona que vai ao próximo evento de WrestleMania com Kelly, e depois toda a coisa de ir embora. Essas são as novas rotinas.

— Maria e Dex ficam depois?

Balancei a cabeça, minha garganta inchando, porque me lembrei de uma época em que eles estavam agindo, bem, não são.

— Eles, uh, eles fingiram jogar boliche com Kelly e Justin uma noite.

— O quê?

— Jimmy tinha ido embora. Percebi que eles estavam fingindo entregar as bolas de boliche para pessoas que não estavam lá e depois fingindo que alguém havia jogado. Eles também anotaram pontuações falsas.

— Sério?

Balancei a cabeça.

— Eu chorei o tempo todo quando vi isso. Expulsei todo mundo, como Bob e Monica, alguns dos frequentadores regulares. Eles sabiam que eu sabia o que eles tinham feito, então sentaram-se e todos nós fingimos tomar uma bebida com Kelly e Justin. — Mais algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto. — Foi uma das melhores noites da minha vida, bebendo com fantasmas.

— Eu gostaria de ter estado lá.

Verifiquei meu telefone, vi a hora.

— Eles provavelmente estão chegando agora. Poderíamos chegar lá a tempo de testemunhar a vitória de Jimmy.

— Isso parece épico. — Ela se acalmou. — É domingo à noite.

Compartilhamos um olhar.

Ela disse:

— Sua vida pode estar em perigo. Quero dizer, se você está procurando a pessoa dona de uma pista de boliche, provavelmente há uma boa chance de ela estar *na* pista de boliche.

— Hum.

— Eu tenho uma arma.

— Hum. — Ah, cara. Eu já podia ouvir Ashton me criticando.

Ela acrescentou:

— Eu sei atirar com uma arma.

— Uh...

— Nesta fase, você pode estar imune a tiros. Talvez isso não

perturbe mais você.

— Ah, cara.

Seus olhos dançaram.

— Eu sei que não deveríamos ir. Eu sei que é estúpido, mas quero ir por dois motivos. Um, Kelly. Ela adoraria. Ela já estaria se trocando e planejando ir à boate depois.

Kelly já estaria fazendo isso.

— Ela me ligou antes de eles partirem.

Ela ficou imóvel.

— O quê?

— Na noite em que eles partiram. Ou antes de partirem. Ela me ligou na pista de boliche. Ela se despediu e me pediu para cuidar de você porque, apesar da sua teimosia, você precisa de uma amiga para saber como você está. Ela disse que é mais ou menos como você verifica sua mãe.

Ela estava piscando novamente.

— Estou surpresa que ela não tenha pedido para você enviar vídeos de pombos para Sal.

— Ela também fez isso.

— Não!

Eu balancei a cabeça.

— Ela fez.

— Essa era ela. Pensando em todos os outros antes de partir.

— Essa era ela.

Ficamos em silêncio até que Jess engasgou:

— Eu realmente sinto falta dela.

Estendi a mão e peguei a mão dela, segurei-a enquanto ela chorava mais um pouco.

— E a segunda razão pela qual você quer ir?

Ela sorriu, já se levantando da cadeira.

— Para irritar Ashton. Ele merece algum troco.

— Oh.

Ela ergueu o telefone.

— Que tal isso? Vou ligar para Trace. Ele vai concordar, mas não precisa contar a Ashton?

Suspirei.

— Vou me meter em muitos problemas.

Fomos jogar boliche e eu esperava que alguns fantasmas se juntassem.

CAPÍTULO 32

Molly

— Isso deveria dizer fechado? — Jess perguntou de seu carro. A placa dizia FECHADO. O Easter Lanes estava *fechado*. Eu rosnei.

— Vou pegar um garfo e perfurar meu primo. Vou continuar perfurando-o, pequenos cortes, uma e outra vez, até que ele esteja sangrando e não consiga se mover. A morte mais lenta e mais longa possível.

Eu tinha plena consciência de que estava dizendo isso na presença de uma ex-funcionária da lei, e que ela estava me olhando como se estivesse dizendo: Você sabe para quem está dizendo isso?

Eu não me importava. Domingo sempre foi um dia decente para trabalhar e ele fechou o meu lugar! Além disso, senti o interruptor começando a girar. Não foi só meu pai quem conseguiu virar a situação. Foi a família em geral.

Virei-me para Jess.

— Eu garanto a você que meu primo ainda está na cama, de ressaca de onde quer que ele tenha ido ontem à noite, e se eu descobrir que ele fechou cedo ontem à noite, vou explodir.

Ela olhou para mim e piscou uma vez.

— Qual é o endereço dele?

Deus, eu amava meus amigos.

Eu dei a ela, ela programou e saiu correndo.

— Você quer ligar para Ashton?

— Não. Estou economizando meu fôlego até descobrir o que vou fazer.

— Você tem uma ideia do que vai fazer?

— Matar meu primo.

— Obviamente. Esse é o primeiro passo — disse a ex-oficial de condicional.

— Vou voltar a administrar o Easter Lanes. Dormirei lá se for preciso. Não vou deixar isso atrapalhar meu sustento.

— Eu vou ficar com você.

Olhei em sua direção. Ela estava dirigindo e prestando atenção na rua, mas eu a estava estudando.

— Você parece certa sobre isso.

— Eu estou. — Ela olhou em minha direção por um segundo. — Ashton me deixou de lado e nunca vou admitir isso na cara dele, mas ele tinha razão. Com você trabalhando, eu posso ajudar nisso. Isso me dá algo para fazer.

— Como está a pintura?

A boca de Jess se achatou e ela engoliu em seco, sentindo um

nó na garganta. Eu pude ver isso. Ela abaixou a cabeça brevemente, a mão apertando o volante.

— Não está... bem. Eu tentei, mas a única coisa que consigo pintar é Kelly. Uma e outra vez.

Jess era uma artista emergente. Suas pinturas estavam sendo escolhidas por galerias e houve um artigo escrito sobre ela não muito tempo atrás. Lembro-me de pensar que era um ponto brilhante para ela no meio de tudo.

— Eu entro. Tento pintar. *Quero pintar*, mas depois entro em estado catatônico e, quando saio dele, é Kelly. Eu só posso pintá-la. — Sua voz estava rouca. — Então. — Ela limpou a garganta, forçando um sorriso em minha direção. — Além de levar minha mãe para consultas médicas, posso passar um tempo no Easter Lanes. — Ela soltou uma risada repentina. — Considere-me sua guarda-costas pessoal. O que Ashton vai fazer? As guerras da Máfia podem durar meses, até anos. Você tem que trabalhar.

Ela estava certa. Eu tinha que trabalhar.

Além disso, meses? Anos? Isso é desolador.

Espere.

— Sua mãe? Visitas hospitalares?

Jess se encolheu, só um pouquinho.

— Ela teve alguns resultados de testes estranhos, então a levamos para verificar mais. Eles ainda não têm certeza do que é.

Oh, cara.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Quero dizer... tudo bem. — Ela olhou em minha direção. — Qual é o seu plano com seu primo?

— Oh! Eu não preciso de um plano para ele.



Isso não era totalmente verdade.

Chegamos ao prédio dele e liguei para a vizinha. Ela era minha versão da Sra. Tulip, mas em vez da minha própria Sra. Tulip...

— Alô? Eu não pedi nada.

— Olá, Sra. Navarro! — Otimista e feliz. Ela realmente amava esse meu lado. — Aqui é...

Bzzzzzz!

Jess sufocou uma risada.

— Eu poderia ter usado você ao visitar alguns dos meus presos em liberdade condicional.

Agarrei a porta e entrei, evitando o elevador.

— Isso fica preso a cada três dias entre os andares 12 e 14. É o efeito do décimo terceiro andar. Eu juro.

— Hum — Jess grunhiu, vindo comigo.

Quando chegamos ao andar dele, a porta da vizinha estava aberta e a Sra. Navarro agitava um cobertor no ar.

— Ah, é você! Achei que poderia ter reagido um pouco precipitadamente.

— Olá, Sra. Navarro. — Fui até ela, coloquei as mãos em seus ombros, e beijei suas duas bochechas. Ela cresceu na Espanha, então seguiu seu costume.

Ela estava sorrindo para mim e deu um tapinha na minha mão.

— Como você está, querida?

— Estou bem. — Olhei para a porta de Glen. — Tenho que resolver uma coisa com meu primo, mas como você está? Você está maravilhosa. Tan linda.

— Oh! — Mas ela estava radiante e acenou com a mão para mim.

— Dios te bendigo.

Meu espanhol estava enferrujado. Eu tinha desistido de tentar melhorar, mas balancei a cabeça e sorri de volta. Qualquer coisa que a Sra. Navarro estava dizendo, eu adorava. Ela continuou falando até que seu telefone começou a tocar.

— Oh, querida. Eu preciso atender. Você vem no próximo domingo para jantar. Nunca preciso de uma desculpa para fazer paella, mas farei isso só para você com temperos extras.

Eu estava totalmente desanimada com isso.

— Estarei aqui. Diga-me que horas.

Ela enfiou a mão dentro, pegou o telefone e falou antes de me entregar uma chave.

— Venha por volta das seis, aqui está. Deslize-a por baixo da porta quando terminar.

— Gracias, Señora Navarro. Obrigada.

— Ah! — Ela voltou, beijando minhas bochechas e me dando um tapinha extra ali. — Tão linda! Você! — A pessoa em seu telefone estava falando rápido e alto, então ela fez um gesto e voltou para dentro, outro aceno com a mão livre.

Jess estava se contendo, mas se aproximou, olhando para a chave.

— Aquilo foi... incrível de assistir.

Eu ri, aproximando-me e encaixando a chave na fechadura. Virei-a, destranquei e retirei, deslizando-a por baixo da porta da Sra. Navarro antes que me esquecesse. Depois disso, era a hora de chutar-a-bunda-de-Glen.

Abri a porta, esperando ouvir – não tinha ideia.

Fui recebida com sons de nada.

Entrei e uma onda de tensão passou por mim. Meu estômago se

apertou.

Eu esperava ouvir ronco. Os sons de seu ventilador. Pensei em encontrar uma pia cheia de latas de cerveja vazias, porque era lá que ele as jogava. Ele só tirava o lixo alguns dias depois, até mesmo lavando pratos em volta das latas de cerveja.

Nada. O apartamento estava completamente silencioso.

Algo estava errado. Como se estivesse na mesma sintonia, Jess tocou meu ombro.

— Volte. Atrás de mim. — Eu vi a arma na mão dela e engoli em seco.

Oh, cara.

Glen.

Ele mijaria nas calças se estivesse lá, apenas dormindo.

Ela ergueu o braço, a outra mão firmando a arma, e gritou:

— Alguém aqui? Estou armada. Estou aqui com sua prima. Tem alguém aqui?!

Ela continuou, checando cada cômodo enquanto avançava pelo corredor.

Eu não sabia o que fazer, então fui para a sala. Não havíamos verificado o armário. Havia um logo atrás de onde entramos, então fui até ele e abri – havia um homem ali!

Eu engasguei, minha garganta se abriu, mas ele levantou a mão, sufocando meu grito. A outra mão segurava uma arma. Vestido todo de preto, uma máscara de esqui. O branco de seus olhos estava esbugalhado.

— Olá! Tem alguém aqui? — Jess ainda estava vasculhando o apartamento.

Glen tinha dois quartos, mas havia armários e um banheiro extra.

Ela não tinha me ouvido.

— Não diga uma palavra e você viverá — ele sibilou para mim.

Não.

Ele não disse isso. Para mim! Não, ele não fez isso, porque se tivesse feito isso, significaria que eu estava *mais uma vez* em uma situação em que uma arma estava sendo apontada para mim.

E isso *não estava* acontecendo. *De novo* não!

Senti o grito chegando. Sua mão sufocante que se danasse.

A *mudança* estava começando.

Eu ia fazer algo que sempre fiz.

Eu estava olhando para esse cara, quem quer que ele fosse. Sua mão estava sobre minha boca.

Um inferno foi aceso e as chamas se espalharam rapidamente até...

— Tire essa *porra* de arma da minha *cabeça*!

Eu o ataquei. Bem não. Primeiro abaixei minha cabeça e dei uma cabeçada nele. Imagine um carneiro da montanha: era eu, e esse idiota estava caindo. Um tiro disparou. Eu estava imune agora.

O cara caiu. Seu braço foi para o lado.

Ele estava tentando me bater ou me chutar, mas eu estava em cima dele, agarrei sua cabeça, ambos os lados, e bati sua cabeça no chão, embaixo dele. De novo e de novo e de novo outra vez. Bati. Bati. Bati.

— Ahhh!

— Oh, meu Deus! — Jess entrou correndo.

Ela estava do lado direito.

O cara estava perdendo a força, mas eu também, percebi, notando que ele estava tentando apontar a arma para mim. Eu estava com meu joelho em seu braço, segurando-o preso e apontando para o outro lado. Eu nem sabia que tinha feito isso, mas Jess estava lá.

Ela arrancou a arma da mão dele e gritou:

— Saia de cima dele. Molly!

Parei de levantar a cabeça dele, mas minha força estava me abandonando rápido, então me arrastei para trás. Eu não conseguia ficar de pé, ainda não. Segui para a cozinha.

— Atrás de mim.

Oh. Mudei de posição, rastejando para me sentar atrás de Jess. Ela estava com a arma levantada e falando ao telefone como se fosse um rádio.

— Você! — ela latiu para o cara. — Vá... você consegue se levantar?

O cara balançou a cabeça antes de desmaiar. Todo o seu corpo estremeceu e tremeu antes que eu imaginasse que ele caiu inconsciente.

Depois disso, eu me enrolei, trazendo os joelhos até o peito, meus braços em volta deles. Jess estava ligando para a polícia. Eu a ouvi dizer:

— Precisamos de uma ambulância e... — Ela hesitou. — Temos um DOA aqui.

DOA.

O quê? Não esse cara. Eu não matei esse cara, mas isso significava... eu sabia o que isso significava, e agora a adrenalina estava passando. Eu *estava* ficando imune a isso, mas meu primo. Jess estava lá atrás.

Eu tinha que vê-lo antes que eles viessem buscá-lo.

Eu me levantei, sufocando um soluço.

— Não, Molly. Não entre aí.

Eu me levantei, passando por ela. Ela tinha que ficar, manter a

arma apontada para o cara caso ele acordasse, então diminuí a velocidade antes de chegar ao quarto de Glen. Respirei fundo, respirei fundo de novo e fui até a porta.

Eu... hein?

Havia um cadáver na cama, sua cabeça virada na minha direção. Recusei-me a olhar para o resto dele.

Olhei para Jess no corredor.

— Onde está Glen?

— O quê?

— Meu primo tem cabelo azul neon. Esse não é Glen.

CAPÍTULO 33

Ashton

Estávamos saindo do armazém do centro da cidade, que a certa altura recebeu três hóspedes, mas tomamos a decisão de separar os Worthing. Avery os levaria para o complexo e os colocaria no armazém que seu primo detetive havia desocupado antes. O interrogatório deles seria um processo muito mais longo.

— Marco ainda está no Katya?

Eu estava verificando meu telefone e xingando quando vi todas as chamadas perdidas e mensagens de texto.

— O quê?

Liguei para Eze, meu cara principal que deixei com Molly.

— O que está acontecendo?

— Molly e Jess saíram de casa hoje mais cedo.

— O quê? — Coloquei-o no viva-voz. — Você fala comigo e Trace.

— Eu as segui. Suas ordens eram para ficar longe se Montell estivesse na casa com ela. Bem, elas foram para o Easter Lanes...

— Onde elas estão agora?

— Delegacia de Polícia.

Trace avançou com um golpe de faca.

— O quê?

Eles continuaram conversando, mas eu continuei navegando pelo resto do meu telefone. Minhas fontes de todos os departamentos estavam me alertando. Cliquei no último.

34: A Homicídios as pegou, mas CO está ganhando posição. Não consigo mais informações.

Suspirei longo e baixinho.

— O que é? — Trace perguntou.

Falei ao telefone.

— Você está fora da estação?

— Sim.

— Saia daí.

— Por quê?

— Elas não estão aí. Elas serão transferidas para um segundo local. Volte três quarteirões e espere minha ligação.

— Beleza.

Encerrei a ligação e apertei para discar outro número. Enquanto tocava, contei a Trace as informações mais recentes.

— O que diabos elas fizeram?

Jake Worthing atendeu.

— Você está brincando comigo?

— Detetive.

— Eu não estou fazendo merda nenhuma por você. Não depois da última vez que conversamos. Vou desligar...

— Três homens do seu primo me seguiram ontem à noite.

Ele estava quieto do seu lado.

— O quê?

— Eles me seguiram até um posto de gasolina.

— Por que você...

— Molly estava lá.

Ele estava quieto, novamente, o que eu estava contando e que estava fazendo meu estômago embrulhar. Quando ele falou, seu tom era baixo e rouco.

— Não recebi nenhuma ligação sobre isso. O que você está falando?

— Precisamos nos encontrar.

— Estamos em uma guerra!

— Seu primo está plenamente ciente do que aconteceu ontem à noite, mas você não, e estou tendo dificuldade em acreditar nisso, considerando que os pedidos vieram do seu telefone.

— Besteira. Você está cheio de merda.

— Seu telefone diz o contrário. Encontre-me.

Seu rosnado era selvagem.

— Jesus Cristo. Não quero ter nada a ver com nada disso. Você me ouve? Quero encontrar o assassino do Justin e então vou me afastar. De você, do meu primo, de tudo. Eu nem quero mais ser policial. Saia do meu pé, Ashton.

— Encontre-me. Confie em mim, Jake. Você precisa ouvir o que tenho a dizer.

Ele ficou quieto novamente. Eu estava jogando aqui. Essas mensagens eram de seu telefone, mas nunca pareceu uma atitude de Jake Worthing. Tínhamos duas cartas com as quais ele parecia se importar: seu irmão e tudo o que ele sentia por Molly. Se a unidade dele a tivesse, eu precisava vê-lo pessoalmente.

— Tudo bem. Vou mandar uma mensagem com o local e horário.

— Agora.

— O quê? Não. Acabei de ser chamado...

— Tem que ser agora.

— Maldito seja, Walden. Maldito seja!

Esperei, ainda jogando. Sempre apostando nesta vida.

— Ok. Agora. Jesus.

Ele encerrou a ligação e, um segundo depois, chegou sua mensagem com a localização. Retransmiti a localização para Pajn, e

ele imediatamente apertou a seta, colocando-nos na direção certa.

— O que você está fazendo com esse cara?

— Ele trabalhava para mim. Tenho um pressentimento sobre ele.

— Foda-se o seu pressentimento. Ele odeia Jess.

— Ele não me odeia e não acho que ele odeie Molly.

Trace começou a balançar a cabeça, maldições saindo de sua boca.

— Ele sabe sobre vocês dois?

— Eu disse a ele que estávamos transando.

— Você disse?

Dei de ombros.

— Eu estava dizendo isso para mexer com a cabeça dele na hora, mas ele parece reagir a ela. Não acho que ele saiba que sua unidade a prendeu, ela e Jess. Ele não queria me encontrar, disse que estava recebendo uma ligação para entrar. Se isso for verdade, quero falar com ele primeiro.

— *Que porra* você está fazendo, Ashton? É a minha mulher. Ela não é exatamente a Miss Popularidade com seus antigos colegas.

Eu fiz uma careta de volta para ele.

— Molly não é um jogo para mim.

Ele bufou, recostando-se.

— Desde quando?

Eu teria respondido, mas ele estava certo. Ela foi. Ela não era mais.



O detetive Jake Worthing estava esperando por nós no final do túnel e, assim que viu Trace, começou a balançar a cabeça.

— Não! De jeito nenhum, Walden. Você está maluco, pensando que vou conversar com esse filho da puta por aí.

Trace estava olhando de volta com a mesma intensidade. Ele retrucou:

— Você acha que estou feliz com isso? Você ameaçou minha mulher.

— Porque ela fez meu irmão desaparecer.

— Jess não fez nada com seu irmão. Na verdade, ele condenou Kelly. Se ele não estivesse com ela...

— O quê?! — Jake foi até ele.

Trace o encontrou, a poucos centímetros.

— Então ela ainda estaria viva e Jess não sentiria metade da dor que sente.

Os olhos de Jake ficaram selvagens. O ar ficou carregado, mas

revirei os olhos para cima.

— Molly e Jess foram apanhadas esta noite.

Trace ainda estava na luta, mas a cabeça de Jake virou para mim.

— O quê?

— Essa é a ligação que você recebeu, pedindo que você vá hoje à noite. Não sei os detalhes, mas sei que a Divisão de Homicídios estava com elas, e agora o Departamento do Crime Organizado as está levando.

Ele recuou, mantendo um olhar cauteloso em Trace.

— Eles vão movê-las para um local diferente.

— Eu sei.

Seus olhos ficaram gelados.

— Como diabos você sabe disso?

— Você não era minha única fonte. Você sempre esteve ciente disso.

— Se você conhece essa informação, o que estou fazendo aqui?

— O CO tem brechas e eles vão usá-las em Jess e Molly. Preciso de alguém para tirá-las de lá.

— Você está brincando comigo?! Você sabe como isso vai ficar? — Ele deu mais alguns passos para trás, balançando a cabeça cada vez mais. — Não. Sem chance.

— Os olhos já estão em você. Você é um Worthing. Preciso que você as retire. Mais cedo ou mais tarde. Elas não podem ficar lá.

— Por quê? Eles apenas vão questioná-las sobre porque estão lá, mas conhecendo tanto Montell quanto Molly, elas acabarão se soltando. Não consigo imaginar que alguma delas faria alguma coisa para ser presa.

OK. Ele *não* conhecia Molly.

Trace bufou suavemente atrás de mim.

Aparentemente, Worthing também não conhecia Jess.

Usei uma cartada diferente.

— Porque elas são alvos fáceis lá dentro. Assim que seu primo tomar conhecimento de alguns detalhes, não sei como ele reagirá.

Worthing ficou estranhamente imóvel com minhas palavras. Sua cabeça inclinou-se para cima, lentamente.

— O que você está falando?

Trace deve ter descoberto o que eu estava planejando, porque avançou, virando as costas para Jake. Ele disse, baixo e em forma de advertência:

— Ashton. Pense sobre isso.

Eu pensei. Infelizmente. Contornei Trace e ele praguejou, afastando-se.

— Seu primo não está contando o que está acontecendo.

— O que você está falando?

— Eu lhe disse que três homens foram enviados para me seguir ontem à noite. Seu primo contou sobre eles?

— Não. Por que ele faria isso? Sinto muito se Molly estava lá, mas qual é o problema? Eles apenas seguiram você, certo?

— Eu disse que Molly estava lá.

— Sim, mas... — Ele estava começando a franzir a testa, olhando para onde Trace estava nos observando, com a cabeça inclinada para trás. — O que aconteceu?

— Um deles apontou uma arma para a cabeça de Molly...

Jake xingou.

— Seus homens foram mortos.

— O quê?

— Todos os três.

— Jesus Cristo, Ashton! Eu sou um policial. Você está contando a um policial que matou homens que trabalham para meu primo?! Minha própria família. E eu sou policial! Que porra é essa?!

— Ele estava sibilando e sussurrando, tudo ao mesmo tempo. — Meu Deus, não houve nenhuma ligação sobre um tiroteio em um posto de gasolina, e teria havido. Deveria ter havido. A Divisão de Homicídios o teria chutado para nossa unidade por que...

— Por que os homens apareceriam trabalhando para seu primo?

— Sim. Trabalhei anos como policial nesta cidade. Essa afiliação familiar nunca caiu aqui. Eles sempre estiveram no Maine. Eles não iriam... — Ele parou, com a cabeça baixa. Sua mão foi para o lado. — Merda. Merda! Isso tudo está ficando totalmente fodido. Eles estão me eliminando, mas não. Eles me ligaram para esta noite. A menos que...

Um pensamento surgiu, e ele soltou outra maldição baixa, tudo nele afrouxando. Ele terminou sua própria declaração:

— Meu primo tem alguém de nível superior cuidando disso para ele.

Ambas as opções eram possíveis.

Ele balançou a cabeça na minha direção novamente.

— Nicolai sabia sobre os homens?

— Acabamos de ter uma reunião com ele.

— O que aconteceu na reunião?

— Nada — Trace soltou. — Ainda estamos em um cessar-fogo.

Jake estreitou os olhos, franzindo a testa.

— Mas isso também não faz sentido.

Lancei um olhar para Trace, porque ele estava me forçando a mostrar minhas cartas mais cedo do que eu queria.

Jake estava olhando entre nós.

— O que mais está acontecendo? Você quer que Molly e Montell saiam mais cedo ou mais tarde. Isso implica que você acha que elas estão em perigo. Por que elas estariam em perigo se houvesse um cessar-fogo? Por mais que Montell seja odiada agora, nenhum policial agirá contra ela se é isso que você está pensando... — Seus olhos se estreitaram ainda mais. — Não é isso que você está pensando. Você está me ligando. Perguntando especificamente a mim. Por quê?

— Molly passou por algumas experiências traumáticas ultimamente. Estou preocupado com a saúde mental dela.

— Besteira. Eu conheço Molly Easter. Ela pode enlouquecer às vezes, mas aquela mulher é como couro. Ela é muito difícil de quebrar. Eu estive do outro lado, tendo que notificá-la sobre os vários contratempos de seu pai. Tenho uma boa noção de Molly Easter. Pare de brincar comigo. Diga-me o motivo, ou vou andando e não atenderei mais suas ligações.

Eu estava cerrando os dentes.

— Porque logo seu primo vai perceber que tem outros dois primos desaparecidos.

Deixe isso no ar e o Detetive Worthing percebeu bem rápido.

Sua boca estava aberta.

— Você está brincando comigo?! Ai, meu Deus, Walden! Você matou dois dos meus primos?!

— Eles estão vivos.

Seus olhos estavam esbugalhados. As linhas ao redor de sua boca estavam ficando brancas.

— Vivos? Mas faltando? Você os sequestrou. Você está me dizendo que sequestrou *meus* primos e quer que eu ajude a tirar *suas* mulheres de lá?

Ele soltou uma miríade de maldições assim que se lançou sobre mim.

Suas mãos foram para minha camisa, mas Trace estava lá, ficando entre nós.

— Pare! — Ele empurrou Jake de volta. — Nem mais um movimento, Worthing.

— O quê? — Jake o atacou, batendo com o braço que estava estendido em sua direção. — Foda-se. Vocês dois. Eu não acredito...

— Seu primo está fazendo alguma coisa.

— Puta que pariu, Ashton! — Trace girou para mim. — Basta contar *tudo* a ele. Deixe-o correr direto para Nicolai com isso.

Meu instinto nunca esteve errado com esse Worthing. Contornei Trace e disse a Jake:

— Matamos três de seus homens. Ele nunca contou sobre isso. Nós também levamos você.

— Porque eu contei a ele.

— Ele não parecia tão chateado com isso.

O olhar de Jake assumiu um nível totalmente novo de hostilidade.

— Foda-se, Walden. Sério, vá se foder.

— Eu levei você. Matei três dos homens dele e, no meio da nossa reunião, um dos meus homens matou o atirador do seu primo. A única coisa com que ele se importava era o cessar-fogo. Ele está mantendo você no escuro. Você era meu homem antes de ele entrar, e então Justin foi morto. Você trocou de lado quando isso aconteceu, mas seu primo não piscou sobre Justin em nossa reunião. Você mesmo disse isso agora há pouco. Esse lado da sua família estava no Maine. Não era nada para você se preocupar em ser policial aqui. Seu primo está escondendo coisas de você. Ele se preocupa com o cessar-fogo, não com o assassino de Justin. Não acredita em mim? Pressione-o. Leia-o. Tire suas próprias conclusões.

Agora era a hora de orar. Se eu ainda conhecesse o homem que ele era quando trabalhou para mim, ou se estivesse errado o tempo todo.

Um minuto inteiro se passou antes que Worthing começasse a sair.

— Farei o que puder para tirar Montell e Molly.

— Obrigado.

— Não... — Ele se virou, um último olhar sombrio vindo dele.
— Só não faça mais. Vou tirá-las e vou me afastar, tanto de você quanto do meu primo. Farei minha própria investigação sobre o assassinato de Justin. Parece que sou o único que se importa de qualquer maneira.

Trace esperou trinta segundos para ele sair do alcance da audição.

— Que porra você está pensando?!

— Ele era meu homem.

— O quê?

— Na noite em que fomos invadidos. Ele era meu homem. Foi ele quem contou a Jess sobre as batidas. Foi ele quem deu o teste a ela, para mim. Eu sabia que os ataques estavam acontecendo e nos recompusemos a tempo por causa dele. Ele. — Apontei em sua direção. — Estou jogando, eu sei, mas acho que estou certo. Acho que é *ele* quem vai nos ajudar a puxar o tapete do primo.

— Se você estiver errado...

Se eu estivesse errado, estávamos ferrados.

CAPÍTULO 34

Molly

Eu estava fazendo um balanço da minha vida. Parecia apropriado fazer isso enquanto eu estava na prisão.

Exceto que eu não estava. Eu achava que não.

Estávamos num prédio com paredes de cimento, bancos desconfortáveis e cadeiras de metal. Sem janelas. Não pensei que estivéssemos em uma delegacia, mas havia policiais aqui. À minha frente, em uma mesa de metal na sala da frente, estava minha nova amiga. Ritalicious era fabulosa. Suas unhas, cílios e penas cor-de-rosa eram perfeitas. Agora eu tinha uma nova obsessão por penas, embora penas falsas. Não penas reais. Mas também ela me deu o nome de um bar gay que ela prometeu ter os melhores shows.

Eu estava aproveitando a excitação futura de frequentar o Gary's Hairy Heels e esperando que Jess parasse de brigar com qualquer policial que passasse pela porta. Não foi fácil quando os primeiros policiais apareceram no apartamento de Glen. Assim que souberam quem era Jess, sua atitude piorou.

Foi assim com cada um que se aproximou de nós, e agora estávamos em algum lugar que eu não sabia onde, e eu estava esperando aquele telefonema que sempre era prometido.

O detetive Worthing entrou pela porta.

A senhora que estava discutindo com Jess calou a boca e Jess gemeu.

Eu não. Eu me animei. Jake não era tão ruim assim – ou não tinha sido no passado. Ele foi para um escritório nos fundos. Houve uma discussão acalorada e ele saiu três minutos depois. Ele passou pela detetive, pegou os pulsos algemados de Jess e tirou as algemas.

Ele olhou para mim, mas eu mostrei a ele que eles nunca me algemaram.

Ele disse algo para a mulher antes de acenar para Jess e para mim.

— Vamos.

Jess estava estranhamente quieta e rígida.

— O que você está...

Ele olhou para ela.

— Eu não questionaria minha gentileza agora.

Ela calou a boca.

Dei um pulo, disse adeus a Ritalicious e o segui. Minhas entranhas pareciam que estavam em uma discoteca. Eu tinha um propósito totalmente novo na vida. Eu não sabia quando isso aconteceu, se foi quando a arma foi apontada para minha cabeça, quando eu estava brigando com ele por isso, quando Jess ajudou, ou

depois que chutamos a bunda dele? Ou talvez tenha sido uma combinação de tudo e mais um pouco, mas tínhamos ido para o Easter Lanes jogar boliche com Kelly e Justin, e de alguma forma eu saí desse susto recente com uma nova perspectiva.

Eu via as coisas sob uma luz diferente.

— Você tem tudo com você?

— Eles não nos revistaram, se é isso que você está insinuando.

Seus olhos estavam tão frios, olhando para Jess por um instante sem piscar.

Ela franziu a testa um pouco.

Eu também. Fazendo algo de bom, ele parecia frio demais.

Ele foi na frente, levando-nos por uma escada nos fundos e abrindo a porta para uma rua vazia. Ele apontou para a esquerda.

— No fim do quarteirão, vocês verão veículos esperando.

Veículos?

Jess partiu rapidamente.

Passei por ele, estudando-o sob minhas pálpebras antes de decidir sair sem dizer nada. Desci para a rua, mas não parecia certo. Eu voltei.

— Ei.

Ele fez uma pausa, começando a fechar a porta. Ele não disse nada.

Apontei para Jess e para mim.

— Obrigada.

Ele assentiu, aquele olhar frio não descongelando.

Segui novamente na direção dos veículos.

— Ei.

Eu parei.

Ele acenou com a cabeça além de mim.

— Tenha cuidado com ele.

Ele? Ashton.

— Ele é o motivo disso?

Jake não respondeu imediatamente.

— Não. Você é a razão disso. — Ele entrou depois disso.

Eu? Eu não entendi.

Mas enquanto me dirigia para onde Jess estava esperando no final do quarteirão, olhei por cima do ombro. Ele se foi. A porta fechou-se firmemente atrás dele.

— Você está bem? — Jess perguntou assim que cheguei até ela.

Eu balancei a cabeça.

— Sim, apenas uma sensação estranha. Isso é tudo. Além disso, quero falar com você sobre uma coisa.

Ela acenou com a cabeça para onde dois SUVs estavam

esperando.

— Ok, mas atenção. Eles não estão felizes.

Quase ri porque, a essa altura, essa era a norma para Ashton e para mim.

Ela indicou o primeiro.

— Esse é para mim.

Isso significava que Ashton estava no segundo.

Ao nos aproximarmos, Elijah saiu do banco do passageiro da frente no segundo veículo, e outro homem grande fez o mesmo no primeiro. Como se tivessem ensaiado, os dois abriram as portas de trás e nos separamos. Jess olhou para trás, murmurando:

— Ligue para mim.

Eu balancei a cabeça, dando-lhe um sinal de positivo. Ela seria minha guarda-costas. Isso aí.

Fui até Elijah e parei, sorrindo para ele.

— Ei.

Suas sobrancelhas tremeram e o canto de sua boca se contraiu.

— Ei.

— Molly — Ashton gemeu de dentro do SUV.

Eu lancei um último sorriso para Elijah antes de entrar, e sorri para quem quer que fosse Ashton para mim agora, porque eu não tinha mais a menor ideia.

— Tenho um dia para contar a você.

Seu rosto se transformou em uma máscara.

— Ouvi. Outra arma na sua cara?

Eu balancei a cabeça.

— Fiquei um pouco maluca. A mudança aconteceu. E fiquei violenta, muito violenta.

Ele me olhou.

— Você gostou?

Eu gostei?

Se alguém tivesse me feito essa pergunta e me olhasse com a seriedade que Ashton olhava, eu teria rido disso. Eu teria negado e enfiado isso dentro de mim, bem no fundo. Para qualquer outra pessoa. Não Ashton.

E como era Ashton, e como ele parecia genuinamente curioso, falei a verdade.

— Não sei.

Sua cabeça inclinou para o lado, como se quisesse me olhar de um ângulo diferente, como se isso o ajudasse a me estudar melhor. Talvez tenha acontecido desta vez, porque ele disse suavemente:

— Há escuridão em cada um de nós. Temos que fazer o que temos que fazer para sobreviver às vezes. Você já esteve em algumas dessas situações.

Talvez. Mas não parecia assim.

— Também. — Ele me fez olhar para ele. — Estou feliz que a mudança aconteceu. Estou feliz que você esteja segura e viva.

Eu sorri.

Ele sorriu de volta.

Parecia certo. Suspirei e relaxei no banco enquanto o veículo entrava no trânsito.

— Então, meu primo está desaparecido.

— Não, ele não está.

— Ele não está?

— Ele trabalha para mim. Eu sabia onde ele estava esse tempo todo.

— Onde ele está?

— Ele está hospedado em uma casa segura para o caso de algo acontecer, como o que acabou de acontecer na casa dele. Quando ele está no Easter Lanes, meus homens estão lá.

Achatei minha boca.

— Ele fechou o Easter Lanes no domingo. Isso não foi legal.

— Ele fechou o Easter Lanes a meu pedido. Eu estava preocupado com retaliação.

Isso me fez parar.

— Retaliação?

Ele assentiu, estudando-me.

— Pelo quê?

— Negócios, isso não é da sua conta.

Eu fiquei furiosa.

— Você dizer isso e meio sorrindo não está ajudando, e é problema meu, já que meu pai está envolvido. Lembra?

Seu sorriso desapareceu. Em vez disso, ele ficou solene.

— É merda de bandido. Prefiro mantê-la fora disso tanto quanto possível.

— Isso tem a ver com meu pai?

— Não.

— Oh. Bem, então você tem razão.

Ele estendeu a mão, pegou a minha e entrelaçou nossos dedos.

— Conte-me sobre o seu dia.

— Achei que você já soubesse?

— Estou descobrindo que gosto de ouvir você dizer isso de qualquer maneira.

Isso foi... toda uma sensação de calor pulsou em meu peito, bem no fundo.

— Você não está bravo porque saímos de casa e fomos para o Easter Lanes?

— Espero o inesperado de você e também sei sobre hoje.

Noite de domingo. A velha noite de boliche de Kelly e Justin.

— Eu queria jogar boliche com meus amigos.

— Sinto muito.

Meu coração estava derretendo com cada nova palavra que ele dizia. Ele estava sendo gentil e até um pouco gentil demais comigo.

Olhei para nossas mãos. As dele eram grandes e fortes, engolindo as minhas, mas pareciam se encaixar perfeitamente. Um nó se formou na minha garganta com a visão, com a sensação que tomava conta de mim.

— Estamos de mãos dadas, amigos agora?

— Quem disse que somos amigos?

Mas ele estava brincando. Eu lancei um olhar para ele.

— O detetive Worthing nos tirou de lá.

— Eu sei.

— Ele disse que fez isso por minha causa.

Sua cabeça inclinou-se para frente; ele estava me estudando um pouco mais intensamente do que o normal.

— E se eu lhe dissesse que ele pode ter uma queda por você? Como você se sentiria sobre isso?

Olhei para baixo, brincando com nossos dedos. Minha mão livre traçando seus dedos entrelaçados.

— Não sei. Nunca gostei de policiais, então isso me faria sentir estranha. Eu acho.

Sua atenção estava tão concentrada, mas não de um jeito ruim – de um jeito desconfortável, porque eu estava sentindo que ele podia ver coisas em mim que nem eu sabia que estavam lá.

— Eu tenho uma missão, uma nova na vida.

— O que é?

— Isso me ocorreu mais cedo, quando eu estava esperando na delegacia. De repente, ocorreu-me. Tudo isso acontecendo comigo deve haver uma razão. Certo?

Ele não respondeu. Ele estava carrancudo.

Eu continuei:

— E há problemas entre você e Jess. Certo?

Sua carranca apenas se aprofundou.

— Então, tipo, em grupos existem papéis. Você sabe do que estou falando?

— Nenhuma ideia.

Certo. Isso não me deteria.

— Bem. Ok. Existem papéis. Tem o pensador. Tem o que faz. E depois há as pessoas intermediárias. Eu sou a pessoa intermediária. Você é uma pessoa que faz. Jess é uma realizadora. Trace é o pensador. Quero dizer, você também é um pensador, mas é principalmente um realizador. Acho que é por isso que você e Jess não

se dão bem. Vocês dois estão competindo pelo mesmo papel no grupo. Mas eu e Trace. Nós não competimos. Ninguém mais é nosso... bem; você é um pensador, mas novamente. Você é mais...

— Realizador. Sim. — Ele estava me observando com uma expressão estranha. — Tudo isso aconteceu quando você estava na delegacia?

Balancei a cabeça, depois dei de ombros e recostei-me no assento.

— Continuo entrando em situações em que há armas apontadas para minha cabeça ou bombas explodindo na minha porta. Se tudo isso tivesse acontecido antes de você, eu teria culpado meu pai. Shorty Easter. E sim, pode-se argumentar que tudo isso é por causa do meu pai, então o meu primo. Havia um cara morto no apartamento do meu primo. Quem era o cara morto?

— Um cara ouviu que o apartamento do seu primo estava aberto, então ele ficou lá. O cara que o matou foi o cara que você espancou. Ele trabalha para Nicolai Worthing, então sabemos que Worthing está mandando pessoas atrás de você. Ele enviou um homem atrás do seu primo.

— Espere. O quê? Achei que você tivesse dito que havia um cessar-fogo.

Ele levantou a mão e segurou o lado do meu rosto. Seu polegar esfregou meu rosto, tão gentilmente, combinando com seu tom.

— Acho que nunca houve um cessar-fogo.

— Oh. — E o carcoço continuou aumentando de tamanho.

Sua mão caiu na minha e ele entrelaçou nossos dedos.

— Ainda estou interessado em ouvir sobre os papéis em nosso grupo. Parece interessante.

Talvez eu estivesse errada sobre tudo isso.

— É tudo por causa do meu pai?

— Acho que esse azar em particular, sim. Foi iniciado pelo seu pai, mas Molly. — Ele se inclinou para frente, inclinando a cabeça.

Levantei minha cabeça para ver quão suaves seus olhos estavam me observando.

— Se você está dizendo que pode ser uma intermediária e que poderia ajudar a resolver os problemas entre mim e Jess, então direi que não acho que outra pessoa possa obter resultados melhores do que você.

— Você está falando sério? — Minha garganta inchou. Meu coração começou a bater tão rápido.

Ele assentiu.

— Acho que sua ideia faz todo o sentido. Você é a cola.

— Eu sou como selante adicional.

— Isso também. — Seus lábios se curvaram.

Poderia apostar. Eu ainda estava de bom humor e não queria pensar nas coisas ruins que acabaram de acontecer, que pareciam sempre acontecer comigo.

— Podemos fazer algo divertido esta noite? Podemos esquecer, por uma noite, tudo o que está acontecendo?

Levantei a cabeça, esperando pela resposta dele.

Ele estava olhando tão intensamente para mim. Ele assentiu.

— Nós podemos fazer isso. O que você quer fazer?

Eu balancei minha cabeça.

— A última vez que realmente tirei uma noite de folga, fui ao jogo de hóquei e depois fomos para o Octavia. E o Katya? Você é o dono, certo? Podemos ir lá, simplesmente ficar lá?

Ele se inclinou, estendendo a mão, e um dedo traçou uma mecha do meu cabelo, colocando-a atrás da minha orelha. Um arrepio seguiu seu rastro. Eu me encontrei esperando, prendendo a respiração, o calor se espalhando por todo o meu corpo. As borboletas estavam agitadas.

— Sim — ele disse isso tão suavemente. — Podemos ir até o Katya.

— E esquecer tudo, por uma noite? — Inclinei-me para ele.

Mais perto. Tão perto.

Ele assentiu, sua testa agora quase apoiada na minha.

— E esquecer tudo, por uma noite.

Eu levantei meu mindinho.

— Promete?

Ele me lançou um sorriso. Meu coração pulou no meu peito. Ele ligou seu dedo mindinho ao meu, mantendo-os entrelaçados.

— Prometo. — Recostando-se, ele apertou um botão, transmitiu nossa nova localização e recostou-se. Ele manteve nossos dedos mindinhos unidos, então agora estávamos duplamente de mãos dadas.

Eu me aproximei, chegando mais perto até que meu lado tocasse o dele.

Ele soltou nossos dedos mindinhos, colocando o braço atrás de mim, ancorando-me com mais firmeza contra ele.

Inclinei-me, descansando minha cabeça em seu peito.

Eu estava adorando isso.

E isso me assustava.

CAPÍTULO 35

Ashton

Levei-a para o andar privado que Trace e eu costumávamos usar quando estávamos no Katya. Havia uma pequena extensão semelhante a um pátio ao lado, um banco que ficava bem atrás, nas sombras. Eu sabia que Trace costumava sentar e observar Jess quando ela trabalhava. Ela não sabia, mas era privado e ainda podíamos fazer parte da atmosfera abaixo.

Foi para lá que levei Molly esta noite.

Trace e Jess foram para a casa deles, e quando ele ou eu estávamos aqui, éramos os únicos permitidos neste andar. Elijah estava na porta. Alguns caras estavam do outro lado, meus guardas pessoais. Anthony entrou, o principal gerente do Katya, e conversou comigo rapidamente, mas agora ele havia partido.

Eu estava bebendo meu bourbon e ela dançando no final da sala, olhando para a pista, perdida na música.

Ela era a mulher mais linda que eu já vi.

Parecia tão brega, e não era algo que eu normalmente pensaria, mas com Molly Easter, me via incapaz de pensar em outra coisa.

Deus. O que eu estava fazendo com ela?

Nem eu sabia, mas havia uma pulsação entre nós. Ficava mais forte a cada dia que estávamos juntos, a cada toque, a cada olhar, a cada palavra compartilhada. Era uma corda longa, ficando mais poderosa até que eu estava tão ligado a ela que, se eu a cortasse, seria em detrimento de ambos.

A mãe dela.

Minha mãe.

Aquilo ainda era uma bagunça, algo que ninguém mais que estava vivo sabia. Apenas eu. Agora só eu e ela. Mesmo Trace não tinha ideia. Eu nunca contei a ele. Foi muito difícil, muito doloroso, mas eu vi a luz no segundo em que contei a verdade a Molly.

Isso me queimou, no fundo.

Ela não tinha feito nenhuma pergunta desde então. Não achei que ela tivesse pensado nisso, mas talvez tenha sido assim que ela sobreviveu? Não pensando em quem nos definiu enquanto crescia. Ou não deixando que eles a definissem?

Eu. Eu estava definido. Eu sabia.

Eu gostava das sombras. Eu vivia nas sombras. Eu me destacava nas sombras.

Minha mãe me colocou nas sombras, *o que* ela fez, quem ela era.

Seu vício em drogas foi apenas o ponto de inflexão.

Observando Molly agora enquanto ela dançava, vendo que ela era como o sol – ela era o oposto de mim. Eu era escuridão. Ela era luz, embora tivesse escuridão nela. Eu sabia disso, sentia isso. Assim como ela sentia. Era outro motivo pelo qual nos conectamos. Ela e eu. Éramos opostos, mas também iguais. Eu era cruel. Ela era... o que quer que ela fosse. Ela tinha um interruptor. Felicidade. Meio louca?

Agora ela estava dizendo que era a intermediária?

Jesus. Ela era. Ela poderia ser.

Ela era exatamente o que eu precisava e nunca soube. Mas não, isso não era verdade.

Eu a *tinha conhecido*.

Porra. Todos esses anos atrás. Eu a tinha conhecido. Uma olhada para ela naquele corredor, sabendo que ela não deveria estar ali, e sabendo o que estava acontecendo – eu soube então. Eu precisava dela da mesma forma que deveria ter precisado da mulher que tinha acabado de morrer.

A queimação era muito intensa, tentando me arrancar.

Molly não tinha nenhuma preocupação no mundo agora. Tudo foi guardado, enfiado em qualquer gaveta que deveria ficar. E, por enquanto, seus olhos estavam atordoados. Seu corpo brilhava com um pouco de suor. Ela nunca parou. Suas mãos estavam no ar, girando, criando um feitiço, e ela se virou, girando. Ela poderia estar em um campo, aproveitando a sensação do sol sobre ela. Eram os mesmos movimentos, mas mais caprichosos.

Linda. Esplêndida. Poderosa.

Ela era minha.

Eu não estava deixando ela ir.

Ela era minha dona, e Deus ajudasse qualquer um que tentasse tirá-la de mim.

Como se sentisse meus pensamentos, algo que ela já havia feito antes, ela olhou em minha direção antes de começar a vir até mim. Ela estava trazendo seu sol para mim, iluminando meu cantinho.

Eu me recostei. Esperando.

Ela se moveu, segurando sua bebida.

Abri mais as pernas e ela ficou entre elas, olhando para mim. Ainda se movendo com a música.

O olhar em seus olhos, eu não achei que ela queria falar, e sabendo que o pulso ainda estava acelerado, inclinei-me para frente, passando minhas mãos pela parte de trás de suas pernas.

Ela fechou os olhos, sentindo meu toque enquanto eu a sentia. Aproveitando-a.

Ela era magnífica.

A necessidade de estar bem dentro dela estava latejando em mim, mas eu saboreei esse momento, passando minhas mãos por suas

coxas, por cima de sua bunda, puxando-a ainda mais para perto de mim. Ela veio, com os olhos ainda fechados, a cabeça agora jogada para trás. Movi os meus polegares para o interior das suas pernas, encontrando o seu clitóris e empurrando-o suavemente através da sua calça.

Seu corpo flutuou em minha direção. Uma de suas pernas se levantou.

Ela a peguei, minha outra mão correndo atrás dela, levantando-a para que ela ficasse meio ajoelhada sobre mim.

Seu clitóris estava tão perto da minha boca.

Minha boca estava salivando, como uma maldita cachoeira. Eu queria prová-la.

A música ainda estava tocando. Os flashes de néon atrás dela, abaixo de nós, mas estávamos na escuridão completa. Ninguém mais estava tão alto quanto nós. Ninguém em outro camarote poderia olhar para baixo e nos ver. Não havia câmeras posicionadas aqui. Trace e eu conversamos sobre esse lugar, querendo um canto para onde pudéssemos ir para estar no clube, mas não fazer parte do clube, para fazer o que quiséssemos. Era isso. Bem aqui, só com essa mulher, fiquei grato por esse canto.

Movendo minhas mãos para os lados de seus quadris, coloquei-as sobre o cós da calça.

Ela se acalmou e eu a abri, puxando-a para baixo. Tirando-a.

Ela olhou para baixo, com os olhos agora abertos, olhando bêbada para mim. Isso era a luxúria, já que ela mal tocou na bebida.

Acomodei-me mais para trás, puxando-a sobre mim para que ela ficasse ajoelhada no assento ao lado das minhas pernas. Alisando minhas mãos pelos lados dela, até sua bunda, eu a puxei ainda mais para perto, enganchando as tiras da calcinha.

Ela engoliu em seco, sua garganta se movendo, e ela abriu os lábios. Seu peito estava subindo, profundo e lento. Prazer carnal olhando para mim.

Esta mulher. Ela me deixava louco, mas ela era minha. Só minha.

Movi minha boca, fechando primeiro em seu clitóris e chupando.

Ela engasgou, seu corpo inclinando-se ainda mais para mim.

Passei a mão por sua bunda, meu polegar circulando-a antes de me inclinar melhor, um ângulo diferente e eu estava saboreando-a. Minha língua se moveu dentro dela enquanto seu corpo descansava em meu ombro. Pude ouvir os seus gemidos, as vibrações através do seu corpo.

Eu poderia morrer adorando seu corpo. Tocando cada centímetro. Provando suas curvas.

Eu nunca me cansaria dela. Aquela atração era insuportável, mas inegável, e eu não conseguia mais lutar contra ela. Do ódio ao desejo, à necessidade e agora algo mais. Eu não sabia. Eu não queria saber – eu só precisava tê-la.

Continuei saboreando-a. Uma e outra vez. Movendo-me dentro dela, lambendo, acariciando até sentir seu corpo se rasgar em minha boca, suas mãos cavando em meus ombros. Sua cabeça estava apoiada na parte de trás da mesa atrás de nós, seu corpo inteiro tremendo.

Eu ainda demorei, aproveitando isso.

O acúmulo. O desejo. O toque. O crescendo. Depois, o pico, o clímax e os efeitos posteriores. Como as unhas dela estavam cortando minha pele, mas eu adorava a dor. Eu precisava da minha própria liberação, mas isso, alisando minha mão sobre sua bunda, sua barriga, empurrando sua camisa até que eu pudesse tocar seu mamilo.

Eu poderia fazer isso todos os dias e noites e voltar para mais.

Um maldito mergulho celestial.

Quando ela conseguiu respirar com firmeza, seus olhos se abriram e ela sorriu para mim. Um sorriso pequeno, mas torto. Estendi a mão, puxando seu lábio inferior. Ela me atraiu, chupando-me. Depois disso, eu me contive, esperando para ver o que ela faria.

Ela poderia voltar a dançar. Ela poderia puxar minha calça para baixo e me chupar. Ela poderia fazer o que quisesse.

Eu só queria ver o que ela iria fazer, essa mulher que nunca pretendi querer.

Um sorriso suave e brincalhão surgiu em sua boca, e ela abaixou a cabeça, como se fosse tímida, antes de se acomodar mais em mim. Ela fez isso na cama, na nossa primeira vez, e eu me inclinei para trás, meu pulso disparando para o meu pau enquanto ela passava a mão pelo meu peito, movendo-se para a fivela do meu cinto.

Ela moveu a boca até minha orelha, abrindo a fivela do cinto ao mesmo tempo.

— Eu gosto disso.

— Sim?

Ela desfez meu zíper, abrindo minha calça e alcançando-me, encontrando meu pau. Ela passou a mão sobre ele, puxando-o para fora, acariciando.

Engoli em seco, minhas mãos deslizando para seus quadris antes de subir, empurrando sua camisa com elas.

Ela se recostou e tirou o resto da camisa. Seu sutiã foi o próximo. Alancei seus seios, seus mamilos, e me inclinei, pegando um na boca.

Ela continuou acariciando meu pau, apertando, alisando sobre mim, e me segurando também.

Meus dentes roçaram seu mamilo, foram até o outro, e passei

minha língua em volta dele, sugando.

Seu corpo tremia e ela respirava pesadamente em meu ouvido.

Mesmo isso, apenas saboreá-la, tê-la me acariciando, eu poderia fazer isso por horas e aproveitar. Quem diabos eu estava me tornando?

Ela moveu a boca de volta para o meu ouvido, ofegante:

— Eu preciso de você.

Rosnei, suas palavras foram minha ruína, e agarrei seus quadris, puxando-a sobre mim. Eu estava em sua entrada, uma breve pausa enquanto nos alinhávamos, e então a puxei para baixo enquanto empurrava para dentro dela.

Ela engasgou no meu ouvido, todo o seu corpo grudado em mim. Ela passou os braços em volta da minha cintura, segurando firme enquanto montava em mim e eu me aproximava dela. Eu estava segurando os quadris dela com tanta força, batendo para cima, então não tinha certeza de quem estava montando mais um no outro.

Acima. Mais alto.

A necessidade. O prazer.

Luxúria.

Adorava isso.

O prazer disparou através de mim, e eu não conseguia parar de empurrar para dentro dela. Não era suficiente. Este ângulo, nada disso. Eu nos mudei. Ela estava de costas no banco, e eu me movi para ela por cima, e agora meu corpo estava grudado nela. Alcançando-a, agarrei a alça do assento e a levantei, obtendo um ângulo profundo.

Ainda não era suficiente.

Cristo.

Ela seria a minha morte, mas eu precisava de mais.

Passei a mão nas costas dela, no arco, e depois me espalhei, levantando-a, mais alto para mim, e afundei. Afundei o máximo que pude, no fundo, e ela estava se contorcendo embaixo de mim.

Ali. Bem ali.

Meus golpes estavam alinhados, com perfeição.

Eu podia ver cada emoção em seu rosto. Sua boca se abriu, formando um grito, mas ela estava ali comigo – e então seu corpo convulsionou, explodindo. Uma obra-prima sensual. Eu queria gravar isso, assistir de novo e de novo, mas então minha própria libertação estava chegando.

Isso me atingiu, destruindo-me, e soltei um rugido gutural antes de ficar imóvel, esperando enquanto as ondas passavam por mim.

Jesus.

Ao vê-la me observando, eu precisava provar sua boca novamente.

CAPÍTULO 36

Molly

A noite foi um sonho, e essa era a questão. Eu queria uma noite longe de armas e pessoas morrendo e familiares desaparecidos. E tão longe da minha vida normal que era ridículo. Este não era o meu normal. Eu não era a garota que levava esse tipo de vida. Trabalhar. Lutar. Lutei para manter o que tinha, e mesmo isso quase foi arrancado de mim. Essa era a garota que eu era. Meu pai deixou bem claro que tipo de garota eu seria crescendo, o que eu merecia, mas Ashton. Ele era outra coisa.

Ele não duraria. Eu sabia que tudo isso era temporário. Não conseguiria o felizes para sempre. Isso nunca esteve nas minhas estrelas. Eu sabia desde o início o que esperar.

Foi assim que eu soube que aproveitaria cada minuto que estivesse com ele enquanto isso durasse.

Eu estava seguindo em frente, e se isso significava sexo realmente quente, que me inscrevesse.

Eu estaria lá para isso. Eu iria saborear cada segundo, porque nós dois sabíamos que um dia encontraríamos o assassino de Kelly. Meu pai voltaria e tudo isso acabaria.

Só de pensar já fazia meu coração palpitar de uma forma dolorosa, mas não.

Eu não iria lá. Eu já sabia que havia atravessado a terra dos *sentimentos*.

Até que tudo isso terminasse, eu estava no momento.

Não me preocuparia mais com o futuro. Aproveitaria o momento. O aqui e agora, enquanto eu o tinha.

— Está quase fechando. — Ashton voltou da área interna com uma nova bebida na mão e um prato com alguns aperitivos.

Peguei o prato, movendo-me enquanto ele se sentava ao meu lado. Estávamos ambos em vários estados de nudez.

Eu estava vestindo apenas minha camisa e calcinha. Ashton não deixou ninguém entrar na área em que estávamos, e ele me garantiu que tínhamos privacidade, então eu estava relaxando. Queria dizer, sério. Estar neste estado em uma boate? E ninguém conseguiria ver? Momento único na vida. Estava gostando totalmente daqui.

Quanto a ele, ele estava vestindo a calça. Sua camisa estava desabotoada.

Foi quando pensei em como tinha ido descalça da nossa sala até o interior para usar o banheiro.

— Por favor, diga que vocês limpam este chão?

— O quê?

Levantei um dos meus pés descalços.

Ele riu.

— Sim. Limpamos este lugar antes e depois de partirmos.

— Ah, que bom. — Eu poderia comer com facilidade agora e peguei outro – não tinha ideia do que eram. Pareciam pequeninos cheeseburgers sofisticados. Eles estavam deliciosos. — Precisamos ir logo então?

Ele apontou para a pista de dança.

— Gosto de sair antes que as luzes se acendam, caso contrário Anthony estará aqui.

— Quem é Anthony?

— Ele é nosso principal gerente.

Coloquei uma última coisinha na boca e tomei minha bebida antes de me levantar.

— Vou me vestir. — Comecei a me afastar, mas um puxão na minha camisa me puxou para trás. Olhei por cima do ombro, vendo os olhos de Ashton bem na minha bunda e escurecendo.

Ele me puxou de volta para seu colo e pegou minha bebida, colocando-a mais abaixo no assento para que não fosse derrubada. Então ele me posicionou, montando nele, mas de costas para ele.

Deus, eu amava como ele me tocava. Possessivo. Alfa, mas tenro e muito gostoso. Ele passou a mão pelas minhas costas, penetrando na minha calcinha, e senti seus dedos deslizarem dentro de mim ao mesmo tempo em que sua boca se abriu por cima do meu ombro. Seus dentes roçaram minha pele e relaxei contra ele, todo o meu corpo derretendo quando ele começou a empurrar para dentro de mim, seus dedos se movendo profundamente e depois girando. Moendo. Puxando para fora, seu polegar se moveu para o meu clitóris, trabalhando-me como mágica.

Meu corpo já estava condicionado a ele. Não demorou muito até que eu estivesse em combustão sobre ele, minhas pernas abertas. Ele estava me segurando completamente, mas senti seu pau debaixo de mim. Ele me levantou, afastando suas roupas e as minhas, e afundou profundamente em mim.

Inclinei-me para frente, colocando as mãos em seus joelhos, e ajitei meus ossos para me recompor para poder me mover com ele.

Ele fez isso sem proteção na primeira vez esta noite e conversamos logo depois. Eu estava no controle de natalidade. Ele estava limpo. Eu estava limpa e pronta. Ele permaneceu sem proteção, e agora era a terceira vez esta noite.

Se isso continuasse acontecendo, eu estaria realmente viciada nele. Eu sabia que já estava, só por fazer sexo com ele, mas cara. A questão do coração sempre atrapalhava – e quando senti sua boca descer pelas minhas costas, parei de pensar.

Eu realmente adorava fazer sexo com esse homem.



Já tinha passado da hora de fechar. As luzes estavam acesas na área principal e nós dois estávamos vestidos. Isso dava à boate uma sensação totalmente diferente, agora que você podia ver os cantos e recantos.

Eu estava saindo do banheiro quando ouvi uma batida na porta principal.

Ashton estava no bar e levantou a cabeça.

— Sim?

A porta se abriu. Elijah enfiou a cabeça para dentro.

— Remmi West está pedindo para subir.

As sobrancelhas de Ashton franziram-se.

— Remmi? Agora?

Ele assentiu, sombrio.

— Ela está sozinha e me disseram que ela está irada. É sobre Marco, fazendo o que você disse a ele para fazer.

Ashton amaldiçoou antes de me enviar um olhar.

Eu percebi o sobrenome.

— Irmã de Trace?

Ele assentiu, quase sombrio como Elijah.

— Eu preciso falar com ela.

Minhas sobrancelhas se ergueram porque ele não parecia querer.

— Você quer que eu...? — Apontei para a sala.

Ele balançou a cabeça, virando-se para Elijah.

— Coloque-a no escritório de Anthony. Nós desceremos.

Ele assentiu, saindo.

Ashton não se moveu, não a princípio. Ele estava olhando para o chão, com a mão apoiada no balcão antes de se arrastar para fora do que estava pensando.

— Remmi é...

— Uma pé no saco?

Ele franziu a testa.

— Jess falou sobre ela?

Eu balancei minha cabeça.

— As expressões no rosto de Elijah e no seu disseram o suficiente.

Ele grunhiu antes de sair do bar, esfregando a mão no rosto.

— Isso é justo. Ouça. — Ele se aproximou, sem olhar para mim, mas mais para cima de mim, mas ficando tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo. — Eu não quero que ela veja você. Quando chegarmos lá, pedirei a Elijah que leve você ao andar principal. Basta ir até o bar e tomar uma bebida, se quiser. Se você

ouvir gritos, não venha correndo. É apenas a melodramática Remmi.

Eu balancei a cabeça.

Eu já estava desconfortável com ela antes, agora estava relutante, mas se ela era a futura cunhada de Jess, então eu teria todo um dever de amizade a cumprir. Enquanto descíamos no elevador, com a mão de Ashton nas minhas costas, decidi que não iria procurar essa tal de Remmi West, mas se por acaso nos cruzássemos... que assim fosse. Dever de amiga. Ou pelo menos era isso que eu estava dizendo a mim mesma.

O elevador chegou ao destino e ele segurou meu cotovelo quando saímos. Seu polegar deslizou sobre minha pele, enviando sensações através de mim. Olhei para trás, vendo o olhar aquecido dele. Um que foi direto ao meu âmago. Homem. As reações do meu corpo a ele estavam piorando. Eu estava tão sensibilizada e sintonizada com apenas um polegar roçando meu cotovelo.

Ainda. Eu compartilhei meu próprio olhar aquecido com ele antes que ele acenasse na direção que Elijah tinha ido e estava esperando por mim. Nós nos separamos. Ele desceu por um corredor dos fundos, com um de seus guardas parado do lado de fora da porta. Um segundo permaneceu neste corredor, e Elijah me acompanhou até a área principal.

Alguns funcionários estavam limpando. Um casal estava atrás das grades, fazendo verificações de inventário. Outro cara, de cabelo escuro penteado para trás, camisa desabotoada e sapatos de aparência confortável nos pés, estava encostado em um bar, batendo o dedo quando me viu com Elijah. Ele se animou, uma mão ociosa alcançando sua camisa, e começou a abotoá-la enquanto se endireitava em sua altura máxima. Ele parecia ter pouco menos de um metro e oitenta. Seus olhos se estreitaram, ficando determinados em Elijah antes de focar em mim e permanecer ali.

Ele veio em nossa direção, mas Elijah ergueu a mão.

— Essa não.

— Mas...

— Ordens de Walden. Essa não.

Essa não o quê?

O cara moveu a cabeça para me olhar novamente, dando-me um olhar investigativo diferente e demorando-se em meus lábios.

Eu fiz uma careta. Seu olhar saltou para os meus olhos.

— Eu já vi você antes.

— Sério, cara. Não essa noite. Essa não.

Ele deu a Elijah um aceno distraído antes de virar na minha direção novamente.

— Você é amiga de Montell.

Eu fiz uma careta.

— Como você sabe disso?
— Eu vi você aqui com ela outra noite.
— Você conhece Jess?
— Ela trabalhava aqui, naquele bar, na verdade. Era dele que ela cuidava.

Olhei para baixo, dando-lhe outra leitura. Eu sabia que Jess trabalhava aqui, mas nunca vinha quando ela estava trabalhando. Ela ou Kelly... um nó se formou em meu estômago, um lembrete de tudo. Todas as coisas ruins, mas que trouxeram coisas boas para minha vida. Ashton.

Quando tudo isso acabasse, eu voltaria a ser apenas a dona de uma pista de boliche. Embora, o que eu estava fazendo? Eu costumava me orgulhar disso. Eu costumava. Eu *ainda* me orgulhava. Possuir e administrar um negócio de sucesso não era motivo de desprezo. Era eu. Que se danasse qualquer um que me fizesse sentir o contrário e, neste caso, fui eu mesma. *Que se danasse, Molly.*

Você sobreviveu a Shorty Easter – só isso merecia um discurso de formatura proferido pelo presidente. Um soco no ar para si mesma.

Levantei meu queixo em direção a esse cara, que Elijah ainda estava bloqueando e ignorando, tentando falar comigo perto dele.

— Você também conheceu Kelly?

Ignorei o rápido olhar de Elijah em minha direção.

O cara assentiu. Não houve reação em seu rosto. Ele não se aqueceu, mas também não parecia triste.

— Eu conhecia Kelly. Ela era uma boa garota. Você conheceu Kelly, então?

Ele estava falando sério?

Ele percebeu meu olhar, franzindo a testa.

— O quê? Aquelas duas brigaram ou algo assim?

Aquele nó no estômago subiu até minha garganta, alojando-se ali mesmo, bem no meio.

Elijah deve ter lido meu rosto, porque se virou, bloqueando completamente o cara de mim.

— Sério. Dê um passo para trás. Não estou brincando desta vez.

O cara bufou.

— Você estava brincando antes? Qual é o seu problema? Eu não posso fazer nada. Meu escritório está sendo usado. Apenas deixe-me falar com ela. Eu meio que sinto falta de Jess.

Abaixei a cabeça, mas senti o olhar de Elijah antes que ele dissesse, com mais firmeza:

— Eu disse não. Se quiser falar com ela, espere até Walden sair.

O cara bufou novamente.

— Ok. Certo. Ele provavelmente está profundamente envolvido com aquela garota...

Fiquei tensa, a dor me percorrendo.

A maneira como ele disse isso, como se acontecesse o tempo todo, como se acontecesse o tempo todo com aquela garota ou com qualquer garota, e comigo – eu não era ninguém. Era por isso que eu estava me sentindo como antes, porque era isso que esse cara estava pensando sobre mim. Ele pensou que eu era apenas mais uma garota. Ele sabia que eu estava aqui com Ashton, mas não se importava com o que Elijah estava dizendo. Isso falou muito.

E lembrei-me: *esta noite não. Esta não.*

Mais dor estava cortando meu interior, descendo pelo meu peito.

Ashton já tinha feito isso antes, trouxe uma garota para cá, deixou-a esperando por ele, e esse cara era o quê? O que ele estava fazendo? Por que ele estava dizendo essas coisas para mim?

Eu engoli aquele nó. Fui criada por um golpista. Ninguém poderia me machucar a menos que eu deixasse.

— Cale a boca — Elijah sibilou. — Esta é diferente.

Esta. Porque eu era uma em uma longa fila de pessoas. Apenas mais uma garota.

Não. Não, *esta aqui* não era. No final das contas, eu era apenas a filha de Shorty Easter, afinal. Isso dizia o suficiente.

Limpei a garganta, espiando uma placa de banheiro além do bar.

— Eu... uh... vou usar o banheiro feminino. — Eu não pedi permissão. Peguei minha bolsa e fui até lá.

Mais tarde, eu admitiria estar magoada e agindo de maneira irracional.

Eu culparia um pouco o álcool, ou era isso que estava dizendo a mim mesma, porque quando fui ao banheiro, sabia que faria algo muito, muito estúpido. Então, novamente, eu tinha feito muitas coisas estúpidas na minha vida, mas não estava tão indefesa.

E pensando em tudo isso, não querendo sentir a dor que as palavras daquele cara me infligiram, porque não deveriam doer tanto quanto doeram, fiz algo que meus instintos me diziam para fazer, porque eu estava em uma situação em que *só iria perder*.

Perigo físico ou perigo emocional? Eu escolhi.

Eu fugi.

Diminuindo a velocidade no banheiro, estendi a mão para segurar a maçaneta, abrindo-a um pouco, e olhei para trás. Elijah não estava olhando. Aquele cara também não estava, e eu passei direto.

Sim. Muito idiota, mas tive uma noite incrível com Ashton, e ouvir que eu era apenas mais uma garota teve muito poder sobre mim.

Muito poder.

Eu estava me enganando.

Ficar. Fazer o passeio enquanto durava.

Não. Não agora, não sentindo aquela dor, embora fosse passageira.

O universo estava me dizendo para reduzir minhas perdas. Eu lidaria com as consequências mais tarde.

Caminhando até o corredor, olhei para onde os guardas de Ashton estavam, mas uma porta se abriu de repente na minha frente e entrei. Era um vestiário. Havia uma garota lá dentro, saindo de um camarim. Ela franziu a testa para mim.

— Você é nova esta noite?

— Sim. Eu... — Sorri. — Eu me perdi. Desculpe.

— Oh. — Ela riu, apontando por cima do ombro. — A porta de saída é por aqui. Você não vai pegar o trem sozinha, vai?

— Uh.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sou Amy. Eu trabalho no segundo andar.

— Eu sou Molly. Eu... nem tenho certeza de onde trabalho. Eu continuei me virando hoje à noite.

Ela riu.

— Você vai pegar o jeito, mas quer uma carona? Meu namorado está vindo me buscar. Geralmente vamos a um restaurante com alguns dos outros funcionários para relaxar. Você poderia vir se quisesse?

— Uh... — Fale sobre outro presente do universo. — Seria ótimo. Obrigada.

Ela me levou por uma porta e viramos à esquerda, por um pequeno corredor e saímos por outra porta. Estávamos em um beco de estacionamento nos fundos. Um veículo estava parado, um cara ao volante, que acenou ao nos ver.

— Esse é meu namorado. Nick. — Ela apontou para o banco de trás. — Minhas caixas estão do outro lado, então suba aqui. — Ela abriu a porta. Uma onda de calor nos atingiu, junto com um pouco de rap. — Oi, amor.

— Ei! — Ele olhou para trás, levantando o queixo para mim. — Amiga nova?

— Esta é Molly. Ela vai conosco ao Nancy's.

— Bom. Prazer em conhecê-la — disse ele quando entrei.

Amy ficou do lado dele.

— Foi a primeira vez de Molly esta noite.

— Ah! Como foi?

— Foi... — Meu sorriso foi forçado. — Interessante.

Amy sorriu quando saímos.

— Vai melhorar. Eu prometo.

Não. Não, não iria.

Acabei de fazer uma coisa muito estúpida.

CAPÍTULO 37

Molly

Meu telefone começou a explodir a um quarteirão de distância.

Ashton ligando.

Eu cliquei em recusar, mas mandei uma mensagem:

Eu: Desculpe. Saí. Estou com alguns de seus funcionários e direi onde pararmos.

Meu telefone tocou.

Ashton: Onde você está?

Ashton: Os monitores de segurança estão me mostrando que você saiu sozinha? Para onde você está indo?

Ashton: Faça-os voltar.

Ashton ligando.

Eu recusei.

Amy franziu a testa para mim.

— Tudo certo?

— Sim, eu...

Ashton: Atenda ao maldito telefone ou vou demitir essa funcionária com quem você saiu. Presumo que ela não tenha ideia do que fez, ajudando você.

Ashton: ATENDA AO SEU TELEFONE.

Ashton ligando.

Eu recusei.

Ashton: Ela está demitida. Quer continuar me pressionando?

Ashton: Não vou parar com ela. Vou descobrir quem é esse motorista. Vou descobrir onde ele trabalha e farei com que ele seja demitido também. Continue me pressionando. Não tenho escrúpulos em explodir vidas para sua segurança. Pialto e

Sophie são os próximos. Dê-me motivação suficiente. Eu poderia fazer com que eles fossem despejados até o final da noite.

Eu: Pare! Vou pedir-lhes que me levem de volta.

— Deus! — Apertei ligar e assim que ele respondeu: — Não faça isso com eles.

— Onde você está? — Agora ele estava todo calmo. Agora ele estava. Agora, depois de ele já ter feito todas aquelas ameaças.

— Nós estamos... — Eu me inclinei para frente. — Você acha que poderíamos voltar atrás? Eu...

A cabeça de Amy virou para mim, sua carranca se aprofundando um pouco mais.

— Voltar?

— Acho que deixei minhas chaves lá atrás.

Ela franziu a testa para mim, olhando para o namorado, que ligou a seta. Ele estava observando o trânsito.

— Eu não estou ouvindo eles dizerem sim rápido o suficiente — Ashton rosnou do seu lado.

— Ashton. — Fiquei mortificada. Por mim mesma. Meu comportamento. A situação.

— Ashton? — Amy guinchou, começando a empalidecer. Seus olhos se arregalaram. — Como *Ashton Walden*?

— Quem é Ashton Walden? — perguntou o namorado dela, mas rapidamente virou o carro, porque havia uma abertura. — Feito. Vai demorar um pouco até que possamos voltar, mas...

Olhei para cima e vi a placa do restaurante.

— Não. Espere. Vejo a placa alguns quarteirões adiante. Vamos a um restaurante chamado Nancy's. Eu estarei lá.

— Esteja lá fora.

Encerrei a ligação, guardando o telefone de volta na bolsa.

Amy estava me observando.

— Aquele era meu chefe, tipo o chefe do meu chefe do meu chefe? O cara que é dono do Katya?

— Sim.

Ela empalideceu.

— Como você o conhece? O que foi isso? Você realmente esqueceu suas chaves?

— Foi... nada.

Ela não parecia tranquilizada.

— Não foi nada, quero dizer, vai ficar tudo bem. Quando chegarmos ao Nancy's, ele vai me buscar.

— Uh... — Nick falou, olhando pelo espelho retrovisor. —

Pessoal? Vocês estão vendo isso também?

Dois conjuntos de faróis aceleravam atrás de nós, e um SUV passou por nós, pisando no freio e desviando para nos bloquear. O outro fez o mesmo atrás de nós. Nick pisou no freio. Amy gritou, estendendo a mão para evitar bater no painel, mas o cinto de segurança a manteve no lugar.

Uma parte de mim começou a se dissociar porque, a essa altura, por quantas situações de vida ou morte eu já havia passado? Mas eu ainda estava pensando. Eu já tinha que fazer isso, então por causa disso, virei para trás, para ver se reconhecia o motorista do segundo carro.

Não. Eu não tinha ideia de quem era.

Ashton disse que me pegaria no Nancy's, então isso significava...

Dois caras saíram do primeiro SUV. Eu também não os conhecia.

Foi a visão das armas em suas mãos que me fez gritar:

— *Desvie deles!*

Saí antes deles, sem pensar, com o coração na boca, e corri para o trânsito.

Tão tola, mas me preparei para ser atingida.

Houve sons estridentes, buzinas sendo tocadas. Estavam gritando comigo. Um *ping ping* perto de mim, mas ai, meu Deus, meu Deus, continuei correndo, só olhando por cima do ombro quando cheguei à calçada. Dois desses caras estavam vindo atrás de mim, mas Nick e Amy – *graças a Deus* – tinham ido embora, contornando-os em alta velocidade.

Eles estavam seguros. Eles estavam seguros. Eu tive que continuar dizendo isso a mim mesma, mas então um dos caras atrás de mim ergueu a arma de volta e eu fiquei tensa, preparando-me para tentar minha versão de esquivar-me de balas no estilo *Matrix*, mas já sabendo que estava ferrada.

Então, de repente, ouvi à minha frente:

— *Polícia! Pare!*

Gritei, olhei e vi dois policiais correndo em minha direção. Suas armas foram sacadas.

Eu gritei, apontando para trás de mim.

— São eles. Estou sendo perseguida.

Aquele olhou para trás, mas gritou comigo:

— *Pare! Pare agora.*

O que..., mas eu olhei. Os caras tinham ido embora.

Ouvi sons estridentes novamente e olhei. Seus SUVs estavam virando a esquina e acelerando na direção oposta.

Eles se foram.

Ah, graças a Deus.

— Vire-se.

Merda. Esqueci desses policiais.

— Coloque as mãos para cima.

Foda-me.

— Fique de joelhos.

Eu fui tola. Burra.

— E junte os dedos atrás da cabeça.

A mais estúpida.

Eu precisava parar de fazer essas coisas.

CAPÍTULO 38

Ashton

Paramos na casa do detetive Worthing e liguei primeiro.

— Sim?

— Você está com ela? — perguntei, olhando para o prédio dele. Receber uma ligação de Jake Worthing depois de ameaçá-lo, e então pedir um favor, não era o que eu esperava nessa noite, mas quando ele me contou os acontecimentos da noite, fiquei grato por ele ter intervindo. Mesmo assim, havia uma parte de mim onde me perguntava, realmente me perguntava, se eu era bom para Molly. Esta guerra passaria. Ela não estaria em perigo naquele momento. Ela seria normal, poderia ser normal. Viver uma vida normal, mas não se ela estivesse apegada a mim.

Eu trouxe isso para ela. Armas. Guerras. Máfia. Era eu. Essa era a vida, então enquanto ela fugia de mim, enquanto eu estava preocupado a ponto de querer estrangular alguém, havia uma parte mais profunda de mim que tinha que fazer a pergunta: ela estaria melhor com alguém como Jake Worthing?

Ou outra pessoa. Alguém normal.

Pensei nisso e me senti como se estivesse devastado.

Eu estava tão envolvido, muito envolvido. E isso era culpa minha, porque eu era muito sombrio, muito egoísta para deixá-la continuar fugindo. Isso era por minha conta, seria por minha conta. Deus. Eu realmente odiei que ela tivesse ligado para ele. Embora eu entendesse, ainda desprezava.

— Eu estou. Devo dizer que não gostei do olhar dela quando mencionei seu nome.

Meus lábios se estreitaram.

— Posso subir?

Ele bufou.

— Claro. Quero dizer, qual é o sentido de esconder mais nossa conexão? Basta entrar. Vamos fazer um churrasco de domingo enquanto estamos aqui.

Ignorei o sarcasmo.

— Ela se assustou antes, e não sei por quê. Deixe-me subir e falar com ela.

Ouvi um farfalhar do lado dele do telefone antes de sua voz soar, mais clara.

— Eu vou sair.

Ótimo. Ótimo pra caralho, mas ele encerrou a ligação, e não pude fazer mais nada, exceto esperar e mexer os malditos polegares.

Molly estava lá em cima, neste prédio. No apartamento dele.

Ela fez a polícia ligar para ele.

Normalmente nunca me importei com mulheres, com esse jogo, mas sim... com Molly, eu me importava. E ela ligou para *ele*.

A porta dos fundos se abriu e ele saiu, com um capuz puxado para baixo sobre a cabeça. Ele estava curvado, por causa das câmeras de segurança, mas passou pelas lixeiras, passou pelo estacionamento e entrou no beco onde estávamos estacionados.

Saí quando ele se aproximou do veículo e gesticulei para Elijah e Derek ficarem lá dentro.

Worthing fez uma pausa, olhando para mim, a cabeça inclinada para o lado antes de me identificar e percorrer o resto do caminho. Ele parou a alguns metros de distância, com os olhos presunçosos.

— Ela está bem? — Eu odiava ter que perguntar a ele e não poder perguntar a ela.

Ele riu.

— Você está odiando isso, não é? Você realmente se importa com ela, não é?

Eu não respondi. Eu queria dar um soco na cara dele, mas não achei que isso seria sensato agora.

Ele riu de novo, balançando a cabeça, mas se aproximou.

— Ela está bem. Você sabe o que aconteceu?

— Não.

— Ela estava em um carro com alguns de seus funcionários. Dois veículos apareceram e os bloquearam. Ela reconheceu que não eram seus homens e disse que gritou para eles desviarem, enquanto ela corria para o trânsito.

Meu coração parou. Parei de respirar.

Ela correu para o trânsito? *Trânsito?*

Eu gritei, repetindo, porque estava custando tudo de mim para me manter aqui, e não invadir o prédio dele, destruindo tudo no meu caminho até que chegasse até ela:

— Ela está bem?

— Ela está bem. Sério. Chateada, mas ela não me disse por quê. Disse que não era da minha conta, mas juro, Walden.

Eu parei.

Ele estava balançando a cabeça, e a raiva estava saindo dele em ondas agora, firmemente controlada.

— Se você a machucar, eu vou me mexer. Eu nunca tentei antes, mas que se foda. Foda-se por tudo o que você fez para se aproximar dela. Ela não merece sua bunda criminosa, e você sabe disso. Eu sei disso. A única que não sabe disso é ela, porque ela não tem ideia do quanto ela é melhor que você. E ela é. Marque minhas palavras. Ela é melhor do que nós dois. Você e ela, vocês têm alguma coisa. Isso é óbvio de ambos os lados, mas no segundo que você errar

de novo, eu entrarei. Considere isso como meu aviso.

Eu realmente *queria* bater nele, mas ele estava certo. Sobre tudo isso. Ainda assim, ela era minha. Eu não era um cara bom o suficiente para ir embora quando sabia que deveria, ele sabia que eu deveria, e Molly provavelmente sabia em seu subconsciente que eu deveria.

Eu estava totalmente envolvido e demorei até hoje para perceber isso.

— Os homens atrás dela eram do seu primo?

Ele balançou sua cabeça.

— Não sei. Eu presumo. Neste ponto, quem mais está indo contra você? Mas ainda não vi nenhuma filmagem de segurança. As coisas levam tempo para nós. Avisarei você quando o fizer.

Isso me surpreendeu.

— Você de repente está do meu lado?

— Porra, não, mas Molly é uma virada de jogo. Meu primo vai atrás dela e não estou bem com isso.

— E o que eu disse antes?

Ele parecia pronto para tirar minha cabeça do corpo, mas isso fez com que dois de nós estivéssemos aqui. Eu também não estava feliz com isso. Não mais; o jogo mudou com Molly. Tudo mudou com Molly.

— Está sob aconselhamento. Isso é tudo que posso dizer, mas nunca me chame para uma reunião com Trace West presente. Estou ciente de sua irmandade com ele, mas eu o detesto. Detesto Montell.

— Você culpa Jess pela partida de Justin?

— *Tentativa* de ir embora, lembra? — ele mordeu.

Sim. Ele a culpava.

— Ela não é a razão pela qual ele estava indo.

Sua mandíbula apertou e ele enfiou as mãos no bolso da frente do moletom, curvando-se novamente.

— Não importa. Ele nunca me disse que estava indo embora. Foi ela quem me contou. Lógico ou não, sempre vou odiá-la por isso.

Tudo bem. Porra. Não importava.

— Eu quero ver Molly.

Ele balançou sua cabeça.

— Não na minha casa. De jeito nenhum você pode entrar. É muito arriscado, mas vou trazê-la aqui.

— Eu não gosto disso. Não gosto de esperar.

— Eu não dou a mínima. Você fez merda. Ela fugiu de você por algum motivo. Vou entrar, falar com ela e trazê-la para fora...

— Estou aqui.

Nós dois recuamos, vendo Molly sair correndo de trás de um arbusto.

Um arbusto. Ela estava escondida atrás de um arbusto.

Eu nunca conseguia lê-la. Então me dei conta. Nunca. Ela era feita de algum DNA que não fazia sentido para mim. Eu não conseguia entender como seu cérebro funcionava, seu psicológico, mas lá estava ela.

Um maldito arbusto.

Quase comecei a rir enquanto Worthing gaguejava.

— O que... Molly! Você não pode...

Ela o contornou, vindo até mim, mas parando a um passo de distância.

— Sinto muito, por mais cedo. Desculpe-me.

Eu poderia tocá-la se quisesse. Ela estava me contando isso e eu queria fazer isso. Eu queria fazer mais do que tocá-la, mas ela correu. De mim. E eu não tinha ideia do porquê.

Suspirei, cedendo, mas sem nem saber ao que estava cedendo.

— Entre no carro.

Ela assentiu antes de abraçar Worthing.

— Obrigada, detetive.

Eu rosnei. Ela estava tocando alguém que não era eu.

Ele me lançou um olhar por cima da cabeça dela antes de suavizá-lo quando disse a ela:

— Agora é Jake, Molly.

— Jake. — Ela assentiu, afastando-se dele. — Obrigada por vir e me buscar.

Ele assentiu.

— Não há problema.

Ela olhou em minha direção antes de lhe dar um meio sorriso e então correu para dentro, fugindo para o outro lado. Fechei a porta atrás de mim.

— Ela é sua.

— Você está afirmando o óbvio.

— Você é um idiota.

Dei de ombros.

— A guerra está aqui. Estamos em remissão agora, mas isso vai acabar. O segundo ato está chegando. Sugiro que você decida de que lado está antes que isso aconteça.

Ele fechou a boca, mas não teve uma resposta para mim. Ele sabia. Eu estava lembrando a ele novamente. Apontei em direção ao meu SUV novamente.

— Obrigado.

Ele me deu um pequeno aceno de cabeça.

— Trate-a bem, Walden. Meu último aviso sobre ela.

Eu o desliguei antes de entrar.

— Leve-nos ao Nancy's Diner.

Senti o olhar de Molly sobre mim, mas não estava pronto. Ainda não.

Queria questioná-la onde não seríamos interrompidos por muito tempo. Muito tempo. E compartilhei isso com ela através de um olhar acalorado. Seus lábios se separaram, lendo a mim perfeitamente, e ela caiu em seu assento, deixando um suspiro suave.

Ela sabia o que estava por vir.

Eu não sabia se estava ansioso por isso ou não... essa era a primeira vez para mim também.

CAPÍTULO 39

Molly

Eu não tinha ideia de porque estávamos aqui, mas também não iria abusar da sorte com Ashton.

Eu tinha feito algo estúpido, deixei minhas emoções me dominarem, e ele ficou quieto, mas a fúria estava fervendo sob sua superfície. Estava ali. Eu podia sentir isso, mas também não podia mentir e dizer que não queria ter certeza de que Amy e Nick estavam bem.

Quando chegamos lá, Elijah entrou primeiro para verificar o local. Ele voltou e Ashton me fez ir primeiro. Ele não me tocou, como fez quando entramos no Katya ou quando saímos do nosso andar. Senti falta do toque dele. Mesmo um simples toque de seu dedo teria me tranquilizado um pouco.

Nada. Ele manteve uma distância firme atrás de mim quando entrei.

Amy e Nick estavam lá, e Amy engasgou quando me viu.

— Oh. — Ela parou, empalidecendo, e seu queixo caiu quando Ashton entrou atrás de mim.

Todo o restaurante ficou em silêncio, mais do que algumas bocas caindo no chão.

Um cara se levantou da mesa, começando a se aproximar antes de parar e recuar um pé. Suas mãos cruzadas na frente dele.

— Uh. Senhor. Senhor. Olá.

Ashton acenou com a cabeça antes de se virar em direção ao balcão. Uma mulher mais velha vinha da cozinha, com um avental amarrado na cintura. Ela tinha cabelos grisalhos, mas foram seus olhos que me fizeram parar e observá-la novamente. Ela não estava nervosa com Ashton, nem um pouco. Ela inclinou um pouco a cabeça.

— Ashton. É bom ver você.

Ele passou por mim, encontrando meu olhar, antes de se virar para ela.

Quando ele se dirigiu ao balcão, Amy correu até mim.

— Ei. Oi. Você está bem?

Eu balancei a cabeça.

— Como você está? Eu estava preocupada com você. — Nick estava nos observando, mas permaneceu sentado. Ele estava observando Ashton também. — Estou muito feliz que vocês estejam bem. Sinto muito por ter puxado você para a minha bagunça.

— Não. Quer dizer, está tudo bem. Não tenho ideia do que está acontecendo, mas uau. Você realmente conhece o *chefe*. Nós... nós ouvimos rumores quando Jess saiu sobre quem realmente era o dono do Katya, mas não tínhamos certeza. Então sim, ele é o Sr. West

começaram a aparecer no andar principal. Eles nunca faziam isso, não até Jess. E você o conhece. Eu, uh, estou meio em choque. — Ela tocou meu braço. — Fomos à polícia. Não tínhamos certeza do que fazer. Você correu no trânsito, mas gritou para sairmos e Nick viu as armas, e lamentamos não ter parado e ajudado mais você.

Eu balancei minha cabeça.

— Não, não. Tudo bem. Estou feliz que vocês tenham escapado e estejam bem.

Ela estava balançando a cabeça, com os olhos grandes e assustados, mas me deu um leve sorriso.

— O oficial da delegacia disse que já estavam com você. Eles nos disseram para ir para casa. — Ela apontou para trás dela. — Nick, uh, ele queria ir para casa, mas eu estava abalada. Eu queria estar aqui, com o resto do grupo. Nós não contamos a eles sobre, você sabe, sobre você. Eu não acho que eles conheçam você.

Ah, não. Ela ainda presumia que eu trabalhava no Katya.

— Não. Eu... eu não trabalho no Katya. Eu estava lá e... — Olhei na direção de Ashton; ele agora estava se sentando em uma cabine dos fundos. Elijah permaneceu do lado de dentro da porta. O outro guarda estava do lado de fora. — Eu reagi de forma exagerada esta noite, mas não trabalho no Katya. Sinto muito por ter puxado você para a minha bagunça. Estou muito grata por você estar bem.

— Sim. Claro. Sim. — Ela olhou para onde Ashton estava sentado. — Você acha que vocês gostariam de se juntar a nós?

— Não! — Eu suavizei minha voz: — Não. Mas obrigada pelo convite.

Sua cabeça balançava para cima e para baixo.

— Oh. Sim. Legal. Quero dizer. — Ela riu um pouco. — Que legal que você o conhece. Ele é... sim. Você sabe. Uau.

Eu conhecia. Eu realmente conhecia, e dando-lhe outro sorriso, depois um para Nick também, fui em direção a Ashton.

Ele estava sentado de costas para a parede, de frente para o resto do restaurante, e seus olhos estavam em mim. Eles me prenderam enquanto eu deslizava para o meu lado da cabine. Eu podia sentir a atenção de Amy e Nick sobre nós, provavelmente o resto deles, mas peguei o cardápio.

— Nancy está fazendo algo para você.

Seu tom era tão áspero. Rápido. Afiado.

Eu... tinha feito uma bagunça tão real.

— Sinto muito...

— Poupe isso — ele cortou.

Realmente, muito confuso.

— Se você não quer que eu peça desculpas, por que me trouxe aqui?

— Para ver se seus amigos estão bem. — Aqueles olhos frios se fixaram em mim e ele se inclinou para frente. — E para que eles saibam que eu conheço você. Para que você saiba até que ponto o que posso fazer, farei. E para avisar Nancy que estou ciente de que meus funcionários vêm aqui depois de trabalhar no Katya. Preciso insistir que não há muitas lanchonetes abertas 24 horas por dia em uma área segura. Esta é uma delas. Se eu disser, Nancy fechará as portas para eles. Eu possuo o Katya. Minha família possui outros negócios aqui. Ela sabe como funciona.

Eu desabei.

— Estou ciente. Eu também sou proprietária de uma empresa. Aposto que Nancy é a legítima proprietária de sua lanchonete. Eu me pergunto como ela se sentiria se descobrisse que a pessoa de quem ela pensava ter comprado o lugar a enganou e deu o dinheiro para uma família da Máfia. Aposto que ela não seria tão calorosa e acolhedora então.

Ele não respondeu, apenas olhou para mim.

E foda-se ele, mas isso estava me afetando.

Ele estava dentro de mim há não muito tempo, e então percebi quanto poder ele tinha sobre mim, surtei e corri. Agora tudo virou fumaça.

Abaixei minha cabeça.

— Eu realmente sinto muito.

Ele suspirou.

— Eu sei. Falaremos sobre o que aconteceu em particular.

Deus. Ele cedeu, um centímetro. O nó em meu peito se afrouxou, só um pouco.

Nancy se aproximou trazendo café e um prato de comida. Ela colocou na minha frente, não na dele, e mesmo que cheirasse delicioso, parecesse delicioso, eu não consegui comê-lo. Meu apetite desapareceu.

— Você não está com fome? — Ashton perguntou quando Nancy saiu.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu quero o café. Obrigada.



Eu estava no banheiro e saindo, quando vi uma mulher esperando para usar.

Afastei-me, segurando a porta para ela, mas ela não entrou.

Ela era incrivelmente linda. Cabelo preto elegante. Olhos amendoados escuros. Pernas longas que as supermodelos tinham, e ela estava vestida com a roupa mais fofa. Sandálias de cânhamo. Uma

minissaia jeans desbotada com um suéter de veludo cotelê grande demais. Por baixo, ela puxou a gola de uma camisa de botão para cima, dobrando-a sobre o suéter. As pontas da manga também apareciam por baixo. Seu cabelo estava puxado para trás, duas longas tranças descendo pelas costas enquanto o resto era brilhante. Tão bonito.

Seus olhos estavam gelados.

— Posso ajudar?

— Ele leva mulheres lá regularmente. Três vezes ao mês. Não pense que você é especial. — Seus lábios pressionaram em uma linha reta. Sua mensagem foi entregue, então ela voltou para a mesa dos outros.

Ashton estava observando nossa conversa, mas de jeito nenhum ele ouviu. Ele estava muito longe.

Fiquei ali, o mesmo sentimento acontecendo novamente. Como se uma faca tivesse surgido e perfurado meu estômago, minhas entranhas se espalharam pelo chão.

Estava se tornando cada vez mais óbvio o quão incrivelmente estúpida eu tinha sido, porque Ashton estava *dentro de mim*. Ele não foi um momento divertido. Isso não era sexo sem emoções. Houve emoções. Tantas, e enquanto elas estavam enroladas dentro de mim, o que aquela mulher acabou de fazer – eu senti a mudança.

A. Mudança.

Comecei a marchar para ela quando Ashton se levantou rapidamente. Ele tocou meu braço, parando-me.

— O que ela disse?

Levantei meu olhar, vendo seus olhos começando a esquentar.

Comecei a passar por ele.

— Nada. Estou cansada de ouvir sobre suas outras mulheres.

Sua mão apertou, então mudou para que ele não me machucasse. Ele deslizou, pegando minha mão, e avançou novamente, impedindo-me de ver a mesa delas.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Como você pode? Você não me deixou pedir desculpas.

Seus olhos se estreitaram, parte da máscara dura escorregou.

— O que você está falando?

— Porque eu saí. Eu queria explicar, mas você me calou. Agora ela jogou isso de volta na minha cara, e desculpe-me, mas estou cansada desta noite. Eu fiz algo irracional. Entendo por que você está bravo comigo, mas não vou aceitar a atitude dela.

Ele ficou estranhamente imóvel, e a sensação, o que quer que estivesse acontecendo com ele, estava começando a perfurar minha raiva. Desconforto e algo mais, algo que eu não conseguia identificar, passou por mim, mas ele desviou sua atenção de mim e olhou,

encontrando-a. Ele se virou para mim.

— O que ela disse para você?

Eu disse a ele, repetindo palavra por palavra.

Ele franziu a testa para mim.

— Nunca levei uma mulher lá antes.

Tive que dar um passo para trás.

— O quê?

— Eu só vou lá com Trace. Mantivemos nossa propriedade discreta. Recentemente, descobriram que somos os donos por causa de Jess.

Eu não tinha ideia do que dizer sobre isso.

— Antes, aquele gerente também disse algo sobre suas mulheres.

Ashton se endireitou completamente, soltando minha mão.

— O que ele disse?

Deus. Isso foi constrangedor, mas contei a ele, inclusive como Elijah tentou impedi-lo.

— Vou questionar Anthony, mas, novamente, nunca levei uma mulher comigo. Ele estava fazendo suposições.

E isso... eu não tinha ideia do que pensar agora.

Ashton se virou, apontando para Elijah.

— O que Anthony disse para ela no Katya esta noite?

A história dele era a mesma, mas ele acrescentou:

— Ele deu uma olhada nela e a queria. Tentei calá-lo, mas ele estava dizendo merdas que não faziam sentido. — Elijah me lançou um olhar de pena. — A maneira como ele opera não é como Ashton opera. Ele estava errado. Eu não entendi isso antes.

Fiquei mortificada quando as peças começaram a se encaixar.

Eu estava com Ashton Walden. Quem ele era, sua aparência, seu poder, seu dinheiro, até mesmo como andava. Isso fazia outras pessoas agirem como loucas, o que estava começando a fazer sentido.

O rosto de Ashton estava ilegível enquanto ele me estudava, dizendo a Elijah:

— Leve-a para fora. Por favor.

Elijah assentiu e eu fui na frente dele.

Passamos pela mesa delas. Dei um pequeno sorriso para Amy e Nick, outra última forma de me desculpar, mas quando vi aquela mulher olhando para mim, parei e me inclinei sobre a mesa.

— Não é que ele leva mulheres para lá regularmente. É que ele não leva mulheres para lá. Ele me levou esta noite, e desculpe, querida, mas acho que sou muito especial. Tive uma ideia de como você pensa e como se sente, e posso obter conforto. O universo lhe dará o que você merece. Então, sabendo disso, tenha uma boa vida, porra.

Ashton estava atrás de mim e então se aproximou.

— Quem quer que você seja, você está demitida.

Ela empalideceu. Outros engasgaram. As bocas caíram novamente, mas Ashton pegou minha mão e me guiou de volta para fora. Arrisquei, apertando sua mão enquanto entrávamos no SUV que nos esperava.

Ele entrelaçou nossos dedos em resposta.

Partimos e não pude conter um sorriso.

Eu não tinha agido completamente como Shorty Easter nessa situação toda.

CAPÍTULO 40

Molly

Fomos para o apartamento de Ashton em Manhattan. Eu estava morta quando finalmente entramos.

— Você quer uma bebida?

Ashton havia se acalmado significativamente comigo. O que me deixou grata, mas também me assustou, porque, cara, quando ele estava chateado, ele era como *gelo*. Como o gelo da Antártica que não derrete.

Balancei a cabeça, soltando minha bolsa, impressionada comigo mesma por tê-la mantido durante toda a noite.

— Não.

Ele jogou as chaves no balcão, largando o telefone e a carteira. Depois foi até o armário de bebidas e serviu-se de uma.

— Tem certeza de que não quer uma?

— Eu preciso de uma para isso?

Seu olhar fixou-se em mim. Seus olhos percorreram meu corpo e eu desviei o olhar. Eu não queria me aquecer. Eu não queria querê-lo. Eu só queria ir para a cama, sozinha, e acordar e me reagrupar, porque minha cabeça estava girando. Não importava o que acontecesse, o fato de eu ter reagido tão rápida e intensamente foi assustador.

Eu não gostei do quanto ele poderia me afetar.

— Você estava com ciúme?

Aqui íamos nós.

— Não. Sim. Eu... quando beijei você e quando dei o primeiro passo, era só sexo na minha cabeça. Realmente era. Nunca olhei na boca de um cavalo de presente. Eu aproveito o presente e mantenho-me em movimento. Foi assim que sobrevivi, então sim. Fiquei com ciúme, mas fiquei magoada e isso me apavorou. Eu não deveria ter sentimentos por você. Nunca foi disso que se tratava. — Fiz um gesto entre nós.

— Sobre o que deveria ser?

Fechei os olhos, contando até cinco. Meu peito queimou.

— Sexo. Prazer. Para me sentir bem por um curto período de tempo até que tudo acabe. Era isso.

— E como eles estão agora?

Ele estava tão no controle, seus olhos frios em mim, bebendo sua bebida. Ele estava sereno, como se estivesse participando de um evento de caridade entre ricos e famosos.

— Confusos. A merda ficou real comigo.

— Defina real. — Outro gole.

Eu queria tirar o copo dele e jogá-lo contra a parede, ver

algum tipo de reação dele. Ele havia descongelado, mas não o suficiente, e meu peito apertou, porque isso era culpa minha. Tudo e somente minha culpa.

— Eu percebi os sentimentos, e não quero sentimentos. Não por você.

— Molly. — Um aviso baixo dele, mas ele ainda estava bebendo aquela bebida, ainda parecendo sereno, mas não estava. Ele estava tão irritado. Eu senti isso sob sua superfície. O sombrio e perigoso Ashton estava ali, bem ali, fervendo. Ele tomou outro gole, um longo gole. — Por que não sentimentos por mim?

Eu quase ri. Então ri.

— Você está brincando comigo?

— Por que não eu?

— Ashton! Seja racional. Você entrou com a intenção de me usar. Eu deveria ser uma isca. Você nunca passou por isso. Você ainda poderia. Você deve. Esta noite *provou* que eles me querem. Fiquei longe de você por trinta segundos e eles estavam em cima de mim. — Levantei meu queixo, sentindo as lágrimas chegando e precisando contê-las. — Eu sou a isca perfeita. Você estragou tudo, ainda não me usou. Ou, inferno, que pena que aqueles policiais estavam lá. Eles poderiam ter me levado. Eu teria sobrevivido. Eu venho de Shorty Easter. Eu teria fugido, ou pior, teria soltado meu controle sobre eles. Eu poderia ter...

— Cale-se. — Sua mandíbula apertou. Uma veia apareceu.

Continuei, balançando a cabeça.

— Eu poderia ter me libertado. Dito onde eles estavam, quem eram. Você deveria ter me usado de novo quando teve a chance. Agora você não sabe o que eu poderia ter feito por você. Você já me usou como meu pai. Você está conseguindo o que queria. Ele está sacudindo a árvore. Ele é o cachorro que sai para assustar os pássaros. Isso está acontecendo, e quem matou Justin e Kelly, o quê? Eles estão vindo atrás de mim para impedir meu pai? Estamos tão longe nesta toca do coelho que não sei mais o que está acontecendo.

Eu queria que ele se soltasse, tanto. Eu queria brincar com ele, não com esse Ashton legal e calmo. Eu queria ver o monstro que eu sabia que vivia dentro dele.

Eu estava quase sorrindo, sentindo meu peito apertar, a dor me cortando.

— Mas você perguntou por que não você? Por causa de quem você é. Por causa de quem eu sou. Eu sou a garota que fica para trás. Eu sou a garota que sobrevive a todos que vão embora. Essa sou eu. Essa é a minha história. Não sou uma Jess Montell. Eu não sou a garota que fica com o cara gostoso, rico e poderoso. Eu sou um desastre. Estou um caos. Você poderia ter qualquer uma, então por

que eu? *Por que eu?* Sou filha de Shorty Easter. Mesmo que *ele* não me queria. Sou a garota que ninguém quer, então chantageio meu pai para que ele me venda um negócio em extinção e me escondo, fazendo disso o meu mundo. Isso é tudo para mim. E você entra, dizendo que nunca foi meu. *É o* que eu sou.

Desviei o olhar.

— Eu sou a piada.

— É isso que você quer?

Eu congelo.

— O quê?

Aquele olhar fervilhante ainda estava em mim e me senti derrubada.

— Você fugiu esta noite. Agora você está dizendo isso. Isso é porque você quer ser livre? Eu deveria ter deixado você continuar fugindo?

Fiquei atordoada. Um buraco se abriu dentro de mim e o pensamento – não. *Não!* Eu não conseguia falar, porque meu Deus. Pensar nisso. Ter medo disso. Fugir disso, mas ouvi-lo dizer isso? Eu me senti vazia, tudo de mim. Ele estendeu a mão e pegou tudo que fazia meu sangue bombear e puxou para fora. Ele deixou cair a seus pés apenas com a pergunta.

Eu estava tão envolvida que não conseguia pensar direito. Eu estava tão envolvida.

Eu só consegui balançar a cabeça. Isso não. Eu não queria fugir. Eu não queria continuar fugindo.

Eu o queria.

— Não. Não é isso que eu quero.

Senti seu olhar sobre mim, longo e duro. E intenso. Tão intenso.

— E se eu não fosse da Máfia?

Soltei uma risada forte.

— Não importa, porque é você. *É você.* Quando ouvi seu gerente dizer isso sobre você, que provavelmente já estava transando com Remmi West, doeu. Machucou mesmo. Foi uma dor que eu consegui superar, e isso foi depois de você e eu estarmos juntos o quê? Um dia inteiro? Dois? Imagine o quão pior seria em um mês? Mesmo uma semana? Estou mais assustada com o que você poderia fazer comigo do que com o que uma arma apontada para mim poderia fazer. Cortei minhas perdas e fugi. É um hábito antigo e surgiu esta noite. Você, o que você poderia fazer comigo, é contra o que lutei todos os dias sendo filha de Shorty. Eu nunca deixei ele me bater. Eu nunca deixei ninguém *me* derrotar, mas você poderia fazer isso apenas me fazendo me apaixonar por você.

Jesus.

Acabei de dizer isso.

— E agora isso? Você está me perguntando se eu quero fugir? Se quero que você me deixe fugir? — Eu estava balançando a cabeça. Estava confusa, toda confusa. Eu o queria. Foi por isso que continuei voltando. Ele. Eu o queria, não importava quem ele fosse, o que ele fizesse. Era ele. Cada parte dele.

Eu precisava dele inteiro, não de partes dele, nem de fatias. Tudo dele. Sua escuridão incluída.

Minhas entranhas estavam do lado de fora do meu corpo. Nunca me senti tão exposta como agora.

Eu odiei isso.

Quase me fez odiá-lo, quase, mas eu sabia que não.

Os olhos de Ashton ainda estavam fixos em mim. Ele tomou um gole, outro maldito gole.

— Você está apaixonada por mim?

Meu coração apertou. Eu não pisquei, levantando minha cabeça de volta.

— Eu poderia, sim.

Ele terminou sua bebida, cerrando os dentes enquanto engolia, e então veio em minha direção.

Comecei a recuar.

— O que você está fazendo?

Ele passou por mim, levando suas coisas para o quarto.

Eu o segui, num ritmo calmo, mas o estava seguindo. Fiquei na porta dele, observando enquanto ele desaparecia em seu armário.

— Você teve uma longa noite, Molly. Tome banho e troque de roupa.

Eu... não íamos terminar essa conversa? Ou isso foi uma coisa unilateral? Só eu disse a ele como me sentia. Mas acho que, de certa forma, só eu estraguei tudo esta noite.

Meus ombros caíram. Um grande peso pressionou meu peito.

— Sim. Ok. — Talvez ele estivesse certo. Um banho me faria sentir melhor. Roupas limpas. Roupas confortáveis.

Eu estava tão cansada.

Ele voltou do armário, com o moletom da outra noite e uma camiseta. Não era justo o quão bonito ele poderia parecer.

— Use meu chuveiro.

Balancei a cabeça, ainda me sentindo uma idiota, mas passei por ele.

Eu estava além de me preocupar com coisas como roupas. Conhecendo Ashton, e eu o estava conhecendo, ele encontraria algumas novas enquanto eu estivesse no banho e as deixaria prontas para mim. Ou ele entregaria um roupão enquanto ordenava que alguém fosse comprar algo para mim. Eu não conseguia pensar nos

detalhes, então entrei no banheiro dele. Seu banheiro muito espaçoso e lindo, com uma parede de vidro transparente que separava o chuveiro do resto do quarto. Foi dividido para que o chuveiro ficasse bem no fundo.

Liguei o chuveiro, tirei a roupa e entrei no box.

Respirei fundo, minha cabeça pendendo para frente, sentindo a água bater em mim. Descendo pelas minhas costas. Toda a sujeira, lágrimas, sangue, tudo que eu não tinha limpado antes estava indo para o ralo agora. Era bom. Refrescante. Isso era o que eu precisava. Um novo começo. Um novo começo.

Então, de repente, um corpo estava atrás de mim.

Comecei a gritar, mas ele se aproximou. Meu corpo reconheceu o dele e eu cedi de alívio. Ashton.

Ele passou por mim, pegou o xampu e passou-o no meu cabelo, massageando minha cabeça, ainda pressionado atrás de mim. Sua boca estava na minha orelha quando ele começou a esfregar as mãos em mim. Ele estava me lavando.

— Você acha que gostei de receber uma ligação do detetive Worthing? — Sua mão desceu pelo meu corpo. — Descobrir que você ligou para ele em vez de mim?

Ele se moveu todo o caminho, meio que me levantou em seus braços e me levou até a parede, pressionando-me contra ela.

Ele continuou movendo as mãos sobre mim.

— Tive que ir até *a casa dele*, porque foi para lá que ele levou você. Para a casa de outro homem? Tive que pedir permissão para ir falar com você. Você acha que gostei disso? — Sua mão alisou, deslizando entre minhas pernas, e eu o senti na minha entrada. Ele me circulou, provocando. — Eu cheguei a um acordo sobre como estava começando a cuidar de você e então *bam*, estou pedindo a outro homem para falar com a *minha mulher*?

Meu coração disparou. Ele tinha... seu dedo deslizou dentro de mim, rangendo profundamente. Até o fim.

Eu engasguei, minha cabeça girando, quando um segundo dedo foi empurrado para dentro. Ele os puxou para fora, deslizando de volta para dentro, e continuou empurrando, sua boca beliscando minha orelha.

— Você tem um problema, espere e discuta comigo. Você não foge. Nunca. Eles poderiam ter *levado* você. — Todo o seu corpo vibrava com essas palavras. — Você acha que ainda sou o cara que quer usar você como isca? Já passamos disso. Há muito tempo. Eles *atiraram* em você. Outro homem apontou uma arma para sua cabeça. Quantas malditas vezes você precisa para não sair do meu lado? Tudo mudou no segundo em que uma arma foi apontada para sua cabeça. Tudo aconteceu. Você. Eu. Nós. Isso. — Ele passou um braço firme em

volta da minha barriga e me ergueu no ar, abrindo minhas pernas com um chute. Seus dedos foram puxados para fora e seu pau me penetrou.

Soltei um som diante da plenitude dele, mas então ele estava se movendo, e esse homem foi feito para me foder. Minha alma estava ronronando. Dentro e fora. Ele estava montando em mim, subindo, sua mão agarrando minha coxa, segurando-me no lugar para que ele pudesse bater em mim.

Ele roçou meu ouvido:

— Perguntei se você queria que eu deixasse você ir, porque por um momento esta noite, pensei que talvez fosse melhor para você. Mais seguro para você. Eu sou quem eu sou. Eu sou o que faço. Não se engane, eu sou o vilão. — Ele continuou empurrando dentro de mim, diminuindo a velocidade enquanto dizia: — E perguntei se você queria ser livre, e a expressão em seu rosto... — Ele estremeceu atrás de mim. — Eu não posso fazer isso. Eu não posso deixar você ir. Você se tornou a razão. Você não é mais a mulher que vou usar para acabar com esta guerra. Você é a razão desta guerra, porque se alguém machucar você, tocar você, eu mato. Você está me ouvindo? Todos eles.

“Estou farto de ouvir que *outra* arma foi apontada para você, atirada em você ou de receber ligações de outro homem a quem você procurou em vez de mim. Você só queria sexo entre nós? Que pena. — Sua boca se fechou sobre minha orelha, seus dentes roçando meu lóbulo enquanto ele empurrava tão profundo que poderia estar no meu estômago. — Minha, Molly. Você sabe o que isso significa?”

Eu estava começando a entender, mas não conseguia falar.

Meus dedos dos pés estavam curvados pelo prazer que ele estava dando ao meu corpo.

Ele estava segurando todo o meu peso. Eu não conseguia me mover, não queria. Eu engasguei contra a parede do chuveiro, a água deslizando pelo meu lado enquanto ele entrava em mim. Ele estava me fodendo com força e era um castigo, mas ele estava consolidando um fato.

Eu não estava sozinha no fator sentimentos.

— Você é minha — ele grunhiu, recuando e quase me derrubando, mas apenas para me virar. Minhas pernas envolveram sua cintura. Meus braços envolveram seu pescoço, minhas mãos em seus cabelos, e então ele voltou para dentro de mim. Movendo-se profundamente. — Nunca mais fuja de mim. Você me ouviu?

Eu o ouvi. Eu o ouvi muito bem.

— Nunca.

Ele levantou a cabeça, seus olhos fixando-se nos meus.

— Você foge e eu vou queimar o mundo por você.

Um arrepio profundo passou por mim, curvando meus dedos

dos pés, um arrepio bom. Um arrepio delicioso.

— Chega de fugir.

Ele não estava perguntando. Ele estava me dando ordens.

Balancei a cabeça, quase incapaz de falar.

— Prometa-me, Molly. — Ele deslizou para fora, reposicionou-me e deslizou de volta, empurrando até o fim.

Eu gemi antes de gritar:

— De mindinho.

Isso foi o suficiente para ele.

Sua boca pegou a minha, comandando, e uma onda de euforia correu por mim, percorrendo minha espinha, até os dedos dos pés, subindo e fazendo meus dedos terem espasmos com as sensações.

Sua língua pegou a minha, varrendo, reivindicando-me. Eu ofeguei, apenas para ser recuperada por seus lábios.

O universo simplesmente explodiu ao nosso redor.

Ashton empurrou para dentro de mim, uma e outra vez. Nós dois gozamos juntos, e mesmo durante tudo isso, quando meu clímax irrompeu dentro de mim e me deixou fraca, ele ainda me abraçou e ainda me beijou.

Ele só parou de me beijar mais tarde, muito tempo depois.



— Espere. — Levantei minha cabeça na cama, movendo-me para poder vê-lo melhor. As luzes estavam apagadas. Passamos do chuveiro para a cama e não saímos, mas a luz do dia seguinte estava aparecendo sob as persianas da janela. Eu não queria adormecer. Eu não queria que o dia seguinte chegasse. — Você também sente algo por mim? Quero ter certeza de que entendi direito.

Ashton estendeu a mão, beliscando meu mamilo antes de rosnar levemente.

— Você é minha. — Ele se levantou sobre mim, apoiando-se em ambos os lados da minha cabeça, suas pernas movendo-se entre as minhas, e deslizando para cima, levantando-as enquanto seus joelhos as separavam. — Nada mais de se afastar.

Ele estava de volta à minha entrada.

Eu perdi a conta de quantas vezes fiz sexo com esse homem no fim de semana. Não era natural. Não éramos mais adolescentes, mas sua boca pegou a minha em outro beijo envolvente, e ele deslizou dentro de mim mais uma vez.

Suspirei, cedendo, passando meus braços em volta de seu pescoço e puxando seu corpo para descansar no meu.

Fiquei feliz por termos tido essa conversa.

CAPÍTULO 41

Ashton

Nossos telefones acenderam quase ao mesmo tempo.

Eu pulei primeiro, enrolado em Molly. Demorou um pouco mais para ela, uma vez que adormecemos apenas duas horas atrás. Amaldiçoei, duas horas de sono, mas peguei o meu telefone e o dela.

Número desconhecido então atendi.

— Quem é?

— Esse é o meu telefone? — Molly estava bocejando, esfregando os olhos antes de se sentar.

Uma risada áspera veio do outro lado.

— Eu não acreditei, mas agora acredito. Você está transando com minha garotinha?

— Easter.

Molly acordou rapidamente depois disso. Ela se sentou e pegou o telefone da minha mão.

— Pai?!

Meu telefone silenciou, mas ligou novamente, então atendi.

— O que está errado? — Era Trace.

— Fomos atingidos novamente.

Porra. Embora, não fosse surpreendente. Fui até o armário, peguei as roupas e comecei a vesti-las.

— Onde? Quem?

— Dois armazéns, locais separados. Eles bombardearam o armazém que vazamos, onde mantínhamos Molly. O outro lugar era onde tínhamos seu atirador. Ele recuperou seu homem.

— Nossos homens?

— Eles saíram. Não perdemos nenhum homem, mas recebeu um relatório de que alguém tentou levar Molly ontem à noite?

— Liguei para algumas fontes. Eles estavam trabalhando para obter as filmagens e verificar as placas.

Ele praguejou.

— Onde você estava?

— Eu estava... não importa. Eles não a pegaram.

— Temos que seguir em frente pensando que Nicolai sabe que temos os primos dele. Você falou com Avery? Ele obteve alguma informação deles?

— Ele disse para não fazer pressão por alguns dias. É um programa completo para decompô-los. A verdadeira tortura não traz bons resultados. Nós sabemos disso. A tortura psicológica funciona melhor.

— Mas não mais rápido.

Eu estava completamente vestido e andei pelo apartamento.

Molly ainda estava ao telefone, encolhida no canto do sofá da sala. Eu disse a Trace, baixando a voz:

— Shorty acabou de ligar.

— Momento interessante. Ele conseguiu alguma coisa?

Estudei Molly, mas ela pareceu me sentir e se transformou ainda mais em uma bola humana, o telefone perto do rosto. Ela estava sussurrando.

Eu fiz uma careta.

— Eu não tenho certeza. Esperando por isso.

— Já chega, Ashton. Vamos colocar nosso primeiro movimento em ação.

— Estou nisso.

— Vou enviar meus pedidos. Você envia o seu.

— Vamos nos reunir na casa segura.

— Eu odeio este mundo. Por que estamos nisso?

Lá estava meu melhor amigo. Ao ouvi-lo assumir seu antigo papel, senti que poderia assumir o meu. O velho Ashton voltando ao lugar. Estava bem.

— Porque fomos forçados a isso. Nós também não somos os caras que deixam isso passar.

— Verdade. Ok. Vamos conversar depois.

Terminamos nossa ligação e enviei uma mensagem para Avery.

Eu: A guerra começou oficialmente.

Avery: OK.

Não mudou muito para ele, exceto que ele sabia que deveria fortalecer o complexo ainda mais do que era. Liguei para Marco e voltei para o meu quarto, pegando o resto de tudo que precisávamos.

— Você está falando sério? São seis da manhã.

— São nove horas e a guerra começou novamente.

Ele mudou de tom imediatamente, muito mais alerta e sombrio.

— O que aconteceu?

— Eles atacaram o armazém. Estou comunicando a você.

— O que você quer que eu faça?

— A família é sua responsabilidade. Observe-os. Proteja-os. Você precisa conseguir mais homens.

— Já consegui. Os homens estão prontos.

— Chame-os. Se puder, convença nossas tias a ficarem na mesma casa. Esses homens devem proteger a nossa família. Você me entendeu?

Ele se acalmou antes de responder, em voz baixa:

— Entendi, primo. E Remmi?

Porra. Remmi.

— Ela é irmã de Trace. Ele cuidará dela.

— Mas e se ele não fizer isso? Ele se esqueceu dela da última vez. Ele poderia novamente.

— Você deveria parar de transar com ela.

— Eu parei.

— Então ela não é problema seu, pelo menos não agora. Se você realmente se importa com ela, podemos discutir mais tarde. — Porque, ao avistar Molly ainda no sofá, quem era eu para dizer a alguém que ele não poderia ficar com alguém por quem se apaixonou? — Eu tenho que ir.

— Eu cuidarei da família. Acabe com eles, Ashton. Eu sei que você vai.

Esse era o plano.

Encerrei a ligação e mandei uma mensagem para Glen.

Eu: Feche o Easter Lanes e faça uma viagem.

Glen: Eu vou. Molly está bem? Eu ouvi o que aconteceu.

Eu: Ela vai ficar.

Depois disso, vi Elijah na porta. Ele tinha sido notificado ao mesmo tempo que eu. Tínhamos um sistema de alerta coordenado que, se o chefe fosse avisado, sua segurança superior receberia um alerta para estar pronto para agir. Ele estava pronto para se mover, com três grandes bolsas de hóquei pendurados sobre ele.

Fiz uma careta para ele.

— Você tem bagagem de guerra?

Ele encolheu os ombros.

— Eu fiquei animado.

— Tudo bem, Marcus! — A voz de Molly aumentou antes que ela se levantasse do sofá. — Eu não o suporto! — Ela se virou e nos viu, viu nossas bolsas, viu a pintura de guerra de Elijah e sua boca se transformou em um pequeno O. — O que eu perdi?

Jesus. Acho que a amava.

— Tudo bem. Temos de ir.

Ela franziu a testa, mas não discutiu e correu para dentro da sala.

Elijah e eu começamos a nos mover quase como uma entidade. Levamos todos os nossos itens para o SUV e voltamos, fazendo outra viagem. No caminho, enviei minhas ordens para nosso primeiro

ataque coordenado contra a família Worthing, mas havia mais uma pessoa a quem eu precisava avisar.

Mandeí uma mensagem para Jake.

Eu: Fomos atingidos ontem à noite.

Worthing: Ok. Vejo você do outro lado.

Fiz uma careta porque não era isso que eu esperava ouvir dele. Mas eu não tinha mais certeza do que achava que Worthing faria.

Comecei a enviar uma mensagem para ele, mas apaguei e coloquei meu telefone no bolso novamente.

Quando voltamos, Molly estava pronta. Ela tinha sua própria bolsa. Eu não tinha certeza de onde ela a encontrou ou o que havia ali, mas conhecendo-a, havia magia literal dentro dela. Eu não teria ficado surpreso.

Elijah a pegou e voltou para o veículo. Molly começou a passar por mim, mas eu a segurei, abaixando a cabeça para um beijo rápido.

Eu precisava de uma prova, apenas uma, antes de entrarmos nisso. Saboreei a sensação de seus lábios sob os meus, como consegui capturar sua respiração, como sua língua se parecia contra a minha e como ela ficou na ponta dos pés para poder passar os braços em volta do meu pescoço.

Demorei beijando-a. Demorei um bom tempo.

CAPÍTULO 42

Molly

A casa segura era um prédio inteiro escondido à vista de todos.

Entramos em um estacionamento, descemos e, de alguma forma, estávamos passando por um túnel e estacionamos em um porão. Havia um monte de homens na sala quando saímos. Ashton pegou minha mão, andando comigo até um elevador, e subimos. Descemos no sexto andar, o elevador abrindo para um apartamento que ocupava todo o andar.

— Sinta-se à vontade. — Ashton deu um beijo na minha testa, ficando atrás com Elijah e alguns outros guardas. Eu vaguei por ali. Para casas seguras, esta era luxuosa, mas não fiquei surpresa. Tudo que Ashton fazia era pensado. Ele tinha a reputação de ser o mais impulsivo, e Trace o analista, um pensador de longa data, mas Ashton era subestimado. Severamente.

Só mais tarde naquele dia, depois de voltar para a cama e dormir, é que percebi que estávamos ao lado do Octavia.

Acordei no final da tarde, ouvi a música e fui ver o que estava acontecendo. Havia janelas do chão ao teto que cercavam todo o apartamento, por todos os lados, então, perto da área da cozinha, pude ver uma fila de pessoas na rua esperando para entrar no clube, virando a esquina. Na parte da frente, havia luzes piscando e o trânsito estava louco com os carros parando e acelerando. Algumas seguranças grandes estavam por perto.

— As janelas estão protegidas. Eles não podem ver.

Ashton entrou na cozinha, vestindo o que usava quando chegamos.

— Você não dormiu?

Ele tinha pequenas olheiras, o cabelo bagunçado, mas de um jeito totalmente sexy, e ele bocejou, vindo em minha direção agora. Ele esfregou a mão no rosto.

— Não há tempo. Trace e eu estivemos em reuniões o dia todo.

Certo. Reuniões. Para uma guerra da Máfia. Fazia sentido...

— Posso perguntar o que está acontecendo?

Ele se encostou no balcão, seus olhos gentis enquanto me observava, de cima a baixo. Eu tinha colocado uma leggings preta e um moletom preto, roupas que ele já tinha deixado esperando por mim no armário. Ele balançou sua cabeça.

— Estamos avançando com um plano bem pensado, mas para reduzir o número de vidas inocentes perdidas. Se isso ajuda?

Minha boca ficou seca. Vidas inocentes.

Como a minha.

— Oh.

— Molly, preciso perguntar sobre seu pai. O que ele disse no telefonema?

Eu me encolhi, só de lembrar da conversa.

— Ele ouviu falar de você e de mim e ficou chateado. Basicamente, ele queria que você soubesse que ele não faria nada se você me fodesse. Suas palavras, mas eu as limpei um pouco.

— Ele descobriu alguma coisa sobre o assassino de Kelly?

Eu balancei minha cabeça.

— Não, mas ele disse que estava pensando em outra coisa, algo grande. Ele não disse mais nada, exceto para manter minha cabeça baixa, porque quem quer que seja ou o que quer que seja, eles têm bolsos fundos. Bolsos legais.

Ashton franziu a testa.

— Oficial?

Eu balancei a cabeça.

— Bem, ele disse porcos, mas sim. Oficial.

Ele continuou franzindo a testa antes de limpar a garganta.

— Eu gostaria de colocar um programa no seu telefone. O rastreador será conectado diretamente ao meu telefone. Ele localizará onde seu pai está quando ele ligar novamente.

— Não apenas a ligação dele, no entanto. Certo? Ele localizará outras chamadas também.

— Isso é um problema?

Eu abri minha boca. Normalmente, eu diria que sim, porque Shorty Easter instalou uma boa paranoia sobre o governo me rastrear, mas este não era o governo. Era Ashton. Ele tinha razão. Eu tive quatro armas apontadas para mim em um curto espaço de tempo.

Balancei minha cabeça.

— Não. Isso é bom. — Peguei meu telefone, deslizando-o para ele no balcão.

Ele percebeu, mas seus olhos permaneceram em mim.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça.

— Estou bem. Quero dizer, estamos no meio do luxo em termos de lugares para nos escondermos. — Fiz um gesto para o Octavia. — No entanto, estou confusa sobre esse lugar. Não é uma família mafiosa diferente que comanda isso?

— Cole Maurício. Eles são ativos em Chicago, mas a família de Trace e a minha têm um entendimento com eles.

— Eles sabem que somos vizinhos?

— Não, mas eles concordaram em entrar em contato se alguém da família Worthing aparecer. Trace e eu temos uma rede de restaurantes em Chicago e fazemos o mesmo, ou fizemos quando eles estavam em sua própria guerra.

Ah. Minha boca ficou seca novamente.

— Eles ficarão chateados por você estar literalmente ao lado deles?

Ele balançou sua cabeça.

Meu telefone tocou nesse momento.

Ele murmurou:

— Você recebeu uma mensagem de Pialto.

Isso fez minha boca ficar seca novamente.

— Sobre o Easter Lanes?

Seu sorriso desapareceu, mas seus olhos ainda estavam suaves em mim.

— Você não precisa se preocupar com seu boliche.

— Eu me preocupo. Estou perdendo negócios se Glen não o mantiver aberto durante meus dias de pico.

— Glen não está fazendo nada com isso agora.

— O quê?

— Eu disse a ele para fechar e fazer uma viagem. Então ele está seguro.

Eu bufei.

— Para Glen, isso significa ficar escondido em um dos cassinos da sua família e jogar o tempo todo. A definição dele de *fazer uma viagem* é diferente da sua.

— Farei com que meus homens o localizem e, se ele não estiver seguro, nós o deixaremos seguro. Isso funciona?

Balancei a cabeça, surpresa.

— Obrigada por isso. — E então o outro assunto. — O que você quer dizer com não preciso me preocupar com o Easter Lanes?

— Só que você não precisa se preocupar. Fechamos durante esse período. Isso afetará seus negócios, portanto, qualquer receita que você perder, nós a reembolsaremos.

— O quê?

— É um negócio, mas o nosso está afetando o seu. Eu não quero que isso aconteça.

Eu não tinha ideia de como lidar com isso.

— Quero que você reembolse o dobro do que estou perdendo.
— Uma empresária era uma empresária.

Ashton inclinou a cabeça para o lado, seus olhos brilhando.

— Feito. Além disso, será Trace quem cuidará disso. Será entre você e ele.

Eu balancei a cabeça.

— Vou dar a você esse número, quanto eu ganharia em média durante o período em que está fechado?

Ainda brilhando. Ele assentiu.

— Sim. Faremos o dobro. Prometo.

— Ok. Vou considerar isso uma viagem de uma forma estranha.

— O que você costuma fazer nas férias?

Dei de ombros.

— Nunca estive em uma, então não sei.

Seus olhos se aguçaram.

— Você nunca tirou férias?

Eu balancei minha cabeça.

— Nunca tive tempo. Tirar uma folga há algum tempo e ir ao jogo de hóquei foi um grande negócio para mim. Eu não poderia deixar passar.

Seu olhar era pensativo.

— Bom saber. Você é uma *workaholic*.

— Eu sou, acho, mas é meu lugar. Eu amo isso.

— Já reparei.

— Ei, chefe. — Elijah nos interrompeu, vindo de um corredor que eu nem sabia que existia. Ele me viu e parou. — Oh. Desculpe. Eu posso...

— O que é?

Elijah fez uma careta, mas ergueu um tablet.

— Temos movimento no complexo.

Ashton xingou, vindo até mim e dando um beijo na minha testa. Ele pegou o tablet de Elijah com uma mão, sua mão livre percorrendo meu braço e meu lado antes de seguir na direção que Elijah tinha vindo.

Foi então que percebi que não sabia se conseguiria responder à mensagem de Pialto, mas vi e não me preocupei.

Ashton levou meu telefone com ele.

Isso respondia tudo.

CAPÍTULO 43

Molly

Experimentei cinquenta pizzarias diferentes em Nova Iorque. Claro, eles não sabiam que eu experimentei, porque pedíamos para entregar em um lugar que não era nem remotamente perto daqui, e havia todo um sistema elaborado para seguranças que pegavam a comida e a transferiam. Mas eu experimentei e agora era uma especialista.

Eu estava pensando em criar um aplicativo apenas sobre pizzarias em Nova Iorque. Porém, provavelmente já existia um, e então... talvez eu investigasse isso.

Perguntei sobre Jess e Trace, mas Ashton disse que eles estavam em um lugar separado.

— Queremos mantê-los separados, apenas por segurança. Menos exposição.

Isso foi há três semanas e ainda estávamos nessa.

Ashton saía a qualquer hora do dia. Às vezes, ele se deitava na cama por algumas horas e depois saía por três dias. Era uma loucura, mas eles estavam em guerra. O noticiário relatava um enorme aumento de tiroteios criminosos, todos em lugares com ligações com a Máfia.

Eu me perguntei se aqueles eram lugares de Ashton ou Trace, porque eu não sabia muito sobre a família Worthing, que base eles tinham na cidade ou não. Eu estava ficando louca. Ashton me deixava com um dos dois guarda-costas. Eze e Matt. Acho que havia outros no prédio ou lá embaixo, mas quando Ashton saía, um deles estava sempre aqui. Hoje era Eze e segui com minha nova rotina.

Fiz café, levei um para mim e outro para ele.

Eze sempre me olhava, mas eu o cansava. Ele pegou o café, mas o colocou no balcão onde estava.

Fui até o outro lado do balcão e tomei meu café com ele. Não sei se Ashton desaprovava que eles relaxassem comigo, mas eu também sabia como lidar com isso. Como me sentar no mesmo balcão, tomando minha bebida, e de vez em quando Eze cederia e tomaria seu café comigo.

Matt era diferente. Ele era menos estoico que Eze e bebia seu café quase imediatamente, quase antes que eu tivesse tempo de me sentar, então comecei a colocar meu café na mesa antes de entregar o de Matt. Eu corria de volta para o meu lugar e começava a bebericar.

Quando ele terminasse, se terminasse antes de mim, ele me daria um sorriso torto, colocando a xícara de volta na mesa e agradecendo. Depois do café, eu ia para a academia e fazia exercícios ou ioga. Depois um café da manhã tardio ou almoço antecipado, o que

funcionasse. E não importava quem estivesse comigo, eu também faria comida para eles. Era a mesma coisa que o café, exceto que os caras se sentavam à mesa comigo para comer.

As tardes eram gastas me educando.

Eu não sabia quanto tempo isso levaria e não conseguia relaxar o suficiente para ler e me divertir, então comecei a assistir palestras de negócios no YouTube e vídeos sobre funções em grupo. Eu estava convencida de que tinha educação suficiente para ser uma terapeuta de grupo ou assistente de um terapeuta de grupo. Sim. Mais como assistente do assistente do terapeuta de grupo. Eu poderia ser a digitadora.

Depois, jantar cedo e um filme.

Depois do filme era o verdadeiro deleite que comecei a gostar.

Espiar os clientes do Octavia, ou mais especificamente a fila esperando para entrar no Octavia.

Comecei a notar os frequentadores regulares. Os novatos. As pessoas que ficavam lá a noite toda e as pessoas que entravam imediatamente. Eles tinham todo um sistema. Eu era capaz de ver a porta da frente de um lado do andar de Ashton, e se eu escapasse para um pátio, teria uma visão ainda melhor.

Fui lá de novo, no horário de sempre, porque as pessoas começavam a aparecer mesmo por volta das onze.

Havia cobertores lá fora, uma pilha de salgadinhos, e eu nunca tive que me preocupar em ficar quieta, porque a música do clube era um pouco alta, principalmente quando as portas se abriam, mas era principalmente as pessoas ou o trânsito. Onde eu estava sentada no pátio, estava meio escondida por um poste e quem estaria olhando onde eu estava? As janelas atrás de mim estavam todas escuras. A única vez que alguma luz brilhava era quando eu abria a porta para entrar e sair, mas esta noite, eu estava tomando uma bebida, com meus lanches ao meu lado, quando vi um veículo parar.

Os seguranças se aproximaram com seus rádios nas mãos. Um foi até a porta do passageiro da frente. A janela desceu. Eles estavam conversando.

Isso não acontecia. As pessoas paravam seus carros e saíam, depois iam até os seguranças para entrar. Não havia nada disso onde os seguranças iam até o veículo. Eu esperava que fosse uma conversa rápida de sim, eles podiam entrar, ou não, seguiriam em frente. Isso não aconteceu.

O segurança principal estava tendo uma conversa inteira, falando no rádio. Aí saiu um cara de dentro do clube. Ele parecia totalmente oficial e entrou na conversa.

A janela traseira foi abaixada. O cara oficial foi conversar.

Eu estava fascinada.

Anotei a placa do carro. Então o oficial e o segurança começaram a se afastar do veículo, balançando a cabeça. Suas mãos estavam estendidas. Eles estavam gritando.

Ouviru-se um tiro e o veículo saiu em disparada.

Eu suspirei.

O cara oficial estava caído.

O segurança caiu ao seu lado, com o rádio na mão, e mais seguranças saíram correndo do clube.

As pessoas estavam gritando. Metade da fila acabou. A outra metade (eu tinha quase certeza de que a maioria era regular) ficou parada para assistir à ação mais recente.

Em poucos minutos, dois carros de polícia pararam.

Toda a vizinhança estava iluminada em vermelho e azul. Uma ambulância chegou um pouco mais tarde.

Meu telefone começou a tocar. *Ashton ligando.*

Entrei e respondi.

— Olá?

— Diga-me que você não está lá fora, observando o Octavia.

Houve sons altos do seu lado.

— Onde você está?

— Estou indo até você, mas você está dentro. Certo? Certo, Molly?

Olhei para trás. A porta estava fechando.

— Sim. Totalmente dentro.

Ele gemeu.

— Você acabou de entrar, não foi?

— Recuso-me a responder a essa pergunta com base na possibilidade de me incriminar.

— Você não está... isso não é uma piada. O pessoal do Octavia ligou. Foi o gerente noturno que levou um tiro e dizem que é da nossa parte. Eu tenho que saber... — Seu final de repente ficou muito mais claro. — Você está dentro ou não?

— Eu estou.

— Onde está Eze? Elijah o está chamando e não consegue encontrá-lo.

Meu estômago caiu até os pés e me virei lentamente, como se isso fosse afastar qualquer coisa, mas ele não estava lá.

— Não sei.

— Saia daí! Agora!

— Ahhh. — Eu estava correndo, sem saber para onde estava correndo, mas estava correndo. Este deveria ser um lugar seguro. Meus pedidos de pizza os avisaram? Alguém decodificou a criptografia do pombo? O que estava acontecendo? Mas ouvi a descarga do vaso sanitário e parei, com o coração batendo forte.

A porta se abriu.

Comecei a recuar.

Eze saiu, fazendo uma careta. Ele me viu no corredor, encostada na parede, o telefone colado no rosto.

— O que é?

— É Eze?

Estendi o telefone.

— Para você.

Ele franziu a testa, apressando-se e pegando o telefone. Comecei a recuar ao mesmo tempo.

— Inferno... — Ele enfiou a mão no bolso, tirando seu próprio telefone. — Está morto. Não tenho sinal. Uma consciência totalmente diferente tomou conta dele. — O quê? — Ele correu até a porta do pátio, espiando para fora. — Policiais. Ambulância. Pessoas. Vou trancar aqui, mas acho que estamos bem. O telefone dela tem sinal. — Ele se moveu para me encontrar.

Eu estava bem atrás, o mais longe possível dele.

Ele falou ao telefone, estremecendo para mim.

— Ela está aqui. Eu vou trancar. Mudaremos de local.

Um pensamento me ocorreu.

— Espere.

— O quê?

Corri de volta.

— Dê-me o telefone.

Ele o fez, saindo logo em seguida, e eu o ouvi trancar todas as fechaduras da porta.

— O que é? — disse Ashton.

— Eu estava lá fora.

Ele amaldiçoou seu fim.

— Eu não queria que você estivesse lá fora.

— Eu vi.

— Viu o quê?

— O tiroteio. O carro. Eu vi. Por que o pessoal do Octavia diz que foi do nosso lado?

— Porque alguém naquele veículo disse que trabalhava para nós e queria entrar.

— Isso é uma mentira.

— O quê?

— Eu vi tudo. Foi estranho. As pessoas que querem entrar simplesmente entram, ou são rejeitadas. Esse veículo fez com que a equipe fosse até eles. Eles conversaram e discutiram, e então o gerente levou um tiro. Não fomos nós.

— Estou ciente de que não fomos nós. Obrigado.

Ignorei o tom seco de Ashton, dizendo:

— Também consegui o número da placa.

— O quê?

— Eu sou intrometida. E entediada. E eu peguei para ver se você poderia me dar isso.

— O que é?

Voltei para fora, abaixando-me para pegar o bloco que havia deixado cair e voltei para dentro. Eu li para ele.

— Quais são as chances de eles terem registrado um veículo inteiro em seu nome antes de fazer tudo isso?

— As chances são altas.

Oh.

— Qual foi o sentido de manter toda a conversa e dizer a eles que estavam lá para ajudá-lo?

Ele ficou quieto do seu lado.

Eu tinha razão. Levantei meu punho no ar e me dobrei.

— Aposto que eles tiveram que fazer isso porque não registraram as placas para você. Quero dizer, é uma jogada genial tentar afastar você dos donos do Octavia.

— Vamos rastrear o carro.

— Ok. — E eu estava correndo em círculos, com o punho no ar. Booyah.

— Ainda vou fazer você mudar de local...

— Não! Vamos. Eu gosto de ficar aqui. Se eu ficar...

— Você irá para onde Jess está.

— ... isso seria incrível por causa da companhia. Ou ela poderia vir para cá?

— O telefone de Eze perdeu sinal. Não gosto dessa coincidência.

Eu também não, mas ainda não tinha terminado de defender meu caso. Fui para o lado onde não conseguia mais ver a frente do Octavia, mas a grande multidão também me divertia.

— Eu tenho todo um sistema aqui. E nós temos a vantagem. Se eles soubessem que eu estava aqui, não teriam tentado, onde poderíamos vê-los fazer isso em tempo real. Você mesmo disse isso. Ninguém sabe que estamos aqui. Funciona... — Parei, porque o mesmo veículo estava estacionado no final do beco. Na porta dos fundos. Que eu sabia que o Octavia raramente usava, e sabia disso porque estava envolvida numa longa vigilância, para meu próprio prazer.

E eu sabia que ninguém usava aquela porta.

— Estão lá.

— O quê?!

— O mesmo veículo. Carro. As placas são iguais.

— Dê o fora daí.

Aproximei-me, dando um passo até o final do andar.

— Eles não sabem que estou aqui. Estou lhe dizendo... — Eu me interrompi, porque aquela porta que nunca era usada *foi apenas usada*.

Uma mulher e um homem saíram correndo.

— Eles estão pegando pessoas.

— Quem?

Apertei os olhos, tentando ver o melhor que pude.

— Eu não sei. Uma mulher e um homem. Sua cabeça estava baixa e ele tinha uma mão nas costas dela. Ela se destacou mais. Ela era magra. Alta. Cabelo preto. Ela tinha um xale enrolado e saltos prateados. Os saltos eram matadores.

Ele ficou quieto novamente.

— Se eu conseguisse fitas de vigilância, você reconheceria esses sapatos?

Eu estava ouvindo a música tema de *Sex and the City* tocando na minha cabeça.

— Oh, sim. Eu os reconheceria.

Eze estava voltando para dentro. Ouvi as fechaduras sendo destravadas.

— Vamos ficar?

— Não.

— Vamos.

— Não, Molly. A primeira regra é se você achar que sua localização foi descoberta, você se muda.

— Se eles soubessem que estávamos aqui, não teriam voltado para buscar alguém na mesma boate que acabaram de atirar.

— O sinal de Eze pode ter sido interceptado porque eles descobriram que ele é um de seus guardas pessoais. Não vou arriscar a sua vida.

Eu tinha toda uma discussão preparada, mas a porta se abriu novamente e Ashton entrou, todo carrancudo e feroz, e tudo derreteu dentro de mim.

Ele se importava. Isso me atingiu com força no meio do peito. Ele realmente se importava comigo.

Na minha vida, com a forma como cresci, às vezes demorava um pouco para que isso fosse absorvido.

Ele, Ashton, estava sendo absorvido.

Desliguei o telefone e corri até ele.

Seus olhos piscaram uma vez antes de ele largar o telefone, seus braços se abrirem e eu estar no ar. Ele me pegou, minha boca na dele. Eu o estava beijando, porque queria que ele soubesse que eu me importava tanto com ele quanto ele comigo.

— O que é isso?

Balancei a cabeça, sorrindo, e apertei os braços.

— Eu também me importo com você.

Suas sobrancelhas caíram. Um olhar totalmente sombrio tomou conta dele. Seus olhos escureceram, caindo para minha boca, e logo seus lábios estavam de volta nos meus.

Suspirei, sentindo a pressão deles, o gosto quando sua língua deslizou para dentro. Ele estava me beijando e me carregando ao mesmo tempo, mas então estávamos no quarto e ele me deixou cair levemente na cama. Ele se endireitou, caminhou até o armário e trouxe uma bolsa para mim.

— Coloque seus itens indispensáveis aqui. Partimos em dez minutos. Nós estamos indo para onde Trace e Jess estão.

Dez minutos. Entendi. Levantei-me, inclinando-me, e toquei seus lábios nos meus novamente.

Eu só precisava de oito.

CAPÍTULO 44

Ashton

— Ela estava certa? — Trace se juntou a mim no fundo da cozinha, onde eu estava, com uma bebida na mão, mas principalmente observando Molly interagir com Jess. Elas estavam do outro lado da cozinha, preparando a refeição para o jantar.

Eu balancei a cabeça, indicando para irmos para algum lugar privado.

Ele me seguiu, saindo para a varanda dos fundos das três estações.

— O carro foi registrado em nome da avó de um cara que trabalha para Crispin Worthing.

— Crispin?

— Quem ainda temos trancado no complexo. Avery fez contato quando contei a ele as últimas novidades. Ele está progredindo com os dois Worthing, mas a maior informação que eles revelaram é que Nicolai tem um patrocinador. Um grande patrocinador, maior do que qualquer um.

— Isso não é bom. — Trace perguntou: — Mauricio entrou em contato sobre o tiroteio hoje à noite?

— Sim. contei a ele o que aconteceu, enviei o registro e ele ficou bem. Os números colaboraram com suas câmeras de segurança.

— Ele vai deixar Molly assistir às fitas de segurança?

— Estão sendo compilados em fotos e serão enviados assim que estiverem prontas. Ele disse que eles poderiam resolver tudo em uma hora.

Ele assobiou.

— É rápido. Você disse a ele que estávamos de olho no clube dele?

— Eu disse a ele que era uma coincidência, que um funcionário estava passando por mim no momento do tiroteio.

Trace bufou.

— De jeito nenhum ele vai acreditar nisso. Maurício é inteligente.

— Eu sei, mas Cole Mauricio não quer guerrear conosco. Ele mencionou mais empreendimentos comerciais que gostaria de abrir em Nova Iorque.

— É mais fácil trabalhar com famílias que você conhece do que com famílias novas e repentinamente ambiciosas.

— E imprevisível.

— Ainda. — Trace me lançou um sorriso. — Você sabe que Mauricio gosta da gente.

— Ele gosta mais de você.

Olhei para trás, observando Molly enquanto ela sorria e contava a Jess sobre os clientes do Octavia. Ela estava balançando um descascador de batatas no ar, Jess pegou a arma dela e deu-lhe uma tigela de alface romana para rasgar. Jess assumiu as batatas. Provavelmente uma escolha inteligente.

— Como está Jess?

Trace olhou para onde eu estava observando.

— Ela está bem.

Continuei observando as duas.

— Elas mudam as coisas, não é? Envolvê-las.

— Elas não mudam quem somos. Apenas nos tornam homens melhores.

Talvez ele estivesse certo, mas eu me sentia diferente.

— Esta guerra está demorando demais.

— Às vezes, isso pode levar anos.

Eu dei uma olhada nele. Molly não ficaria escondida por anos.

Trace sabia o que eu estava dizendo a ele e inclinou a cabeça, suspirando.

— A mãe de Jess tem que voltar para o hospital. Ela insiste em levá-la.

— Faça com que um de seus homens a leve.

— Ela não irá. É Jess ou ninguém. Jess sabe disso, então amanhã à tarde minha mulher será exposta. Posso enviar tantos homens quanto possível para protegê-la, mas a verdade é que se Nicolai Worthing tiver alguma inteligência, ele manterá a mãe dela sob vigilância e eles reportarão a atividade. Ele fará o seu movimento quando elas estiverem saindo.

— Então deixe Jess levá-la e mude como ela volta para casa.

Ele olhou em minha direção.

— Ele poderia bater na mãe dela. Apenas acabar com isso, dar um golpe fatal, porque a mãe dela se recusa a se esconder.

— Ele poderia, sim; mas então retribuiríamos matando seus primos.

Ele assentiu, outro longo suspiro.

— Eu sei. Olho por olho. Temos atacado os negócios dele. Tentando machucá-lo dessa maneira.

— O que está funcionando — aponte, e estava. — Tomamos esta decisão para tentar reduzir a perda de vidas extras, de ambos os lados. Negócios. Quando eles estão vazios. Foi isso que decidimos. E ele está perdendo seus apoiadores.

— Mas ele ainda está vindo até nós.

Ele estava certo. Assumimos nossas perdas – 20% de nossos negócios foram atingidos por seus homens – e eliminamos 80% dos dele. Não importava o que Trace estava dizendo, estávamos ganhando.

— Recebi uma ligação do fornecedor dele hoje.

Eu grunhi.

— E?

— Ele está aberto a trocar de parceiro.

Isso era uma grande conquista.

— Quando essa ligação chegou?

— Vinte minutos atrás. É por isso que vim encontrar você.

Estudei-o, vendo e sentindo as sombras em seu olhar.

— Com o que você está preocupado?

— Quem ele atacará quando estiver em sua última etapa. — O olhar de Trace estava diretamente em Jess. Ela havia descascado as batatas e agora estava cortando-as e colocando-as numa panela no fogão. — É amanhã. Ela está indo para lá e não posso trancá-la em um quarto, como adoraria. Nós brigamos muito por isso, mas é por isso que eu a amo. Parte do motivo. Ela ama e protege tanto. Maldito seja quem tentar ficar no caminho dela.

— Deixe-me conversar com ela.

Ele me lançou um olhar.

— Certo. Você só quer irritá-la.

Não havia nada de errado em irritar a policial.

— Isso mostra que você não mudou *muito*.

Voltei a observar Molly. Tudo mudou em mim.

— Sim. Eu mudei.

CAPÍTULO 45

Molly

— Eu vou. — Eu estava seguindo Ashton pela sala na manhã seguinte.

— Você não vai.

Durante o jantar de ontem à noite, um jantar muito, muito tardio, descobri que Jess estava indo com a mãe para o hospital. Naquele momento e ali, eu sabia que tinha que ir. Eu não sabia explicar por quê. Não havia nenhuma lógica racional para eu ir, mas *tinha* que ir. Eu simplesmente sabia disso. Meu intestino estava provocando algo ruim e não achei que fosse a alface que esqueci de lavar.

Eu era a consertadora deste grupo. Era meu trabalho ir e ele precisava entender isso.

Eu estava defendendo minha causa esta manhã apenas repetindo que iria, porque ele havia parado de ouvir sobre a dinâmica e os papéis do grupo.

Meu plano de ataque era cansá-lo e estava funcionando.

Ele pegou uma gravata e colocou-a no pescoço.

— Você não vai. Você tem que olhar as fotos da segurança do Octavia, lembra?

— Eu tenho que ir. As fotos podem esperar.

Ele terminou de passar a gravata pelo buraco e apertou-a.

— Isso parece bom?

Não parecia. Eu entrei, corrigindo-a.

— Então.

Suas mãos foram para meus quadris.

— Não.

— Eu vou.

Ele se afastou para se olhar no espelho.

— Você não vai. Obrigado por isso.

Ele estava vestindo o paletó, e caramba. Muito o tipo perigoso nos negócios da Máfia. Como ele parecia tão bem e fui eu quem o pegou?

Então voltei para a missão.

— Eu tenho que ir.

Ele checkou o telefone, respondeu a uma mensagem e abriu a porta do quarto, seguindo pelo corredor, subindo as escadas – sim, estávamos no porão, mas tínhamos uma saída secreta e era muito legal –, e ao redor para a cozinha. Havia vozes conversando. Reconheci Jess e Trace, e o segui, mas não terminei.

— Você está me ignorando?

Ele entrou na cozinha.

— Bom dia, pessoal.

Trace e Jess estavam debruçados sobre um tablet no outro lado do balcão principal.

— Ei. — Esse era Trace. Ele franziu a testa para mim. Eu ainda estava com meu roupão, por que quem não estaria se tivesse a opção de usar um robe felpudo que parecesse o paraíso? — O que está acontecendo?

Virei-me para Ashton.

— Eu tenho que ir. Não estou pedindo mais.

Ele apertou o botão de preparação e virou os olhos penetrantes para mim.

— Com licença?

Corei, mas levantei meu queixo mais alto.

— Estou dizendo a você. Vida ou morte...

Seus olhos brilharam.

— Exatamente. Não estou arriscando você.

— ... se eu não for. Eu tenho que ir. — Estava ciente de que meu argumento não era o melhor.

— Ir? — Trace se aproximou de nós.

Ashton olhou em sua direção.

— O gênio aqui...

Eu sorri.

— ... decidi que tem que ir com Jess hoje. Jess e a mãe dela.

— O quê? — A cabeça de Jess levantou-se do tablet. Sua carranca foi imediata. — Não.

— Sim. — Eu balancei a cabeça. Decidida.

— Sem chance.

Trace olhou para ela, recuando com seu próprio café na mão.

A máquina começou a fermentar atrás de Ashton.

— Eu não quero que você vá. Jess não quer que você vá. Você não está indo.

— Trace não disse nada.

Trace ergueu a mão.

— Eu não quero que você vá.

Meu intestino estava queimando novamente, torcendo-se e agitando-se como um tornado com SII.

— Eu tenho que ir.

— Por quê? — Isso foi de Jess.

Balancei a cabeça, levantando os ombros.

— É um sentimento. Eu tenho que ir. Tipo, se eu não for, sei que algo ruim vai acontecer.

— Você está com amnésia sobre todas as vezes que *não* estava perto de mim? Quantas armas foram apontadas para você?

Eu corei novamente. Ele estava meio certo sobre isso.

— É um pressentimento, Ashton.

Ele suspirou, pegando uma xícara e servindo café nela. Ele colocou a cafeteira de volta, colocou um pouco de creme no café e depois a trouxe para mim. Ele a segurou na frente dele, aproximando-se. Sua cabeça se inclinou em minha direção, seus olhos penetrantes. Sua boca estava em uma linha firme. Ele abaixou a voz, e a estava sentindo na minha barriga.

— Eu não posso perder você.

E o mesmo intestino deu um giro completo de trezentos e sessenta por causa do calor. Nós chegamos tão longe dele querer me usar como isca. Estendi a mão para pegar o café, mas ele não desistiu.

Sussurrei, olhando de volta para ele:

— Algo ruim vai acontecer se eu não for.

Seus olhos brilharam.

Os meus também, e tirei a xícara de café de suas mãos, lentamente, mas determinada. Estávamos tendo uma conversa dentro de uma conversa aqui.

— Você precisa confiar em mim com isso.

— Não — mas ele sussurrou a palavra.

— Sim — eu sussurrei de volta. — Não tenho esses sentimentos com frequência, mas quando os tenho, eles estão sempre certos.

— Ashton — Trace falou, a alguns metros de distância. — Se ela está tendo esse sentimento, então...

Fechei os olhos, rezando para que Ashton o ouvisse.

Quando os abri, Ashton não tinha se movido. Ele ainda estava olhando para mim.

— Eu sei que você precisa de um motivo melhor do que meu instinto, mas isso é tudo que tenho. Eu tenho que ir.

— Eu não quero que ela vá. — A voz de Jess soou alta e autoritária.

Ashton fechou os olhos agora.

Inclinei minha cabeça em torno de Ashton para vê-la.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Só vou porque minha mãe está insistindo comigo. Acredite em mim, se eu pudesse ficar escondida durante esse tempo, eu o faria. — Trace rapidamente olhou em sua direção e ela olhou para ele. — Não sou fã disso, mas conheço os perigos. Também sei que se algum dia visse Nicolai Worthing, aquele idiota, na vida real, provavelmente atiraria nele, mas, dito tudo isso, concordo com Ashton.

Ashton bufou.

— Eu concordo com esse idiota aqui, que você não deveria ir. Fique aqui e permaneça segura.

— Não vou reagir a isso, porque você é *muito* importante para mim. — Ashton lançou-lhe um breve olhar.

Ela revirou os olhos.

Eu ainda tinha trabalho a fazer com eles.

Ashton se virou para mim e, como eu estava segurando o café, ele tocou meus quadris, puxando-me para mais perto dele. Inclinando-se, ele encostou a testa na minha e sussurrou:

— Não posso deixar você ir.

— Mas...

— Se algo acontecesse com você? Você não entende? Se algo acontecesse com *você*?

Ele estava deixando a questão suspensa para mim, e caramba. Essa era uma boa tática. O calor subiu em meu peito, aliviando um pouco da sensação ruim no estômago, e eu estava entendendo. Eu. Eu era importante para ele.

Você foge e eu vou queimar o mundo por você. Lembrei-me de suas palavras. Um arrepio passou por mim.

— Três tios. Meu avô. Você *não*. — Ele moveu a cabeça, seus lábios pressionando um beijo suave na minha testa. — Você não.

Minha garganta se fechou. Uma memória diferente estava vindo para mim. Levantei minha cabeça para olhá-lo nos olhos. A mãe dele. Minha mãe. Nunca conversamos sobre porque ele queria a verdade, e eu tinha esquecido até agora. Como pude ter esquecido disso? Talvez minha própria mãe tivesse problemas? Eu não sabia. Eu não gostava de pensar nela, mas essa era outra camada entre nós, e eu a sentia pulsando.

Suspirei.

— Ok. Tudo bem, mas se eu não for hoje, então você precisa esclarecer isso.

Ashton se endireitou, franzindo a testa.

— O que você está falando?

Balancei a cabeça para ele e Jess.

— Vocês dois. Ambos. Nenhum de vocês vai me contar o que aconteceu, mas sei que algo aconteceu. O que foi isso?

— Agora não é hora... — Jess começou a dizer.

— Então, quando é? — eu cortei.

— Molly.

Levantei a mão, afastando-me de Ashton.

Trace não estava dizendo uma palavra.

— Há uma dinâmica de grupo aqui. Entre todos vocês. Estou atrasada no grupo, mas estou aqui. Eu conheço meu papel. Eu conheço todos os seus papéis. Você? — Fiz um gesto para Ashton. — Ele já sabe. Já divaguei sobre isso com ele, mas estou falando sério.

— Molly. — Jess já estava balançando a cabeça.

— Estou falando sério, Jess. Você vai se casar com aquele homem. Ele está no meio de uma guerra com o homem ao meu lado.

Há uma história tensa entre vocês dois e isso precisa ser resolvido. Hoje. Agora. Antes de você sair, porque *estou* com um mau pressentimento.

Ela não disse nada.

Ashton também não.

Trace estava observando Jess com um olhar pensativo.

— O que aconteceu? O que foi tão horrível...

— Eu a torturei.

Minha cabeça se voltou para Ashton, para sua declaração repentina, e ele estava me observando, esperando. Esperando pelo quê? Eu fiz uma careta.

— Tortura? — eu sussurrei. — Você a torturou?

— Foi naquela noite quando fui buscá-la no Easter Lanes. — Sua escuridão. Eu senti isso de novo, mas a minha estava aumentando. A escuridão que eu gostava de fingir que não existia, mas existia, e eu sabia disso, ele sabia disso e ele aceitava.

Ele me aceitou.

Você foge e eu vou queimar o mundo por você.

Ele ficou em silêncio depois disso, mas eu ainda esperava por mais informações. Mais uma explicação. Ele não estava dando para mim.

— Você vai lançar essa bomba e não dizer mais nada?

— Tínhamos uma toupeira. Eu precisava ter certeza de que não era ela. — Sua mandíbula apertou. Seus olhos estavam brilhando antes de ele os inclinar. Uma parede deslizou de volta ao lugar. Eu senti a corrente de ar pelo quão frio ele ficou. Ele estava voltando à configuração padrão.

Minha própria mandíbula apertou.

Trace ainda estava observando Jess. Eu só consegui balançar a cabeça.

— Você não tem nada a acrescentar? Ele é seu melhor amigo.

Trace mudou sua atenção para mim, mal piscando.

— Ele e eu resolvemos as coisas.

— Ele me colocou no hospital.

Trace ecoou.

— Eu o coloquei no hospital.

Jess não estava olhando para ninguém. Sua cabeça estava baixa e suas mãos abriam e fechavam em punhos.

— E você?

Ela levantou a cabeça agora, com os olhos doloridos. Assombrada.

— Não há nada que possa ser dito depois do que ele fez comigo.

Fui em direção a ela.

— Você está bem em deixá-lo pendurado para secar? Entre ele e seu namorado?

Eu estava focada em Jess, mas senti a cabeça de Trace apontando para a minha.

Os olhos de Jess se arregalaram, só um pouquinho. Um pouco de sangue foi drenado de seu rosto e ela disse com os dentes cerrados:

— Não é realmente o melhor momento para lembrar, Molly. Especialmente considerando para onde estou indo e quais notícias posso receber sobre a saúde da minha mãe. Além disso, especialmente considerando o seu sentimento *ruim*. Por que você está empurrando isso?

— O que você precisa dele?

Ela se encolheu, cautelosamente.

— O que você quer dizer?

— O que você precisa dele para melhorar?

Ela abriu a boca e depois fechou. Ela encolheu os ombros.

— Ele já está fazendo isso.

— Eu estou?

Ela não olhou em sua direção, mas abaixou a cabeça.

— Você está procurando pelo assassino de Kelly. Palavras não podem desfazer o que você fez. — Ela levantou a cabeça, *agora* vendendo-o. Ela mal se encolheu desta vez. — Eu sei por que você fez o que fez, mas você fez isso *comigo*. E você fez isso pelas costas de Trace, e até isso eu entendo, mas nenhuma palavra pode eliminar esse dano. Você já lançou as bases. Você se desculpou. Você quis dizer isso, e agora, fazer é a melhor maneira de curar qualquer coisa. Eu deixaria você me torturar infinitas vezes se isso significasse que você encontraria o assassino de Kelly apenas uma vez. Eu a *amava*. Ela era minha família. Minha, e alguém a tirou de mim. Justin também era um bom homem. Eles levaram o futuro de ambos. Eles a levaram. — Suas palavras ficaram grossas. Um soluço saiu. — Os filhos dela seriam minhas sobrinhas, sobrinhos. Poderia não estar com eles, mas saberia sobre eles. Eu saberia *que* ela estava feliz e finalmente, Deus, finalmente, ele a faria feliz para sempre. Eles tiraram isso dela, então você e eu não importa mais. Só quero descobrir quem a matou. Encontre-os e estaremos sólidos.

— Confie em mim — Ashton cortou. — *Estou* trabalhando nisso.

— Nós sabemos. — Trace moveu-se para Jess, uma mão curvada sobre seu ombro. Ela estendeu a mão, agarrando-o. Ele a puxou para seu peito. — Ela está lentamente deixando isso passar, mas ele não sabia disso. — Ele olhou na direção de Ashton. — Nós ficaremos bem. Todos nós. Acredite.

Os dois estavam compartilhando um olhar. Foi quente e longo,

e de alguma forma, quando Ashton assentiu, piscando rapidamente, eu estava pensando que algo de bom tinha acontecido aqui.

— Eu não preciso de palavras — Jess me disse, segurando firme a mão de Trace. — As palavras são vazias para mim. Nunca dei muita importância a elas, mas sim as ações. Isso leva tempo e — ela olhou na direção de Ashton — está acontecendo. Estou bem com isso.

Ele balançou a cabeça em outro aceno, piscando novamente antes de focar em mim.

— E você?

— Eu?

— Você descobriu que eu torturei sua amiga. Você vai me julgar? — Aqueles olhos dele, tão escuros e tão desafiadores agora, mas eu sabia que não. Eu o conhecia melhor.

Eu mudei de posição.

— Você está arrependido de ter feito isso?

— Sim — ele respondeu.

Eu já sabia minha resposta, e ele deveria saber também, mas tudo bem. Eu amarraria isso.

— Você fará isso de novo?

Ele franziu a testa.

— Com ela não.

Trace bufou.

Jess lançou-lhe um olhar.

Ashton ignorou os dois. Seu olhar estava focado em mim. Suas palavras foram apenas para mim.

— O que mais?

Ele estava perguntando o que mais eu precisava saber. O que mais eu *precisava*? Eu precisava que ele me conhecesse melhor.

— Você deveria saber mais — repreendi, suavemente. Seus olhos brilharam, mas acrescentei: — Se você pudesse fazer isso de novo, você teria...

— Nunca. — Sua resposta veio tão rápido depois da minha pergunta. — Eu nunca faria isso de novo. Houve um tempo em que pensei que sim. — Ele mudou seu olhar para Trace. — Uma época em que eu estava cheio de autojustificação sobre o que era *melhor* para as famílias, mas isso foi antes de entender. — Seu olhar deslizou de Trace para Jess, depois para mim. Um fogo extra foi aceso ali, queimando em mim. — Antes que eu conseguisse.

Senti aquela queimação no estômago.

— Você disse que eu deveria saber mais, mas eu sei, e preciso que você saiba disso. — Ele disse rapidamente: — Se Trace alguma vez tocar em *você*? Levar *você*? Colocar *você* em uma cadeira? Fazer você se sentir como se estivesse se afogando repetidamente? Se ele ousasse considerar fazer algo assim com você, eu...

Trocamos um olhar e uma pulsação passou entre nós.

Você não é mais a mulher que vou usar para acabar com esta guerra. Você é a razão desta guerra, porque se alguém machucar você, tocar você, eu mato. Você está me ouvindo? Todos eles.

Ele se interrompeu antes de desviar o olhar. Ele disse a Trace:

— Você mostrou moderação quando me colocou no hospital.

— Você tem razão. Eu fiz. *De nada.*

Ele mudou para Jess.

— Sinto muito por ter machucado *você.*

Ela respirou fundo, piscando enquanto seus olhos ficavam úmidos, antes de assentir.

— Obrigada.

Ele sustentou o olhar dela por um segundo antes de desviar sua atenção para mim. Seus olhos se suavizaram.

— De nós dois, Trace é o melhor homem.

Aquela queimação estava de volta dentro de mim e aumentando, espalhando-se por mim.

— Você deveria saber mais — eu disse de novo. Suavemente.

Sua mandíbula apertou e seu tom suavizou.

— Você deveria estar me julgando.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não fui construída dessa maneira. De nós dois, *sou eu* quem fará algo estúpido. Lembra?

O canto da boca de Ashton se curvou.

— Às vezes, gosto quando você faz coisas estúpidas. Eu posso ser o mocinho. — Ele lançou um olhar para Trace antes de diminuir a distância entre nós. Ele me puxou para ele. Sua mão deslizou para minha nuca e ele mergulhou, sua boca encontrando a minha. Ele sussurrou ali, só para eu ouvir: — Eu *nunca* vou perder você. Eu me recuso.

Para uma garota como eu, essas palavras deixaram meus nervos agitados. Meu trabalho estava feito.

Havia uma paz extra entre o grupo.

CAPÍTULO 46

Molly

Matt estava do lado de fora da porta do meu quarto, e eu ampliei meu leque, dizendo para ele não me incomodar por algumas horas. Eu iria tirar uma soneca muito necessária.

Toda a minha loucura. Todas as vezes que reagi às situações e acabei piorando as coisas. Na maioria das vezes, não tomava uma decisão consciente. Eu apenas sentia a mudança acontecendo, e então, *bam*, estava reagindo e fazendo coisas estúpidas para colocar meus entes queridos em perigo.

Isso era diferente. Eu estava *escolhendo* fazer algo estúpido, mas estava fazendo isso para salvar alguém que amava.

Então, eu escapei usando a saída secreta.

Ashton não deveria ter me contado sobre isso, porque seria minha porta de entrada pessoal. Além disso, era simplesmente incrível, porque havia um túnel que passava por baixo de um outro prédio. Saía em uma rua lateral, mas como ninguém pensava que eu sabia sobre isso, e duvidava que Ashton pensasse que eu iria usá-la, usei-a totalmente.

O mesmo sedã cinza que usamos para buscar meu pai estava me esperando atrás de uma lixeira. Eu corri.

— Vai! Vai! Vai. — Atirei-me no banco de trás, caindo sobre embalagens de doces e sacos de salgadinhos.

Pialto guinchou no banco da frente, mas pisou no acelerador e partimos.

— Molly Easter! Você me causou um ataque cardíaco.

Peguei um saco de Doritos e olhei dentro. Ainda havia chips dentro.

— Quantos anos tem este saco?

— Qual deles?

Sentei-me, por pouco, apoiando o queixo nas costas do assento dele na seção do meio, e apoiei o saco na borda do assento.

— Este.

Ele olhou para ele e ergueu o ombro.

— Não faço ideia, mas eu não comeria nada.

Eu o joguei por cima do ombro, mantendo a cabeça erguida e o queixo apoiado no assento.

Ele sorriu para mim sobre seu ombro antes de se curvar, com o boné puxado para baixo. Ele continuou dirigindo.

— É bom ver você, chefe.

Eu ri. Chefe. Era bom ouvir isso.

— Você também.

Ele riu, segurando o punho em minha direção.

Eu bati com o meu. Nós dois fingimos que explodiu. Embora provavelmente não fosse a melhor ideia, considerando a porta do meu apartamento. Eu fiz uma careta.

— Eu sinto que estou tirando você da prisão.

— Você meio que está.

— Estamos indo para o hospital?

Balancei a cabeça, ficando sério e verificando meu telefone.

— A mãe de Jess tem um compromisso lá em uma hora.

— Qual é o plano?

Eu me encolhi.

Pialto percebeu o estremecimento.

— Oh, não. Diga-me que você tem um plano. Você está se colocando em perigo por...

— Tenho um plano! — Eu não tinha um plano. Ou, bem, meu plano era nos levar para dentro do hospital, e deveríamos ficar bem. Havia tantos visitantes andando por lá; ninguém pensaria em dar um alarme sobre nós.

Então sim. Eu tinha um plano.

— O que é? Estou arriscando meu pescoço aqui também. Seu homem é perigoso e mortal, e dizem que ele gosta de ser cruel com seus inimigos. — Pialto continuou apertando e reapertando o volante. Ele começou a murmurar em espanhol.

— Ei. — Toquei seu ombro. — Não vou deixar Ashton fazer nada. Prometo.

— E se algo acontecer com você? — Ele esticou o pescoço o suficiente para sibilar: — *Você não estará por perto para salvar minha pele!*

— Eu vou assombrá-lo.

Ele voltou a murmurar em espanhol.

— Não está ajudando, Mols. Mas é bom ver você.

Sufoquei uma risada e caí para trás, mas levantei as pernas para não ficar deitada no banco. Eu estava sentada, caída.

— Você também. Senti falta de vocês. Como está Sophie?

— Ela vai ficar chateada por não termos ligado para ela também.

Meu coração se apertou. Ele estava certo, mas seria outra pessoa em perigo.

— Quando chegarmos lá, você me deixa. Eu seguirei a partir daí.

— Okay, certo. Discutiremos sobre isso quando chegarmos lá. Ele estava certo. Uma luta de cada vez.



A consulta da mãe de Jess era na clínica do hospital, mas só precisávamos entrar. Esse era o primeiro passo. A outra parte do meu plano era abandonar Pialto, porque ele discutiria sobre ir comigo, mas eu não precisava colocar ainda mais pessoas em perigo. Estava seguindo a orientação de que se alguém estivesse comigo e eu estivesse fazendo algo estúpido, as chances eram altas de que alguém tivesse uma arma apontada para ele. Por causa disso, logo que ele parou o carro, eu saí correndo.

— Ei! — ele gritou pela janela.

Eu lancei-lhe um sorriso e dois polegares para cima, depois saí em direção à entrada do pronto-socorro, porque um carro tinha acabado de parar. Um cara correu, gritando por socorro, e *bam*, eu estava lá.

— Posso ajudar. O que está acontecendo?

Ele me deu uma olhada superficial antes de abrir a porta.

— Minha esposa está em trabalho de parto.

Entendi. Eu não sabia nada sobre o processo de nascimento.

— Há quanto tempo a bolsa estourou?

— Dois minutos.

Nós dois nos inclinamos, ajudando sua esposa. Gritei por cima do ombro:

— Precisamos de uma cadeira de rodas!

— Você a pegou? Preciso estacionar o carro.

— Eu a peguei.

— Ok. Aqui. — Ele me deu uma bolsa e deu um beijo em sua testa. — Já volto, querida.

Ela estava gritando, mas agarrou a mão dele e apertou. Bem forte. Pensei ter ouvido um estalo antes de ele se libertar, com o rosto todo torcido, antes de voltar para o carro.

A enfermeira estava trazendo uma cadeira.

— O que está acontecendo?

— A bolsa dela estourou há dois minutos. — *Aja como se você devesse estar aqui. Aja como se você devesse estar aqui.* Isso se repetia na minha cabeça, e a enfermeira olhou para mim uma vez, com a testa franzida, antes de a mulher começar a gritar novamente. — Está bem, está bem. — Ela assumiu quando a colocamos na cadeira.

Eu segui com a bolsa.

Os seguranças acenaram para que entrássemos, mas me fizeram passar pelos detectores de metal. Assim que fui liberada, peguei a bolsa dela e corri até onde a enfermeira tinha ido.

Eles a colocaram em um quarto.

Coloquei a bolsa dela no chão e dei um tapinha em sua mão.

— Vou contar ao seu marido onde você está.

Eu me movi, indo para a esquerda, e continuei andando. Eu

estava dentro do santuário interno. Eu poderia dar a volta agora. Isso foi até chegar à porta da escada e abri-la, pensando em descer para o porão. Exceto que Pialto estava lá.

Eu gritei e coloquei a mão sobre minha própria boca. Dei um tapa nele, entrando.

— O que você está fazendo?

— O que você acha que estou fazendo? — ele sibilou de volta. — Eu tirei você de lá. Você é minha responsabilidade até que esteja de volta e em segurança. Se uma bala vier na sua direção, eu estou pulando no caminho.

Fiquei olhando para ele, mas isso era meio gentil da parte dele.

— Não, você não vai. Leve o carro da sua avó de volta antes que ela descubra que ele sumiu.

— Não.

— Pialto.

— Molly. — Nós dois estávamos com os braços cruzados sobre o peito, mas não podia discutir com ele por muito tempo. A consulta seria em dez minutos.

— Eu tenho que ir.

Comecei a sair em direção ao porão.

Pialto estava logo atrás de mim.

— Temos que ir.

— Ah. Vá para casa. — Continuei descendo.

— Ah, de volta. Vai você para casa.

Empurrei a porta, virando à esquerda para onde ficavam os consultórios da clínica. Ele estava bem ao meu lado.

Eu lancei um olhar para ele. Ele atirou de volta.

Havia pessoas vindo em nossa direção, mas poderíamos estar aqui embaixo. Já estive aqui outras vezes quando meu pai quebrou o nariz ou quebrou uma costela. Havia uma sala onde podíamos aquecer nossa própria comida. Era uma sala secreta, mas eu já tinha estado lá o suficiente, sabia que as pessoas poderiam usá-la.

Passamos por um grupo de enfermeiras com lancheiras térmicas nas mãos. Nenhuma delas prestou atenção em nós.

Eu contava com isso.

— Você sabe para onde está indo?

— Eu... — Viramos o corredor e havia uma parede. Não havia uma parede ali da última vez que estive aqui. — Uh. — Empurrei a porta da escada. — Estamos subindo.

Para cima e para a esquerda. Todo o caminho para a esquerda. Eu estava nos liderando, andando pelo corredor e passando por portas que não pareciam que iriam disparar um alarme até... sucesso. Estávamos na parte de trás – eu era tão burra. Olhei para cima. Havia sinalização para a área da clínica e quem nos procurava? Ninguém.

Ninguém tinha ideia de que não deveríamos estar aqui. Eu tornei tudo mais complicado do que precisava ser.

Pialto apontou para cima.

— Isso diz clínica. Em qual deles é o compromisso da sua amiga?

Eu abri minha boca... e fechei. Eu não tinha ideia.

Mas olhei para o meu telefone e gritei, porque perderíamos elas. Saí correndo.

— O que estamos fazendo? — Pialto voltou a sibilar.

— Não sei. Basta procurar Jess, ok?

— Jess Montell?

— Sim.

— Estamos aqui seguindo sua amiga policial? — ainda sibilando.

Eu estava olhando em cada consultório enquanto passávamos por eles.

— Sim. Por quê? — Além disso: — Ela era oficial de condicional.

— Eu não ligo. Ela me assusta ainda mais do que o seu homem.

— Então vá para casa!

— Não!

Uma senhora idosa saiu do banheiro e nos lançou um olhar perplexo quando passamos por ela, ambos correndo, ambas sibilando um para o outro.

— Ah! — Pialto me abordou, seus braços me envolveram e me empurraram para uma porta. Havia um grande cartaz bem ao nosso lado.

— O quê? — Tentei ver ao redor dele. — O que é?

— Eu encontrei sua amiga.

Eu me animei.

— Ótimo! Onde?

Ele me soltou, recuando um passo e espiando pelo corredor.

— Elas foram para a oncologia – oooh. Oh, não.

Oncologia?

Não...

Passsei por ele e pude ver Jess com a mãe na recepção. Os guardas de Jess estavam com ela. Um estava voltando em direção à porta.

Eu gritei, agarrando Pialto e empurrando-o para trás.

Examinei a entrada também e vi mais dois guardas de Trace lá, mas eles não estavam olhando para nós. Eles estavam olhando para fora.

Voltei, quase jogando Pialto contra a porta atrás de nós.

— O que é?

Eu espiei de volta. Aquele guarda estava do lado de fora da porta, mas estava ao telefone.

Mudei-me quando ele começou a olhar em nossa direção.

— Não sei — respondi a Pialto.

— Você queria vir e encontrá-las para este compromisso.

Certo?

Eu balancei a cabeça.

— Elas estão bem ali. Vá e junte-se a elas.

Eu balancei minha cabeça.

— Não parece certo. — Se eu me juntasse a elas, Jess faria uma ligação e me mandaria para casa. Eu ainda estava com esse mau pressentimento, dando um nó inteiro.

— O que você vai fazer? Não podemos ficar aqui o tempo todo. Esta porta acabará por se abrir.

Virei-me, avaliando a porta. Era o armário de um zelador.

— Acho que estamos bem por um tempo.

— Oh. Sim. Provavelmente.

Nós esperamos.

Eu não tinha ideia do que estava fazendo e, depois de trinta minutos, pensei que tudo isso era uma ideia tola. Foi quando ouvi uma voz clara atrás de nós.

Eu congelei, primeiro pensando que era Ashton. Ele nos encontrou! Mas não. Era a enfermeira Sloane.

Ela estava bem à vista do guarda de Jess. Suas mãos foram para os quadris e ela inclinou a cabeça para o lado.

— O que você está fazendo?

— Uh...

Pialto saltou para o corredor e estendeu o braço.

— Eu estava pensando que isso poderia ser câncer. O que você acha? — Ele apontou para uma de suas pintas e, para seu crédito, ela havia ficado maior no ano passado. Esta não era uma conversa nova ou mesmo uma brincadeira. Ele realmente estava pedindo a opinião dela.

Ela franziu a testa.

— O quê? — Ela fez um gesto para mim. — Estou falando com ela. O que você está fazendo aqui?

Encostei-me na porta.

— Estamos aqui para cuidar de Jess.

— Jess? — A enfermeira Sloane empalideceu, o rosto parecendo assombrado por um breve segundo. — Jess Montell?

Pialto arriscou um olhar. Seus ombros caíram enquanto ele exalava um suspiro profundo.

— Ele não está lá.

Oh, o quê?! Eu balancei minha cabeça para fora. Ele não estava lá, mas os outros dois guardas ainda estavam do lado de fora. Onde estava aquele guarda?

Aquela sensação agitada estava de volta. Algo estava errado. Algo estava prestes a acontecer.

Não, não, não.

Comecei a correr em direção à clínica oncológica.

— Molly! O que você está fazendo?

— Volte, enfermeira Sloane.

— O quê?

Estendi a mão para a porta, abrindo-a. Pude ver o outro guarda que havia entrado com eles. Ele estava no corredor, do lado de fora de uma porta, e olhou diretamente para mim. Suas sobrancelhas subiram. Ele pegou seu rádio.

Eu olhei para trás. Os outros dois guardas estavam lá dentro. Um ficou. O outro estava chegando.

Ignorei todos os motivos e passei correndo pela recepção, pelas enfermeiras que agora gritavam comigo, e corri na direção dele.

— Seu outro cara se foi.

Ele franziu a testa para mim, mas seu rádio estava estalando. Uma voz saiu. Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo, mas isso o fez enrijecer.

— Vá. Eu sabia que algo ruim iria acontecer. Algo está errado.

Ele não foi. Ele abriu a porta do consultório.

Jess e sua mãe estavam lá dentro, uma médica do outro lado da mesa.

Jess me viu.

— Molly?

O guarda falou:

— Derek saiu de seu posto. Precisamos ir embora.

— Mas... — sua mãe começou a protestar.

As sobrancelhas da médica estavam permanentemente unidas, seu olhar percorrendo todos.

O olhar de Jess foi para mim, mas ela estendeu a mão para a mãe.

— Mãe, precisamos ir.

— Não. Ele provavelmente foi mijar...

— Mãe!

— Sra. Montell. — Eu não estava aceitando nada disso. — No espaço de pouco mais de um mês, quatro armas foram apontadas para mim, uma delas diretamente contra minha cabeça. Meu radar de perigo foi ajustado. Você precisa ouvir sua filha. Se ela disser que você tem que ir, confie em mim: você tem que ir.

Jess murmurou uma maldição, mas puxou a mãe para cima.

— Temos de ir. Isso não é brincadeira.

— Jess...

— Vá! — Jess gritou, apontando para trás dela.

O guarda recuou e apontou na direção oposta de onde eu vim.

— Saímos por aqui.

As sobranceiras de Jess baixaram.

— O que você está falando?

— Novo protocolo. Um veículo estará lá esperando por você.

Jess lançou-lhe um olhar, franzindo a testa em minha direção, mas colocou a mão na frente dela. Eles passaram correndo pelos médicos e enfermeiras, indo direto para a saída. O guarda delas estava atrás delas, conduzindo-as para frente, e foi então que percebi.

Ele não se importou comigo.

Eu ainda estava no consultório médico. Não houve ordem para eu me juntar a eles. Nada como isso. Ele estava completamente focado em Jess e na mãe dela, e isso não aconteceria. O chefe desse cara era Trace, mas Ashton era seu parceiro.

Um guarda normal me incluiria.

Eu soube então. Apenas soube.

— Ei!

Esse cara não deveria ter se esquecido de mim. Eu era tão importante quanto Jess. Se Ashton descobrisse que ele me deixou para trás? A tortura que ele faria com esse cara? Sim. Algo estava muito, muito errado aqui. Era esse cara.

O guarda parou, olhando para mim, sua frustração evidente em seu rosto.

Jess também parou, mudando de posição para poder me ver melhor.

Levantei a mão e a compreensão surgiu no rosto dela ao mesmo tempo em que foi registrada no rosto dele. Ambos perceberam que ele havia fodido tudo, prestando atenção apenas *na marca*. Ele amaldiçoou, pegando sua arma, mas Jess fez seu movimento primeiro.

Eu saí correndo em direção a eles.

Ele tentou tirar a arma do coldre, mas Jess estava literalmente em cima dele. Ela estava lutando para arrancar a arma dele, mas olhou para cima e me viu correndo em direção a eles e, em vez de lutar para pegar a arma, ela a soltou e agarrou-o.

Ela o estava segurando no lugar.

Ele olhou para ela, confuso, mas então eu estava lá e lancei-me no ar.

Eu bati nele com tudo que tinha em mim. Como Jess o segurou no lugar, ele caiu. A arma voou pelo corredor, mas se fodesse esse cara.

Eu estava de pé e lutando.

Ele foi buscar a arma. Eu fui atrás dele.

Foda-se ele. Foda-se isso. Fodam-se todos.

Eu estava abraçando total e completamente essa escuridão em mim, porque agora, esse cara era o mesmo cara do posto de gasolina que colocou uma arma na minha cabeça, o mesmo cara que apontou uma arma para mim no apartamento do meu primo, igual aos caras que me perseguiram no trânsito, e eu não ia deixá-los vencer.

Nunca.

Eu estaria parada no final. Eu declarei isso. Toda maldita vez.

Sabendo disso, lembrando de tudo isso, aceitei a última parte de mim que estava escondida, a parte que ajudou a me conectar com Ashton, porque ele também a tinha.

Estendi a mão e bati com o pé em seu braço, então girei e dei o melhor chute direto em seu rosto. Se fosse uma bola, ela teria navegado até a metade do campo. Eu tinha certeza disso.

Eu queria fazer isso de novo.

Sua cabeça caiu para trás com a força.

— Ei! Pare. Pare aí mesmo.

Eu me virei.

Jess estava com a arma do cara, mas ela estava com ela apontada para Pialto, que corria em nossa direção.

— *Não!* — Estendi a mão para ela e congelei. Eu não queria que ela atirasse em Pialto. — Esse é o meu amigo. Ele trabalha para mim.

Pialto chegou até nós e engasgou, ofegante.

— Nós... — Ofegante. — Temos que... — Ofegante. Ele tentou apontar de volta. — Ali. Caras maus.

— O quê? — Jess interrompeu.

Aquela sensação agitada estava de volta em minhas entranhas, e estava girando, rosnando, virando de cabeça para baixo. Eu senti isso subindo, quase me dominando. Tínhamos que ir, e tínhamos que ir agora!

Eu gritei:

— Lá. — Apontei na direção completamente oposta de qualquer lugar.

— O quê? — Jess olhou em minha direção.

— *Mova-se!* — eu gritei.

— O que... — Mas passei por ela, liderando o caminho.

Ela amaldiçoou.

A mãe dela ficava perguntando o que estava acontecendo e eu ouvi:

— Aqui, Sra. Montell. Peguei você.

Eu olhei para trás. Pialto estava com a mãe de Jess pendurada no ombro, seu rosto estava determinado.

— Vá! Lidere o caminho.

— Uhhh. Ok! — Eu pulei, virando e correndo para qualquer lugar, menos para onde eles esperavam que estivéssemos.

Jess estava bem atrás de mim. Pialto e a Sra. Montell atrás dela.

Atravessamos corredores e consultórios até encontrar outra porta de saída. Era pequena e lateral, e parecia o local para onde as enfermeiras iam para fumar. Segurei e abri, e descemos correndo uma pequena rampa de acesso.

De alguma forma, estávamos entre três estacionamentos e outro prédio.

— Aonde estamos indo? — Jess correu ao meu lado.

— Estou improvisando.

— Isso é óbvio.

Eu estava olhando em volta e vi um SUV vagando lentamente pelo estacionamento mais próximo do hospital.

— Lá. Temos que descer.

Jess olhou, viu-os e praguejou.

— Eles ainda não nos viram. — Ela se virou para Pialto. — Abaixese.

Ele fez, ou tentou. A Sra. Montell estava dando um tapa na bunda dele, mas ele a estava ignorando.

— Mãe, pare.

— Você para! O ombro ossudo desse cara está pressionando minha bexiga. Estou a dois segundos de encharcá-lo de mijo.

— Oh, Deus. Não. — O rosto de Pialto ficou um pouco verde com a ideia.

— Mãe — Jess cortou. — Controle-se, ou estaremos mortos. Coloque isso na sua cabeça.

— Você está... — A Sra. Montell tentou se virar para ver sua filha, e ela o fez, mas o que quer que ela tivesse visto impediu suas palavras.

— É como Bear e Leo de novo. Isso é uma verdadeira merda, mãe. Pare com isso.

A boca de sua mãe formou uma linha firme e ela assentiu, engolindo visivelmente ao mesmo tempo.

Pialto praguejou aliviado, mas ainda tentou se curvar.

— Temos que continuar andando. Entrei correndo porque outros dois idiotas entraram e atiraram nos seus guardas. Eu estava gritando como uma alma penada, mas eles não sabiam quem eu era. Eles não atiraram em mim. Eles poderiam ter feito isso, e farão agora *se não seguirmos em frente*.

Jess engoliu em seco.

— Temos que nos mover.

— Argh. Argh. Argh. — Eu não sabia por que estava dizendo isso, mas isso me fez sentir melhor. Continuei dizendo isso enquanto avançávamos no estacionamento.

Um SUV começou a sair de uma vaga, mas pisou no freio quando a motorista nos viu.

Ela havia dado marcha à ré bem na minha frente. A doutora. A janela dela estava entre nós. Ela a rolou para baixo, olhando para o resto de nós.

— O que vocês estão fazendo?

— Nea. — Jess avançou, olhando em seu veículo. — Precisamos de uma carona para sair daqui. Você vai ajudar?

Nea, e não Dra. Sandquist, olhou para a arma de Jess, mas disse:

— Claro. Sim. Essa é sua mãe?

— Olá, Dra. Sandquist. — A mãe dela tentou acenar, mas não conseguiu e bateu nas costas de Pialto.

— Ótimo. — Jess estendeu a mão para a porta de trás e a abriu, apontando para Pialto, que tentava rosnar por cima das costas. — Coloque minha mãe aqui.

Ele o fez, dizendo:

— Com prazer.

— Ei! — Sua mãe ergueu o punho fechado para ele.

Jess disse:

— Mãe, você precisa ficar deitada. Ok? Continue se escondendo para que aqueles homens não vejam você.

Sua mãe assentiu, agora quieta. Mas o punho dela ainda estava no ar. Acho que foi mais por princípio contra a situação. Quem gostaria de ser jogado por cima de um ombro ossudo e balançado enquanto corria para salvar sua vida?

Pialto revirou os olhos e voltou para o meu lado.

Jess fechou a porta e foi para os fundos.

— Você pode abrir?

Nea olhou para mim, mas não disse nada, apertando um botão. A mala foi aberta. Jess fez sinal para Pialto e para mim.

— Vamos. Vocês se escondam aqui.

A princípio não me mexi, olhando para Nea.

Ela parecia nervosa, mas falei rapidamente:

— Obrigada.

— Sim. — Ela piscou algumas vezes. — Claro. Sim.

— Molly — Pialto sibilou.

Eu o segui. Nós dois entramos, sentados de costas para os lados e com os pés voltados um para o outro. Jess fechou a porta, todo o seu rosto simplesmente arrasador e no comando. Ela foi e entrou em algum lugar na frente.

— Ok, Nea. Saia pelo lote sul. Eles não estavam nos procurando lá atrás.

Nea ouviu e partiu.

Pialto estava me estudando.

— Você deveria parecer apavorada.

Eu não estava. Essa era a questão.

Eu não conseguia explicar. Eu nem ia tentar com ele, mas algo mexeu comigo. Eu não tinha reagido dessa vez. Eu sabia as consequências. Disseram-me para não ir, mas eu *tive* que vir.

Eu tinha escolhido desta vez e, de alguma forma, sentia-me calma por dentro.

Ou mais tranquila.

Aceitei algo dentro de mim, algo contra o qual estava lutando, e estava ali. Era uma parte de mim. E porque estava aceitando isso, não senti a mudança em mim. Era... eu não poderia dizer que tinha sumido, mas não sentia.

Hum.

CAPÍTULO 47

Molly

Nea dirigiu por um tempo. Ela e Jess estavam conversando, mas não ouvíamos muita coisa aqui atrás. Meu telefone tocou e eu atendi, já sabendo que era Ashton.

— Estamos na traseira de um veículo.

— Estou ciente.

Oh, cara. Sua voz já estava sombria. Ele não estava feliz.

— Vou ligar quando pararmos...

— Estamos seguindo vocês há três quarteirões. Diga a Nea para parar no estacionamento mais próximo.

— O quê? — Olhei para cima, espiando pela janela, e lá estava ele. Ashton estava olhando para mim do banco da frente, bem ao lado de Elijah, cuja boca estava se contorcendo. — Como você nos encontrou?

— Coloquei um rastreador no seu telefone, lembra? Diga a ela para parar.

— Oh, tudo bem. — Eu me virei. — Nea! Nós temos uma carona. Estacione.

— O quê? — Ela e Jess disseram isso ao mesmo tempo.

Fiz um gesto atrás de nós.

— A cavalaria nos encontrou.

— O quê?

Jess amaldiçoou.

— Há um estacionamento. Vá até lá.

Ela ligou a seta, avançando e, assim que parou, os veículos nos cercaram. Literalmente. Um na frente. Dois de ambos os lados. O carro de Ashton parou atrás de nós. A definição vagões em círculo aconteceu em tempo real e foi demais.

Elijah foi até onde a mãe de Jess estava tentando sair do veículo.

Nea e Jess já estavam fora quando a porta dos fundos foi fechada. Não tive a opção de descer. Ashton se aproximou, seus braços me envolveram, e ele me tirou do SUV. Eu cedi. Meu tempo de seguir meu instinto tinha acabado. Ashton estava aqui. Eu estava em seus braços e estava abrindo mão do controle. Meus braços e pernas envolveram-no e ele se afastou, voltando para seu próprio SUV.

— Ash — essa era Nea, tentando falar com ele.

Ele a ignorou.

A porta traseira se abriu e ele entrou comigo nos braços. A porta foi fechada atrás de nós e, assim que entramos, Elijah estava de volta ao volante.

— Vá! — Ashton latiu.

— Jess...

— Ela não vai deixar a mãe e eu não estou esperando.

Elijah pisou no acelerador e lá fomos nós, mas quando saímos, olhei para cima.

Nea estava parada na frente da porta aberta, com uma expressão estranha nos olhos. Magoada, mas a raiva brilhando ali enquanto ela apertava a boca. Olhei além dela, vislumbrando sua bolsa e alguns outros itens no banco da frente. Então passamos, saindo dali.

— Jess. — Movi minha cabeça para trás, inclinando-me para ver Ashton. — Pialto.

— Eles estarão no próximo veículo. — Ele me puxou de volta para ele, sua cabeça enterrando em meu pescoço. Um arrepio percorreu-o e, ah, cara, ah, cara. Eu o segurei com mais força, enterrando minha cabeça em seu pescoço, e ele apenas me segurou, balançando-me para frente e para trás.

Suas palavras saíram contra meu pescoço, murmuradas:

— Eles teriam levado você.

— Não.

— Eles tinham sete homens no local. Eles mataram quatro homens de Trace.

— Só dois.

— O quê?

— O único guarda do lado de fora da clínica havia sumido. Entrei e aquele guarda tentou levá-las para uma armadilha. Ele se esqueceu de mim. Foi isso que me deu a dica, mas ele estava envolvido.

Ashton estava me estudando, então praguejou e me puxou de volta para ele.

— Jesus.

— Eu não estava em perigo.

— Você *se colocou* em perigo desta vez.

— Eu sei, mas...

— Não faça isso de novo. — Suas palavras eram ferozes e ele se afastou para me ver novamente. Suas mãos emolduraram meu rosto. — Por favor. Não. Apenas não faça isso. *Por favor.*

Oh. Uau.

Eu estava balançando a cabeça e me segurei nele.

— Eu não vou. Prometo. Eu não vou. Eu quis dizer isso. — O switch precisava ser desativado ou havia sido desativado. Eu não tinha certeza, mas: — Eu só precisava ir esta última vez. Prometo. É a última vez, mas Ashton. — Enquadrei seu rosto com as mãos para trás. — Estou bem. Sério.

— Você tem que parar de fazer essa merda. Estou falando

sério.

Eu balancei a cabeça.

— Eu vou. Prometo.

Ele me estudou por um instante.

— Mindinho?

Eu abri um sorriso.

— Mindinho.

Um arrepio inteiro passou por ele.

Eu estava nos braços de um cara que seria meu próximo capítulo. Quer fosse bom, longo, ruim, breve ou o que quer que fosse, para onde quer que Ashton planejasse me levar, ele era o próximo capítulo. Tudo depois seria afetado por causa deste momento agora.

Um nó na garganta dobrou de tamanho.

Ele levantou a cabeça, como se não conseguisse parar de olhar para mim. Ele ergueu a mão, passando um dedo pela lateral da minha cabeça, pegando uma mecha de cabelo e colocando-a atrás da minha orelha.

— Isso parece algo mais do que apenas eu pirando por sua causa.

Eu não tinha palavras, porque não conseguia explicar como todo esse acontecimento estava varrendo meu corpo, onde eu sabia que estava mudado a partir de hoje, e ele fazia parte dessa mudança. Foi profunda e dolorosa, mas linda, e me senti como uma borboleta chorando. Não que eu estivesse batendo minhas asas pela primeira vez, mas lembrei que elas estavam ali e as bati, lembrando que havia uma coisa chamada amor. Eu estava nesse caminho, caminhando em direção a ele.

Isso é o que estava acontecendo dentro de mim, mas não queria que ele me olhasse como uma aberração, então apenas me inclinei e rocei meus lábios nos dele.

— Obrigada.

Ele me beijou de volta.

— Pelo quê?

Esse caroco. Foi tão forte e poderoso.

— Por você ser você.

Seus olhos ficaram escuros, mas ele assentiu.

— Eu me importo, mais do que quero, mas me importo.

Eu sorri, sentindo algumas das minhas lágrimas escorrendo pelo meu nariz.

Ele riu brevemente.

— A maioria das mulheres não ficaria feliz com essa afirmação. — Ele estendeu a mão, enxugando as lágrimas também.

Dei de ombros.

— Eu sou diferente. Entendo. — Eu me acomodei sobre ele,

ficando confortável.

Seus braços se apertaram em volta de mim.

— Isso é uma coisa boa?

Eu apenas sorri.

— Eu sou uma borboleta diferente.

Seus braços ficaram rígidos.

— O quê?

Eu dei um tapinha na mão dele.

— Você não entenderia.

Seus braços relaxaram. Eu o senti cutucando meu pescoço, mas então seu telefone começou a tocar.

Ele respondeu.

— Esse é o outro lado? Você está me ligando para dizer que está me vendo daí?

Agora fiquei tensa, meio virando a cabeça para poder ver o telefone dele.

Ele puxou-o da orelha e colocou no viva-voz.

A voz do detetive Jake Worthing veio, toda rouca.

— Dra. Nea Sandquist está dizendo que foi forçada sob a mira de uma arma por sua mulher, Jess Montell, a mãe de Jess e outro homem.

Todo o ar do veículo mudou. Deixou de ser lindo e emocionante para ser carregado e mortal. Ashton não se moveu, mas os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Ele estava perto de fazer algo perigoso. Recuei para poder ver melhor seu rosto.

Seus olhos eram como gelo. O velho Ashton estava dando um passo à frente. Aquele cuja reputação era o quão *cruel* ele poderia ser.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Estamos cientes. Temos câmeras de segurança confirmando o que a oficial Montell está dizendo. Ela tinha a arma na mão, mas nunca foi apontada para Nea Sandquist. Ela nunca fez uma ameaça. A mãe dela está apoiando sua afirmação, assim como o Sr. Pialto. Estou ligando para ver se Molly corrobora essa afirmação.

— Eu faço. Nós nunca a ameaçamos. Jess perguntou se Nea poderia nos ajudar. Por que ela diria isso?

— Olá, Molly.

Dei ao telefone um sorriso travesso.

— Olá, detetive.

A mão de Ashton caiu na minha perna e seu polegar esfregou-a em uma carícia lenta.

— Estou ligando para que você saiba que é isso que ela está dizendo. Cabe a vocês descobrir o motivo.

Os olhos de Ashton se fecharam; as olheiras pareciam um pouco mais pronunciadas.

— Ela está com medo.

— Possivelmente. Tive a impressão de que a médica e Jess eram amigáveis. — O detetive Worthing fez uma pausa antes de acrescentar: — Também estou informando que recebi um telefonema minutos atrás. Alguns telefonemas. O primeiro foi que, quem quer que fossem os apoiadores do meu primo, a publicidade do tiroteio no hospital foi demais para eles. Eles estão saindo. O outro telefonema foi de familiares. Foi decidido que Nicolai não falará mais pela nossa família.

Todo o corpo de Ashton relaxou. Um arrepio inteiro passou por ele, e eu me debrucei ainda mais sobre ele devido à mudança repentina.

— Então é isso. Está feito.

— Eu disse que veria você do outro lado. Ashton, estou informando que me nomearam em seu lugar.

Ashton ergueu a cabeça do encosto do assento. Ele estava balançando a cabeça para o telefone.

— Você está assumindo?

— Vou deixar o Departamento de Polícia de Nova Iorque.

Ashton bufou.

— Você deu merda a Jess por escolher Trace. Como você está escolhendo a família em vez de sua carreira?

Jake suspirou.

— A maior ironia que não passou despercebida é que é *you* quem está me dando essa declaração. Sua última informação gratuita minha: meu primo não vai cair simplesmente. Isso é um aviso. Esteja preparado, porque tenho certeza de que ele ainda tentará algo.

— Jake.

— O quê?

— Quem eram os patrocinadores do seu primo?

O detetive não respondeu, não de imediato.

— Honestamente? Eu não tenho certeza. Eles só trabalhavam com ele, mas quem acharia muito ameaçador um tiroteio num hospital público?

— Alguém grande. Público.

— Sim.

— Alguém oficial. — A mandíbula de Ashton apertou. — Você tem uma teoria?

— Sim, e se estiver certo, todos tivemos sorte de eles terem desistido. — Jake encerrou a ligação antes que pudéssemos dizer qualquer coisa.

Um leve sorriso apareceu no canto de sua boca. Ambas as mãos pousaram nas minhas pernas.

— Isso significa o que eu acho que significa?

Ele assentiu, o leve sorriso se transformando em um sorriso verdadeiro.

— Acabou. A guerra acabou, mas ainda quero que você dê uma olhada nas fotos que Mauricio enviou.

Eu balancei a cabeça.

— Eu vou. Não acaba até que *ele* vá embora.

— Acabou quase tudo. Jake não vai pressionar para vir para a cidade como Nicolai estava fazendo. Era Jake dizendo que estava voltando para o Maine e se concentrando lá, e isso ainda que ele continue com os negócios da família. Conhecendo o Detetive Worthing como conheço, aposto que ele entrará e dirá que faz parte do programa, mas acabará com eles por dentro. Ele fará com que aquela família se torne legal.

— Ele estava sendo pago por você?

Ashton assentiu.

— Ele estava, mas Jake andava na linha. Ele nunca ultrapassou totalmente. Eu estava ciente do que ele estava fazendo. Ele me dava informações que me ajudavam contra nossos inimigos, contra caras que fizeram coisas piores do que a minha família. Ele escolhia o menor dos dois males e sabia que eu sabia o que ele estava fazendo. Foi uma coisa tácita entre nós.

Eu estava começando a ver isso.

— Jake é a razão pela qual Justin trabalhou para nós.

Eu fiz uma careta.

Ashton não estava realmente dizendo isso para mim. Parecia que ele estava dizendo isso apenas por dizer.

— Eu conhecia outra prima deles, Vivianna. Ela fez uma ligação uma noite. Perguntou se eu daria um emprego ao primo dela. Ela estava estendendo a mão, tentando me ver. Mas seria decisão de Jake se seu irmão seria contratado como bartender, e considerando que eu o tinha na folha de pagamento, precisava saber os parâmetros para essa contratação. Ele disse sim. Ele disse que não pareceria certo para seus colegas se seu irmão tivesse a opção de trabalhar no Katya e *não* aceitar o cargo... — Ele olhou para mim, uma expressão assombrada ali. — De certa forma, por causa de Jake, por causa da prima deles, por minha causa, somos os motivos da morte de Kelly.

— Ashton.

Seu telefone começou a tocar mais uma vez e, vendo que era Trace, colocou-o no viva-voz imediatamente.

— Olá, irmão. — Sua voz estava rouca.

Trace perguntou:

— Vocês estão bem?

Ashton não respondeu, em vez disso perguntou:

— Você está com sua mulher?

— Sim, mas, uh, não é por isso que estou ligando.

A voz de Jess veio em seguida, dizendo:

— Vamos nos casar!

Eu engasguei, pegando o telefone de Ashton.

— O quê? Quando? Onde? Como isso aconteceu?

— Hoje. Agora mesmo. — Jess parecia feliz. — Recebemos a notícia de que minha mãe está com câncer. Aí quase fomos levados e quem sabe o que teria acontecido. Agora, de uma forma estranha, minha mãe tem que se esconder conosco, e isso parece certo. O que Molly fez é o que Kelly faria. Não importava as armas em punho, Kelly sempre quis seu felizes para sempre. Ela ignoraria os avisos de todos e seguiria seu instinto. Estou fazendo isso pela Kelly. Cansei de esperar. Eu quero me casar. Agora.

— Agora? — Ashton se inclinou para frente, piscando para afastar alguns dos fantasmas.

— Ou assim que pudermos. Você conhece algum lugar que seria seguro?

Ashton e eu trocamos um olhar. Uma parte de mim estava alegre, mas a outra parte estava preocupada. O bandido estava lá fora, o verdadeiro bandido, e meu instinto sabia.

Ele ainda estava vindo.

CAPÍTULO 48

Ashton

— Obrigado por nos deixar fazer tudo aqui.

Eu estava arrumando a gravata de Trace enquanto ele colocava as abotoaduras. Ele estava falando sobre o complexo da minha família e eu grunhi, recuando.

— É o mínimo que posso fazer. A família Worthing recuou e expulsou Nicolai, mas ele ainda está por aí. Este lugar parecia a escolha óbvia, então estamos todos seguros enquanto somos ridículos e fazemos um casamento.

— Molly teve tempo de ver aquelas fotos do Octavia?

— Ela começou. Eu as trouxe caso ela tivesse tempo mais tarde. Elas estão no meu escritório.

— Mas ela não reconheceu a mulher?

Eu balancei minha cabeça.

— Ainda não. Ela vai, no entanto.

Ele limpou a garganta.

— Obrigado novamente por nos deixar fazer isso aqui. Quero dizer. Estou ciente de que este seria o seu lugar seguro se houvesse um apocalipse mundial.

Fiz uma pausa, lembrando-me de como Jess estava feliz, de como Molly estava tentando *consertar* o grupo. Dei de ombros.

— É o mínimo que posso fazer por vocês.

— Diga a verdade. Você já está explorando locais para um novo complexo, não está?

Atirei-lhe um sorriso, sentindo um pouco da tensão diminuir em meus ombros.

— Talvez.

Ele soltou uma risada antes de se aproximar do espelho para tirar qualquer fiapo restante em seu ombro.

— Demetri me contou como Sloane ficou quando disse que ela precisava estar vendada para ir ao meu casamento.

— Jess ficou próxima dela e da médica? Nea Sandquist.

Ele assentiu.

— Com a saúde da mãe de Jess, as duas estiveram ao seu lado. Molly também gosta de Sloane.

Trace estava esperando o momento perfeito. Ele estava com o anel há meses, mas de alguma forma pareceu apropriado ter sido Jess quem o pediu em casamento. Agora todos estávamos no complexo da minha família. Trace. Eu. Demetri e Pajn eram porteiros. Os outros convidados incluíam Marco, que era o par de Remmi. Molly. Pialto e Sophie. A mãe de Jess. Houve dúvida se sua antiga parceira deveria vir, mas foi decidido que um jantar mais íntimo com Val e o oficial

Reyo seria mais apropriado.

— Nea se desculpou pelo que disse à polícia, voltou atrás e disse que estava com medo.

— Contanto que Jess não guarde rancor.

— Velha Jess, talvez. Nova Jess. — Trace me deu uma olhada. — O que Molly fez outro dia, fazendo-nos conversar sobre o que você fez com ela, foi muito importante para ela.

Eu balancei a cabeça, começando a recuar.

— Ashton. — Sua voz estava séria.

Olhei para trás, fazendo uma pausa.

Seu olhar também era sério.

— O que dissemos era verdade, que você lançou as bases para o grupo seguir em frente, mas não foi isso que teve mais efeito em Jess. Foi você, vendo como teria reagido se eu tivesse feito o mesmo com Molly. Ela viu então o quanto você se arrependeu. Ela me disse que foi a primeira vez que ela realmente sentiu que a cura estava acontecendo. — Sua voz ficou grossa. — Significou muito para mim, irmão. Eu sei que você se culpa por Justin ter conhecido Kelly.

Fiquei imóvel, apenas me segurando. Eu só disse essas palavras para Molly.

— Eu conheço você. Conheci você durante toda a minha vida, então sei que você nunca diria essas palavras. Ainda sei que você se culpa e precisa deixar isso de lado. Justin conheceu Kelly. É o que é. Você se culpa. Jess se culpa, porque se não fosse por ela, Kelly nunca teria conseguido um emprego no Katya. Vocês dois se culpam, mas Jess está começando a esquecer isso. Preciso que você se livre da situação. Está na hora. Vou me casar hoje. Faça disso um presente de casamento para mim.

Eu dei uma olhada nele.

— O complexo é o seu presente de casamento.

Ele sorriu.

— Você sabe o que eu quero dizer. Você tem uma boa mulher. Não entendo a história entre vocês dois, mas acho que não fui feito para isso. O que eu sei é que ela mudou você para melhor. É hora de deixar um pouco de felicidade entrar.

Praguejei.

— Você não deveria me fazer chorar antes do *seu* casamento.

Ele riu.

— No minuto em que eu a vir andando pelo corredor, vou começar a chorar. Você vai amar. Agora, conserte isso para que possamos voltar a ser mafiosos durões.

Arrumei sua gravata e perguntei uma última vez:

— Pronto para se casar?

— Com ela? Estou pronto.

Certo. Meu irmão e melhor amigo já estava crescendo. Estendi a mão, segurando sua nuca, e me aproximei. Testa com testa.

— Amo você, cara. Seja feliz.

Ele estendeu a mão e bateu no meu ombro.

— Você também.

Eu o amava. Ele me amava. Nicolai não nos quebrou: muito pelo contrário.

— Você pegou o anel, certo?

Dei um tapinha no bolso da frente.

— Está seguro.

— Bom. Vamos lá para eu me casar.

CAPÍTULO 49

Molly

Meu estômago embrulhado parecia sob efeito de drogas. Eu mal conseguia ficar parada, mas Jess, totalmente fria. Toda calma. Ela era a definição de calma. Estávamos em uma sala nos fundos de uma das torres e eu continuava movendo as flores. O vestido era perfeito. O cabelo ficou perfeito. A maquiagem estava certa. Os sapatos calçados. Então, flores. Elas precisavam se mover para a esquerda. Isso não estava certo. Para a direita.

De volta à esquerda.

Elas ficavam melhor na frente:

— Pare, minha linda chefe ensolarada e irmã de alma. — Sophie se aproximou, pegando as flores de mim e colocando-as em um balcão.

Prendi a respiração.

— Esse é um local *perfeito* para elas.

Seu sorriso estava um pouco tenso.

— Eu sei. Você as colocou lá sete vezes na última hora. Você precisa se acalmar. Não é você quem vai se casar.

Minhas mãos estavam formigando, então comecei a torcê-las e sacudi-las. De que eram os formigamentos? Por que eu estava toda formigando? Os arrepios começaram a invadir o resto do meu corpo. Esses geralmente só saíam para brincar quando Ashton estava por perto, ou de bom humor, ou na cama, ou de bom humor na cama.

— Minha querida, sente-se. Por favor.

Pisquei algumas vezes, mas me sentei onde Sophie estava me guiando para sentar.

Ela estava balançando a cabeça enquanto pegava uma bebida que Pialto havia trazido antes a seu pedido.

— Aqui. Beba isso.

— O que é?

— É limonada.

Eu cheirei.

— Não cheira a limonada. — Mas levei-a à boca e comecei a sorver.

Sophie virou todo o copo e gaguejei, mas tive que abrir a boca ou corria o risco de derramar e estragar tudo. O vestido. A maquiagem. Não poderia arriscar nada. Engasgando-me com uma grande quantidade de bourbon, olhei para ela.

— Não foi legal.

Ela deu um tapinha na minha cabeça, tirando o copo.

— Você vai se sentir muito mais fresca em alguns minutos. De nada.

Jess estava parada na frente do espelho, passando as mãos pelo vestido, observando-nos.

— Ela tem a coragem que eu deveria ter.

Ela parecia uma princesa fada, calma também.

Seu cabelo estava preso e trançado em torno de um ramo de flores preso em um rolo para trás. Ela não estava usando nenhuma joia, exceto o anel de noivado. O vestido era um vestido de seda estilo sereia com alças finas que se moldava ao seu corpo. Ela parecia elegante e deslumbrante. Seu buquê era um punhado de rosas brancas e rosa pastel, embrulhadas com uma fita verde. Eu era sua dama de honra, sua única, e ela não se importava com cores. Eu coloquei um vestido que Sophie pegou da irmã dela, que era de estilista. Ela trouxe os dois vestidos, para mim e Jess. Eu tinha um estilo de vestido parecido, mas o meu não era longo. Terminava logo acima dos joelhos e era de uma cor rosa escuro fosco para combinar com as flores.

Segundo as palavras de Jess, eu tinha um trabalho a fazer. Eu me levantei e fui até ela.

— Você está deslumbrante, está se casando com o amor da sua vida e está cercada por pessoas que amam você. — Ela começou a chorar, mas engoliu em seco, piscando algumas vezes.

Eu não terminei, dizendo mais suavemente:

— Kelly *está* aqui. Estou segurando o lugar dela para ela, então quando abraço você, Kelly também está abraçando. Você sabe como ela estaria no dia do seu casamento. É assim que ela está hoje, só do outro lado. Ela está feliz e brilhando com muito amor por você.

As lágrimas caíam, mas ela estava se segurando.

— Ah. — Sophie deu um pulo, abanando as mãos no rosto de Jess, tentando enxugar as lágrimas. — Tudo bem. Tudo bem. Kelly também estaria chorando.

— Você não está ajudando. — Mas Jess estava sorrindo enquanto mais lágrimas brotavam de seus olhos.

Agarrei a mão dela, segurando-a entre as minhas, e apertei levemente. Uma súbita e nova calma tomou conta de mim, e deixei que passasse para ela. Funcionou. As lágrimas começaram a diminuir. Ela apertou minhas mãos de volta.

— Obrigada. — Ela olhou para Sophie. — Obrigada a ambas. Sei que Val não pôde estar aqui por motivos óbvios, mas também sei que você está certa. Kelly está aqui. Juro que posso sentir o cheiro daquela loção que ela tanto amava.

Eu ri, meu peito ficando mais leve.

Ela ergueu os braços.

— Obrigada, Molly. Por tudo.

Aproximei-me, abraçando-a, e não achei que fosse uma coincidência quando senti outra pressão ao nosso redor.

Houve uma batida suave na porta e Pialto enfiou a cabeça para dentro, com os olhos tapados.

— Vocês estão decentes?

Estávamos todas fungando.

Sophie disse:

— Estamos decentes. Já está na hora?

Ele tirou a mão dos olhos e seus olhos ficaram grandes.

— Vocês... vocês estão incríveis. Puta m...

— Pialto.

— ... simplesmente lindas — ele concluiu, com um sorriso sereno irradiando para nós. — O padre local chegou.

CAPÍTULO 50

Ashton

A noite era sobre Trace e Jess, mas assim que Molly apareceu, meus olhos nunca mais a deixaram.

Jantamos, discursamos e eu fiz minhas coisas. Brindei a Trace, dizendo a ele o quanto eu amava o fato de termos crescido juntos ao longo dos anos, até onde estávamos agora através da perda, da dor, mas das bênçãos. Trace olhou na direção de Jess na parte da bênção. Eu estava olhando na direção de Molly, e agora alguém puxou uma playlist e as pessoas estavam dançando.

A mãe de Jess estava dançando com Avery.

Sloane estava dançando com Demetri.

Eu estava indo direto para Molly, que estava com Pialto e Sophie.

Suas cabeças se juntaram, os malditos três mosqueteiros, até que cheguei até eles. Eles ficaram em silêncio. Esperei até que a cabeça de Pialto aparecesse e ele piscasse, fingindo me ver pela primeira vez.

— Ah, oi, Ashton. — Ele cutucou Molly com o ombro, que ergueu os olhos, parecendo toda tímida.

Ela abaixou a cabeça, o mesmo sorriso tímido aparecendo em seu rosto. Suas bochechas estavam com uma boa cor rosada agora. Olhei para a taça de vinho, vendo que poderia ter sido o vinho tinto também.

— Ashton.

Eu tinha batido em seu corpo de trinta maneiras diferentes, e ela estava corando, olhando para mim.

A última rachadura na parede que eu tinha dentro de mim quebrou. Ela se quebrou e todas as peças caíram com força. Eu senti isso nas minhas entranhas.

Eu a amava.

Jesus. Eu a amava.

Eu sabia. Eu tive uma inclinação. Eu estava obcecado por ela, mas esse olhar, esse olhar tímido depois de tudo que passamos, e ela estava tão dentro de mim que me senti fundido com sua alma. Feliz. Isso foi o que Trace disse.

Ele estava certo. Molly me faria feliz se eu merecesse.

Estendi minha mão.

— Dança?

Ela colocou a mão na minha e um arrepio subiu pelo meu braço. Foi direto para o meu pau.

Sim. Eu estava apaixonado, totalmente, e tão clichê de amor. Eu estava pensando tudo isso, sentindo tudo isso, enquanto envolvia

meus dedos sobre os dela, dando-lhe um pequeno sorriso, e puxando-a para a pista de dança.

A sensação dela tão perto de mim era a coisa mais natural do mundo.

Eu a puxei, minha mão deslizando sobre suas costas, apreciando a sensação de seu vestido macio, mas principalmente a sensação dela. Seu pulso estava acelerado.

— Você está linda.

Ela inclinou a cabeça para trás, seus lábios rosados se abrindo um pouco, combinando com a cor de suas bochechas.

— Você também.

Meu sorriso se aprofundou.

— Eu estou lindo?

Um meio sorriso surgiu em seus lábios.

— Você parece *gostoso*. — Ela inclinou a cabeça sobre o meu peito, acomodando-se, e todo o seu corpo relaxou contra mim. — E bonito.

Eu ri, bem perto de sua orelha, e senti um arrepio percorrer suas costas.

Eu a puxei para que não houvesse espaço entre nós.

— Eu quero levar você embora, empurrá-la contra uma parede e deslizar tão profundamente dentro de você que sou só eu lá. Para sempre.

Um leve tremor passou por ela. Ela pressionou a bochecha com mais força contra meu peito e não respondeu.

Movi meu polegar para cima e para baixo em suas costas, aproveitando o mergulho de seu vestido onde eu poderia tocar sua pele. Foi projetado apenas para esse propósito, para fazer todos os homens gemerem de desejo.

Dançamos juntos, em silêncio.

Minha boca estava quase tocando seu ombro, e deixei minha cabeça cair um pouquinho, até que pude sentir seu gosto ali.

Outro tremor a percorreu. Ela passou a mão pelas minhas costas, mergulhando no meu terno e, lentamente, começou a puxar minha camisa para cima da calça.

Agora era eu quem sentia arrepios percorrendo meu corpo.

Essa necessidade era profunda. Eu tinha que estar nela. Dentro da minha mulher, minha alma gêmea. *Minha*.

Assim que minha camisa foi desfeita, seus dedos afundaram. Ela estendeu a palma da mão nas minhas costas e começou a mover a mão sobre mim, lenta e torturantemente.

Eu a segurei contra mim, sabendo que ainda estávamos tecnicamente nos movendo com a música, e ninguém conseguia ver o que ela estava fazendo, mas todos podiam ver o quanto eu a queria.

Ela moveu a mão na frente, entre nós, e precisávamos nos separar um pouco. Quando a mão dela caiu sobre o meu pau, esmaguei os nossos corpos, não deixando ninguém ver o que acontecia, e provei novamente o seu ombro, movendo-me para o seu pescoço.

Todo o seu corpo tremia, um tremor após outro percorrendo-a enquanto eu continuava a explorá-la, passando para o queixo, o maxilar, a bochecha. Eu estava demorando, e ela pressionava a mão com tanta força sobre meu pau, mas não conseguia movê-la. Ela estava tentando. Estávamos grudados um no outro, e eu apenas agarrei-a pelo quadril, metade da minha mão se espalhando para descansar sobre sua bunda, segurando-a ancorada contra mim.

Encontrei o canto da sua boca e provei uma leve mordidinha.

Ela ficou na ponta dos pés, sem dançar mais, e virou a cabeça, sua boca procurando a minha.

Encontrei sua boca, quente e convidativa, e deslizei para dentro, saboreando-a novamente.

Todo o seu corpo tremia, só um pouco, mas ela tirou a mão do meio de nós e se levantou, ficando imóvel. Suas duas mãos pegaram meu rosto e ela me explorou de volta, *sem pressa*. Completamente.

Eu gemi quando sua língua bateu contra a minha, provocando-me, e me afastei, por pouco.

— Sair daqui?

Ela respirou dentro de mim, dizendo:

— Sim, por favor. — Logo antes de selar seus lábios de volta nos meus.

Eu a peguei, sabendo que havia nos movido, então estávamos dançando no canto mais distante. As mesas ficavam de um lado, as casas atrás delas, mas onde estávamos havia um galpão não muito longe de nós.

Levei-a de volta para lá, entrei e pressionei-a contra a porta, minha mão deslizando imediatamente por baixo do vestido.

Ela estava ajudando, ofegante enquanto se erguia, as pernas meio que enroladas em volta dos meus quadris. A sua mão foi até minha calça, desfazendo-a e encontrando meu pau. Ela colocou as mãos em volta de mim, mas eu mal podia esperar. Abaixei sua calcinha, ela estava com meu pau na mão e então parei uma vez em sua entrada.

Ela estremeceu, levantando-se, dando-me um ângulo melhor, e eu deslizei para dentro. Lá no fundo.

Nós dois paramos, ambos gemendo com a sensação. Maldito ajuste tão perfeito.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço, levantando-se, e comecei a me mover dentro dela.

— Ashton — ela gemeu em meu ouvido.

Agarrei suas mãos, levantando-as, e pressionei-as contra a porta atrás dela, nossos dedos entrelaçados. Continuei deslizando dentro dela. Ela estava em sincronia comigo.

Desta vez parecia diferente. Mais cru. Mais real se isso fosse possível. Mais necessário, como se eu estivesse desesperado por ela. Apenas mais.

Diminuí a velocidade, empurrando e segurando o máximo que pude.

Todo o seu corpo estava tenso contra mim. Suas entranhas me apertando.

Levantei minha cabeça para vê-la.

Ela virou a dela, olhando de volta.

Seus olhos estavam sombrios, famintos, mas havia mais. De novo. Um sentimento mais profundo. Eu senti isso dentro de mim, movendo-se, abrindo sensações que não sabia que existiam. Uma onda de tanta intensidade e ternura surgiu, dominando-me, e me agarrei a ela. Ela engasgou, a cabeça caindo para trás, nossos dedos se esfregando. Suas coxas me puxaram para dentro, e eu gemi, deslizando para fora e empurrando de volta. Todo o seu corpo se moveu com o movimento, separando seus lábios.

— Ashton — ela ofegou novamente. Seu peito subindo e descendo.

Eu gemi, inclinando-me e mordiscando seus lábios novamente. Eu disse, posicionado bem acima de sua boca:

— Eu amo você.

Seu corpo inteiro se ergueu em uma respiração. Ela sussurrou:

— Eu também amo você.

Sua boca selou a minha. Minha escuridão. Dela. Estávamos conectados.

A última separação entre nós desapareceu. Éramos ela e eu. Eu ainda estava nela, movendo-me, nossas mãos segurando uma na outra, e nossas bocas estavam fundidas, mas nada seria o mesmo depois disso. Eu sentia isso, um conhecimento interno, e isso estava abalando meus alicerces. Mas essa era Molly, reivindicando-me de volta.

Eu empurrei, segurando, enquanto sentia sua liberação explodir através dela, todo o seu corpo tremendo mais uma vez. Eu me segurei, esperando até que ela descesse de sua onda, e comecei a empurrar dentro dela novamente, trazendo nós dois para a liberação.

Suas mãos se soltaram das minhas e envolveram meu pescoço, e ela se agarrou a mim enquanto seu segundo clímax a atravessava.

Eu estava voltando do meu quando... *bang!*

CAPÍTULO 51

Molly

Oh, Deus.

Não de novo, mas *de novo*.

Tudo isso passou pela minha cabeça enquanto Ashton me deixava recuar e *bang!*

Bang!

Ele praguejou, puxando minha calcinha para cima e depois fechando a própria calça. Ele tinha uma arma em punho, onde ele conseguiu essa arma? Mas ele apontou para baixo e pegou minha mão, puxando-me para o fundo do galpão.

Olhei em volta, ouvindo os gritos, mas sabendo que tinha que seguir Ashton.

Outro grito. Deus. Essa era a mãe de Jess.

E outro – essa era Sophie.

Comecei a me virar e correr para ela, mas Ashton segurou minha mão.

— Não. Não, amor.

Eu podia ouvir Sophie chorando. Um grito gutural me deixou, mas Ashton me puxou contra ele, cobrindo minha boca com a mão e envolvendo meu estômago com um braço. Ele estava correndo para trás, carregando-me com ele, e tinha a arma na mão.

— Sshh. Por favor, Molly. Por favor.

Eu estava chorando, já sabendo que estava prestes a perder alguém. Eu não me importava se fosse eu. Apenas não outra pessoa. *Por favor.*

Parei de lutar para me libertar e Ashton me colocou no fundo do galpão. Havia uma porta aqui, e ele abriu uma fresta, olhando para mim primeiro.

Eu balancei a cabeça, dizendo a ele que ficaria quieta, então ele tirou a mão, virando-se para ficar entre mim e quem estava lá fora.

As pessoas estavam correndo. Eu ainda podia ouvir alguém chorando.

Então, silêncio. Tudo e todos pararam.

Ashton respirou fundo, como se estivesse se preparando para alguma coisa.

Ele voltou e colocou a boca no meu ouvido.

— Este lugar é cercado por um muro fortificado. Quem está atirando foi deixado entrar por alguém, então lembre-se disso — disse ele, baixinho. — Eu preciso que você não reaja exageradamente. Ok? Não ligue o interruptor.

Agarrei sua mão com força, sua mão livre.

— O que você está planejando?

Ele balançou a cabeça, colocando os lábios de volta na minha orelha e virando a mão para apertar a minha de volta.

— Vou correr pela direita. — Ele libertou a mão e algo duro e metálico foi pressionado nela. — Pegue isso. Você corre para a esquerda, continua até encontrar uma parede e depois segue para o norte. Você me entende?

Eu estava balançando a cabeça. Eu não iria fugir. Eu não estava deixando nem ele nem ninguém para trás.

— Molly. — Ele segurou a parte de trás da minha cabeça. — Você corre até aquela parede e vira à direita, e então segue até encontrar uma porta. É o posto de guarda. Dentro há um telefone que vai funcionar...

— Eu não estou indo a lugar nenhum. — Afastei-me dele, dando um passo à frente.

Ele pegou a ponta do meu vestido, puxando-me para trás.

Balancei a cabeça e lancei-lhe o olhar mais duro que consegui neste momento. Eu engatilhei a arma, tirando a segurança.

— Eu já disse. Não vou fugir. — Meu tom era duro e *eu* estava dura. Foda-se estar com medo. Fiquei furiosa. Quem quer que tivesse vindo aqui, atirado em pessoas que eu amava, estava acabado. Eles iriam levar uma surra, possivelmente de mim. Mas ele estava certo. Meu interruptor foi aposentado. Eu não colocaria em perigo as pessoas que amava, mas não estava fugindo. Ele não poderia me pedir para fazer isso. — Todos nós temos telefones que funcionam. Tenho certeza de que há um na casa.

— Molly. — Sua mão estava torcendo meu vestido, mas vi o medo em seus olhos.

Eu ainda balancei minha cabeça.

— Não me mande em uma missão tola, porque você quer que eu esteja segura. Não estou segura, não importa o que aconteça. Desgosto ou dor física, é tudo a mesma coisa para mim.

Ele se endireitou novamente, seus olhos brilhando, e ele pressionou a boca em uma linha firme.

Eu cortei minha cabeça em um aceno.

— Certo. Eu liderarei. — Dei um passo à frente, mas fui puxada para trás.

Ashton estava olhando para mim.

— Vá!

— Não — eu sibilei de volta.

Ele gemeu.

— Não temos tempo para isso.

— Estou ciente — ele respondeu.

Bang, bang, bang!

Pop!

Houve mais gritos, mais gritos.

Eu não consegui distingui-los, mas Ashton entrou em ação, girando no ar, e saiu do galpão. Sua arma estava levantada e ele estava atirando antes que eu pudesse ver o que estava à nossa frente.

— Ah!

Bang!

Esse foi Ashton. Ele continuou correndo e atirando, até que ouvi um baque repentino à frente.

Eu me movi ao redor dele. Um homem caiu no chão e Ashton foi até ele, cutucou-o e atirou em seu rosto.

Eu engasguei, pulando para trás.

Ashton me lançou um olhar, mas seus olhos eram duros. O cruel Ashton havia retornado. Lutei contra um arrepio, porque ele era muito diferente do homem que segurava meu rosto, dizendo que me amava.

Um tiro soou à nossa esquerda.

Ashton se moveu, seu braço me varrendo atrás dele, e ele estava atirando de volta ao mesmo tempo.

Esse cara também caiu, com a arma longe do corpo.

Uma mão apareceu e Ashton gritou:

— Não! — Sua arma ainda estava levantada e ele se aproximou até que quem estava pegando a arma congelou. Era uma mão feminina. Sua outra mão apareceu. — Saia. Agora.

Nea saiu, com as pernas trêmulas. Seu rosto estava pálido, seus lábios tremiam. Seus olhos estavam tão grandes e assustados.

— Sou só eu, Ashton.

Eu fiz uma careta. Não gostei de como ela disse o nome dele, como se ela o *conhecesse*, o conhecesse.

— Afaste-se dessa arma, Nea.

— Ashton...

— Agora!

Todo o seu corpo saltou, mas ela se afastou, aproximando-se mais do espaço aberto. Suas mãos ainda estavam estendidas.

— Eu só estava com medo. Isso é tudo. Não sei o que está acontecendo aqui. — Ela apontou para trás de onde estava escondida. Seu dedo ainda estava balançando. — Lá... outros. Há outros escondidos lá atrás.

Outros? Cada parte do meu corpo queria correr ao redor dele, entrar ali, salvar quem mais estava lá, mas não. Amaldiçoei, mas me contive.

Ashton foi primeiro e eu espiei logo atrás dele. Um alívio instantâneo me inundou ao ver a enfermeira Sloane, mas também Sophie e Pialto. A enfermeira Sloane estava sentada, com os joelhos apoiados no peito, olhos assombrados olhando para mim. Sophie e

Pialto estavam abraçados, braços e pernas entrelaçados.

Amaldiçoei, primeiro tocando os joelhos da enfermeira Sloane, mas depois coloquei a trava de segurança de volta antes de me jogar nos braços de Pialto e Sophie. Ambos me rodearam, puxando-me para seu amontoado. Seus braços me envolveram. Sophie estava chorando. Pialto estava alisando meu cabelo.

— Ah, graças a Deus. Você está bem.

Sophie me abraçou com tanta força que não consegui respirar.

— Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus — ela repetia, e Pialto também agradecia a Deus, olhando para o alto e fazendo um movimento de cruz com a outra mão.

Então, de repente, um silêncio tomou conta deles.

Eu me virei, vendo Ashton parado ali. Nea estava um pouco longe dele, mais atrás. Ele estava com sua arma e fez sinal para nós.

— Todos, venham aqui.

Nós obedecemos.

Ashton apontou para frente, para a direita.

— Vão por ali. Há uma sala segura onde vocês podem se esconder.

O suspiro de alívio de Pialto foi alto.

Sophie engasgou com uma risada, abaixando a cabeça.

Ashton estava me lançando um leve olhar de *Que porra?*, mas fiz sinal para que ele deixasse isso de lado. Ambos faziam coisas estranhas quando se sentiam desconfortáveis. Às vezes, achava que era a base dos nossos relacionamentos, além de eu empregá-los.

Ninguém se mexeu, então Ashton gritou:

— Agora!

A enfermeira Sloane lançou-lhe um olhar desagradável, mas se mexeu. Nea foi a próxima.

Fiquei na retaguarda enquanto Pialto e Sophie corriam na frente.

Eu caminhei ao lado de Ashton. Ele me puxou para ele e deu um beijo na minha testa. Ele sussurrou com urgência:

— Por favor, fique segura. Por favor.

Ashton nos guiou até os fundos de um armazém e abriu uma porta. Todos entramos no que parecia ser um escritório. Ele seguiu em frente, verificando algumas coisas antes de voltar correndo. Ele me puxou até a porta, indicando os outros.

— Mantenha-os aqui. Faça barricadas nas janelas e portas, a menos que você saiba quem está do outro lado.

Eu balancei a cabeça.

Ele embalou meu rosto, alisando meu cabelo com as mãos, e parou por um momento. Ele se abaixou, sua testa na minha.

— Eu amo você. Seja cautelosa, é meu único pedido.

Eu estava balançando a cabeça com cada palavra que ele dizia, minha mão tocando a dele.

Ele me beijou e saiu.

— Tranque a porta, Molly. — Sua voz veio pela porta.

Certo. Trancar.

Eu tranquei e ele desapareceu.

Oh, Deus.

Oh, Deus.

Não mais, por favor.

Mas respirei fundo, virei-me, descansei as costas na porta e deslizei para o chão.

Isso estava acontecendo.



— Ele ama você.

Olhei para Nea, que parecia estar se aproximando horas depois, mas verifiquei meu telefone. Dez minutos se passaram. Ela se virou e deslizou para se sentar ao meu lado. Suas longas pernas de modelo se levantaram enquanto ela abraçava os joelhos contra o peito.

— Eu não achei que ele fosse capaz dessa emoção, exceto com Trace.

Ok. Se ela tivesse me abordado com isso trinta minutos atrás, eu poderia ter ficado chateada. Obviamente, ela conhecia Ashton de uma maneira que eu gostaria que ela não conhecesse. Mas também, obviamente, ela estava dizendo isso por um motivo.

Olhei na direção da enfermeira Sloane. Ela segurava Sophie nos braços e Pialto estava ao lado delas, meio virado. Ele percebeu que eu os notava e me lançou um olhar.

Eu levantei minhas sobrançelas para ele, transmitindo o que quer que ele pensasse ser, e seu nariz enrugou antes de ele se virar. Então ele olhou novamente e piscou na minha direção.

Eu não tinha ideia do que isso significava.

— Ashton e eu saímos juntos.

Certo. Eu não queria fazer isso. Não era o momento apropriado, mas fechei os olhos neste momento.

— Faz um tempo...

Levantei a mão com uma expressão de *não me importo* no rosto.

— Eu vou parar você aí. Economize algum tempo para nós duas.

Ela fechou a boca num piscar de olhos, sentando-se mais alta. Mais reta.

Inclinei minha cabeça.

— Eu teria me importado trinta minutos atrás. Eu teria ficado com ciúme, não insegura, mas sim, com ciúme, porque você é incrivelmente linda. Ou eu teria começado assim, depois desligado e bloqueado até que Ashton percebesse ou um dos meus amigos percebesse e me desse um discurso encorajador de que eu, de fato, exalo algo incrível. Além disso, para você saber, eu não sou normal. Não desperdiço energia ficando deprimida. Quero dizer, sim; trinta minutos atrás, eu poderia ter pensado em reservar um dia no Airbnb da Autopiedade, mas isso foi há trinta minutos. — Apontei ao redor da sala, fazendo isso com minha arma, a que Ashton me deu. — Trinta minutos atrás, Ashton me disse que me amava. E há trinta minutos, o lugar onde estão todos os meus entes queridos está sob ataque. Alguém invadiu aqui e atirou em pessoas que eu amava. Isso foi há trinta minutos. Seja lá o que for — fiz um gesto entre mim e ela — não dou a mínima.

Seus olhos se fixaram nela e a seguraram. Ela franziu a testa um pouco.

Ah. Ali. Ela estava olhando para a arma e estava irritada. Era isso.

Ela não estava com medo, mas ficou muito assustada quando Ashton apareceu pela primeira vez com a arma e gritando ordens. Agora, ela estava se aproximando de mim para quê?

Fiz um gesto para ela com minha mão livre.

— O que você está fazendo?

— Não era para acontecer assim — disse Nea.

E ao mesmo tempo a enfermeira Sloane sussurrou:

— Nea.

Franzi a testa para a enfermeira Sloane, que estava parada na mesa dos fundos olhando para uma pilha de fotos. Então meu telefone começou a tocar.

Pensando que era Ashton, tirei-o quando me levantei.

— Estamos a salvo...

— Saia daí! Agora!

Não era Ashton. Tive que olhar para a tela e ver a identificação do chamador desconhecido.

— Pai?

Ele amaldiçoou.

— Estou indo até você. Você teve que ir tão longe ao norte da cidade? Saia daí. Agora!

— Pai? O que você está... você está dirigindo até aqui? — Mas eu estava olhando para a enfermeira Sloane, porque ela não parava de olhar para o que quer que estivesse na mesa de Ashton.

— Eu tenho tudo, querida. Tudo. Eu sei quem está por trás de tudo.

— Você sabe quem matou Kelly?

As cabeças de todos se viraram em minha direção.

— O quê? — alguns perguntaram.

Eu os estava ignorando, focando apenas em meu pai.

— Você sabe quem matou Kelly e Justin? Foi isso que eu pedi para você descobrir, lembra?

— Querida...

A linha ficou muda.

— Pai? — Esperei, mas nada. A ligação desapareceu.

— Era seu pai? — Sophie veio até mim, com os olhos no meu telefone.

Eu guardei isso.

— Não importa.

— O que ele estava dizendo?

Eu fiz uma careta.

— Não sei.

— Sim, mas...

— Se ela não quiser falar sobre o pai, especialmente nessas circunstâncias, deixe-a em paz. — Pialto se aproximou, tocando o braço de Sophie, olhando para mim. Ele afastou Sophie. Voltaram para a mesa que a enfermeira Sloane estivera estudando com tanta atenção.

Balancei a cabeça, deixando-o saber que estava bem, mas não estava. De repente, eu estava tão cansada. E preocupada.

Ashton ainda estava lá fora. Jess. Estava quieto, exceto por um tiro ocasional, e silêncio novamente. Eu não aguentava o silêncio. Eu senti como se minha pele quisesse sair dos meus ossos.

— Seu pai sabe quem matou Kelly? Amiga de Jess? — A pergunta veio de Nea, que estava olhando para minha arma.

Dei de ombros.

— Não sei.

Ela levantou o olhar para mim, seus olhos estreitados, focados.

— Era isso que ele estava tentando descobrir? Quem os matou?

Eu fiz uma careta para ela.

— Sim. Por quê?

— Nea. — A enfermeira Sloane estava contornando a mesa, fixada na amiga. — Não...

Nea balançou a cabeça, seus olhos pareciam um pouco em pânico.

— Ele sabe. Ele sabe, Sloane.

— Nea, não...

A voz dela aumentou.

— Não era para acontecer assim.

Ela já havia dito isso antes. Meu corpo ficou frio com suas

palavras.

— O quê?

— Hum... — Pialto disse atrás de mim. — Quem são esses?

— O quê? — Olhei para trás. Ele estava olhando para a mesa, para as fotos ali.

A enfermeira Sloane se afastou, vindo em minha direção. Seu rosto estava abatido. Pálido, como se ela tivesse visto um fantasma.

— Nea. — Sua voz era tão baixa, como um aviso.

— Molly. — De Pialto novamente, mais insistente, mais alarmado. — Esses. Quem são esses?

Eu levantei a mão.

— Um segundo.

Algo estava acontecendo. Algo entre Sloane e Nea.

Algo... por que meu estômago despencou?

O medo começou a forrar minhas entranhas.

— Molly! — Pialto disse isso de novo, de forma mais incisiva.

Olhei em sua direção, vendo que ele estava segurando uma foto e a levantava lentamente.

— O que é isso?

— É... uh... Ashton trouxe as fotos para eu ver.

Mas a foto que ele estava mostrando para mim. Seus olhos estavam indo de lá para Nea e vice-versa. Uma carranca profunda no rosto.

Aquela foto.

Ele continuou olhando para Nea e vice-versa.

Ele estava confuso, mas eu... o medo revestia meus órgãos.

A sala estava subitamente diminuindo de tamanho.

Senti o chão começar a tremer debaixo de mim. Ele seria arrancado debaixo dos meus pés. Eu sabia. Senti isso chegando. Fiquei paralisada com aquela foto que Pialto estava segurando. Não consegui entender, nem todos os detalhes, mas era de uma mulher. Vestido vermelho.

Era a mulher de fora do Octavia.

Era a foto que eu procurava e Pialto a tinha.

E ele estava olhando confuso para Nea.

Os pontos foram se conectando lentamente. O horror começou a me preencher.

Comecei a me virar lentamente, sentindo como se estivesse andando na lama.

Seus olhos estavam indo de mim para a foto, para Nea e vice-versa, e de novo, e de novo.

— Eu sinto que isso é importante. Por que sinto isso? Por que você tem uma foto *dela*? — Ele acenou com a cabeça para Nea.

Mas Nea estava dizendo bem ao meu lado, como se ele não

tivesse falado, como se ela nem o tivesse ouvido:

— Nada disso deveria acontecer como aconteceu. Nada disso. Eu me apaixonei e não deveria, mas me apaixonei. Ele é um cara mau. Estou tentando contar a você, explicar por que estava sofrendo depois de Ashton. Você tem que ver isso. Você tem que entender isso. Quando você está tão sozinha e então pensa que está recebendo a luz do sol, apenas para que essa luz do sol seja tirada... você faz coisas para substituí-la. Coisas das quais você não se orgulha. Coisas das quais você se arrepende.

— Não! — Essa era a enfermeira Sloane.

O olhar de Pialto estava focado exclusivamente em Nea.

Ela acrescentou, também em um sussurro:

— Ele não é o mocinho.

— O quê? — Eu estava tão confusa. — Do que você está falando, Nea?

Ela parecia dividida, olhando para mim. Acometida.

— Eu pensei que amava Ashton, mas ele arrancou meu coração e então, meu cara veio atrás e me *preencheu*, mas eu estava errada. Meu cara preencheu o vazio que Ashton deixou para trás. Acho...

Meu mau pressentimento se transformou em pavor.

— Nea — Sloane sibilou novamente.

Nea nem a estava vendo. Ela não estava vendo Pialto. Achei que ela nem estava mais me vendo. Era como se ela estivesse vendo outra coisa, outra pessoa.

Segurei minha mão mais reta, agora me afastando, virando. Andando para trás. Colocando espaço entre mim e Nea, segurando minha arma com firmeza. A trava de segurança ainda estava no lugar.

Eu não queria tirar.

Eu precisava estar segura. Inteligente.

Pessoas que eu amava estavam lá fora, mas pessoas que eu amava estavam aqui.

Nea *estava* quase falando sozinha, com a cabeça baixa.

— Eu fui tão estúpida, mas era médica. E meus pais. Eu queria deixá-los tão orgulhosos de mim. Eu trabalhei tanto por eles. Eu era ambiciosa. Ingênua. O pai de Trace entrou e ninguém parecia preocupado sobre como ele foi parar no pronto-socorro. Levantei a questão, perguntando se deveria chamar a polícia. No dia seguinte, meu paciente se foi e Ashton estava flertando comigo em uma cafeteria.

Oh, Deus. Ashton. Meu coração afundou.

Ela continuou, com uma segunda lágrima caindo:

— Eu não tive vida na faculdade de medicina. Graduação. Faculdade de medicina, biologia, química, anatomia e fisiologia, nada disso veio naturalmente para mim. Tive que estudar, por horas. Eu

não ia a festas nos finais de semana. Não fiquei bêbada depois das provas finais. Estudei para a próxima prova, para a próxima aula. Estudei antes e agora é tudo discutível, mas preciso que você entenda.

Pisquei, olhando em volta, mas parecia que ela estava focada apenas em mim.

— Entender o quê?

Eu estava tentando entender o que ela estava me dizendo, mesmo que não fizesse sentido. Ela estava dizendo *alguma coisa*. Eu tinha que descobrir isso.

— Eu estava sozinha. Às vezes, você se sente *tão sozinha*. Você se sacrifica tanto. Desiste de tanta coisa e então você tem um vislumbre de algo que nunca teve e só quer isso. Eu só queria isso. Não ficar sozinha. Quando Ashton me convidou para sair, me apaixonei por ele. Eu não sabia melhor. Eu não conseguia ler os sinais de que ele não estava a fim de mim, de que estava me usando. Estou tão chateada comigo mesma por me importar, por ainda me importar. — Ela fechou os olhos e quase começou a falar sozinha. — Ele apareceu de novo, mas não para pedir outro encontro. Ele me *educou* — ela parecia amarga — sobre quem ele era. Sobre quem era Trace. Sobre como eu nunca deveria chamar a polícia se alguma de suas vítimas acabasse no hospital, ou aprenderia o verdadeiro significado do que a Máfia é. Ele pretendia me assustar, mas apenas me machucou. Perguntei por aí, descobri a verdade sobre a Máfia. Eles existem. Eles operam onde eu trabalho. Eu precisava entrar no programa. Aprendi. Eu segui com o programa. Nunca contei a ninguém. Nunca dei outro alarme sobre alguém que apareceu misteriosamente quando as câmeras de segurança estavam desligadas ou quando houve *um olhar* de uma enfermeira para outra. É sempre o mesmo visual. O mesmo olhar conhecedor. Sloane usa em oitenta tons diferentes. As enfermeiras sempre sabem. — Ela olhou para a enfermeira Sloane. — Você sempre soube.

— Nea. — A enfermeira Sloane deu um passo em sua direção e disse baixinho: — Por favor, pare. — Uma lágrima solitária escorregou pelo seu rosto.

Nea estava balançando a cabeça, seus olhos não estavam nesta sala. Eles estavam em outro lugar, vendo outra coisa ou vendo outra pessoa. Uma expressão torturada estava profunda em seu olhar.

— Não posso. É tarde demais, Sloane. Já é tarde demais há muito tempo.

— Molly, por que você tem essa foto aqui? — Pialto sibilou, segurando a foto. Seu braço inteiro estava esticado em minha direção, tenso. — Eu realmente sinto que você precisa me responder, e não sei por que, mas preciso.

Sophie estava franzindo a testa, aproximando-se para ver a

foto.

Sloane olhou, e todo o seu rosto empalideceu antes de ela se concentrar novamente em Nea.

Tudo estava acontecendo em câmera lenta. Devagar, mas não fui rápida o suficiente.

O que estava acontecendo?

A imagem. Ashton me disse que trouxe o resto das fotos para cá, se eu quisesse continuar olhando, porque ainda não sabíamos quem era aquela mulher.

Eu simplesmente não tinha passado por aquele grupo de fotos.

Sloane parecia que ia ter um ataque cardíaco e, então, os pontos estavam se conectando mais rápido.

Houve uma repentina saraivada de tiros.

Eu pulei, balançando minha arma em direção à porta, mas xinguei e abaixei-a novamente. Pialto e Sophie gritaram. Sloane quase caiu no chão, balançando a cabeça, repetindo o nome de Nea sem parar.

Mas Nea... ela estava olhando para o telefone.

Sua tela brilhou.

Tudo isso aconteceu ao mesmo tempo antes que ela olhou para cima e encontrou meu olhar.

Uma expressão brilhou em seu rosto. Arrependimento? Então ela ficou em branco. Uma parede caiu sobre ela e ela se virou para a porta.

Não...

Comecei a levantar minha arma.

— Não...

A cabeça de Sloane se levantou e ela começou a ficar de pé novamente.

Não, não, não!

— Não! — eu gritei, levantando minha arma totalmente.

Ela me ignorou, correndo para a porta.

— Não abra essa porta!

Ela o fez, abrindo-a.

Uma mão veio de fora, agarrando-a, e ela se abriu completamente.

Tirei a trava de segurança. Ao mesmo tempo, um homem que eu não conhecia entrou.

Ele tinha um sorriso assustador no rosto, com o cabelo penteado para trás. Uma camisa preta justa de mangas compridas e calça escura. Mantive a arma levantada mesmo quando percebi a arma que ele segurava. Uma que tinha um longo cano silenciador preso no topo.

— Você é Molly Easter?

O reconhecimento me atingiu no estômago. Eu não conhecia esse cara, mas *conhecia* quem era esse cara.

Ele se apresentou.

— Meu nome é Nicolai Worthing.

CAPÍTULO 52

Ashton

Eu iria assassinar quem estava fazendo isso, quem estava colocando meus entes queridos em risco, quem ousou trazer essa briga para cá. *Aqui*. Meu complexo. O complexo da minha família. Aquele que eu odiava.

Corri de prédio em prédio, abrindo todas as portas para encontrar todos.

Marco e Remmi estavam num armário nos fundos.

Avery e Elijah me encontraram quando nos mudamos para outro prédio. Eles ajudaram a levar meu primo e a irmã de Trace para outra sala segura.

Eu continuei. Tive que continuar.

Todos tinham que estar seguros. Não poderíamos perder ninguém.

Eu varri o prédio dos funcionários agora.

Trace estava lá dentro, segurando uma arma apontada diretamente para mim. Ele amaldiçoou ao me ver.

— Graças a Deus.

Eu respondi:

— Precisamos encontrar o resto.

— Molly?

— Eles estão seguros. Eles estão no meu escritório.

Virei-me com a arma na mão e continuei. Continuar sempre. Sempre.

Nunca parar. Nunca parar de lutar.

— Ashton. Jesus. — Trace tocou meu braço. — Você está tremendo.

O rádio de Avery tocou. Houve outra saraivada de tiros antes que uma voz gritasse:

— Armazém! Ele está indo atrás de seus primos.

Trace amaldiçoou, seus homens estavam com ele. Meus homens estavam comigo.

Sáimos de lá. Avery e Elijah estavam de cada lado de mim. Demetri e Pajn cercavam Trace.

Olhei para trás em um ponto, gritando para Trace:

— Jess?

Ele continuou a correr por nós.

— Ela ficou com a mãe. Elas vão se juntar aos outros em seu escritório. Sua casa estava limpa.

Avery estava ouvindo seu rádio enquanto mais informações chegavam do resto dos meus homens.

— Eles cercaram os homens de Worthing, mas dizem que um

carro passou pela entrada sul. Está vazio, mas quem estava lá dentro está a pé dentro do complexo.

Parei de correr.

Deus. Meu coração estava batendo forte. Molly.

Avery estava ouvindo novamente antes de dizer:

— Temos o controle do complexo, mas precisamos descobrir quem é essa pessoa. — Seu rádio estalou novamente. — Nossos homens estão na sala de segurança e...

— Nicolai Worthing — veio de Ben, o guarda agora na sala de segurança. — Perdemos tempo diante das câmeras, mas, merda, ele está na sala principal.

Eu saí de lá.

Sala principal.

Era o meu escritório.

Foi para lá que mandei Molly.

Molly...

Não, não, não.

Eu não chegaria lá, abriria aquela porta e encontraria um corpo lá dentro.

Eu não a perderia.

Ouvi Trace perguntando atrás de mim:

— É... Ashton!

Eles estavam vindo atrás de mim, mas o único mais rápido que eu era Avery. Eu ainda tinha uma corrida mortal na frente dele.

Eu era o excluído da família. A ovelha desgarrada. Marco deveria ter assumido, mas *eu* assumi. Eu trabalharia em conjunto com Trace. Foi o que eu disse quando Marco questionou por que fui eu quem deu um passo à frente, mas era mais do que isso. Eu queria controlar meu destino. Queria ser o narrador do meu lugar na família, porque nunca mais guardaria outro segredo, não como aquele que minha mãe me fez guardar.

A oportunidade de dar um passo à frente e assumir o controle me foi dada. Eu peguei.

Eu nunca quis ser controlado novamente.

Eu estive perto de conseguir tudo que nunca soube que precisava na vida. Amor. Segurança. Poder. Paz. E agora Worthing estava aqui e tentava tirar tudo de mim. Eu não deixaria.

Molly era minha. Ele não poderia tê-la.

Corri para a porta.

Já estava aberta – meu coração batia forte. O que isso significava? Quando estendi a mão para pegá-la, entrei na porta aberta e... um tiro disparou.

Meu coração parou.

CAPÍTULO 53

Molly

Ele riu.

— Vejo que minha reputação me precede.

Cristo. Ele estava rindo. Abri a boca, mas o que havia para dizer?

Ele acenou com a cabeça para minha arma.

— Você deveria guardar isso.

Pisquei.

— Eu deveria atirar em você.

Todos os outros deixaram de existir para mim. Éramos ele e eu. Minha arma contra a dele. Ele ainda não havia levantado a sua, mas o faria. Eu sabia que ele faria isso.

Eu ia matar alguém. Esse conhecimento penetrou na minha espinha, como uma gota de frio.

Eu iria matá-lo, porque não iria deixá-lo machucar mais ninguém. Era eu ou ele.

Seus olhos ainda estavam frios, mas um brilho diferente apareceu. Um cruel. Um que eu tinha visto passar por Ashton algumas outras vezes. Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Você sabe o que estou fazendo aqui. Meus homens — ele apontou para fora — estão lá fora, matando seu homem e seus amigos.

Aquele fio frio se transformou em gelo.

— Você está mentindo.

— Você não ouviu os tiros. Estou aqui. Eu entrei. Em que seu bom senso lhe diz para acreditar? Eu, que estou aqui e digo isso, quem não está ameaçado pela sua arma? Eu poderia levantar minha própria arma, você sabe. Tão rápido. Eu já matei antes. Eu não hesitaria, mas você, você pode hesitar. Você já atirou em alguém antes? — Seus olhos assumiram uma expressão de pena. — Vai ficar tudo bem, Molly. Vou deixar você e seus amigos irem.

Ele estava mentindo.

Ele estava pagando meu blefe e, assim que pensei nisso, ele começou a erguer a arma.

Minha mente não estava em branco. Eu não estava saindo do meu corpo.

Eu estava aqui. Eu estava presente. Eu não estava apertando o botão, mas desta vez, desta vez eu sabia exatamente o que faria. Ele não me deu outra opção.

Esta não foi uma reação exagerada.

Eu puxei o gatilho.

Então ouvi, à distância, Ashton gritando meu nome.

Ele entrou na sala assim que terminei de puxar o gatilho.

— Molly!

Eu estava tendo uma sensação de déjà vu, porque não tinha atirado em Nicolai. Minha bala o atingiu de raspão. O que estava errado comigo? Eu ainda não conseguia atirar direito, mas então um grito horripilante soou perto de mim.

— Não!

A enfermeira Sloane avançou, afastando com força o braço de Worthing. A arma disparou, mas a bala passou por mim. Eu ainda sentia a queimação e toquei minha bochecha, recuando um passo.

Um braço me envolveu, quase me jogando para fora do caminho. Ashton estava na minha frente, bloqueando-me. Ele tinha sua própria arma apontada para Nicolai e parecia muito mais robusto do que eu.

— Não se mova! — Ele estava gritando ordens para Worthing, que ficou temporariamente atordoado pela súbita mudança nos acontecimentos.

— Sloane! — Nea correu até ela e as duas se alcançaram, movendo-se para o lado.

Uma debandada de pés entrou na sala nesse momento.

Avery. Elijah. Dois outros caras grandes que eu não conhecia. Trace e Jess estavam atrás deles. Marco e Remmi estavam olhando de fora, junto com a mãe de Jess, até que os seguranças os afastaram.

A voz de Jess soou do outro lado dele.

— Sloane? Vocês estão bem?

A enfermeira Sloane estava chorando, mas eu não conseguia desviar o olhar dela, porque *ela* não estava desviando o olhar. Ela não estava chorando como se estivesse com medo. Ela estava chorando... eu não sabia por que, mas aquele olhar assombrado estava de volta e piorou desde que Jess entrou na sala.

— Jess... — ela começou.

Nea a interrompeu.

— Ele me ameaçou...

— Deixa para lá, Nea! — Sloane gritou, estendendo o braço. — Acabou. Você o deixou entrar. *Você* o deixou *entrar*. Você fez isso e começou a falar sobre como Ashton partiu seu coração. O que você estava pensando?

Eu fiz uma careta. Isso não parecia certo para mim.

Sloane também franziu a testa.

— Nea.

— Não. Eu não sabia. Acabou. — Ela estava lançando um olhar significativo para Sloane.

— Molly — Pialto sibilou, aproximando-se e empurrando uma foto na minha cara. — É *ela*. — Ele acenou com a cabeça para Nea.

Eu... não conseguia respirar, porque, pelos santos deuses, eu

havia ligado os pontos, mas ainda não conseguia acreditar. Na verdade. Parecia tão surreal. Virei meu olhar na direção de Nea.

O vestido dela. O cabelo dela. Os sapatos dela.

Outra lembrança passou pela minha mente quando passávamos pelo veículo dela. O dia em que fugimos do hospital, quando ela nos ajudou. Ela estava na frente, a porta estava aberta e suas coisas estavam no banco atrás dela. Eu não tinha notado então, mas havia um brilho atrás dela – e lembrando agora, eram sapatos.

Os mesmos sapatos que ela usava na noite em que esta foto foi tirada.

Os mesmos sapatos estavam no banco no dia em que ela nos deu carona para sair do hospital.

Quando Ashton me agarrou do carro dela e estávamos passando.

Olhei além dela e eram aqueles sapatos.

Ela os estava usando na foto, aquela de fora do Octavia.

Ela era a mulher.

Peguei-a de Pialto e entreguei-a a Ashton.

— É ela.

Eu podia vê-la claramente agora, saindo da traseira do Octavia, saindo pela porta que nunca foi usada, entrando no carro que havia atirado no gerente da boate momentos antes e no homem... olhei para Worthing no chão.

Era ele.

Foi assim que o conheci.

Nicolai Worthing esteve no Octavia com Nea.

Nea fazia parte disso.

— Você o deixou entrar.

Ela franziu a testa, seus olhos piscando para mim, mas ela não disse nada. Seu peito subiu. Ela respirou fundo e prendeu a respiração. Ela estava lutando contra as lágrimas.

Juntei tudo: os pontos haviam se conectado e agora estavam se acomodando dentro de mim, falei isso porque fazia sentido para mim agora:

— Você sabia que ele estava lá fora. Você olhou para o seu telefone. Você continuou observando minha arma. Você foi até a porta. Você o deixou entrar. Você... — Ela não estava com medo. Ela estava falando sobre Ashton, mas nunca sentiu medo.

Estávamos todos com medo.

Ela deveria estar com medo. Ela não estava.

Mas ela estava agora, e respirou fundo novamente.

— Ela matou Justin.

Tudo parou, *de novo*.

Todos os olhares se voltaram para a enfermeira Sloane, que

estava olhando para Jess, com a mesma expressão assombrada no rosto. Achei que nunca mais a veria sem ela.

— Nea matou Justin e eu vi.

Jess recuou um passo, a boca caindo ligeiramente.

— O quê?

— Eles me ligaram. Eu contei a você. — Ela olhou em minha direção, incluindo Jess. — Eles ligaram para se despedir, mas não foi na noite anterior. Foi *naquela* noite. Ouvi um segurança ao fundo, dizendo-lhes que precisavam sair da vaga de estacionamento. Eu sabia onde eles estavam e corri até lá. Eu queria colocar um pouco de juízo em Kelly. Por que ela estava indo embora? Não fazia sentido. Ela poderia ter ficado. Nada disso fazia sentido. Kelly parecia feliz, mas eles estavam se despedindo, e ela estava me pedindo para cuidar de você, porque você precisaria, você precisaria de toda a ajuda que nunca deixaria ninguém dar. Foi o que ela disse enquanto ria, então eu sabia que ela estava bem, mas ela ainda estava triste por deixar você. Eu queria convencê-los a não ir embora. — Ela parou, engolindo em seco antes de desviar o olhar. — Ouvi o tiro quando estava virando a esquina. Nea estava de pé sobre o corpo de Justin. Ela estava com a arma na mão, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Kelly a atacou. Ela estava... ela estava gritando e queria sangue.

Lágrimas começaram a cair do rosto de Jess, mas ela não demonstrou mais nada. Ela estava trancada.

— Ela não parava, Jess. Ela ia matar Nea. Eu sabia disso e eu...

— Ela parou, todo o seu rosto se contorcendo. Atormentado.

— Você o quê? — Jess perguntou, com os dentes cerrados.

— Kelly tirou a arma da mão de Nea e ela caiu no chão. Parou a poucos metros de mim. Elas não perceberam. Nea estava gritando para ela parar, e eu... Nea não faria nada a menos que sua vida estivesse em perigo. Mas Kelly *não* parava. Ela não queria... ela continuou batendo a cabeça de Nea na calçada e... — ela respirou fundo estremecendo — eu peguei a arma.

O rosto de Jess estava totalmente branco, mas muito duro. Seus olhos estavam inflamados.

— Ela está mentindo. — Nea tossiu, com os olhos perturbados. Selvagem. — Foi ela quem matou Justin. Eu saí e fui eu quem ouviu o tiro. Kelly se virou para ela. Foi Sloane quem disse que podíamos fazer com que parecesse um golpe da Máfia. Ela disse que isso acontecia o tempo todo, que ninguém pensaria duas vezes, porque já estavam indo embora.

Sloane estava olhando para ela, estupefata.

— Você... foi você quem... você matou Justin! Eu vi com meus próprios olhos.

Nea mal reagiu.

— As câmeras de segurança já estavam desligadas naquela noite. Como você vai provar isso? Além disso, só fui lá porque Nico ligou. Ele disse que Justin sabia sobre...

Bang!

Sua cabeça foi para trás; faltava metade e seu corpo caiu no chão. A enfermeira Sloane soltou um grito abafado.

Nea se foi.

Virando-se e olhando, Nicolai atirou nela. Ele estava sentado, com uma segunda arma na mão. Ele começou a apontar para mim em seguida, até que um grunhido gutural deixou Ashton quando ele avançou, sua própria arma já apontada para Nicolai.

Ele atirou nele.

Eu mal reagi ao som dessa vez. Meus tímpanos zumbiam continuamente.

Sua própria cabeça também caiu para trás, seu corpo caindo o resto do caminho.

Bang, bang, bang!

Ashton continuou avançando. Ele *continuou* atirando em Nicolai. Sua mandíbula estava cerrada com força. Seus ombros rígidos. Suas costas estavam tão retas quanto possível e ele continuou atirando. Ele esvaziou todo o pente no corpo de Nicolai Worthing.

Ninguém disse uma palavra até ele acabar.

Mesmo assim, ele continuou tentando atirar nele.

— Ashton. — Trace deu um passo em direção a ele, mas Ashton se virou, apenas me vendo.

Ele deu dois passos, voltando para mim, e me puxou para ele. Seus braços me envolveram e ele me segurou, levantando-me parcialmente do chão, sua cabeça enterrando-se em meu pescoço. Sua mão subiu, alisando meu cabelo, e ele disse em meu pescoço:

— Nunca mais.

Agarrei-me a ele com tanta força quanto ele me segurava.

Nada mais importava nesse momento.

CAPÍTULO 54

Molly

O resto da história foi montado.

Sloane preencheu os espaços iniciais.

— Você matou Kelly. Não foi? — Jess disse em vez de perguntar.

Sloane assentiu. Ela estava sem emoção até então, sentada em uma sala separada no complexo. Os corpos de Nicolai e Nea foram ambos... bem, não sabia. Não perguntei. Eu não queria saber, mas agora era mais tarde e demorou para saber a verdade.

Todos só queríamos saber a verdade.

— Matei. Achei que a estava protegendo, mas agora percebi que Kelly estava tentando se proteger. Entrei na hora errada. Eu... eu sinto muito, Jess. Sinto muito.

— Por que Nea matou Justin? — Trace foi para o lado de Jess, com a mão nas costas dela.

Sloane ergueu o queixo.

— Ela estava namorando Nicolai. Eles se conheceram um mês depois. — Ela olhou para Ashton e para mim. — Acho que foi isso que ela estava dizendo antes. Ela estava sofrendo. — Ela olhou na direção de Ashton. — Então Nicolai entrou fazendo perguntas. Não sei o que o atraiu nela, mas ela era linda. Ela tinha boas intenções, no começo. Não acho que ela tenha ido por causa de Ashton. Foi Nicolai. Ela conversou um pouco comigo sobre isso, mas isso foi depois que ela já o estava namorando. Eu sabia quem ele era, mas ele era diferente. Ele não era um Trace ou um Ashton. Havia uma diferença. Eles poderiam fazer o mesmo trabalho, mas ele não era como eles. Ashton, Trace, eles são bons homens que fazem coisas ruins. Não gosto do que eles fazem, ou não gostava, mas não tinha medo deles como pessoas. Bem, exceto aquela vez. — Ela dirigiu essa declaração a Ashton. — Ela estava sofrendo por sua causa. Ele usou isso. Ele explorou isso. Ele a fez mudar, de uma maneira que as pessoas às vezes fazem, moldando-as ou algo assim. Ele fez isso com ela, mas pensei que ela tivesse virado a página. Ela prometeu que sim, disse que queria consertar as coisas. É por isso que nós duas viemos hoje. Foi a única razão. Jess, eu... — A expressão assombrada pairava sobre ela como uma nuvem escura. — Não posso dizer que teria contado o que fiz, mas posso dizer que sinto muito. Eu gostava de Kelly. Sinto muito, por tudo. Eu...

— Três homens receberam ordens do telefone de Jake Worthing para me atacar. Um deles apontou uma arma para a cabeça de Molly. Você sabe alguma coisa sobre isso? O GPS disse que veio do telefone dele no hospital. — Ashton estava atrás de mim, com os braços cruzados na minha frente, e eu estava segurando seus braços,

recostando-me nele.

Eu adorava ficar assim, em seus braços.

O rosto da enfermeira Sloane estremeceu antes que ela assentisse.

— Nea fez isso. Disseram que fariam o que ele dissesse, se viesse do telefone dele. Era o plano dele, tentar virar uma família contra a outra. Ou foi isso que ela me disse... — Ela parou. — Agora não tenho tanta certeza.

— Nada disso tem a ver com o motivo pelo qual ela matou Justin. — Trace se moveu em direção a ela. — Ela deve ter dito alguma coisa. Qualquer coisa.

Ela se afastou dele, mas balançou a cabeça.

— Ela apenas disse que ele a atacou. Isso é tudo. Eu não poderia continuar perguntando, ou ela teria se voltado contra mim. Eu... sinto muito. Eu deveria ter pressionado mais ela.

— Ela o matou porque Nicolai pediu.

Uma nova voz, uma nova presença.

Fiquei tensa, procurando e vendo o detetive Jake Worthing na porta. Ele puxou outra pessoa para frente. O meu pai.

— Pai! — Comecei a ir em direção a ele, mas Ashton me segurou.

Foi quando vi que Jake tinha uma arma apontada para meu pai, direcionada para suas costas.

— Worthing. — O tom de Jess era como gelo.

Ele mal olhou para ela, encontrando Trace e depois Ashton.

— Esse maldito furão idiota quase foi morto esta noite. — Ele empurrou meu pai mais para dentro, liberando-o.

Meu pai correu para frente, vindo em minha direção até que Ashton rosnou em alerta.

Ele puxou as rédeas, parando, mas erguendo as mãos.

— Você está bem, Mols?

Eu balancei a cabeça, olhando para ele, porque não podia evitar. Ele ainda era meu pai. Idiota.

— Vá para lá. — Ashton apontou para o canto onde não havia ninguém.

Meu pai se afastou, mas olhou furioso. Então ele viu um bule de café e serviu-se de um copo, acrescentando metade do pote de açúcar ao copo de isopor.

— O que você está fazendo aqui, detetive Worthing? — Trace estava perguntando, seu tom tão frio quanto o de Jess.

Jake os ignorou, olhando primeiro para mim e depois focando em Ashton.

— Você se lembra da minha teoria?

A mandíbula de Ashton apertou, mas ele assentiu, um pouco.

Tão rígido.

— Eu tinha razão. E aquela doninha tem a prova. — Ele apontou para meu pai, que estava fazendo uma careta depois de provar o café. — Não sei onde ele tem isso, ou o que ele tem, mas segui a trilha o suficiente para saber que é verdade. Nicolai mandou matar Justin, porque Justin descobriu que meu primo estava trabalhando para o DEA, o Departamento Antidrogas.

Ashton ficou completamente imóvel, seu braço como chumbo na minha cintura.

A voz de Trace também estava estranhamente baixa, dizendo:

— Você quer dizer isso de novo?

Jake mal lhe lançou um olhar, concentrando-se apenas em Ashton.

— Ele foi abordado e fortemente apoiado para subir ao poder na minha família. O DEA queria ter um participante na cidade, para ajudar a manter o controle sobre o tráfico de drogas. Eles pressionaram Nicolai para entrar em nossa cidade, pensando que um jogador de Nova Iorque teria mais poder do que de onde viemos, no Maine. Eles eram os apoiadores e, quando a briga se tornou pública demais, atingindo um hospital, eles desistiram. Nicolai veio aqui como um último esforço para manter o controle. Não teria funcionado.

— Como isso se encaixa com Nea sendo quem puxou o gatilho para Justin?

— Ela ouviu quando ele e Kelly ligaram para se despedir dela. — Ele indicou a enfermeira Sloane. — Ela estava ao telefone com Nicolai e mencionou isso a ele. Ele pediu a ela naquele momento que o detivesse, por qualquer meio necessário. Ele disse a ela que Justin estava planejando ir às autoridades, mas Nicolai seria morto. Ele não seria simplesmente preso. Ele a convenceu de que alguém tinha policiais na folha de pagamento e eles iriam atrás dele. Ela matou Justin para salvar Nicolai.

— Como você sabe disso?

— Diário on-line.

Todos nós nos voltamos para meu pai, que estava tomando café e agora mastigava um donut. Onde ele conseguiu o donut, eu não tinha ideia, mas ele balançou-o no ar, agora no centro do palco, e engoliu o café de um só gole.

— Um diário. On-line também. Ela se conectava todas as noites e fazia acréscimos. Colocou tudo lá até hoje. Era a prova dela, eu acho. Caso algo desse errado. Ela teria algo para implorar para sair. Ela foi minuciosa. — Ele franziu a testa para mim, estreitando os olhos para Ashton. — Ela falou muito sobre vocês dois. Foi assim que eu soube que vocês estavam fazendo o que obviamente ainda estão fazendo, a menos que eu esteja interpretando esse abraço de maneira

diferente do que parece?

Ashton rosnou, baixo em sua garganta. Eu senti isso nas minhas costas, vibrando.

Eu gritei com meu pai:

— Como você conseguiu o diário dela?

Ele sorriu para mim, dando outra mordida em seu donut.

— Aí está ela, tão corajosa. Amo você, Mollykins. — Ele se inclinou ao meu redor como se fosse falar com Ashton. — Você sabe que ela tem uma coisa chamada interruptor...

— Pai!

Ele engoliu antes de tomar um gole de café.

— Certo. Certo. Eu invadi a casa dela e me escondi.

Fiquei pasma.

— Você o quê?

— Eu precisava de um lugar para ficar e estive perguntando por aí para descobrir quem matou Justin. Paulie, na Quinta, disse que o tiro aconteceu no hospital, é o que se diz na rua, então foi para lá que fui. Perguntei por lá e vi a médica agindo de forma estranha perto de mim. Então — ele encolheu os ombros — eu invadi a casa dela. Claro que pensei que ela iria para casa naquela noite, então fui rápido, olhei em volta, e então ela voltou para casa, mas nem percebeu. Eu saqueei a casa dela e ela entrou correndo, fez uma mala e foi embora. Eu a ouvi no telefone falando sobre isso, eu acho. Ela estava dizendo que um cara com a minha descrição estava fazendo perguntas sobre quem matou Justin Worthing. Depois disso, fiquei confortável, mas ela nunca mais voltou para casa, então demorei bisbilhotando.

Eu queria bater na testa dele.

— Você esteve no apartamento da médica *o tempo todo*?

Ele assentiu e depois inclinou a cabeça para o lado.

— Majoritariamente. Ela voltou outra vez, mas foi a mesma coisa. Vasculhou em busca de algo e enlouqueceu quando não conseguiu encontrar. — Ele sorriu. — Que bom que eu já tinha encontrado. Seu laptop e diário. Tenho tudo. Ela mudou a senha, fazendo login em outro lugar, mas eu já tinha acesso a todas as contas dela.

— *Quando* você descobriu tudo isso?

Outro daqueles arrepios percorreu minha espinha com o tom de Ashton.

Meu pai também percebeu, ficando imóvel e parecendo um pouco mais cauteloso.

— Pode ter sido há pouco tempo.

— Há quanto tempo?! — Ashton latiu.

O rosto do meu pai ficou frouxo.

— Algumas semanas.

Algumas semanas... Eu avancei.

— Quanto tempo?!

Suas sobrançelas se abaixaram e ele começou a recuar.

— Não sei. Por que isso importa?

— Por que isso importa? — eu o provoquei, ainda indo em sua direção, mas devagar. — Ah, não sei, por que talvez uma guerra inteira tenha acontecido? Talvez seja por isso que importa. Quanto tempo?

— Não sei. Um pouco, ok? — ele gritou de volta para mim, antes de jogar o resto de seu donut na mesa. — Eu consegui! Isso é tudo que importa. Consegui. — Ele ergueu seu café. — Para você.

— Você disse que não conseguia encontrar quem matou Justin. Isso foi mentira.

— Eu não menti. Ela nunca disse naqueles diários que foi ela quem puxou o gatilho. Continuei contando que Nicolai ligou para ela e houve um incidente, mas conheço você. Você não gostaria de saber a menos que houvesse evidências infalíveis. Eu não tinha isso, então esperei até ter o suficiente para trazer tudo para você. Acabei de ler o último diário hoje. Ela colocou tudo lá, uma confissão completa. Não tenho ideia do porquê. Foi então que liguei para o próprio policial, o detetive Worthing. E viemos direto para cá.

— Você deixou um rastreador aqui? — Ashton perguntou a Jake.

Jake mal reagiu, mas percebi um brilho de diversão em seu olhar.

— Você não é o único que sabe fazer as coisas.

— Certo. — O tom de Ashton era seco, mas ele suspirou.

Puxei suas mãos para baixo na minha frente, entrelaçando nossos dedos.



Jake prendeu Sloane.

— Eu o trouxe aqui para que você pudesse ouvir diretamente dele o que aconteceu. — Ele estava algemando Sloane quando disse a Jess: — Então você também sabe quem matou Kelly. Achei que era a coisa certa a fazer trazê-lo pessoalmente.

Ela assentiu com a cabeça, seu rosto estoico até que Trace a puxou de volta para seus braços. Então ela deu as costas para todos os outros e enterrou o rosto no peito dele. Ele a segurou assim o resto do tempo.

Jake a estudou por um momento, um lampejo de simpatia aparecendo antes de seu próprio rosto ficar estoico. Ele olhou na direção de Ashton.

— Tenho recursos suficientes para saber quando uma batalha aconteceu, mas espero que, quando eu partir, não verei nenhum corpo por aí?

A voz de Ashton soou atrás do meu ouvido.

— Que corpos? O que você está falando?

Jake sorriu, um leve sorriso, antes de inclinar a cabeça para frente novamente.

— Vou autuar ela e levarei esse comigo também. — Ele acenou com a cabeça na direção do meu pai.

— O quê... hein?!

— Faremos download do diário on-line também, como prova.

— Ele lançou um olhar significativo para Ashton antes de mover Sloane para frente. — Mas primeiro vou colocar esta no carro.

Assim que ele saiu da sala, Ashton estava do outro lado da sala e na frente do meu pai.

— Vamos.

— Ei, ai! O que você está fazendo?!

Ashton o levou para fora da sala e pelo corredor.

— Ele vai chegar ao diário primeiro. O detetive está deixando — Trace me disse.

Eu balancei a cabeça, não surpresa com mais nada.

Os únicos na sala eram Trace, Jess e eu. O resto dos convidados foram levados ao hospital mais próximo para serem examinados. A partir daí, Ashton me disse que o plano era levá-los de volta à cidade. Exceto a mãe de Jess. Ela ficou e já estava em seu próprio quarto.

Pialto e Sophie também seriam levados de volta.

— Sloane será acusada. Então isso significa que os corpos de Nea e Nicolai serão liberados como prova. — Trace acrescentou, dizendo para mim: — E garanta que ele vai cobrar do seu pai também. Arrombar e invadir. Qualquer outra coisa, porque ele acabou de confessar uma lista completa de crimes.

Fiquei atordoada, mas balancei a cabeça.

— Não vou pagar a fiança.

Jess estremeceu, libertando-se dos braços de Trace. Ela atravessou a sala até o armário de bebidas e serviu-se de uma bebida forte.

— É a nossa noite de núpcias, amor.

Ele tinha um leve sorriso no rosto enquanto observava sua nova esposa. Seus olhos ficaram sombrios antes de ele me dizer:

— Algo aconteceu com Ashton lá fora.

Eu fiz uma careta.

— O que você quer dizer?

— Quando estávamos correndo, tentando encontrar todo

mundo. Ele estava tremendo. Nunca o vi tremer daquele jeito e ele já achava que você estava segura. Não era que ele estivesse preocupado com você. Nem que estivesse preocupado comigo. Era outra coisa, algo completamente diferente, e não tenho ideia do que era.

Jess se virou em nossa direção, segurando a bebida contra o peito.

— Molly, você começou a falar há algum tempo sobre seu lugar em nosso grupo. Ou sobre funções no grupo? Algo parecido?

Assenti, distraída com o que Trace acabara de dizer sobre Ashton.

— Sim. Por quê?

— Você poderia explicar isso de novo? Ou explicar mais?

Eu fiz uma careta, mas tudo bem então.

— Em um grupo, existem diferentes funções. Há um pensador. — Balancei a cabeça na direção de Trace. — É você. O analista. Depois, há os que fazem. Eu sinto que você e Ashton são principalmente realizadores. Ashton também pensa... quero dizer, todos nós pensamos... menos você e ele. Vocês fazem a merda. E então eu. Eu sou a intermediária. Eu reúno todo mundo. Eu sou o conector. — Continuei franzindo a testa. — Mas por que você está perguntando? Por que agora, quero dizer?

Ela respirou fundo novamente, seu queixo começando a tremer.

— Porque quando meu irmão finalmente for libertado da prisão, vamos começar uma nova batalha para tentar manter nossa mãe por perto o maior tempo possível. E agora, estou me sentindo um pouco abatida. Perdi Kelly de novo hoje, então preciso lembrar quem mais ainda tenho. — Ela estava piscando rapidamente, levantando o copo e usando a parte de trás do dedo mindinho para enxugar uma lágrima. — Gosto de ouvir como somos um grupo e todos temos nossos papéis, porque faz sentido para mim. Preciso que algo faça sentido para mim.

Fui até ela, com o coração partido, e a abracei. Bebida e tudo.

Ela estava certa. Éramos todos uma nova família, uma que eu não tinha intenção de perder.

— Basta me chamar de cola do grupo.

Ela soltou uma risada, sua mão livre me abraçando de volta.

— Isso parece tão errado, mas tão certo.

Errado e certo e, às vezes, inapropriado. Isso parecia certo.

CAPÍTULO 55

Ashton

Duas semanas depois e estávamos no Katya.

O local estava fechado, exceto pelo pequeno grupo na pista de dança. Um DJ foi contratado e ele estava curtindo cada vez que as meninas queriam mudar uma música. Eu estava em nosso camarote particular, vindo para cá porque Avery me disse que um certo detetive queria falar comigo.

Ele entrou agora, parando para pegar uma bebida que foi servida para ele no bar. Eu estava parado no final, olhando como Molly estava dançando com Jess, Sophie, Pialto, Remmi e metade da equipe, a quem Molly insistiu que fosse dada a noite de folga. Ela queria estender-lhes outra desculpa pela noite em que fugiu e colocou dois deles em perigo. Não achei que o namorado estivesse presente, mas Molly insistiu. Eu não ficaria surpresa se o namorado aparecesse mais cedo ou mais tarde. Até agora, todos estavam se divertindo.

Seu primo Glen também se juntou.

— O que vocês estão comemorando? — Jake se juntou a mim na janela, bebendo sua bebida.

Dei-lhe um olhar superficial, notando que seu distintivo não estava na mão.

— Algumas coisas. O irmão de Jess está oficialmente fora da prisão.

Suas sobranças se ergueram, mas ele não ficou surpreso.

— E Jess vendeu uma grande pintura para uma galeria na Europa.

A última parte foi mantida em sigilo, ou Jess não queria contar para todo mundo, porque não queria responder a nenhuma pergunta que alguém pudesse ter.

Jake olhou em minha direção.

— E o terceiro?

— O Easter Lanes está oficialmente em nome de Molly.

Jake estava prestes a tomar um gole, mas engasgou com a bebida.

— Quando não estava em nome dela?

Inclinei minha cabeça.

— O pai dela estava envolvido.

Ele fez uma careta.

— Deixa para lá. Eu não quero saber.

Captei um olhar de Trace em nossa direção. Ele sabia da reunião e concordou que talvez não devesse estar presente.

— O que está acontecendo, Jake? Você está me afastando de uma noite de celebração com minha mulher.

Ele tomou outro gole de sua bebida.

— Vim avisar que o caso contra Sloane está oficialmente encerrado. Ela se declarou culpada, então nada será arrastado. E você não precisa se preocupar com a possibilidade de sua família ser envolvida em nada.

— Eu não estava preocupado. — Ele estava esquecendo que eu tinha juízes na minha folha de pagamento.

Ele assentiu.

— Além disso, a partir de hoje, renunciei oficialmente à força. Voltarei para o Maine amanhã. E queria agradecer por entregar os meus primos. Eles estavam em melhor forma do que eu esperava.

— Seguimos o caminho da desprogramação psicológica, mas descobrimos que eles eram simplesmente estúpidos. Não sabiam de nada que pudesse ser útil contra Nicolai.

— Ouça, Ashton. — Ele olhou em minha direção. — O DEA já fez uma jogada comigo. Eles sabem que estou assumindo a posição da família e estou aqui por cortesia. Eles querem um jogador nesta cidade. Eu disse não. Minha família vai me apoiar, mas não fique relaxado. Eles estavam atrás de Nicolai, pressionando, o que significa que o estavam pressionando com força. Se eles não conseguirem um jogador nesta cidade, então eles estarão de olho em você. Não fique relaxado. Nunca.

Eu balancei a cabeça, estendendo a mão e segurando-o no ombro.

— Jake, isso são apenas negócios. Sempre foi assim e sempre será assim. É assim que nosso mundo funciona. Nós cuidaremos disso.

Ele me estudou, seu rosto sombrio.

— Já estive do outro lado. Eu sei como eles pensam.

— E eu sempre estive *deste* lado. Agradeço o aviso, mas temos dispositivos de segurança instalados. Eles avançam sobre nós novamente e estaremos prontos. Nós *estamos* prontos. Cada dia é um tipo diferente de guerra para nós. Não estou olhando para o que faço através de óculos cor-de-rosa. Nunca olhei. Nunca irei. Eu sei quem eu sou.

Ele respirou fundo.

— Eu sou o cara mau, Jake. Exceto por um curto período de tempo, consegui ser o mocinho. Graças ao seu primo por isso.

Ele balançou a cabeça, esvaziando sua bebida.

— Algo me diz que sou eu quem não está pronto para esta vida.

— Mas você não ficará nisso por muito tempo. — Eu estava seguindo meu instinto agora, vendo se estava certo.

Ele olhou em minha direção, franzindo a testa.

— O que você quer dizer?

— Você vai entrar, mas vai fazer com que eles se tornem legais. Não é? Não é esse o seu plano?

Ele olhou para mim, longa e duramente, uma parede de aço olhando para mim.

— Como diabos você sabe disso?

Eu abri um sorriso, minha mão caindo de seu ombro.

— Porque eu também conheço você. Você era um bom homem para ter na minha folha de pagamento. Vou sentir falta disso.

Ele amaldiçoou, passando a mão pelo rosto. Ele indicou Molly com seu copo vazio.

— Você tem uma boa ali. Não estrague tudo, ainda estou falando sério. Vou descer e vir atrás ela.

— Ok. Agora você está começando a me irritar.

O canto de sua boca se curvou. Ele me deu um leve aceno de cabeça.

— Talvez nunca mais veja você, Walden.

— Sim — eu disse, quase para mim mesmo, sabendo que essa era a sua forma de se despedir. Ele saiu e esperei até que o elevador o levasse de volta para baixo antes de acrescentar: — Espero que nunca mais nos vejamos, Jake. Esperançosamente.

Eu quis dizer isso com respeito.

Molly estava olhando para cima, mas também via Trace, que estava saindo da sala.

Esperei, sabendo que ele viria para um interrogatório.

Não demorou muito para que o elevador sinalizasse sua chegada.

— O que ele tinha a dizer?

— O que imaginamos. — Eu dei a ele um breve resumo.

As sobrançelas de Trace abaixaram. Ele estava entrando em seu modo analista, ou modo *pensador*, como disse Molly.

— Ele está certo, no entanto. Não podemos ficar confortáveis. Nunca poderemos ficar confortáveis nesta vida.

Balancei a cabeça, sabendo disso.

— Estou bem com a decisão que tomei. Você está?

Trace voltou a observar a pista de dança, seus olhos procurando sua própria mulher, que estava usando seu anel. Ela estava rindo, e isso era algo que eu nunca pensei que veria a mulher dele fazendo, aproveitando a vida.

Ele soltou um suspiro.

— Lutamos muito para estar aqui.

— Nós fizemos.

— Estamos dentro. Estou dentro.

Eu balancei a cabeça.

— Você já sabe que estou dentro, mas Trace.

Ele olhou em minha direção.

Eu queria ter certeza de que ele me ouvia direito.

— Lutamos para estar aqui, então estou aqui, mas se *nós* — e eu estava enfatizando essa palavra — decidirmos partir, partiremos em *nossos* termos. Não saímos delatando uns aos outros, nem implorando por nossas vidas, nem mijando em algum balde na floresta e nos escondendo. Nós escolhemos quando partir, assim como agora. Estamos escolhendo nosso lugar nesta cidade.

Sua cabeça se moveu para cima e para baixo enquanto ele inspirava e soltava outra respiração profunda. Ele me agarrou pelo ombro dessa vez.

— Irmãos que entram e irmãos que saem. É isso que você está dizendo?

— É isso que eu estou dizendo.

— Vamos ver como é a vida administrando dois impérios da Máfia.

— Não estamos apenas administrando dois impérios da Máfia. Somos os reis de Nova Iorque.

A boca de Trace se contraiu. Eu poderia dizer que ele gostou de ouvir isso.

— Somos os *malditos* reis de Nova Iorque.

Ele ergueu sua bebida e eu a encontrei com a minha.

Seu telefone tocou e um segundo depois ele me perguntou:

— Por que seu primo quer falar comigo?

Eu me engasguei com minha bebida antes de sorrir.

— Porque ele vai perguntar se pode oficialmente levar sua irmã para um encontro.

— *Por que* ele está perguntando de novo? Achei que o encontro no casamento fosse o único?

— Ele está planejando perguntar porque eu já disse a ele que pode continuar transando com sua irmã.

— Jesus Cristo — Trace disse. Ele soltou outra série de maldições. — Por que você lhe deu permissão?

Eu dei a ele um longo olhar, sério.

— Porque ele vai dizer a você que não está perseguindo Remmi para um breve caso ou para tirá-la de seu sistema.

Trace olhou para mim, porque ele sabia o que isso significava. Ele praguejou novamente, baixo e longo, antes de desviar o olhar. O homem de quem estávamos conversando estava na pista de dança e, depois de conversar com Demetri, olhou em nossa direção.

Agarrei Trace no ombro, apertando na ponta.

— Meu primo está apaixonado. Seremos uma família de uma forma totalmente oficial, irmão.

— Jesus Cristo.

Fiz um movimento de prece antes de olhar para cima. Depois disso, era hora de comemorar.

CAPÍTULO 56

Ashton

Três meses depois, Elijah estava direcionando Shorty Easter para meu novo local de trabalho. Era apenas um entre muitos. Eu mudei para mais ao norte da cidade e tínhamos uma boa área às margens do rio Hudson. Este novo edifício em particular era um armazém, do qual nenhum órgão governamental tinha conhecimento. Ainda.

Era também o lugar perfeito para cumprir minha segunda promessa a Molly.

Elijah o trouxe para dentro. Nós dois estávamos ignorando seus protestos quando ele o colocou em uma cadeira e tirou o saco de cima de sua cabeça.

Shorty se acalmou, piscando algumas vezes para que seu olhar se adaptasse à mudança. Era dia lá fora, o sol brilhava forte, e aqui dentro estava tudo escuro, exceto por algumas lâmpadas no canto.

— Ashton Walden? — O cabelo de Shorty estava oleoso, como sempre. Ele estava com seu traje habitual de sem-teto. Uma jaqueta cargo com buracos nos cotovelos. O bolso foi retirado. As pontas da jaqueta estavam rasgadas e desgastadas. Seus jeans estavam igualmente ruins, e eu não conseguia ver que tipo de camisa ele usava por baixo da jaqueta.

Ele tinha dinheiro. Isso sempre esteve nas fotos que me foram enviadas. Um bom maço, sempre guardado em um dos bolsos traseiros. Talvez fosse esse o motivo da jaqueta? Esse bolso fechava atrás. Foi um dos únicos bolsos que permaneceu intacto. Estávamos chegando ao final de setembro, mas depois de receber informações sobre ele regularmente durante o último mês, percebi que ele tinha uma queda por esta jaqueta. A temperatura ainda estava quente, mas ele nunca ficava sem ela. Mesmo durante o verão, depois que ele foi libertado da prisão – e eu sabia que ele havia feito um acordo e fornecido provas do que sabia sobre Nea para a redução da pena de prisão.

— O que estou fazendo aqui? — Ele estava se virando, tentando adivinhar sua localização.

Eu só tinha Elijah aqui.

Shorty havia sido ensacado antes de chegar e seria ensacado quando saísse daqui, mas não voltaria para a cidade.

— O que está acontecendo?

Joguei uma pasta grossa na mesa na frente dele.

— O que é isso? — Seu tom era assustado, nervoso. Mas eu conhecia Shorty. Ele sempre fugia de qualquer situação em que se metia. Ele nunca precisava ficar nervoso. Eu tinha plena fé em suas

habilidades como barata, como Molly gostava de dizer.

— Você mentiu para meu avô.

— O quê? Nunca. Isso é sobre o quê? — Ele estava começando a suar, girando mais frenético. Havia apenas duas portas para sair deste armazém em particular. Ele entrou por uma. A outra estava atrás de mim. E enquanto procurava outras rotas de saída, Elijah se aproximou. Sua arma estava totalmente exposta.

— Esta é uma boa saudação para seu futuro sogro, você não acha?

Eu o deixaria falar. Por agora. Eu apenas levantei uma sobrançelha.

Ele voltou a olhar para Elijah, seu olhar caindo para a arma.

— Yeah, yeah. Quer dizer, eu não fiquei muito satisfeito — ele zombou ao dizer a última palavra — quando descobri sobre minha filhinha e você, mas tenho ouvidos. Ouvidos nas ruas. Conheço pessoas, conheço pessoas que você nem conhece, e dizem pela cidade que você está apaixonado. Você realmente ama minha garotinha. — Ele riu, um pouco do nervosismo diminuindo. — Os caras que eu conheço...

— Cale-se. — Meu tom era baixo, calmo.

Shorty me conhecia. Ele sabia que isso não era um bom sinal e se acalmou, seu olhar fixo em mim.

— Você disse ao meu avô que a mãe de Molly era uma moradora de rua. Essa não era a verdade.

Suas sobrançelhas abaixaram e seu olhar foi para o arquivo. Ele molhou os lábios, mas não se moveu para pegá-lo. Pela maneira como joguei, as fotos saíram de dentro do arquivo. Havia um vislumbre de uma dessas fotos, uma mulher.

— Parece familiar para você?

Ele engoliu em seco, seu pomo de Adão balançando para cima e para baixo.

— Essas pessoas não foram boas para a mãe de Molly.

— Essas pessoas eram santas comparadas a você. — Fui até lá e folhee o arquivo. Mais fotos se espalharam e ele estava vendo-as do banco da frente.

— Ela tem uma avó. Um avô. Ela tem tios, tias. Ela tem primos. — Eu me inclinei sobre ele. — Ela poderia ter tido irmãos e irmãs. Ela poderia já ter tido sobrinhas e sobrinhos. Mas você mentiu. Você a tirou da família dela. A mãe de Molly. Ela era gentil. Legal. Eu contei a verdade a ela, Marcus. Seu pedaço de merda. Eu contei a ela a verdade sobre a mãe dela.

Sua cabeça se ergueu, seus olhos dilatados, mas em pânico.

— Você não faria isso. O que significa...

— Minha mãe era viciada. Não tenho nenhum problema se as

pessoas souberem dessa verdade.

Ele voltou a procurar uma rota de fuga. Seu pomo de Adão em um movimento contínuo para cima e para baixo.

Eu me endireitei, saindo de seu espaço.

— Eu não vou matar você. Você não precisa se preocupar com isso.

— Então o quê? — ele perguntou, duramente. — Eu conheço você, Walden. Este não é um bate-papo adorável para conhecer seu futuro sogro. Você está prestes a entregar algo...

— Você está fora.

Agora ele calou a boca.

— Sua história não é nada notável. Você viu uma garota. Você amou a garota. Você quis levar a garota embora e tomá-la só para você. Você não queria compartilhar, então você a controlou. Você a manipulou. Você distorceu o senso de realidade dela onde, como tantas histórias tristes e abusivas, ela lentamente deixou sua família e amigos para trás, e sua vida passou a ser sobre você. Você e a filha dela. Mas então ela cometeu um erro e se tornou amiga da minha mãe, e isso foi o fim de qualquer esperança que Molly tinha de ter a mãe por perto pelo resto da vida. — A mesa foi empurrada para trás e coloquei uma mão em cada lado da cadeira de Shorty, em seus braços, até que ele tentasse se inclinar totalmente para se afastar de mim. Mas não funcionou.

Eu estava no espaço dele.

Eu gostava de deixar as pessoas desconfortáveis, mas fazê-lo se contorcer? Eu me lembraria desse dia por muitos anos. Essa merda, eu comia.

— Minha mãe levou a mãe dela embora, então eu lhe contei a verdade em troca. E então pedi para meu detetive investigar a mãe dela, porque um dia comecei a pensar em como é fácil mentir sobre tudo. Por que sua mãe seria diferente? Eu tinha razão. Você mentiu descaradamente. Quero que saiba que, embora você tenha tirado de Molly a oportunidade de conhecer o resto da família, eu os devolvi a ela. Eles são boas pessoas. Agricultores. Um é médico. Um deles é assistente social. Algumas enfermeiras. Professores. Molly os conheceu.

Ele voltou a olhar em volta, sempre tentando encontrar uma saída, mas a última declaração parou tudo. Seu olhar se voltou para o meu.

Eu olhei para ele, perfurando buracos em seu crânio.

— Eles a amam. Já fomos visitar três vezes. Eles estarão no nosso casamento um dia.

Seus olhos estavam cheios de ódio. Ele não gostou de ouvir nada disso e zombou de mim.

— Como vai ser isso? Quando descobrirem que você é da Máfia?

— Eles moram em Dakota do Sul. Não é um problema tão grande. — Esperei um momento, por que talvez não devesse saborear a próxima parte? Mas eu fiz. Eu podia. Essa era a escuridão dentro de mim, a escuridão que nunca iria embora, porque estava muito entrelaçada com quem eu era. — Fui eu quem pediu a Molly que você encontrasse o assassino de Kelly. Você já percebeu isso?

Seu rosto estava gravado em pedra, mas agora ele soltou um grunhido. Parecia forçado.

— Claro. Fazia sentido com você a pegando.

Meus dedos cavaram nos apoios de braços. Um novo nível de frio entrou em meu corpo.

— Por que não estou surpreso com o modo como você fala sobre sua filha?

Ele engoliu em seco, desviando o olhar. O suor brotou em sua testa; parte dele começou a deslizar pelo seu rosto.

— O que você quer, Walden? Você só *convoca* alguém se houver uma ordem que você vai distribuir. Estou ciente do meu acordo com sua família. Eu ainda tenho obrigações com você.

— Não.

Ele franziu a testa, seus olhos indo para os meus.

— O quê?

Afastei-me da cadeira, mas ainda pairava sobre ele, apenas olhando para ele.

— Você nos deve sete milhões – isso com juros.

— O quê? Isso é... — Ele se acalmou, porque sabia que não havia razão para discutir.

Ele devia isso, e nós dois sabíamos.

— Estou interrompendo você.

Suas sobrancelhas baixaram novamente.

— O que isso significa?

— Isso significa que você terminou. Você não está mais trabalhando para a família Walden. Sua dívida permanecerá intacta e ganhará juros, mas ambos sabemos que você nunca pagará isso, então estou lhe dando uma alternativa. Sair.

Ele não disse nada.

— Eu corriji seu erro. Devolvi o Easter Lanes oficialmente para Molly. Mas ela me pediu uma coisa: que você desaparecesse da vida dela. Isso é o que estou fazendo agora. Estou dando uma ordem para que, se você for visto em qualquer uma das instalações Walden, você será removido à moda antiga da Máfia. Você pode aceitar isso como quiser, mas não quero você na minha cidade. Se você for embora, e nunca mais voltar, você pode continuar vivo. Se você voltar... você

está fora, Shorty. — Fiz um gesto para Elijah, que se adiantou.

— E se ela mudar de ideia? E se ela quiser ver o pai um dia?

Fiz sinal para Elijah colocar o saco na cabeça.

— Então essa será a decisão dela. Não sua. Elijah irá levá-lo a qualquer lugar que você quiser, exceto a cidade de Nova Iorque. Espero nunca mais ver você, Shorty.

Um protesto abafado foi minha resposta quando saí.

Avery estava parado ao lado do SUV e abriu a porta traseira para mim.

— Complexo?

Eu entrei.

— Complexo.

Eu tinha mais um item para extinguir.

CAPÍTULO 57

Molly

Ashton queria me levar para uma viagem, mas eu não esperava um passeio de helicóptero.

Fiquei boquiaberta quando chegamos ao heliporto.

— Você está falando sério?

Ele sorriu antes de concordar. Ele também pediu para eu me vestir bem, então estava usando um vestido. Gola V. O material era o tecido mais macio. Lantejoulas. Parecia rosa-claro, mas na luz certa, poderia brilhar e emitir tons de lilás também. E estava enrolado em mim como um manto. Amarrei na frente. Ashton estava vestindo um terno preto e uma camisa clara por baixo. Ele parecia arrojado.

— Qual é a ocasião?

Ele apertou minha mão, apontando para o helicóptero.

— Apenas siga em frente. Você vai ver.

Um cara se aproximou de nós, vestindo um colete laranja brilhante. Recebemos essas coisas de capacete e viseira com peças de rádio para nossos ouvidos. Isso ajudou a silenciar o som, mas ainda podíamos conversar um com o outro. Depois que entramos e colocamos o cinto de segurança, o helicóptero decolou.

Eu nunca imaginei que isso seria algo que eu faria na minha vida. Jamais. Não sendo filha de Shorty Easter, e como estava começando a aprender, filha de Gen D'amperia. Eu estava aprendendo como ela era parecida comigo, como ela não era parecida comigo, e continuei me lembrando de coisas novas. As memórias que meu pai costumava me dizer que não existiam, mas existiram.

E eu tinha uma nova obsessão pelas estrelas. O teto do Easter Lanes estava recebendo uma atualização totalmente nova. Na verdade, todo o lugar estava. Todo o interior estava recebendo um mural gigante pintado como o céu noturno, completo com galáxias e estrelas.

Obcecada. Eu.

Eu esperava que fôssemos para o norte da cidade, mas quarenta minutos depois estávamos pousando nos Hamptons. Era um local de pouso privado, atrás de uma casa gigante. Calçada de paralelepípedos. Grandes arcos. Pareciam três vilas gigantes da Toscana, mas transplantadas para os Hamptons. Uma piscina gigante. Um jardim luxuoso. Quadra de tênis. E havia outras quatro estruturas semelhantes a celeiros.

— Que lugar é esse, Ashton? — perguntei assim que o helicóptero decolou e pude ouvir minha própria voz.

Ele apertou minha mão, puxando-me para frente.

— Vamos.

Eu o segui.

Ele me levou para dentro da casa, para a cozinha, e Avery estava lá. Ele nos deu um pequeno aceno, mas estava ocupado cozinhando.

— Bem-vinda, Molly.

— Olá, Avery. — Mas eu estava tão confusa.

Ashton continuou me puxando para frente, levando-me por toda a casa.

Era tudo moderno, principalmente em tons de creme, exceto a biblioteca, que estava repleta de livros do chão ao segundo andar. Havia alguns sofás embutidos entre as estantes. A fuga de leitura dos sonhos de um leitor.

Depois, para o quarto principal, que tinha o seu próprio andar. Sua própria biblioteca.

Através de uma porta secreta, para uma sala secreta e depois para um escorregador secreto.

— O quê? — Eu ri, descendo o escorregador primeiro e terminando em outra parte inteira da casa.

Ashton pousou atrás de mim e começou a me guiar novamente. Estávamos em um pátio envidraçado, depois passamos por outra porta secreta e saímos. Estávamos do outro lado da casa, perto da piscina, que tinha sua própria casa de piscina, e outro labirinto zen e jardim.

— Eu não entendo... — E então parei de tentar, porque havia uma mesa posta logo adiante, no topo de uma colina. Pialto e Sophie estavam lá. Elijah também. Minha respiração ficou presa na garganta. — O que é isso?

Pialto segurava um buquê de rosas cor-de-rosa. Sophie segurava uma garrafa de champanhe, gigante, que corria o risco de cair.

Elijah tinha uma toalha no braço, como se fosse o garçom.

— Uma última parada. — Ashton me levou até a mesa.

Sophie estava chorando e sorrindo enquanto puxava minha cadeira.

Ashton me ajudou nisso.

Ela foi e puxou a dele em seguida.

Pialto entrou.

— Estas são para você, mas sei que você vai se preocupar com um vaso imediatamente, então vou levá-las para a cozinha e cuidar delas. Você — seus olhos se voltaram para Ashton — fique aqui e *proveite*.

Ele saiu e Elijah pegou a garrafa de champanhe de Sophie. Abrindo-a, ele serviu o suficiente para encher nossas taças. Depois disso, enquanto Sophie corava, ria e murmurava:

— Meu Deus! — para mim, ele a cutucou para ir com eles. Ambos entraram.

Avery saiu, vindo de uma porta não muito longe de nós, com o primeiro prato de comida.

— O que está acontecendo? — Eu não conseguia absorver isso, nada disso.

Tivemos o primeiro prato, depois o segundo. A sobremesa veio por último e eu estava satisfeita. Uma salada de folhas doce. Batata gratinada. Legumes sazonais. Cavalete vegetal. Salmão. Torta Rogel, e eu estava morrendo. Estava tão cheia e depois todo o champanhe.

Eu estava uma bagunça de riso no último prato. Também já havia passado do pôr do sol. Quando a sobremesa saiu, as estrelas já haviam aparecido.

Eu estava no céu.

— Ashton, você ainda não me contou o que está acontecendo.

Ele olhou para mim por um momento, seus olhos sombrios, um leve sorriso persistente.

Todos saíram para se despedir. Estávamos oficialmente sozinhos neste novo lugar, grande o suficiente para ser chamado de complexo.

Um lampejo de medo cruzou seu rosto antes de desaparecer novamente.

— Você me perguntou há muito tempo sobre o que aconteceu no complexo.

Sentei-me direito.

— O casamento de Jess e Trace.

Ele assentiu, seu rosto se fechando.

— Trace disse que algo aconteceu com você naquele dia, que você estava tremendo.

Seus olhos piscaram antes que qualquer emoção que surgiu fosse encoberta novamente.

— Eu contei que odiava minha mãe, mas nunca contei por quê.

Soltei um suspiro lento, sabendo, apenas sabendo, que estávamos seguindo um caminho delicado.

— Você sabe que minha mãe era viciada, mas não sabe até que ponto isso chegou. Ou o que mais aconteceu na noite anterior à morte de nossas mães. — Ele olhou para longe. — Meu avô se recusou a lhe dar dinheiro. Ela estava tentando o dia todo para conseguir. Ela foi até ele. Ele disse não. Ela foi para meus tios. Todos disseram não. Ela foi até mim. O filho dela. Eu disse não. A última pessoa que ela procurou foi minha avó. Ela era forte, feroz, mas tinha um coração de ouro. Estávamos no complexo naquele dia. — Ele se virou, olhando para mim agora. Havia dor ali, mas também tristeza e alívio. Seus ombros suavizaram. — A saúde da minha avó já tinha começado a piorar, mas minha mãe, ela... bateu na minha avó. Acho que ela pediu dinheiro, para drogas.

— Ashton.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu sou o único que sabe a verdade sobre o que aconteceu naquela noite. Estávamos no complexo, então a segurança não estava lá. Eles estavam do lado de fora. Achávamos que era seguro. Eu estava lá com minha Abuela. Meu avô foi chamado para uma reunião, o que era normal, mas a minha mãe veio. Ela não deveria estar lá. Pensei que ela estivesse na cidade, mas ela veio de carro. Ela estava procurando dinheiro. Ouvi os gritos e entrei correndo, mas minha Abuela já estava no chão. Sangrando. Minha mãe estava de pé ao lado dela, segurando uma faca e a bolsa da minha avó. Ela não me ouviu entrar. Ela pensou que eu estava em outra parte do lugar. Tínhamos um cofre de família lá e minha mãe estava exigindo o código. Minha Abuela não deu. — Suas palavras eram tão amargas, cortando: — Ela não ficou feliz com o dinheiro que a Abuela tinha na bolsa.

Estendi a mão para ele.

— Eu peguei uma arma. Eu sabia onde havia uma e puxei para ela. Eu a ameacei. Disse a ela para dar o fora dali antes que puxasse o gatilho. Ela se foi. Ela fez um dos guardas levá-la até a cidade. Eu não me importava para onde ela fosse. Eu só queria que ela fosse embora de lá, mas Abuela. Ela não queria que ninguém soubesse o que aconteceu e ela estava muito fraca. Ela me fez levantar o corpo dela para parecer que ela tinha caído da escada. Essa foi a história que ela contou. Naquela época não tínhamos câmeras de segurança dentro de casa e eu nunca disse uma palavra. Prometi à Abuela que não contaria, mas também não mentiria ativamente por ela. Mas Abuela, ela ainda amava minha mãe, apesar de ter se machucado tanto que precisou ser transportada de avião para o hospital da cidade. Soubemos do que aconteceu com minha mãe, meu avô me chamou ao escritório para contar. Minha mãe não apenas matou sua mãe naquela noite. A surra, foi a palha que quebrou minha Abuela. Ela morreu três semanas depois. Sempre culpei minha mãe.

— Na cultura da minha Abuela, reverenciamos os idosos. Minha avó nunca quis que esse segredo fosse contado, então nunca contarei. Nunca fiz isso, mas *posso* dizer a você. Eu segurei isso por tanto tempo. Isso me fez odiar minha mãe. Eu sei que o vício é uma doença. Cristo, o que faço, tenho plena consciência da hipocrisia, mas não posso não detestar minha mãe. Simplesmente não está em mim.

— Sinto muito, Ashton. — Entrelacei nossos dedos.

— Desde aquele dia em que vi você, nunca parei de pensar em você. Talvez isso tenha nos conectado? Talvez eu tenha começado a amar você naquele dia, sabendo o que minha mãe tirou de você, sabendo o que ela fez com a Abuela.

Meus olhos estavam nadando.

Eu estava relembando aquele mesmo dia também.

— Sua avó amava você?

— Ferozmente. — Ele piscou, mostrando alguma umidade. — Meu avô também. Acho que eles não sabiam como ajudar minha mãe. Eles não acreditavam em terapia, ou teriam mandado minha mãe para uma. Eles não sabiam. Agora é diferente.

— Obrigada por me dizer.

Ele limpou a garganta.

— Tenho lido mais sobre a dinâmica dos papéis de grupo que você mencionou. Isso é baseado em terapia, certo?

Eu balancei a cabeça.

— Eu estive interessada. Acho que por causa do meu próprio pai, mas também do Easter Lanes. As pessoas falam muito com uma bartender que ouve.

Seu sorriso era tão suave.

— Entendi. — Ele olhou ao redor. — É por isso que estamos aqui. Um novo lugar. Um novo complexo.

Eu me recostei.

— O quê?

— Eu comprei este lugar. Não apenas para nós. A família também. Minhas tias. Primos. Sobrinhas. Sobrinhos. E para... nossos filhos, se algum dia os tivermos.

Crianças.

Meu coração estava batendo forte.

Queria abraçá-lo, segurá-lo, chorar com ele, mas agora queria beijá-lo e tantas outras coisas.

— Crianças?

— Se você quiser. — Ele voltou a olhar para mim, observando-me com firmeza, amando-me de volta. — Eu sei que vou querer, algum dia.

— Eu quero. Eu quero muito. Crianças? — Eu me senti satisfeita novamente. Cheia de amor, vida e felicidade. — Eu amo você.

Aqueles olhos dele, olhando para mim com tanta ternura.

— Eu também amo você.

— Espere. Você vendeu o outro complexo?

— Não. — Ele pegou o garfo e deu uma última mordida na torta Rogel. — Eu o queimei. Foi catártico vê-lo em cinzas.

EPÍLOGO

Ashton

Esperei até a manhã seguinte. Eu não queria ser previsível, mas assim que ela começou a acordar, com o café já na mesa de cabeceira, ela rolou e eu estava lá.

— Bom dia... — Ela parou, porque viu o que estava na minha mão.

O anel. Eu me movi, então fiquei meio deitado sobre ela, aninhado entre suas pernas, e o segurei para ela.

— Você quer se casar comigo?

— Ashton. — Ela sentou-se lentamente, pegando o anel.

Ela começaria a chorar. Ela chorava, pelo menos ultimamente, mas chorava quando estava feliz. Ela raramente chorava por outros motivos.

Essas lágrimas estavam começando. Seu lábio inferior começou a tremer.

— É isso... você tem certeza?

Eu gemi.

— Deus, tenho certeza. — Estendi a mão, penteando seu cabelo para trás, colocando-o atrás da orelha, e segurei sua cabeça na palma da minha mão. — Eu quis dizer isso ontem à noite. Acho que amo você desde que éramos crianças. Só levei muito tempo para descobrir.

Ela estava mordendo o lábio, ainda chorando, mas seus olhos brilhavam para mim. Ela continuou olhando de mim para o anel, e de volta, até que ela estava focada apenas no anel.

Eu me sentei.

— Molly.

— O quê? — Ainda focada no anel. — É um anel de noivado com pedra dupla. Ashton. Isso é incrível.

Uma delas era uma pedra lapidada como uma princesa. A outra tinha o formato de uma lua. Ambos com platina, em uma faixa de ouro.

— A propósito, Trace ajudou com o anel. Se você disser sim, ele pediu para ser nossa primeira ligação. E eles estão de prontidão. Ou seja, eles estão hospedados em uma das casas de hóspedes aqui.

Ela ofegou.

— Eles estão aqui?

Eu estava meio xingando na minha cabeça.

— Você precisa dizer sim ou acabar com meu sofrimento. O que...

— *Sim!* — Ela se lançou em mim, jogando-me de costas na cama. — Sim. Sim. Sim. Oh, meu Deus, sim. — Ela voltou a deixar as

lágrimas caírem enquanto continuava olhando para o anel.

Eu segurei, peguei o anel e lentamente deslizei no dedo dela.

— Aí. Sra. Ashton Walden.

Ela não conseguia parar de olhar para ele, até que explodiu:

— Se tivermos uma menina, vamos dar-lhe o nome da minha mãe. Eu sei que sua avó era como uma matriarca, mas minha mãe vem em primeiro lugar.

Ela era tão feroz, e eu não tinha ideia de que a vida poderia ser assim. Nenhuma.

Eu me inclinei para frente.

— Se tivermos uma menina, podemos dar-lhe o nome da sua mãe.

— Gen Everly Walden. Sempre me senti mal pelo meu nome do meio. Tipo, precisava brilhar mais, mas nunca teve o seu devido momento. Você sabe?

Eu não tinha ideia do que ela estava falando, mas não me importei. Eu me movi, precisando prová-la. Então eu fiz, e continuei provando-a, beijando-a, e ela estava me beijando de volta.

Eu não me importava em ligar para ninguém.

Molly se importava, então ligamos para eles mais tarde. Muito mais tarde.

Molly também me informou que não poderíamos usar o nome Kelly, porque Jess já o havia reivindicado, para a filhinha deles que estava por vir.

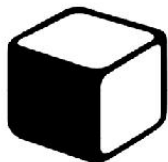
AGRADECIMENTOS

Muito obrigada à Montlake. Vocês me deram uma chance, e sempre vou apreciar muito isso. A Lauren, Lindsey, e a todos que ajudaram a montar este livro! À minha agente, Kimberly. À Crystal, Amy, Tami. A toda minha equipe, sem quem eu não poderia funcionar (aham, minha agente), Debra Anastasia, Helena Hunting, Rachel Van Dyken, e muitos outros. A todos os leitores no meu grupo de leitores. Vocês me dão fôlego por tantos dias, e vocês não têm ideia. À Mercedes, por ajudar com minhas perguntas sobre a Argentina. À Becca.

A tantos!

Esta parte é sempre a mais difícil de escrever porque sempre há tantos que ajudaram, desde responder a uma mensagem até postar um meme no grupo de leitores, ou até mesmo o meu Bailey, cujo corpo inteiro abana enquanto corre até mim. (Ele é meu filhote!) Eu não o mereço.

Muitos, muitos, muitos agradecimentos e abraços de apreço!



The GiftBox

E D I T O R A

A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

[Facebook.com/thegiftboxbr](https://www.facebook.com/thegiftboxbr)

Instagram: [@thegiftboxbr](https://www.instagram.com/thegiftboxbr)

Twitter: [@GiftBoxEditora](https://twitter.com/GiftBoxEditora)

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui: <https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9>